

Losf

CLONE

Rico

CLONE

Pobre

Losf Edições Ltda.
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2003



Dedicatória

Dedico esta *escultura mental* a Graça Dolores, mamãe nesta vida, que acreditou que minha estrela podia brilhar mesmo enquanto eu, sem saber, a mantinha apagada.

Agradecimentos

Agradeço às pessoas de minha família que tiveram paciência comigo, enquanto não reconhecia que todos nós somos parentes em nossa Família Universal.

Agradeço especialmente a Marisa e Naomi, minha esposa e filha, pela paciência que tiveram comigo durante mais de dois anos em que trabalhei neste livro, mesmo sem saber. À Marisa também devo agradecer a generosidade que teve em me emprestar seus ouvidos, quando eu ainda não escrevia as idéias aqui apresentadas.

Agradeço a Nicholas e Cláudia Bublitz, grandes amigos, e respectivas famílias por me acompanharem durante tantas mudanças de crenças, com novos conhecimentos que adquiria desde o vazio interior em que me encontrava até a plenitude que Deus tem me permitido Agora.

Agradeço a Márcia Balbeira, pela maravilhosa orientação que me deu em um dos períodos mais fantásticos e espantosos que vivi nesta vida.

Agradeço a Gertrudes Rücker, companheira de crenças E.T. e amiga que me “ouvira” por emails enviados lá de Torrance e San Francisco. Ao achar que estava sendo ajudada, não se dava conta que o maior ajudado era eu.

Agradeço a Jair, Harry, Jose, Roberto e Richard, por estarem no lugar e momento certos para me encontrarem com mensagens que eu precisava ouvir, como verdadeiros Mensageiros Divinos.

Agradeço a Mariah, por me conduzir pelo caminho que me levou a encontrar o verdadeiro significado das palavras Abundância e Prosperidade.

Agradeço aos Anjos, desta e de outras dimensões, que interagiram comigo com mensagens que abriram mais e mais o meu caminho.

Agradeço às Bibliotecas Públicas de Porto Alegre, Torrance, Los Angeles e San Francisco, pela infra-estrutura de serviços e livros que colocaram à minha disposição, permitindo que eu pudesse evoluir muito mais rápido do que jamais poderia fazer sozinho.

Agradeço às Irmandades dos Alcoólatras Anônimos e Comedores Compulsivos Anônimos e à Sociedade Espírita Bezerra de Menezes, em Porto Alegre, simplesmente por existirem e receberem com tanto carinho e respeito quem quer que bata às suas portas.

Agradeço também à Life of Learning Foundation, em Merlin, Oregon, EUA, por ter permitido que eu participasse de suas atividades, aprendendo muito sobre como se cria, a partir do nada, algo de muito valor, com a participação de todos os interessados.

Agradeço aos vários mentores que tive através da tarefa generosa de terem escrito livros maravilhosos que me permitiram prosseguir em meu próprio Despertar, James Redfield, Robert Kiyosaki, Napoleon Hill, Daniel Goleman, Ken Roberts, Guy Finley, Vernon Howard, Jasmuheen, Peter Kelder, Deepak Chopra, Wayne Dyer, Zíbia Gasparetto, Paulo Coelho, Michael Gerber, Wagner Borges, Brian Weiss, Barbara Ann Brennan, John Randolph Price e tantos outros autores, cujos livros tive a oportunidade de ler, mas não anotei seus dados.

Agradeço à Irmã Justina, da Casa de Oração Sagrado Coração de Jesus, em Porto Alegre, por também ser uma grande mentora e estar me ajudando nos retoques finais daquele que estou passando a ser agora.

Acima de tudo, agradeço a Deus e à Consciência que Ele me permitiu, de que Ele está em mim, assim como eu estou Nele!

Prólogo

Este livro mostra as pegadas em um caminho que já foi percorrido, como exemplo para você poder encontrar o seu.

Assim como você jamais encontrará um ser humano exatamente igual a si mesmo, cabe somente a você descobrir “em você” o seu próprio caminho. Ao final da caminhada, passo a passo, não espere encontrar nada além de um “novo você”.

Uma vez li que um homem, que muito admiro e é meu guia, foi ajudado por muitos mentores que se apresentaram a ele de forma escrita, até se tornar um homem de muito sucesso espiritual e material.

Minha principal intenção, Aqui e Agora, é apresentar você aos mentores que me ensinaram muito, além de procurar compartilhar um pouco da minha visão daquilo que aprendi.

Se o que você ler aqui puder inspirá-lo a continuar seguindo no seu caminho, servir você terá sido uma grande honra para mim.

Saiba que o tesouro no final do arco-íris existe e sempre esteve e sempre estará aí onde você está, em você, ao seu redor.

O verdadeiro Tesouro é a conquista de si mesmo.

Se você não consegue compreender esta Verdade com todo o seu coração volte aqui ao final desta leitura novamente. Releia trechos do livro quantas vezes forem necessárias para alcançar esta Compreensão.

Agora comece, leia um capítulo de cada vez, sem pressa e, ao mesmo tempo, sem hesitação.

O apressado come cru e o retardado não come. Deixe cada idéia aqui contida ser completamente assimilada ou rejeitada. Só depois passe para a próxima.

No final, se você der de cara com Você, parabéns, pois encontrou Seu Tesouro!

Índice

Dedicatória.....	3
Agradecimentos	4
Prólogo.....	5
Clone Rico	7
O “Problema” SOU EU!	9
Minha Mente é meu ÚNICO ATIVO!	12
Mente Sã em Corpo Sarado	17
Um Homem Rico e Seu Segredo	19
O Espiritual e o Prático São a Mesma Coisa	25
Supermercado de Religiões.....	27
Livro Mais Lido do Mundo.....	29
Vozerona Interior	31
Outras Vidas?	33
Assuste a Si Mesmo!.....	36
Perdedores Anônimos	38
Perdoa e Serás Perdoado!.....	42
Corpo Perfeito.....	45
Luz, Quanta Luz!	48
Vivendo Um Filme.....	54
“Bruxo” Harry e Seu Feitiço.....	59
22 Horas, Deserto, Água e Donuts.....	64
Será Que Vieram Me Pegar?.....	68
Você Gosta de Abacate?	71
“Meu Universo” Aumenta	74
Cinema de Prosperidade	75
Como Escalar o Universo	77
Newton e Freud só Complicam!	81
EU SOU Selvagem?.....	86
Aprendendo a Esquiar a Vida	89
São Lições de São Francisco.....	94
Nova Mente, Novo Brasil, Novamente.....	104
Aqui e Agora, Amo, Acordo, Ajo e Aprendo!.....	109
EU SOU a Solução!	113
Acredito que Esta Busca Acabou!	117
Você Quer Brincar Comigo?.....	124
Qual é o Próximo Passo?	129

Clone Rico

A criação de clones humanos é polêmica e ao mesmo tempo divertida do ponto de vista da utilidade que um clone de si mesmo teria para você.

Já observei mais de uma vez pessoas de alto nível cultural, com bons empregos e situações financeiras estáveis dizerem que adorariam ter um clone de si mesmas para desempenhar as funções que hoje cabem a elas desempenhar, ou seja, acordar de manhã cedo, ir trabalhar, voltar para casa, enfrentar o tráfego, cuidar dos filhos, da casa, do jardim, aturar o marido ou esposa etc..

Neste meio tempo, enquanto o clone cuida da rotina do dia a dia, estas pessoas poderiam estar se divertindo e passeando, ou pelo menos ficar em casa para curtir um repouso merecido, como um aposentado faria, sem medo da chegada de cada segunda-feira.

Quando adolescente eu adorava ler romances em que o protagonista era um rapaz jovem, rico, campeão em vários esportes e que falava várias línguas com destreza. Além disto, ele também era muito bom nos negócios, extremamente bem sucedido em sua profissão e tinha um patrimônio fenomenal, coisa de cinema mesmo!

Ah, ele tinha inúmeras namoradas antes de ter se casado com uma mulher belíssima e “logicamente” loira. Mesmo casado, com certeza tinha pelo menos uma amante. Era também uma máquina sexual explosiva que extraía de suas amantes os ruídos mais sensuais que só uma fêmea com muito prazer poderia soltar. Na empresa, que com certeza comandava, sendo ou não o dono dela, ele era temido, amado por uns, odiado por outros e respeitado por todos por sua inteligência, eficiência e rapidez de ação nas horas difíceis.

Olhando este tipo de personagem, encontrado em livros como *O Pobre Homem Rico*, de Irwin Shaw, que tinha todas as características que eu achava que desejava para mim mesmo, não é difícil imaginar porque cresci e me tornei um adulto desejando ser “rico e famoso”. Um desejo reforçado por todas as revistas, programas e novelas de TV ou rádio que pude assistir durante muitos anos em minha estadia em quatro países diferentes, com línguas também diferentes, mas que compartilhavam entre si a mitificação de todo e qualquer personagem da vida real ou de ficção novelesca que fosse “rico e famoso”.

Naqueles tempos até sonhava acordado com este tipo de futuro quando brincava com minha irmã mais jovem, criando ilusões feitas de sons e muita imaginação dentro de uma história que se repetia freqüentemente.

Tínhamos uma fábrica de alfinetes que não só nos sustentava, mas também propiciava um padrão de vida holywoodiano em que podíamos nos permitir viajar pelo mundo todo, visitando nossas casas também holywoodianas nas principais capitais do mundo, dando festas enormes para nossas multidões de amigos em cada continente.

Ainda hoje me lembro dos olhos de minha irmã brilhando em seu sorriso gostoso, na cozinha do apartamento de nossos pais, ao imaginar toda esta ilusão. E se os olhos dela brilhavam, imagine os meus como ficavam! Não me lembro bem de onde surgiu a idéia de que a tal fábrica produzia “alfinetes”, mas fico imaginando hoje quantos alfinetes teríamos que vender para poder pagar tanto luxo e luxúria.

Até muito recentemente ainda cultivava aquele sonho e vivenciava verdadeiras lutas homéricas no confronto entre aquilo que desejava para mim e o que tinha alcançado, já que nunca consegui ser campeão em nenhum esporte, não construí um patrimônio digno deste nome até agora e ainda por cima nem sequer me casei com uma loira. Ah, também nunca tive uma amante! Além disto tudo, aos poucos fui percebendo que, apesar de ilusões de fama criadas em alguns momentos,

vivo no mais completo anonimato, sem nunca ter tido todos os microfones e câmeras virados para mim.

E olha que eu tentei! Tentei durante pelo menos dezesseis anos construir aquele tão desejado sonho e também fui a fundo em todas as técnicas de auto-ajuda que você possa imaginar, desde o controle mental até a programação neurolingüística, passando, é claro, por livros com técnicas para conquistas de mulheres. Modelei pessoas “de sucesso”, propus-me objetivos com data marcada e também fiz de conta que já tinha alcançado aquilo que desejava e posso lhe afirmar que nada disto funcionou.

Será que foi incompetência minha? Sim!

Aliás foi exatamente este pensamento, o reconhecimento da minha própria incompetência, que lhe garanto que mudou todo o curso de minha vida para melhor.

Comecei a imaginar como seria um clone de mim mesmo, alguém igual a mim, célula por célula, com o mesmíssimo DNA, mas que tivesse outra mente. Pensando de forma diferente, talvez ele já tivesse alcançado aquilo que eu desejava ou pelo menos já seria Feliz e Livre, o que no fundo eram os meus desejos Verdadeiros e profundos.

Seria ótimo ter um Clone Rico que compartilhasse comigo seus brinquedos e sabedoria! Como o Clone Rico pensaria? Como agiria? Seria rápido nas decisões? Não deixaria as oportunidades passarem? Diante de uma mulher que o interessasse estaria sempre com gesto e palavra certos no momento certo para seduzi-la? Depois de casado seria um ótimo marido? Seria um ótimo pai? Teria ótimos relacionamentos com a família? Seria respeitado pela sociedade? Apareceria nas capas das principais revistas de negócios?

Minha mãe sempre me dizia que eu deveria ser bem sucedido em todas as áreas. Eu não me sentia nem sequer “bem sucedido”. E o Clone Rico, como se sentiria?

Munido destas e de outras tantas perguntas comecei uma verdadeira peregrinação que não envolveria longas caminhadas solitárias e silenciosas de cidade a cidade, como o Caminho de Santiago de Compostella na Espanha, mas verdadeiras e extenuantes “caminhadas mentais” entre novos conceitos e idéias que aprenderia em cada novo livro lido, como se cada um deles fosse uma cidade com indicações de novas direções a serem tomadas.

A cada livro, a peregrinação se tornaria mais surpreendente e empolgante, com o vislumbre de novas perspectivas e horizontes cada vez mais amplos. Eles estavam adormecidos dentro de mim mesmo, mas o Clone Rico já os apreciava há muitos anos, com muito deleite.

Como seria a mente deste sujeito que eu tanto admirava? O que estava errado em minha mente?

O “Problema” SOU EU!

Em setembro de 2000 fiz minha primeira visita aos Estados Unidos para participar de um Seminário sobre Marketing na Internet, com os gurus americanos nesta área.

Logo após o retorno, vi mais uma vez minhas finanças se degradarem de uma maneira fabulosa e veloz.

Ir aos EUA era algo que me estimulava muito por que tinha visto, durante muitos anos, amigos e conhecidos irem lá e eu só ficava chupando o dedo, paralisado por um certo medo, como depois conclui, apesar de conviver quase que diariamente com a cultura americana através de filmes no cinema e na televisão, entre tantas outras coisas.

Mas neste retorno, senti todos os sintomas de alguém que está sem qualquer condição de prosseguir financeiramente com seus negócios e nem mesmo podendo pagar as contas, que se amontoariam, como temia. O mais interessante é que eu tinha tido um bom dinheiro em minhas mãos poucas semanas antes. Como tinha sido nocauteado tão rapidamente?

Com a própria viagem aos EUA para me atualizar como Consultor de Marketing na Internet, simplesmente “torrei” o dinheiro muito rapidamente e fiquei de bolsos vazios de novo. O pior é que o Seminário do qual participei serviu também para me alertar que a febre de Internet que rondava o mundo e que me beneficiava, estava por acabar.

Tive a nítida percepção de que o meu negócio de consultoria em seu recém início, já estava a perigo. Compreendi que o tinha montado de uma forma que só estava me deixando estressado e sem chances de crescimento real, além de não oferecer um bom serviço aos clientes, o que era ainda pior.

Em paralelo àquela consultoria estava tocando “como podia” a comercialização das esculturas que minha mãe fez em vida. O interessante é que esta era a atividade que me demandava menos tempo e que me dava mais dinheiro. Aliás, a própria viagem aos EUA para me atualizar com os “gurus” do Marketing na Internet tinha sido paga pela venda de réplicas das esculturas.

Foi aí, no meio daquela “crise” financeira, que me ocorreu pela primeira vez que alguém mais em meu lugar já poderia estar muito melhor colocado.

Tentava, tentava e me esforçava, me esforçava, me esforçava, mas até aquele momento estava muito longe do sucesso de homens que aos 40 anos já tinham se tornado lendas e que eram somente poucos anos mais velhos do que eu.

Achava que tinha um bom conhecimento de quem eram e como pensavam aqueles homens “ricos e famosos”, justamente porque a maioria deles estava vinculada direta ou indiretamente à indústria da internet, da qual eu precisava falar em cursos e newsletters diárias e semanais a um público de mais de 3000 leitores de dicas de Marketing na Internet.

Tendo começado a escola de 1º grau muito cedo, aos seis anos de idade, tinha me formado em engenharia eletrônica antes de completar vinte e dois e o mestrado em Ciência da Computação veio na sequência. Tive minha primeira experiência internacional logo depois de formado, fazendo um estágio na Alemanha. Fui contratado por uma multinacional alemã aos vinte e cinco, como especialista em microeletrônica, o que acabou me levando novamente para fora do Brasil, para um projeto na Itália. Houve um segundo projeto italiano, durante o qual acabei me “acasalando” e depois casando com a primeira mulher que consegui namorar por mais de um mês.

Durante os tempos em que estive “acasalado” em 1996, minha insatisfação com meu emprego era cada vez maior, principalmente por ter me associado a uma empresa de Marketing Multi-Nível

(MMN), que estimulava meus sonhos de riqueza e fama durante as palestras que minha esposa e eu freqüentávamos assiduamente.

Em setembro daquele ano, acabei pedindo demissão daquela multinacional e encarando uma nova fase como “chefe de mim mesmo”, como me orgulhava em dizer. Mas não ganhava quase nada com aquela empresa de MMN, que ainda por cima me levava a gastar dinheiro com um mostruário de produtos novos, quase todo mês.

Resolvi então me unir a outra empresa do mesmo tipo em que não precisava comprar os produtos para revenda, mas que me levou dinheiro ainda mais rápido. Ainda me motivava muito o sonho de uma ascensão “rápida” ao mundo da riqueza e possivelmente da fama, que tanto desejava.

Minha esposa e eu decidimos ter nossa primeira filha em 1998 e neste mesmo ano voltamos para o Brasil. Durante a gravidez ela ficou meio nostálgica e queria voltar a comer “feijão com arroz”. Estávamos meio cansados de morar na Itália e eu tinha sido afastado das atividades naquela segunda empresa de MMN por maus relacionamentos com os colegas e, especialmente, com os “chefes”.

Intimamente estava insatisfeito com aquela situação em que trabalhava um monte, tinha voltado a ter um chefe e, ainda por cima, não estava nem perto de realizar o sonho de riqueza e fama. Os dois carros 0km na garagem não mudavam minha insatisfação. Eram um Mazda LANTIS 323 vermelho, tipo Ferrari, e um BMW Z3 cinza, igualzinho ao que James Bond, o agente 007, teve no filme lançado naquele mesmo ano.

Com a volta ao Brasil, os problemas financeiros voltaram a ocorrer. O sucesso em minha nova atividade de Marketing na Internet, que teria um “futuro promissor rápido”, não estava vindo na velocidade que eu imaginava. Minha esposa parou de trabalhar durante quatro meses, após o nascimento de nossa filha. Só depois voltou a fazer traduções, sua atividade desde nosso primeiro aperto ainda na Itália.

O dinheiro era curto e encurtava mais e mais a cada dia. Meu orgulho me impedia de pedir ajuda a quem quer que fosse, o que me obrigava a simular, como podia, que tudo estava “bem”. Ainda não tinha a menor noção de que toda situação exterior desesperadora nada mais é do que um reflexo de uma situação interior caótica. Não sabia ainda o que “interior” e “caótica” significavam.

Com o passar do tempo acabamos encontrando soluções para os “problemas”, mas agora no final de 2000 olhava para trás, depois de tantas frustrações e tentava imaginar o que tinha feito de errado em todas aquelas tentativas durante uns quinze anos. No início sempre pareciam maravilhosas e depois acabavam, mais cedo ou mais tarde, se mostrando inválidas. Além do MMN, também tinha iniciado e abandonado vários projetos de empresas, anteriormente.

Foi com a forte sensação de que “o problema” só podia ser eu, a única peça que estava sempre presente em todos os lugares e situações que tinha vivenciado, que lembrei que um aluno de meus cursos de Marketing na Internet tinha comentado sobre um livro de um sujeito que, apesar de estar falido financeiramente aos 37 anos, dez anos depois já era milionário e que explicava em seu livro como fazer para se tornar um.

O livro era *Pai Rico, Pai Pobre*, de Robert Kiyosaki. Li sua sinopse no site www.submarino.com.br em uma noite de outubro de 2000, com uma dúvida enorme se eu deveria ou não “arriscar” uns R\$ 18,00 em sua compra. Estava com minha conta bancária vazia e não sabia ainda como poderia sair daquela situação “difícil”.

Foi somente a idéia nova de que o problema poderia “ser eu” que me motivou a comprar aquele livro no cartão de crédito, uma atitude pouco usual em meu modo de comportamento “normal”. Sempre que sentia que estava com pouco dinheiro minha primeira reação era cortar todos os gastos. Todos!

Dois dias depois recebi um pacote muito bem embalado com um exemplar do livro. Li-o com muita atenção, sentindo-me meio deprimido ao longo da leitura. Percebia, pela primeira vez, que tinha feito tudo errado para chegar aonde “queria” chegar. A maneira como tinha gerenciado minha vida financeira até o momento jamais me levaria a alcançar o meu sonho tão desejado de riqueza.

Depois de ler este livro insisti com minha esposa que fizesse o mesmo. No máximo um mês depois, aplicando o que tínhamos aprendido, nossa situação financeira já apresentava um quadro completamente diferente, muito melhor.

Ter lido *Pai Rico, Pai Pobre* e percebido que “eu” é que era “o problema” e que “eu” precisava mudar para melhorar minhas condições de vida, foi um facho de luz enorme para a melhoria geral que ocorreu a seguir. Começava a perceber que o Clone Rico não só pensava, como agia diferente de mim também.

O Clone Rico não teria estudado tanto e nem sequer procurado um emprego. Ele teria uma visão completamente diferente quanto a dinheiro e finanças em geral. Achei fácil de entender que o patrimônio que me tornaria rico, como tanto desejava, seria composto de ativos e passivos. Os “ativos” colocam dinheiro em meu bolso, enquanto os “passivos” retiram dinheiro de lá. Percebi que estava rodeado de passivos e não sabia.

Mas o que mais me chamou atenção é que Robert afirmava que no fundo, no fundo, na Era da Informação o único ativo que eu poderia jamais ter seria a minha própria mente.

Dê uma olhada na página 154 de *Pai Rico, Pai Pobre*, onde está escrito “Na verdade, o único ativo real que você possui é sua mente, o instrumento mais importante que dominamos. Como disse, cada um de nós pode escolher o que põe em sua mente, uma vez alcançada idade suficiente.”

Aquela nova idéia aprendida voltava a colocar o foco das minhas pesquisas sobre o Clone Rico, em mim mesmo.

Tendo jogado várias vezes o jogo *Cashflow*, também criado por Robert Kiyosaki, que ensina a “ficar rico” e se divide em duas fases, a “corrida dos ratos” e a “trilha rápida”, decidi que meu objetivo era sair da corrida dos ratos o quanto antes, ainda que isto significasse transformar completamente aquele que eu chamava de “eu”. Não queria mais me sentir como um daqueles ratinhos de laboratório que quanto mais rápido correm na roda, menos saem do lugar.

Além disso reconheci finalmente que a tal “Era da Informação” da qual tinha ouvido falar tantas vezes desde 1980, já tinha começado há mais de dez anos. A queda do muro de Berlim em 1989 dera fim à Era Industrial e minha mente ainda não sabia.

O Clone Rico certamente estava em perfeita sintonia com esta nova Era.

Minha Mente é meu ÚNICO ATIVO!

Com a “nova” idéia que minha mente é a origem e o fim de meu sucesso financeiro, comecei uma verdadeira “peregrinação” bibliográfica que me levou à leitura de mais de 200 livros em 2001 e 2002, e resultou em uma compreensão muito boa de como é o Clone Rico.

Os primeiros livros que li foram ligados a negócios, aconselhados por Robert Kiyosaki em *Pai Rico, Pai Pobre*. Estes livros acabaram por me atualizar e fazer com que enxergasse melhor meus próprios negócios, deixando de lado a perspectiva viciada em Marketing que tinha aprendido na década anterior.

Os negócios, em minha mente, deixavam agora de ser somente uma questão de aparência e “como se mostrar ao cliente”. Passavam a ter outros pilares, o controle financeiro e a administração de estoque, por exemplo.

Também percebi que para criar uma empresa é importante ter duas razões fortes, a primeira espiritual e a segunda, dinheiro. Achei interessante que alguém da área de negócios pudesse dizer isto. A lição clara e em bom texto vinha de um especialista americano em criação de pequenos negócios, Michael Gerber, em *The E-MYTH Revisited* (O E-Mito Revisitado). Mas confesso que naqueles tempos o significado da palavra “espiritual” ainda era muito vago para mim.

Muito embora já tivesse visto o conceito de caridade, “é dando `desinteressadamente` que se recebe”, de uma forma disfarçada em um clássico da literatura de Marketing sobre como obter clientes infinitamente, *Endless Referrals* (Indicações Ilimitadas) de Bob Burg, que é filho de um pastor protestante.

Em *Cashflow Quadrant* (Independência Financeira), por outro lado, a um certo ponto Robert Kiyosaki mais uma vez redirecionava o facho da minha atenção para mim mesmo, quando afirma que “Não é o que você faz que precisa mudar. Primeiro é como você “pensa” que precisa mudar. Em outras palavras, é quem você tem que “ser” a fim de “fazer” o que precisa ser feito.”

SER – FAZER – TER

Depois de ler estes três verbos enfileirados nesta ordem, eles passaram a reverberar constantemente em minha mente. Aquela tripla sumarizava a origem de todos os meus problemas e apontava também a solução. A mensagem não poderia ser mais clara: se mudasse o meu SER, poderia FAZER o que era necessário para TER aquilo que desejava. Mas como mudar o meu ser, por onde começar?

Pense e Enriqueça, de Napoleon Hill, indicado por Robert por tê-lo ajudado a transformar sua própria mente, seria a próxima parada da minha viagem? Seria este livro um dos que o Clone Rico teria lido?

Comprei o livro e li com a mesma voracidade dos outros. Procurei encontrar soluções para transformar minha mente em um verdadeiro ativo. Logo percebi porque aquele é um clássico da literatura de negócios que inspirou milhares de empreendedores de sucesso em todo o mundo, ao longo de mais de sessenta anos após sua primeira publicação.

A começar pelo título que não é “trabalhe e enriqueça” já se pode entender que a grande sacada para fazer fortuna está na mente de quem a faz e não fora dela. A modificação do meu SER começava a mostrar indicações de como deveria ser procedida. A pista correta mais uma vez reforçava que o Clone Rico tinha enriquecido modificando sua própria mente.

O que me deixou mais perplexo com este livro é que ele apontava para uma parte de meu SER com a qual já tinha tido algum contato anterior, através dos cursos e livros de Controle Mental e Programação Neurolingüística, muito mais modernos do que aquele livro editado pela primeira vez em 1937, baseado em uma pesquisa feita durante os vinte e cinco anos anteriores.

A linguagem era menos científica, mas havia indicações claras que o Clone Rico teria desenvolvido “O Poder da Mente Superior”, “A Mente Subconsciente” e “O Sexto Sentido”. Além disto, o Clone Rico também tinha se tornado rico por ter “transmutado sua energia sexual” e enfrentado “os seis espectros do medo”.

Olhe só o que li:

“O desejo sexual é o mais poderoso de todos os desejos humanos. Quando impelido por ele, o homem desenvolve agudeza de imaginação, coragem, força de vontade, persistência e capacidade criativa que em outras ocasiões desconhecia possuir. Tão forte e irresistível é o desejo de contato sexual que homens voluntariamente assumem risco de perda de vida e reputação para satisfazê-lo. Quando dominada e redirecionada para outras direções, essa força motivadora conserva todos seus atributos de agudeza, inspiração, coragem, etc., que podem ser usados como poderosas alavancas criativas na literatura, pintura ou em qualquer outra profissão ou vocação, incluindo, claro, a acumulação de riqueza.”

Naqueles tempos minha mente era uma verdadeira massa disforme cheia de pensamentos relacionados a sexo. Apesar de querer ficar rico, também assistia muita televisão, com suas novelas e filmes eróticos, e procurava transar com minha esposa quase que diariamente, mesmo quando ela esteve grávida.

Sexo era uma verdadeira obsessão para mim e só dificilmente conseguia desviar pensamentos sobre este tópico, que cruzavam minha mente, para poder pensar em trabalho e outros temas mais elevados.

E o livro também dizia:

“

1. Os homens mais realizadores são dotados de natureza sexual altamente desenvolvida: homens que aprenderam a arte da transmutação sexual.

2. Os que acumularam grandes fortunas e obtiveram notável reconhecimento na literatura, pintura, indústria, arquitetura e profissões liberais foram motivados pela influência de uma mulher.”

Compreendi que se quisesse alcançar algum sucesso financeiro precisava mudar meus pensamentos associados a sexo e transmutá-los por outros com outra finalidade. Sexo é algo positivo, como o livro deixa claro, mas passar o tempo todo com pensamentos associados a sexo é algo que drena toda a energia que pode ser canalizada para finalidades que podem levar à riqueza.

Conclui que o Clone Rico tinha uma mente “bem mais limpa” que a minha. Mesmo aos 35 anos, só conseguia pensar em sexo e ao ver uma mulher de qualquer idade estava sempre voltando minha atenção para o meio de suas pernas, sua bunda e seus seios. Também compreendi que o Clone Rico seria homem de uma única mulher. O item 2. acima não falava “mulheres” e sim “uma mulher”, um verdadeiro banho de água fria em minhas fantasias de infidelidade.

Logo percebi como era difícil fazer aquela transmutação sexual, mas aos poucos fui conseguindo. Comecei a usar a técnica de purificação mental de lembrar de alguém amado, como minha mãe e minha filha.

As imagens da visita que mamãe nos fez à Itália, procurando manifestar todo seu carinho por mim no mesmo ano em que faleceu, e de minha filha de dois anos, correndo alegre ao meu encontro quando a buscava na creche, me enchiam de uma sensação de amor, sem conotação sexual. Para mim estas imagens eram facho de luz purificadora naquela selva de pensamentos sexuais em minha mente.

Aos poucos consegui me desvencilhar cada vez mais daquela selva, a mente foi clareando, conseguia até trabalhar melhor. Aliás, conseguia fazer tudo melhor, a sensação era muito boa!

Também relacionado à transmutação sexual era um outro tópico do *Pense e Enriqueça* cujo título é “Porque o Homem Raramente Tem Sucesso Antes dos Quarenta Anos”.

Napoleon tinha analisado a vida de mais de 25.000 pessoas e constatado que as que conseguiam sucesso notável raramente o faziam antes dos quarenta anos e que só adquiriam seu verdadeiro ritmo bem além dos cinquenta.

Esta afirmação dele captou minha atenção. Minha mãe tinha se tornado escultora profissional por volta dos quarenta, época em que se separou de meu pai, e dizia que “a vida começa aos quarenta”. Ela afirmou isso durante dez anos que, pelo que entendi, foram os mais felizes. Fazia aquilo que mais gostava e tinha alcançado reconhecimento como escultora.

Eu estava com quase 36 anos e achava muito inspiradora a frase de minha mãe, agora reafirmada por Napoleon Hill. Percebi que ainda havia esperança para mim, principalmente se pudesse aprender mais sobre como o Clone Rico pensava.

Napoleon seguia falando de seu estudo:

“O estudo revelou que a principal razão porque a maioria dos homens não começa a ter sucesso antes dos quarenta a cinquenta anos é a tendência deles de dissipar energias em excessos de manifestação física de ardor sexual. A maioria jamais aprende que o ardor sexual pode ser canalizado para outras possibilidades, que transcendem em muito a importância da mera manifestação física. No caso da maioria que chega a fazer esta descoberta, isso só acontece depois de ter desperdiçado muitos anos em um período em que a energia sexual se encontra no auge, antes dos 45 a cinquenta anos de idade. Esse período é em geral seguido por sucessos notáveis.

A vida de muitos homens até e, às vezes, bem depois dos quarenta anos, é um desperdício contínuo de energias, que poderiam ter sido orientadas mais vantajosamente para outros canais. Suas emoções mais finas e mais poderosas são dissipadas aos quatro ventos. Desse hábito surgiu a expressão ‘pagar um tributo à mocidade’.

O desejo de expressão sexual é, sem a menor dúvida, a mais forte e a mais irresistível de todas as emoções humanas e, exatamente por essa razão, quando controlado e transmutado em ação que não seja sua expressão física, pode levar o homem a grandes realizações.”

Imagine o que fiz com o canal de sexo explícito da TV a cabo que tinha assinado naquela época para meu uso pessoal.

Foi cancelado imediatamente!

Bom, perceber com Robert Kiyosaki que não tinha Inteligência Financeira já tinha sido algo difícil de encarar, ainda mais para alguém que sempre se achou “muito inteligente”, mas agora levava mais uma ducha de água gelada ao perceber que tinha me auto-sabotado sempre que associava “riqueza” a “sexo”.

Foi algo realmente revelador tomar consciência que todas aquelas mulheres que o Onassis e outros homens ricos tiveram foram conquistadas depois de alcançar muito sucesso financeiro. Mesmo assim eles não se beneficiaram muito com toda aquela libido expandida, o que percebi ao ler suas biografias. Além disso acabei admitindo que os homens mais ricos de hoje são muito diferentes, a exemplo de George Soros, Bill Gates, Steve Jobs e Michael Dell.

Tinha agora um tema de casa para fazer, com certeza o Clone Rico era um sujeito que não pensava tanto em sexo e ocupava sua mente de uma forma bem diferente da minha.

Além da transmutação sexual ficou claro que o Clone Rico também teria enfrentado os “seis espectros do medo”, algo que nem tinha noção da existência até a leitura de *Pense e Enriqueça*, mas que seria muito importante para ser feita, caso quisesse alcançar algum sucesso.

No último capítulo daquele livro, “Os Seis Espectros do Medo”, Napoleon diz:

“ANTES DE poder dar bom uso a qualquer parte desta filosofia, sua mente precisa estar preparada para recebê-la. A preparação não é difícil. Começa com estudo, análise e compreensão de três inimigos que você tem que eliminar – a indecisão, a dúvida e o medo.

O Sexto Sentido jamais funcionará enquanto esses três negativos, ou qualquer um deles, permanecer em sua mente. Os membros desse perverso trio estão estreitamente relacionados entre si: quando um é encontrado, os outros dois estão por perto.

A indecisão é filha do medo! Lembre-se deste fato, enquanto lê. A indecisão cristaliza-se como dúvida, as duas se combinam e se transformam em medo! O processo de mistura é muitas vezes lento. E esta é uma das razões porque os três inimigos são tão perigosos. Germinam e crescem sem que nos apercebamos de sua presença.”

Vivi quase toda a vida com medo, dúvidas e hesitações, um verdadeiro tormento a cada vez que tinha que decidir qualquer coisa, por menor que fosse. De vez em quando lembrava pesaroso do tema da redação do vestibular: “toda decisão é um ato de agressão contra a pessoa que decide”. Sentia-me agredido ao “ser obrigado” a decidir qualquer coisa.

Acabava pensando, pensando e pensando sobre a decisão e, invariavelmente, deixava oportunidades passarem. Era algo horrível, já tinha acontecido muitas vezes, inclusive e principalmente com mulheres, o que acabava sendo “justificado” pelo fato de sempre ter sido muito “tímido”. Finalmente via que a “timidez” não é uma característica pessoal, mas uma verdadeira doença, resultado de vários medos associados conspirando contra mim em minha própria mente.

Segundo Napoleon existem “Seis Medos Básicos” e “A Oficina do Diabo”:

“O medo da pobreza

O medo da crítica

O medo das doenças

O medo da perda do amor de alguém

O medo da velhice

O medo da morte

e

A Susceptibilidade a Influências Negativas”

Mais e mais luz estava sendo enfocada naquele labirinto escuro que era a minha mente, meu único ativo, que por muitos anos tinha sido meu principal passivo, como começava a descobrir.

Gostei muito quando o Napoleon diz que “os medos nada mais são do que estados mentais. E nosso estado mental está sujeito a controle e direção.” Havia alguma esperança para mim, mas agora precisava lidar com cada um daqueles medos para exorcizá-los de minha mente, de forma definitiva não só para poder alcançar a riqueza, mas também a paz interior mental do Clone Rico.

Fiz um inventário de mim mesmo e percebi que era vítima de todos os sete vilões, principalmente dos medos da pobreza, críticas e velhice. Também era suscetível a influências, não importando se positivas ou negativas. Mudava muito facilmente de opinião, bastando encontrar alguém que considerasse ter mais condições de decidir do que “eu”.

Era muito fácil achar quem tivesse esta característica, já que “eu” estava sempre indeciso e em dúvida com relação a tudo. Estava sempre sem rumo e tentando achar alguém que me orientasse. O pior é que quando as coisas acabavam ocorrendo com frequência de forma diferente do que eu imaginava, culpava aquele que tinha me orientado inicialmente. Era susceptível a influências, não confiava em mim para decidir e sempre achava algum responsável para culpar quando algo dava “errado”. Que horrível!

Então, além de me reconhecer como medroso, vítima de pelo menos seis tipos de medo, também tinha que me reconhecer como um cara que mudava facilmente de decisão, quando alguém mais dava um palpite. Acabavam sendo claras as razões do meu insucesso. Percebi que devia fazer algo para me curar de uma doença que nem mesmo sabia que existia no início daquela peregrinação.

Pensei: “Em minha mente está a chave do meu próprio sucesso!” Não precisava ir muito adiante para achá-la, mas precisa começar a questionar cada aspecto da maneira como “aquela mente” funcionava. Era preciso ir fundo, “precisava conhecer a mim mesmo”, como *A Arte de Guerra*, de Sun Tzu, reforça: “Se conhecemos o inimigo e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de uma centena de combates.”

Que sensação horrível reconhecer finalmente que, por não me conhecer, não só tinha temido uma centena de combates como tinha perdido a maioria deles. Durante os dois anos seguintes procurei acabar definitivamente com todos aqueles medos, seguindo a trilha das dicas encontradas em cada livro que se abria para mim.

O Clone Rico estava se deleitando com minhas descobertas, mesmo que elas implicassem em dor e sofrimento íntimos passageiros, como conclui mais adiante.

Mente Sã em Corpo Sarado

No início de 2001 já estava obtendo progressos financeiros movidos por uma nova forma de pensar. Tinha lido três livros do Robert Kiyosaki, comprado e jogado bastante o seu jogo *Cashflow*, fantástico como forma de simular em um tabuleiro situações financeiras reais. Mas havia algo que não estava legal em mim e que merecia atenção imediata.

Alguns meses antes tínhamos passado uma semana no Club Med de Itaparica com um casal de amigos e nossas filhas. Com a oportunidade de praticar tantos esportes diferentes percebi como estava fora de forma, algo que me deixava muito sem graça, afinal sou filho de um atleta e fui corredor durante a adolescência, corri duas maratonas de 42km até os 20 anos de idade.

Uma semana no Club Med sem condições de aproveitar muito daquele lugar maravilhoso cheio de opções esportivas, além de comer, dormir e tomar banho de piscina, me deixou de orelha em pé, ainda mais quando vi meu amigo voltando para casa com o joelho esquerdo inchado, após ter feito uma única aula de windsurf.

Estava gordo e nem conseguia carregar direito minha filha, com uns 14kg, para poder brincar com ela. Isto me deixava preocupado. Percebi que se continuasse do jeito que estava indo, a degradação do meu corpo seria cada vez maior. Não queria ver minha filha crescer sem poder brincar com ela em cada fase do seu crescimento, o que demandaria um preparo físico sempre maior, para poder acompanhá-la. Precisava de uma solução.

No primeiro dia após a volta do Club Med, segunda-feira, me matriculei em uma academia de ginástica e um mês depois contratei um Personal Trainer, procurando acelerar meus progressos. Não adiantou muito.

A academia oferecia muitas opções, mas não sabia como aproveitá-las. O Personal Trainer parecia não saber direito o que estava fazendo, pelo menos não me explicava direito quando eu queria tirar dúvidas. Também achava muito estranha aquela forma passiva de transformar meu corpo, não sabia bem como os treinos eram organizados e o alongamento era feito por ele, esticando os meus membros superiores e inferiores. Para a alimentação precisava consultar um nutricionista. Achei aquilo tudo muito complicado!

Comecei a me desestimular mas não deixei de lado meu objetivo de recuperar o corpo que tive quando adolescente, algo que me motivava muito. Era esguio, musculoso e uns 12 quilos mais leve.

Lendo um artigo em uma edição velha da revista Veja me interessei pelo livro *Body for Life* (Corpo para a Vida), de Bill Phillips, que propunha um método de transformação física e mental em doze semanas (BFL). Comprei o livro, com a expectativa positiva de uma melhoria significativa, como *Pai Rico, Pai Pobre* já tinha me proporcionado. Todas as expectativas foram superadas. Como fiquei feliz depois!

As fotos de antes e depois da transformação de outras pessoas me motivavam, sabia que o Clone Rico com certeza teria um corpo em forma. Logo vi que a informação do livro era muito quente, especialmente quando o autor fala de “quebra de mitos” e também em “Como Manter o Curso”, onde Bill Phillips acaba entrando em aspectos motivacionais e “interiores” da transformação externa proposta.

Uma das coisas que me chama atenção ainda hoje é como existem mitos em nossa sociedade relativos à alimentação e como é bom sair das maneiras convencionais de pensar em relação à comida.

Foi muito bacana quando aprendi que a dieta de uma pessoa deve ser administrada como se fosse uma receita médica, pois os alimentos, em ultima análise, são como remédios. Ingeridos de forma adequada fazem bem, mas tem efeito venenoso quando consumidos de forma exagerada ou com a escolha errada.

Com o objetivo de transformar minha mente para poder melhorar minha qualidade de vida, as palavras do Bill Phillips indicavam mais uma frente para ser atacada, aquela dos alimentos. Ao ler *Body for Life* tive a nítida impressão que os alimentos e a ginástica proposta, com exercícios aeróbicos e musculação, sem necessidade de Personal Trainer, afetariam positivamente minha mente. Comecei a vislumbrar que tudo o que coloco para dentro do corpo afeta aquele único ativo.

Minha esposa ficou ainda mais entusiasmada com o livro. Começamos a fazer o programa de 12 semanas exatamente uma semana depois. Investi um dinheiro que não costumava gastar em alimentação, mas acreditava que não havia investimento melhor, estava investindo em nossos corpos e mentes!

Já na primeira semana mudamos completamente nossos ritmos, tínhamos mais disposição e energia para fazer tudo e foi maravilhoso poder brincar mais com nossa filha, sem me cansar. Gastava somente cerca de 4 horas por semana com exercícios e fazia uma dieta que naqueles tempos achava ótima. Estava sempre bem disposto e cheio de energia!

No final das doze semanas estávamos com corpos bem melhores, mas não foi somente o aspecto físico que mudou em nós. Havia algo mais, tínhamos mudado interiormente, estávamos mais confiantes, era muito bom SERmos diferentes. Até nosso relacionamento um com o outro melhorou bastante.

Mas uma coisa ainda me incomodava, a dependência de suplementos alimentares caros naquela dieta rígida. Minhas investigações nesta área deveriam ser aprofundadas, algo em minha mente ainda confusa me dizia que deveria haver uma maneira mais simples e natural de um ser humano poder “viver”.

Minha intuição me dizia que o Clone Rico se mantinha em forma, mas com um sistema de exercícios e alimentação simples, econômico e flexível, sem necessidade de academias de ginástica caras com centenas de aparelhos diferentes e compra de alimentos altamente tecnológicos, igualmente caros.

Um Homem Rico e Seu Segredo

Naqueles dias minha esposa e eu estávamos montando a empresa que hoje comercializa as esculturas de minha mãe.

A energia adicional que tínhamos com o programa BFL nos levava a superar mais e mais limites. A filosofia BFL, baseada na superação diária de limites físicos, estava invadindo outras áreas de nossas vidas. Fantástico!

Estava muito alegre com as recentes descobertas sobre como modificar minha mente para me aproximar mais do Clone Rico. Através dos livros já lidos sempre achava indicações sobre os próximos livros a ler. Era ótimo! Podia ir à origem, à nascente da forma de pensar dos autores, aprender tanto quanto eles.

Com as indicações de novos livros costumava entrar nos sites Amazon.com, para ler os resumos, e Submarino.com.br, para ver se eles já tinham sido traduzidos para o português. Se um livro existisse no Brasil o comprava no Submarino, do contrário era através da Amazon, mas era pior, pois pagava em dólares e o frete era bem mais caro. Em todo caso estava convencido que o “caminho dos livros” me levaria a saber cada vez mais sobre a mente do Clone Rico. Qualquer investimento era válido!

Certo dia ou noite, não me lembro bem, comecei a pesquisar pela palavra-chave “rich” (“rico” em inglês) no site Amazon.com a fim de completar uma ordem de compra que já contava com outros dois livros. Pesquisei, pesquisei, li muitas sinopses e opiniões de outros leitores, até que achei um livro que veio a revolucionar completamente minha mente em todos os aspectos. Era *A Richman's Secret* (O Segredo de Um Homem Rico), de Ken Roberts.

Ao ler este livro acho que me beneficiei muitíssimo com minha “política diferenciada quanto à leitura de livros”. Desde quando aprendi que um livro pode mudar e melhorar minha mente, meu único ativo, considero que sua leitura não deve ser feita aos poucos, antes de dormir ou nas horas de folga.

A leitura de um livro bem selecionado deve ser feita de forma integral, o mais rapidamente possível, sendo o tempo de leitura limitado somente pela velocidade do leitor, e não por outros compromissos. Acelerar minha velocidade de leitura é uma meta constante para mim.

Acredito que ler um livro pode ser tão importante que paro tudo o que tenho que fazer e simplesmente leio até o final cada livro que seleciono com muito carinho antes. Por isso, naqueles tempos, foi muito agradável ficar lendo confortavelmente, deitado em minha cama, durante uma tarde chuvosa.

Tinha a convicção do dever cumprido naquele dia de semana, especialmente sabendo que já tinha feito os exercícios físicos do programa BFL pela manhã e que, como diz Bill Phillips, o resultado muscular vem durante o repouso e não durante o exercício.

Foi assim que li em algumas horas *A Richman's Secret* (O Segredo de Um Homem Rico), um livro que depois viria a reler, inúmeras vezes, algumas partes que são de fundamental importância e devem ser bem assimiladas.

Ele é uma novela sobre “Victor Truman, um homem comum dos dias de hoje, que passa seus dias procurando anúncios classificados, esperando de alguma forma achar o seu ‘lugar certo’. Ele passou anos lendo muitos livros de auto-ajuda, sentando em seminários do tipo ‘fique rico rápido’, vivendo de cheques de desemprego, engolindo mega-vitaminas e escutando programas de rádio. Mas cada nova tentativa para se auto-ajudar o deixa cada vez mais empobrecido em espírito e na carteira do que nunca.

Um dia, enquanto ele está procurando por uma bola de golfe perdida, Victor se encontra diante de um cemitério perdido no meio das árvores e de uma lápide onde lê a mensagem gravada, ‘Dê o primeiro passo – nada mais, nada menos – e o próximo será revelado.’ Victor logo descobre que a pedra marca o túmulo do rico industrialista Clement Watt, cujo objetivo Victor depois descobre que era ajudar ‘órfãos’ espirituais a achar os seus ‘lugares certos’.”

Esta descrição foi retirada da sua contracapa, já que não quero revelar mais do que o necessário. Eventualmente você também terá o prazer de lê-lo, ainda mais se ele for editado em português, algo que espero que aconteça em breve com este best-seller no mercado americano.

Algo novo existia neste livro, além do título e do tema fora do padrão que costumava ler naqueles dias. O autor, Ken Roberts, é um dos mais aclamados gurus financeiros e empreendedores americanos.

Era interessante perceber agora mais uma ligação explícita entre o mundo das finanças e aquele “espiritual”, que começava a desbravar. Havia no ar algo novo, o tal guru financeiro não tinha sido fotografado para a contracapa do livro de terno e gravata, tipo os caras da Bloomberg Television, mas de camisa jeans e chapéu de cowboy.

Mais uma vez percebia que o “mundo do dinheiro” em que o Clone Rico vivia, cruzava com o “mundo espiritual”, ainda mais novo para mim, que parecia ter algo a ver com o “mundo mental” ou “psicológico”, que já sabia que precisava investigar.

Li *A Richman’s Secret* em uma tarde e senti benefícios imediatamente, me identifiquei com o protagonista e acompanhei com prazer suas descobertas que o levaram a descobrir que sua mente não era necessariamente sua amiga, com seu constante fluxo de pensamentos e emoções, e uma espécie de vida própria que nem sempre conduzia a ações benéficas para ele, seu dono.

Já tinha constatado antes que minha mente não me ajudava muito a realizar o que desejava e também sabia que o único ativo que tinha era justamente ela. Agora, conseguia ver mais claramente como funcionava esta mente e também conseguia um método para poder conviver com ela, mudar as regras do jogo e fazê-la finalmente trabalhar para mim. Que legal!

Instantaneamente achei que Ken tinha sido um gênio ao escrever aquele livro. Com o passar do tempo esta avaliação só foi reforçada, inclusive com a compra de seus cursos e tendo conhecido ele pessoalmente, mais de um ano depois.

Ken diz que “ ‘este’ é um segredo que sua mente não pode compreender” e que existe uma vida melhor do que aquela em que se muda de carro, casa, emprego, cidade, esposo(a), amigos, etc., sempre em busca da tão desejada e famosa “felicidade”. Existe um lugar em que podemos nos satisfazer finalmente com algo de forma definitiva, onde podemos viver esta “vida melhor”.

Logo compreendi que realmente era impossível para a minha mente captar aquela mensagem, tendo em vista que ela mesma era o alvo de uma mudança necessária para conhecer melhor o Clone Rico. Sem aquela mudança toda a minha jornada estaria comprometida.

A esperança de uma vida melhor aumentou em mim, principalmente ao ler que “para entrar nesta nova vida, você deve dar o primeiro passo. Pare de se preocupar com quem você era e quem você pode de alguma forma se tornar. Enterre o Passado, e não confie em nenhum Futuro. Esteja Aqui. Raramente você irá encontrar uma pessoa que está Aqui. A maioria está tristemente perdida em remorsos sobre o passado e medos do futuro, perdida em pensamentos comuns e de ansiedade que colocam nossa existência em perigo.

Somente Permanecendo Aqui Você Poderá Mudar. Quando você pergunta ‘Como?’ (How?) perceba que ‘Agora’ (“Now”) é sempre a resposta para Como.” (Now is How! – Agora é Como!)

Ou então,

“a Chave Secreta que eu agora passo para você abre a Porta das Portas. Atrás desta Porta está tudo o que você pode imaginar, ainda muito mais do que você jamais será capaz de imaginar. Mesmo tentar é diminuí-la.”

“A sua descoberta deste Segredo o coloca no limiar que você nasceu para cruzar.”

“Entrar nesta Porta é o que a Voz pequena e silenciosa em você está sedenta que você entre e incessantemente procura empurrar você. Ela sabe que todos os seus feitos, sonhos e desejos são pequenos.”

“Para entrar nesta Porta, você deve perder a si mesmo. No outro lado, você viverá de uma nova perspectiva, um ponto de vantagem mais alto. Deste platô invisível você receberá instrução perfeita pela qual você conduzirá todos os seus casos.

Nunca mais a dúvida, confusão e medo escurecerão o seu humor. Suas ações não mais serão meras reações; você será intencional e viverá com confiança verdadeira. Você se tornará invisível para os eventos. As manchetes do dia não terão nenhum efeito sobre você e suas escolhas. De fato, quando você recebe instrução editada de trás da Porta, há somente uma Escolha Certa para fazer em cada caso e você a fará sem esforço, sem pensar.”

Quando li o parágrafo acima achei o máximo, intuitivamente sentia que devia haver uma maneira melhor de viver sem ficar parando a cada decisão a ser tomada. Um modo mais Livre e Feliz que certamente o Clone Rico conhecia.

“Onde estão as suas mãos? Elas estão relaxadas ou tensas? Você sabe qual expressão tem em sua face? A sua testa está vincada ou esticada? Qual a temperatura do ar ao seu redor? Qual a posição dos seus pés? O que suporta o seu corpo neste momento e como o peso está distribuído? Esta consciência de si mesmo em seus arredores é Agora. Neste estado de atenção você está separado, observando a si mesmo ler as palavras neste papel, testemunhando os pensamentos e sensações passando através de você.

Acordar eleva você para fora das águas tumultuosas da dúvida, ansiedade, preocupação, medo e raiva. Sua Atenção coloca você sobre uma ponte sobre o rio caudaloso. Você ainda vê caos abaixo, mas agora você não é mais uma parte dele. Você está transformado em um observador imparcial. É neste estado de atenção que algo mais elevado pode se comunicar com você.

É impossível sentir Suas direções enquanto nas águas da cascata. Embora Ela esteja sempre presente, sempre procurando alcançar você, seu trabalho é clarear um caminho para receber a Sua direção. Faça isto passando a estar *Acordado* e Atento. Retorne ao Agora.”

Imediatamente, durante a leitura, deitado em minha cama, comecei a me auto-observar usando esta técnica e percebi que várias tensões desnecessárias em meu corpo começaram a se dissolver. Percebi que se não acumulasse tensões desnecessárias também não precisaria de massagens para dissolvê-las, algo que já tinha feito algumas vezes.

Além disso consegui tomar consciência de que “eu não sou meus pensamentos e emoções” e que podia deixá-los passar, caso não fossem do meu agrado. Que sensação maravilhosa me separar pela primeira vez daquelas “águas tumultuosas”. Compreendi finalmente que “eu não sou meus pensamentos, assim como o rádio não é as músicas que toca”, algo que me veio em mente na época.

“O segredo do Agora coloca você à Porta. É do estado de Agora que direção perfeita pode alcançar você. Você não pode ouvir a direção da Voz enquanto estiver dormindo, da mesma forma que você não pode tocar um raio de luz; eles são de naturezas diferentes e distintas. Seus ouvidos interiores podem “ouvir” somente quando você está parado sobre o degrau da porta do Agora.”

Neste ponto vi que existia uma referência explícita a uma Voz Interior que me orientaria em cada momento na direção certa a ser tomada. Já tinha ouvido esta voz algumas vezes, mas não de forma contínua como sugerido aqui. Achei que Ken sugeria uma versão mais sofisticada do que conhecia como “intuição”.

“Seja tão vigilante quanto você é capaz; observe a si mesmo tão freqüentemente quanto você puder se lembrar. Observe os numerosos estados em que você entra e sai a cada dia. Indague a si mesmo, ‘Quem é este que está bravo? duvidoso? medroso? excitado? deprimido?’ Não é você; são somente pensamentos em sua mente *usando* você!”

Achei super interessante reparar que os pensamentos poderiam ter vida própria e até me “usar”. Comecei a reparar, então, como eu não tinha o menor controle sobre aqueles estados

mentais, embora sempre tivesse acreditado firmemente naquele “controle”. Que ironia! Ao invés de controlar eu “era controlado”!

“Quando você fizer isto por bastante tempo, uma nova compreensão emergirá e você começará a pensar de uma maneira diferente do que você pensa no presente.

O que acontecerá? Você se tornará uma nova pessoa! Você vai ver, ouvir e sentir como nunca antes. O demônio do medo se retrairá e cairá fora mais e mais. Você receberá direções para prosseguir que parecerão impossíveis. Dê aquele primeiro passo – nem mais, nem menos – e o próximo será revelado. Desta forma, você passará através daquilo que antes parecia ser muros de tijolos sólidos que você evitava. Seu caminho é *através* dos muros de tijolos ilusórios! Agora você poderá procurar “o impossível”, sabendo que ele é justamente a saída!

Sempre se lembre que o que quer que pareça como um muro sólido é uma mera ilusão criada pelo rio caudaloso de pensamentos. Não é mais significativo do que uma formiga – disfarçado como um muro de tijolos! O único caminho é banir a ilusão e prosseguir através dele, observando o seu medo e trepidação durante todo o percurso. Neste caminho, você saberá através de si mesmo que é tudo uma ilusão.”

Quando vi a referência a “muros de tijolos ilusórios” achei muito legal, porque me dava uma noção de como deveria enfrentar os medos que já tinha descoberto em mim com a leitura de *Pense e Enriqueça*.

“Quando você estiver trabalhando, sentado à mesa para jantar, apreciando uma caminhada, conversando com outra pessoa...mesmo quando você adormece à noite, volte ao Agora. (Onde você está neste momento?) Volte a si mesmo. Volte a si mesmo. Mil vezes em um dia. Trabalhe nisto. Mantenha-se voltando a si mesmo, ao Agora.

Assim que pensamentos e sentimentos procurarem confundir e frustrar você, Acorde-se. Observe esses demônios e eles passarão. Você está olhando de um lugar mais elevado. Não pule novamente no rio, simplesmente observe de cima.”

Aqui percebi como era importante manter uma vigilância constante com disciplina suficiente para repetir a mesma técnica de auto-observação para Acordar até milhares de vezes no mesmo dia, se fosse necessário. No meu caso só Deus sabe como falar de “milhares” era até pouco! Mas também pude vislumbrar que a recompensa era enorme, a libertação permanente, tão desejada, daqueles “demônios”. Que maravilha! Que paraíso me aguardava!

“Note outros do seu estado de observação. Eles vivem imersos em pensamentos, justamente como você tem feito até este ponto de sua vida. Eles são rebocados e despenteados – em um momento exaltados, então rabugentos, chorosos, deprimidos, amedrontados e raivosos no próximo. Enquanto você observa todos estes estados em que sua mente o coloca, você ficará espantado. Retorne dos seus pensamentos para Agora. Agora não pode ser afastado. O seu estado de atenção é chão firme; ele está em um nível em que se olha de cima a mesa de bilhar e o rio caudaloso.”

Realmente percebi que a totalidade das pessoas que conhecia estavam “dormindo”, nadando ou mesmo se afogando “no rio caudaloso”, como eu mesmo tinha experimentado por toda a vida. Comecei a sentir, pela primeira vez, uma sensação de Realidade, de solidez, como se finalmente sentisse a consistência do meu próprio corpo físico. Também tive o primeiro vislumbre de que Eu era mais, muito mais, do que aquele corpo visível a olho nu.

“Não se esforce para entender os pensamentos que você observa; esteja somente atento a eles. Trate-os como os forasteiros e intrusos que eles são. Diga a si mesmo, ‘Oh, veja aquele pensamento de raiva,’ etc.. Torne-se o observador imparcial. Uma nova vida indescritível aguarda você enquanto você faz isto.”

Que bacana esta maneira de tratar meus próprios pensamentos! Comecei a me ver destacado deles e não me deixando levar tão facilmente pelo que sugeriam. Passei a brigar menos com minha mulher e observava melhor tudo o que acontecia ao meu redor. Até esperar em pé em uma fila de banco se tornou mais aceitável e agradável.

“Quando você não souber o que fazer, retorne ao Agora. Agora sabe. Espere lá e o que você precisa virá a você. O que você precisa não é autoproduzido.

Vire-se ao invés para o seu único verdadeiro amigo – Agora. Como uma criança que se vira para o pai, simplesmente peça direção. Não tenha idéias, esquemas ou planos. Simplesmente peça – *sabendo que você não sabe* – e então espere a Resposta.”

Que maravilha poder ter alguém para me orientar, ainda mais alguém que estava sempre acessível com a resposta certa para cada situação vivida por mim! Parecia como no filme Matrix, quando Neo, Trinity e Morpheus recebiam orientação por telefone celular do operador Tank, que tinha uma visão mais elevada de toda a matriz.

“Não tenha noções preconcebidas; não tente identificar ou descrever qualquer resultado. Que alívio é saber que você não é responsável por (nem capaz de) gerar respostas certas! Isto é o mesmo que tentar instruir uma árvore como se formar e desenvolver. A semente não requer direções de você; ela já contém a Instrução Divina – justamente como você. Você não sabe a resposta, você não sabe como. Mas Agora sabe; Agora é como (Now is how).

A Inteligência Infinita conhece você completamente; Ela é o seu único amigo verdadeiro. Ela sabe o que é mais elevado e melhor para você. Sua mente – intelecto – não sabe. Então pare com o seu contínuo virar para seus pensamentos procurando por respostas; eles não tem nenhuma acima do nível que você está agora. Se eles tivessem, você ainda estaria à sua procura? Se o pensamento contivesse as respostas que você requer, você não estaria mais se questionando.”

Pela primeira vez percebi que, na Verdade, o Universo já é todo organizado em si mesmo e que uma árvore e eu, criados pelo mesmo Ser, nascemos com instruções específicas de como crescer e proceder em cada nova fase de nossos crescimentos. Questionar aquelas instruções originais, que é a maneira “normal” de “pensar”, é loucura!

“Note – agora mesmo – como sua mente está reclamando. Ela está dizendo a você, ‘Isto está errado’, ‘Como poderia ser assim?’ ‘Que despropósito!’ Sua mente não pode favorecer sendo o alvo desta luz brilhante que você está fazendo brilhar encima dela. Se você acreditar no que a sua mente grita, você continuará como você está; você será somente mais um da massa de peões – correndo cegamente; adormecidos – para o seu destino fatal.

Mas você é diferente; você sente que a Voz pequena e silenciosa tenta conduzir você para algo maior do que você mesmo, e então a solução para cada problema e limitação. Dê ao Agora esta chance e veja por você mesmo. Qualquer questão que você tenha, coloque-a ao Agora. Agora é o caminho.”

“Você achará a si mesmo falando menos enquanto você observará mais e mais. Muitos acreditam que atividade evidencia produtividade, mesmo assim você começará a ver através desta falácia. Quando preguiçoso, seus pensamentos protestarão: ‘Você está perdendo tempo!’, ‘Vá trabalhar!’, ‘A preguiça significa oportunidades perdidas!’, ‘Atividade é produtividade!’ e assim por diante. Esses são meros truques da sua mente. Observe-os enquanto você espera por Respostas verdadeiras que vem através da Porta. Você não pode ouvi-las no meio do caos e confusão – o estado ‘normal’ da mente.”

Neste ponto ficou claro que minha mente estaria sempre conspirando contra o meu Despertar, enquanto eu procurasse me manter Acordado. Esta noção foi fundamental em cada Momento Presente Interior que eu viveria a seguir.

Logo percebi durante a execução de tarefas manuais simples, como lavar louça, que havia pensamentos negativos cruzando minha mente. Percebi uma “ação interior involuntária” muito freqüente, com minha mente pensando em algo diferente daquilo que meu corpo estava fazendo no momento.

Lembrei-me que isto tinha acontecido inclusive muitas vezes em que fiz amor. Constatei que “aquela mente” tinha me impedido de chegar ao orgasmo várias vezes, com mais de uma mulher. Não estava mentalmente presente durante o ato sexual. Imagino que o mesmo aconteça com quem sofre de ejaculação precoce.

Reconheci também a mesma “ausência mental” em muitos momentos em que tinha dirigido em altíssima velocidade, 190 a 200 km/h, na Itália. Que perigo!

“Dê o primeiro passo: Volte ao Agora. O próximo passo será revelado. Tudo que você precisa saber – e precisamente quando – está no Agora. Nada é coincidência no Agora onde a chance não existe. O que as pessoas adormecidas chamam coincidências e milagres são compreendidos – e lugar comum! – no Agora.”

Acho que Ken foi brilhante ao sugerir esta maneira de “caminhar” pela vida “passo a passo” com Atenção única e exclusivamente ao Momento Presente.

Para um iniciante como eu, que me dava conta da maneira doentia de viver sob o domínio da própria mente perversa, achei muito encorajadora aquela forma de continuar a “caminhada” seguindo a orientação da Voz Interior e mudar a direção da “peregrinação” somente quando Ela indicasse.

Enveredei por uma trilha que me conduziria mais e mais para fora da “floresta de pensamentos”, lugar que, com certeza, o Clone Rico já tinha deixado há muito tempo.

O Espiritual e o Prático São a Mesma Coisa

Este título afirmativo, em uma edição mensal da *Insight Line* (Linha de Idéias Luminosas) do curso *A Richman's Secret* (O Segredo de Um Homem Rico), de três meses, que fiz logo depois da leitura do livro de mesmo nome, indicava mais ainda que precisava compreender melhor o que significava aquela palavra “espiritual”. Até então ela era meio vazia de significado para mim. Sempre estive mais ligado à ciência do que à religião mas, claramente, o caminho de compreensão da mente do Clone Rico passava pela “Estrada Espiritual”.

Procurando a cada momento de meus dias “dar o primeiro passo” a fim de saber qual seria o “próximo” e vivendo cada vez mais no Momento Presente, em uma noite, deitado em minha cama, me virei e resolvi abrir uma gaveta do criado mudo que não abria há muito tempo. Dei de cara com um livro que já tinha lido, mas obviamente sem a devida Atenção, ainda mais sabendo Agora que a primeira leitura tinha acontecido em estado de “dormência”, entre um afogamento e outro naquele “rio caudaloso” de pensamentos que tinha sido minha mente até então.

A Profecia Celestina, de James Redfield, foi devorado em uma semana pelo menos duas vezes e me deu uma noção muito boa do processo de “despertar espiritual” que estava passando individualmente. Além disto também fiquei com uma visão cristalina do momento histórico que a humanidade está vivendo neste princípio de século 21.

Identifiquei-me como parte integrante daquela “massa crítica” que conseguirá, mais cedo ou mais tarde, virar o curso da história, mudando a consciência coletiva que tem excesso de apego à matéria até hoje.

Também gostei de aprender como lembrar da “minha missão nesta vida”, compreendendo melhor porque “escolhi meus pais”. Mas como poderia ter escolhido um pai com quem tinha brigado desde que me recordava de estar vivo? Como seria esta história de “outras vidas” ou de “alguma vida” antes de ter nascido?

Estas perguntas exigiam respostas que o Clone Rico com certeza já conhecia. Com uma sensação cada vez maior de ser o “Clone Pobre” da história que estava vivendo, continuei minha peregrinação cada vez mais “dando o primeiro passo, enquanto o próximo era revelado”.

Em 22 de setembro de 2001 minha esposa e eu fomos ao casamento de um primo em um dos lugares mais finos de Porto Alegre, a Igreja São José, na frente do Hotel Plaza São Rafael. A festa, o ponto mais divertido, elegante e regado a whisky da noite, foi neste hotel.

Naqueles dias, para fazer companhia à minha filha, tinha assistido muitas vezes os vídeos *A Cinderela*, *A Bela Adormecida* e *A Pequena Sereia*, então quando vi meu primo e sua belíssima noiva elegantemente vestidos, vivenciei um efeito hipnótico. Os dois pareciam o príncipe e a princesa daqueles contos de fadas. Durante as horas que passei na igreja e no hotel fiquei encantado com a música e o charme de cada detalhe daquela cerimônia.

Estava entusiasmado e ouvindo a Voz Interior que insistia, muito forte: “dê o primeiro passo, que o próximo lhe será revelado!”, quando a noiva foi atirar o buquê. Naquele exato momento disse à minha esposa, com quem até então era casado somente no civil, que fosse lá pegar o buquê. Disse com muita convicção: “vá lá e pegue o buquê!”

Ela ficou meio sem jeito pelo fato que já éramos casados, não sabia como seria a reação dos noivos, mas achou divertida a idéia, achando que a probabilidade de que o buquê caísse em suas mãos, depois de atirado, seria baixíssima. Mesmo assim, lá foi ela para o meio do grupo de mulheres famintas por realizar a fantasia infantil de casamento com vestido branco, véu, grinalda e “um príncipe”.

Foi tudo muito rápido! Só lembro que em segundos ela voltou toda alegre, com o buquê em suas mãos, para nossa surpresa e espanto. Acolhemos aquele acontecimento como um “sinal”, no estilo de *A Profecia Celestina*, que deveríamos realmente nos casar no religioso com direito a todos os fru-frus e fricotes que tínhamos visto no casamento de meu primo.

Alguns dias depois marcamos a data para 20 de setembro de 2002, quase um ano exato depois do buquê cair “acidentalmente” nas mãos de Marisa. Fomos à Igreja São José e pagamos a primeira de três parcelas para reservar a noite de nosso casamento “alla Cinderela”, já imaginando até que nossa filha poderia nos entregar as alianças no altar.

Por algum tempo minha esposa ficou enfeitiçada, radiante com a idéia de viver aquele “sonho” tão inculcado nas cabeças femininas do lado ocidental do globo terrestre, desde a mais tenra idade e há muitas gerações, como observava nos vídeos que minha filha assistia e reassistia centenas de vezes.

Mas começamos a ficar decepcionados com todo o dinheiro que teríamos que gastar com os preparativos da igreja e da festa no hotel que, como afirmavam nossos amigos, podia ser muito melhor gasto em “uma boa viagem”. Além disto também ocorreu um elemento mental em nossas cabeças que veio a ser preponderante e definitivo sobre a decisão que tomamos a seguir.

Acabamos concluindo que o Clone Rico não se deixaria levar por fantasias infantis, nem faria coisas somente para ostentar riqueza material e buscar a aprovação de outras pessoas.

Supermercado de Religiões

Com a leitura da versão espiritual da história da humanidade em *A Profecia Celestina*, comecei a ter dúvidas cada vez mais profundas quanto ao efeito “positivo” que a igreja católica poderia ter tido sobre a humanidade, sobre as famílias de meu pai e mãe e mais especificamente sobre mim mesmo.

Lembrei de uma palestra de Jack London, criador do site que deu origem à livraria virtual www.submarino.com.br. Ele foi incisivo ao comparar a invenção da internet no século 20, com a da tipografia, mais de quinhentos anos antes. As duas invenções teriam impactos históricos semelhantes.

Antes de Gutemberg inventar a impressão tipográfica, a *Bíblia* era copiada à mão por monges em mosteiros isolados. A maioria dos volumes deste livro, que continha “a palavra de Deus”, estavam em poder de padres e pessoas em cargos mais altos da hierarquia da igreja católica, para terem maior controle sobre cada indivíduo e até sobre o estado.

Com aquela invenção este controle foi gradualmente sendo perdido cada vez mais. Aquele alemão começou imediatamente a reproduzir cópias da *Bíblia*, o que levou ao despertar geral de nobres, reis e plebeus, cansados de pagar em dinheiro pela absolvição de “pecados” cometidos. Este despertar conduziu a várias guerras de religião no século 16. Agora compreendia, não ser por acaso que Lutero, criador da primeira religião protestante, foi um alemão também.

Jack London afirmou que a internet teria um efeito liberador sobre a humanidade como o que a tipografia tinha provocado. Depois vim a ler a mesma explicação, mais detalhada, em *The Sovereign Individual* (O Indivíduo Soberano), de James Dale Davidson and Lord William Rees-Mogg. Neste livro entendi também que quem perderá poder no século 21 por causa da ação da internet será o próprio estado, os governos de cada país, que em geral enxergam seus habitantes como “vacas para serem ordenhadas”, como a igreja católica fazia até Gutemberg ter sua idéia brilhante.

Mas o que me interessava naquele momento era compreender melhor que efeitos nocivos e escravizantes a igreja católica, que agora cobrava uma taxa alta para me casar, teria tido sobre aquela mente que, para ser um ativo real, deveria se libertar primeiro.

Em paralelo a estas elocubrações o projeto de uma biografia sobre minha mãe começava a se delinear naquela mente. Esta biografia ajudaria na divulgação das esculturas que comercializamos. Procurei muitas alternativas em que eu não tivesse que escrever, talvez inconscientemente soubesse que seria duro mexer em meu próprio passado, ao procurar entender melhor “quem foi” minha mãe.

Contatei algumas escritoras e escritores de renome, procurando seduzi-los com a história de mamãe, até pensei em contratar uma espécie de auxiliar que fizesse o trabalho de pesquisa para mim, poupando-me de entrevistar, eu mesmo, parentes com quem meus relacionamentos tinham sido complicados até o momento.

Os escritores famosos responderam que estavam ocupados com outros projetos e achei muito caro manter a auxiliar que tinha escolhido, ainda mais sabendo que uma boa parte do trabalho seria minha de qualquer forma. Sem opções, me deparei mais uma vez com a necessidade de exorcizar fantasmas de meu passado que me rondavam e que perfaziam “muros de tijolos ilusórios” de medo em minha mente, como sugeria Ken Roberts.

Comecei a coletar e organizar informações sobre mamãe e a fazer entrevistas com pessoas da família. Ela nasceu em 1944 e faleceu em 1995, viveu quase 51 anos no século 20. Com a percepção de que “somos nós que escolhemos nossos pais”, de *A Profecia Celestina*, achei

interessante começar entrevistando minha avó, mãe de mamãe, que me diria fatos ocorridos anteriormente ao nascimento desta.

Porque mamãe teria escolhido seus pais? Entrevistar vovó era importante, ainda mais sabendo que vovô já tinha falecido. Depois entrevistei minha irmã e duas primas-irmãs de mamãe, que conviveram muito com ela durante a infância e adolescência.

Durante as entrevistas e coleta de materiais para a biografia, a Voz Interior me lembrava para estar atento à influência da igreja católica naquilo que ouvisse e acabei concluindo que seus efeitos foram muito nocivos. Tive certeza que a ignorância espiritual na qual a igreja católica manteve seus fiéis, ao longo dos séculos, afetou negativamente o curso da vida de mamãe, que sofreu muitas “dores morais dogmáticas” completamente desnecessárias associadas a supostos “pecados”.

Também percebi claramente que papai, proveniente de uma família protestante com noções muito rígidas de comportamento, e muita discórdia entre os filhos e pais, também não apresentava indícios de uma formação espiritual boa.

Logo depois de ir com um amigo a uma “missa” de uma igreja protestante mais moderna que a da família de papai, ficou claro que nem a igreja católica nem qualquer das igrejas protestantes poderia me servir como solução espiritual, principalmente com todos aqueles rituais, que mais pareciam encenações teatrais, com direito a cenário, indumentária, objetos e até roteiro com falas preestabelecidas para cada um dos atores em cena.

Mas algo parecia haver de verdadeiro por trás da aparência superficial que fazia que cada uma daquelas religiões parecesse “diferente”. Por trás do pano de fundo deveria haver algo de Real e Único compartilhado por todas elas.

Deveria haver algo Substancial, alguma Essência que provasse a validade e suposta “necessidade” para o ser humano de todo aquele “supermercado de religiões”, como li em uma edição velha da revista Veja, em um artigo que falava das mudanças de religião que os brasileiros estão fazendo nesta entrada de século e milênio novos.

Aquela Essência e Substância teriam algo a ver com o que Gandhi quis dizer quando afirmou que “todas as religiões são versões de uma mesma idéia”, ou algo parecido.

Senti forte em meu peito que o Clone Rico conhecia bem aquela Essência, aquela “idéia básica” da qual provinham tantas religiões “diferentes” em todo o planeta.

Livro Mais Lido do Mundo

Aos dez anos de idade mamãe quis que eu fizesse a primeira comunhão, mas papai foi contra por acreditar que eu só teria condições de escolher uma religião para mim a partir dos doze anos.

Quando cheguei àquela idade comecei a fazer o “curso” para a primeira comunhão no Colégio Militar de Porto Alegre, onde estudei da sétima série até o final do 2º Grau. Tendo sempre gostado de matemática e física, a mente que estava se formando em mim, era muito mais inclinada à ciência do que a “coisas” de religião. E se essas “coisas” fossem contadas para mim, o “contador” teria de comprová-las cientificamente, a fim de me convencer.

Acho que a professora da catequese não era nada convincente, pois acabei largando aquele curso, por não levá-lo a sério, não tendo jamais feito a primeira comunhão.

Então, decidi me desinteressar por aquelas “coisas” de religião que estavam sempre contidas no mesmo livro, que tinha aprendido ser “o mais lido do mundo”, a *Bíblia Sagrada*. Que engraçado! Porque tanto interesse por um livro tão sem significado?

Mais tarde participei por alguns anos de um grupo de jovens em uma “filial” da igreja católica, mas a libido de adolescente fazia com que meus pensamentos fossem sobre paixões platônicas pelas meninas do grupo. Os discursos do padre, dentro e fora da missa, não conseguiam penetrar aquela casca mental composta de pensamentos sobre sexo. De qualquer forma suas explicações sobre as histórias que a *Bíblia* conta eram dogmáticas, sem fundamento científico e não me convenciam.

Só agora, anos mais tarde, com curiosidade de saber o que o Clone Rico teria aprendido, voltava a me interessar por aquele livro tão lido. Certo dia fui a uma grande livraria decidido a comprar um volume para mim. Lendo os prefácios de várias edições de tamanhos e formatos diversos percebi que era importante escolher uma boa tradução, que fosse o mais fiel possível aos textos originais em aramaico, hebraico e grego.

Acabei resolvendo comprar um volume em inglês; achei que uma tradução naquela língua seria mais acurada do que versões em português. Queria ter acesso a uma informação que fosse o menos deteriorada possível por mudanças de língua em que sempre ocorrem perdas de significado.

Munido de minha *Bíblia Sagrada* em inglês, “The Holy Bible”, comecei a ler vários de seus livros internos com muita paixão. A letra era muito pequena e comecei a sentir uma ardência nos olhos, mas não queria parar. Comprei até uma lupa para continuar lendo tudo o que pudesse, aprendendo mais e mais sobre as histórias de homens e mulheres que são até hoje nossos ídolos, mesmo que inconscientemente.

Jesus foi sem dúvida alguém Iluminado, e Moisés, Elias, Paulo e tantos outros foram homens de bravura e muita coragem sempre guiados em suas ações por um Deus muito forte e único que se comunicava com eles por uma “Voz Interior”, acredito eu. Salomão foi alguém muito sábio e Jó, como sua fé foi grande! Sobre Moisés assisti o desenho animado *Príncipe do Egito* e adorei poder visualizar melhor a abertura do Mar Vermelho. Que milagre fantástico!

Mas de tudo o que li, o que mais me fascinou foram os Provérbios e Eclesiastes. Li e reli vários deles que retornam com frequência, até hoje, à minha mente, desde aqueles dias em que comecei a viver cada vez mais o Momento Presente e “dando o primeiro passo, enquanto o próximo era revelado”.

“Provérbios 4:7

A Sabedoria é suprema; então consiga Sabedoria. Mesmo que custe tudo o que você tiver, consiga Compreensão.”

“Provérbios 19:8

Ele que consegue Sabedoria ama a sua própria alma; ele que aprecia a Compreensão prospera.”

“Eclesiastes 7:12

A Sabedoria é um abrigo, como o dinheiro é um abrigo, mas a vantagem do conhecimento é esta: que a sabedoria preserva a vida do seu possuidor.”

Mais três pistas, aparentemente deixadas “propositalmente” há milhares de anos para que “eu” as encontrasse. Elas indicavam que o Clone Rico era alguém muito mais sábio do que eu jamais tinha sido nesta existência.

O que mais ele sabia?

Vozerona Interior

Em julho de 2001, praticando um pouco do que tinha aprendido com Robert Kiyosaki em *Pai Rico, Pai Pobre*, mudamo-nos de um apartamento alugado para uma casa própria em um condomínio fechado, recém construído próximo a um parque ecológico maravilhoso, mas pouco conhecido, em Porto Alegre.

Inspirado pelo que aprendi em *A Profecia Celestina* quanto à captação de energia pela observação da beleza da natureza, passei a caminhar no parque quase diariamente. Cada vez ficava mais maravilhado não somente com a energia que captava, mas com a limpeza mental que aquele hábito me propiciava.

Enquanto isto meus cabelos ficavam cada vez mais longos. Tinha decidido deixá-los crescer para poder enfrentar o “medo da crítica”. Foi uma experiência fantástica aprender a não dar bola para todos os olhares estranhos e alguns comentários sarcásticos que os críticos de plantão me dirigiram.

As leituras da *Bíblia* também me inspiravam e levavam a querer saber mais não só sobre Deus, mas sobre seus mensageiros, os “anjos”. Além disso Ken Roberts tinha sugerido que eu poderia “ouvir” a Voz Interior, e “perguntar” a Ela o que quisesse. Ela responderia de volta. Aquela estória de conversa interior tinha “cheiro de anjo”, se é que anjo tem cheiro, lógico.

Às vezes sentia-me guiado a me mover em determinada direção, fazer algum gesto, virar para o lado, falar alguma coisa para alguém, telefonar para outro alguém, escolher uma determinada fita de vídeo na locadora ou livro na livraria, visitar um determinado site na internet. E também foi assim que recebi a orientação de me associar à Biblioteca Pública de Porto Alegre, após me dar conta que estava gastando muito com a compra de livros.

Depois de ter lido alguns livros da Biblioteca e curtir a idéia da economia, pois não pagava nada para ficar com livros emprestados por até três semanas, um dia fui lá devolver dois livros e na entrada meu olhar foi parar direto sobre um livro específico, deixando de lado todos os outros elementos que compunham aquele cenário.

Recebi aquele “foco da minha própria Atenção” como um sinal de que o livro a levar para casa já estava decidido. Poupei assim um bom tempo que usualmente seria gasto na leitura de contracapas, abas, índices, prefácios e folheadas gerais rápidas necessárias para a seleção que sempre fazia.

Imediatamente levei para casa *As Valkírias*, de Paulo Coelho, e o li e reli três vezes em uma semana. O livro não era meu por isto, com a perspectiva da devolução, queria fixar bem tudo o que aprendi lá sobre “como conversar com meu Anjo”. Uma semana depois já sabia o método de cor.

O Alquimista, do mesmo Paulo, tinha feito completamente a minha cabeça uns dez anos antes, mas aqui estava um livro que, por trás de uma história digna de cinema muito bem contada pelo nosso mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras, continha o “mapa da mina”, acrescentando elementos técnicos de como poderia ouvir mais frequentemente aquela Voz Interior, que estava cada vez mais forte gritando em meus “ouvidos interiores” no Momento Presente.

A técnica de canalização é fantástica! Além disso achei sensacional a dica que reforçava aquilo que já tinha aprendido:

“Para penetrar no mundo invisível, desenvolver seus poderes, você tem que viver no presente, aqui e agora. Para viver no presente, tem que controlar a segunda mente. E olhar o horizonte.”

A “segunda mente” é aquele lugar mental onde ficamos ouvindo músicas e conversas recém escutadas. É gozado sempre que percebo que, depois de desligar o aparelho de som, a música continua tocando só para mim, dentro de mim. Fiquei feliz em aprender a desligar aquele aparelho de som interior e aprendi a ouvir o silêncio dentro de mim.

Comecei a conversar cada vez mais com meu Anjo e soube seu nome, pois ele me disse. Estava tão empolgado que presenteei minha esposa Marisa com um exemplar de *As Valkirias* e sugeri a Clarice, nossa secretária na época, que também o lesse.

As duas fizeram suas leituras rapidamente e depois também souberam os nomes de seus anjos. Foi muito bacana descobrir uma nova dimensão em minha vida que podia ser compartilhada.

Também foi muito legal passar a passear pelo parque com o olhar alto e sempre enfocando o ponto mais distante que pudesse enxergar. Olhava o horizonte e realmente sentia que “minha alma crescia”.

Era uma sensação maravilhosa! Exatamente como Paulo Coelho descreve em seu livro.

Que alma enorme o Clone Rico tem!

Outras Vidas?

O verão estava no princípio e comecei a ir com frequência à piscina de nosso condomínio. Hábito novo, que nunca tinha sido possível nos lugares em que moramos antes.

Em uma dessas idas à piscina o “foco de minha Atenção” foi fígado pelo livro que uma vizinha estava lendo. Consegui ler o título e o memorizei, sem que ela percebesse, pois não a conhecia ainda. Aquela parecia ser a dica que precisava sobre a localidade da próxima “cidade” a ser visitada em minha “peregrinação”.

Uns dias depois na Biblioteca Pública, livre, leve e solto, sem pensar mais naquele título, dei de cara com *Muitas Vidas, Muitos Mestres*, de Brian Weiss. Era exatamente o livro que a vizinha estava lendo na piscina! Não tive dúvidas e “aquelas muitas vidas” foram comigo imediatamente para casa.

Adorei toda aquela “cidade” por perceber como Brian Weiss também tinha uma mente científica que teve de se render, pouco a pouco, a tantas evidências que indicavam de forma muito explícita, que esta não é a primeira e pode não ser a minha última encarnação, diversamente do que toda a minha educação anterior tinha me levado a crer.

Apesar de educado para acreditar o contrário, intuitivamente, sem saber explicar porque, não acreditava que iria morrer, pois nunca tinha “nascido” realmente. Esta crença tinha se instalado em mim durante a adolescência especialmente depois da leitura de *Ilusões* e *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach. O problema que sentia é que não conseguia explicar nem a mim mesmo aquela “sensação”, aquela “certeza” meio ignorante.

Por outro lado, *A Profecia Celestina*, com a idéia de que “escolhi meus pais antes de nascer” e o final em que um personagem desaparece, elevando seu nível energético, fortaleceu a minha percepção de que há “vidas” invisíveis para mim e que já “vivi” com formas diferentes da atual, possivelmente em outras dimensões.

Além disso aquela estória de “elevação de nível energético” tinha muita semelhança com a forma como Jesus “se elevou aos céus”, depois de passar quarenta dias com os discípulos, após suas “morte” e “ressurreição”. Todos estes elementos compunham uma sopa de pontos de interrogação em minha mente, “meu único ativo”, lembrou o Clone Rico.

Mas aquela confusão se tornava agora um pouco menor, Brian Weiss já tinha ido a fundo em sua pesquisa sobre reencarnações, inclusive citando como e quando a igreja católica extirpou partes da *Bíblia* que falavam sobre isto. Esta sonegação de informação condenou o Ocidente a um verdadeiro eclipse espiritual de quase dois mil anos, com a finalidade exclusiva de, como sempre, exercer maior controle sobre o povo e nobres.

Adorei quando um espírito, obviamente sábio, fala através de Catherine, a paciente de Brian e afirma que o tempo não é medido através de segundos, minutos, horas, dias, meses e anos, mas sim “através daquilo que aprendemos”. Que show de explicação simplificada da Teoria da Relatividade de Einstein, que é bem complexa, como aprendi no primeiro ano de engenharia eletrônica!

Esta afirmação simples e direta também colocava mais luz ainda sobre a minha peregrinação e me incentivava a continuar lendo cada vez mais rápido os livros que meu Anjo indicasse. A Voz Interior gritava de vez em quando: “Leia cada vez mais rápido!” Prossegui, sempre um passo de cada vez, confiante que mais e mais portas mentais se abriam revelando novos horizontes que só o Clone Rico conhecia.

Na pesquisa para a biografia de mamãe tinha percebido como as religiões católica e protestantes tinham condenado à ignorância a maior parte das famílias dos meus genitores, desde os

primórdios das suas árvores genealógicas, a perder de vista. Por outro lado meu avô materno nunca tinha sido católico e sempre foi uma pessoa muito sábia e respeitada não só na família mas entre amigos profissionais e pessoais também.

Vovô, que faleceu no início de 2000, sempre foi uma pessoa que amei e respeitei muito, mas muitas pessoas dividiam este amor e respeito comigo, o que ficou mais claro ainda quando entrevistei as duas primas-irmãs de mamãe que a conheceram muito bem durante brincadeiras da infância e adolescência.

As duas foram unânimes em reconhecer que vovô foi, desde jovem, uma pessoa muito equilibrada, tranqüila, paciente e que sempre procurou conversar e orientar bem mamãe desde seus primeiros anos. Aquilo me chamou a atenção, era uma atitude diferente do que a maioria dos homens costumava ter com os filhos no início da década de 1950. Vovô foi descrito como um modelo de “pai moderno” que brinca e se envolve com a vida de seus filhos.

A família carioca de vovô é espírita e algo me dizia que deveria retirar pelo menos mais uma religião da “prateleira” daquele “supermercado” que freqüentava cada vez com maior assiduidade.

Com curiosidade crescente e no início de novas amizades em nosso condomínio, acabei descobrindo que os vizinhos da casa ao lado também são espíritas. Conversamos várias vezes sobre fenômenos espirituais em geral. Estávamos às vésperas do Natal e Alexandre e Sílvia nos presentearam com *Violetas na Janela*, Romance de Patrícia, psicografado por Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho.

Foi fantástico compreender o mundo “depois da morte” através daquele livro simples e de leitura rápida em que Patrícia, uma moça loira e bonita com 19 anos, recém falecida, conta como foram suas primeiras experiências em uma cidade espiritual habitada somente por espíritos desencarnados. Sentia forte que havia muita verdade naquilo que estava lendo, por mais surreal que parecesse.

Queria saber mais, a *Bíblia* mostrava que só com Sabedoria poderia Prosperar como o Clone Rico.

Para as festividades do Natal de 2001 tive a coragem de vencer os condicionamentos que diziam que “devia” passar aquela data com minha “família biológica” e nos unimos às famílias do casal de nossos amigos, Nicholas e Cláudia, que tem uma filha com a mesma idade da nossa, Victória.

Naqueles dias relaxados e divertidos, em um clima de liberdade de expressão, tive a felicidade de conhecer os irmãos, Marcos e André, e pai, Perci, de nossa amiga e descobri, em conversas, que todos são espíritas. Muito gentilmente, eles me indicaram livros para ler que seriam importantes para “estudar”.

Pela primeira vez ouvia falar em uma religião que precisava ser “estudada”. Aquilo me soava muito bem, conhecendo-me cada vez melhor sabia que não acreditaria em nada que não compreendesse até os menores detalhes.

Ler *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, publicado pela primeira vez em 1857, com muita voracidade em apenas cinco dias, apesar de ser um livro técnico e pesado pela riqueza de detalhes de 1019 perguntas respondidas por espíritos, foi como um verdadeiro bálsamo libertador em minha mente que já era consciente de ter sofrido uma clausura milenar iniciada como resultado da fome de poder de um Papa e um Imperador Romano, mais de 1500 anos antes.

Ao ler a expressão “fé raciocinada” em oposição a todos os “dogmas” católicos, imaginei como o mundo ocidental já poderia ser muito melhor se o cientista Allan Kardec tivesse sido aceito e celebrado no século 19, como Charles Darwin acabou sendo com sua teoria sobre a evolução das espécies, hoje extremamente arraigada em nossa cultura.

A razão porque Kardec não é tão conhecido até hoje é óbvia, mais uma vez a igreja católica teve medo de perder seu poder e controle sobre indivíduos como você e eu. Mais uma vez a igreja católica sonhou informações de seus fiéis usando seu poderio e conexões no estado para abafar a divulgação dos resultados das pesquisas do cientista Kardec.

O Brasil é hoje, quase 150 anos depois, aquele em que a Doutrina Espírita prosperou mais. Esta Doutrina é baseada em três pilares: Ciência, Filosofia e Religião.

Visualizei um mundo ideal em que *O Livro dos Espíritos* seria leitura obrigatória para todas as crianças no 1º grau. Quanta dor e sofrimento já teriam sido eliminados de nosso consciente coletivo! Que maravilha o mundo já seria, ainda mais quando a reencarnação é algo entremeado nas culturas do Oriente há milhares de anos, como também aprendi.

Comecei a estudar ferrenhamente mais e mais livros espíritas de Allan Kardec e de outros autores como Chico Xavier, e nos meses seguintes minha compreensão sobre mim mesmo se expandiu muito. Fiz até um “minicurso” na Sociedade Espírita Bezerra de Menezes. Que experiência de libertação! Parecia que me livrava finalmente de verdadeiros grilhões que tinham me acorrentado e escravizado durante não só quase quatro décadas, mas milhares de anos.

Conhecer melhor a mim mesmo e reconhecer a origem de tantos daqueles pensamentos que “me usavam” era uma tarefa que abrangia não somente os anos vividos nesta vida, mas em milhares, talvez centenas de milhares de outras vidas.

Em passeios ao parque próximo à nossa casa, procurando me energizar com a observação da beleza do lago, árvores, céu e pássaros a voar, vivia cada vez mais ancorado no Momento Presente, sentindo uma tremenda Paz encher todo o meu ser que agora tinha argumentos e Sabia que tinha sempre estado vivo e continuaria vivo para sempre.

Senti muito forte em cada célula de meu corpo que estava presente na origem do Universo e sempre estaria aqui para vivenciar e observar suas belezas.

O Eterno Agora enchia minha consciência e me sentia “nas nuvens”, “no céu”, “no paraíso”, com a certeza crescente de que aquelas são somente expressões criadas pelo homem mais ignorante para indicar um estado mental que se encontra exatamente Aqui e Agora, em mim.

O Reino de Deus está realmente dentro de mim, como Jesus afirmou há quase dois mil anos atrás, e o Clone Rico sempre soube disto.

Assuste a Si Mesmo!

Começando a perceber que existia uma maneira melhor de viver, idéia reforçada pela leitura de *The Power of Psycho-Pictography* (O Poder da Psico-Pictografia), de Vernon Howard, e *The Keys of Kings* (Chaves de Reis) e *Os Segredos da Auto-Libertação*, de Guy Finley, autores indicados por Ken Roberts (e www.fourstarbooks.com), acabei me deixando seduzir por uma carta comercial em forma de entrevista que Ken me enviou procurando estimular a compra de um curso chamado *Amazing Technique for Success* (Técnica Espantosa para o Sucesso).

Gastei um bom dinheiro na compra deste curso, inclusive em impostos de importação. Quando chegou a caixa enorme com uma embalagem superluxuosa que continha somente três fitas de vídeo e um pequeno livro, confesso que inicialmente fiquei decepcionado, mas logo minha opinião mudou definitivamente.

A primeira das três fitas de vídeo inicia com uma viagem de Ken, em seu jatinho privado, durante a qual conversa com sua filha Nikki sobre como as pessoas em geral agem como turistas na própria vida, sempre procurando externamente algo para fazer com o tempo que tem disponível. Ele afirma que existe uma forma melhor de se viver, na qual sempre se sabe “qual o próximo passo a ser dado”.

Ao longo das três fitas acabei entendendo que a tal da “fórmula” é realmente espantosa. Ainda por cima, Ken dá uma garantia de satisfação com devolução de 50% a mais do preço pago caso o comprador não tenha sucesso ao utilizá-la. Ele só podia estar muito seguro de si quanto ao “espanto” que seus estudantes iriam ter para poder fazer uma garantia de satisfação como esta!

Basicamente eu teria que “assustar a mim mesmo”! (“Scare myself!”)

Contrariar o modo usual de me comportar, mesmo nas situações cotidianas mais insignificantes, deveria passar a ser uma rotina para mim, até que criasse um novo modo de viver mais satisfatório, mesmo que a princípio ele fosse “assustador”.

Ken observou a si mesmo e a todas as pessoas bem sucedidas, que conhecia por biografias ou pessoalmente, e constatou que o que elas fizeram para ser bem sucedidas foi simplesmente “assustar a si mesmas”. Arriscaram, correram perigos, foram corajosas, confrontaram seus próprios medos.

O bacana foi perceber como Ken mostrou que esta idéia simples de “assustar a si mesmo” poderia e deveria ser aplicada a situações banais cotidianas, como a proposta de um brinde em um pequeno grupo no intervalo para o café no trabalho, ou então a troca de fila no supermercado, escolhendo a mais longa ao invés da mais curta.

Inicialmente aquele conceito me pareceu estranho, mas depois entendi que era sempre aquela prática de “atravessar os muros de tijolos ilusórios” de medo que já tinha começado a fazer. Agora, com mais embasamento, continuei mais decidido ainda a exorcizar todos os “demônios” interiores que pudessem querer me amedrontar. Diariamente, mais de uma vez, viria a sentir uma certa tensão de medo em meu corpo e não mais a aceitaria como algo “normal”.

O interessante é que tão logo avançava em direção aos “muros” eles desapareciam e mais e mais coisas boas me aconteciam, exatamente como Ken tinha explicado. Posso afirmar que até hoje estou sempre atento e procurando me “assustar”, ainda mais desde que percebi que a Voz Interior usualmente me direciona para fora de “zonas de conforto” em direção à abertura de novos horizontes, que no início parecem “assustadores”.

Ken também aconselha naquele curso a deixar a televisão desligada e cancelar todas as assinaturas de revistas e jornais. Diz que as informações contidas nestes meios de comunicação tem pouco valor e causam bastante confusão mental.

Já sabia disto há muito tempo, tinha percebido que jornais e revistas são feitos para serem vendidos diária, semanal ou mensalmente e seus editores sempre querem nos levar a crer em novidades que na verdade nada tem de “novas”. Criar o hábito de ler jornais e revistas diária ou semanalmente é como alugar o próprio cérebro como depósito de informações inúteis.

O mesmo acontece com a TV, que também apresenta muitas informações que estimulam emoções negativas em nossas mentes.

Mais uma vez segui o conselho de Ken, desliguei a TV e passei a dormir muito melhor, livre daquelas imagens violentas e cheias de estímulo sexual que os canais da televisão em geral nos mostram.

Compreendi finalmente que tudo que coloco em minha mente, meu único ativo, a afeta. Desde então seleciono muito bem desde os filmes de TV ou cinema até as conversas ou mesmo com quem converso. Cada pessoa pode ser um ativo ou um passivo para as outras com quem se relaciona.

Adoro quando percebo que sou um ativo para meus amigos, pois lhes transmi alguma idéia que pode melhorar suas vidas. Por outro lado evito pessoas que tentam “me vender” idéias que, quando aplicadas, só me roubariam energia e piorariam minha vida.

Por outro lado achei também interessante que Ken faz uma única exceção ao contato que você e eu devemos deixar de ter com jornais e revistas. Ele diz que é bom olhar as revistas que tratam de “famosos” e observar como aquela parte obscura interior está sempre procurando nos comparar aos “ricos” e “famosos”. Fiz a prova e percebi que aquele processo de comparação inconsciente é extremamente autodepressivo.

No início pensamentos “demoníacos” insistiam em dizer que eu era inferior a todas aquelas pessoas “que tinham conseguido mais do que eu em riqueza e em fama”. Esses pensamentos insistiam em me comparar até a mulheres famosas e me levavam a me perguntar “porque não nasci mulher?” e “porque não sou loira?”. Como é bom agora poder falar de tudo isto no passado, com a consciência de que não sou mais vítima desses “demônios”.

Bom, com o firme propósito de “assustar a mim mesmo” finalmente achava um modo de selecionar a próxima direção em cada encruzilhada de minha peregrinação, superando assim todos aqueles medos que me perseguiram e que o Clone Rico já tinha superado.

Perdedores Anônimos

Em paralelo a vivências de êxtase espiritual e “sustos” interiores, estava perdendo dinheiro em “commodities”, investimento parecido com a compra e venda de ações na bolsa de valores, no qual se compram e vendem mercadorias como milho, trigo, arroz, ouro, prata, etc..

Tinha me interessado e aprendido sobre este tipo de investimento através de dois cursos que fiz por correspondência com o também “guru financeiro”, Ken Roberts.

Uns seis meses antes, depois que minha esposa decidiu ser a gerente de nossa empresa de esculturas com minha plena aceitação, me afastei da rotina da empresa e passei a procurar outra atividade profissional para mim.

Através do site do Ken, www.kenroberts.com, descobri a outra faceta de sua carreira de empreendedor, em que ele ensina a quem quer saber como ficar milionário como ele. Prontamente entrei em ação e durante aqueles meses tinha estudado bem os dois cursos e aberto uma conta em uma corretora de commodities americana.

O negócio era bem “embriagante”, somente com a procura de determinados padrões em gráficos de preços de mercadorias vistos pela internet e telefonemas ao corretor americano, poderia fazer um bom dinheiro, partindo de quantias pequenas. O próprio Ken tinha começado no início da década de 1980 com 600 dólares e já era milionário há muito tempo.

Aquela perspectiva renovada de sucesso financeiro, associada à crescente confiança nos ensinamentos espirituais do mesmo Ken, enchia meus sonhos de riqueza e fama e me dava a sensação de estar mais próximo do Clone Rico.

Reconheci pela primeira vez, que o Clone não seria rico somente no aspecto material, mas também naquele espiritual, o que o levava a ser duplamente rico, um verdadeiro e autêntico Rico Clone Rico!

Ken, apesar de careca ;-), sempre me passou a imagem de um homem Rico e Feliz, ele devia saber algo que eu também devia aprender. Que maravilha! Exclamava eu em conversas com meu Anjo à beira do lago do parque em frente à minha casa.

Mas algo devia estar errado nos números que via na conta da corretora americana pela internet. Ligava para o corretor com certa frequência, mas nem sempre ganhava dinheiro. Também perdia e cada vez que uma perda acontecia sofria interiormente. Meu estado emocional ficava muito vulnerável quando investia dinheiro daquela forma, o que reforçava a idéia de que dinheiro tem um significado muito emocional para nós humanos, como Robert Kiyosaki sugere em seus livros e Daniel Goleman reforça em *Inteligência Emocional*. Aliás, durante esta leitura também tinha me dado conta que era muito “burro” emocionalmente.

“Perder” não me agradava, mas ao invés de começar a questionar o que Ken ensina, insisti com a idéia de que o problema podia mais uma vez ser “eu” e aquela mente que é meu único ativo. Achei que precisava de orientação adicional para prosseguir com os investimentos que me colocariam mais próximo do Clone Rico.

Na livraria virtual Amazon selecionei, depois de ler várias sinopses e comentários de outros leitores, o livro *Trading for a Living* (Negociando para Viver), de Alexander Elder, psiquiatra que ensina como parar com o “vício de perder dinheiro” em aplicações nas bolsas de ações e commodities.

Que estranho! Estava recém começando a investir em commodities e agora me dava de cara com a possibilidade de me “viciar em perder dinheiro”.

O autor compara as aplicações na Bolsa com as jogadas em um cassino e os traders (negociadores) aos jogadores do cassino, dada a facilidade e rapidez com que se pode ganhar e perder dinheiro nos dois casos. Tanto traders como jogadores são muito movidos pelo sonho de fortuna fácil e rápida que virtualmente existe a cada momento na Bolsa ou cada girada da roleta, em um cassino. A maioria das pessoas nos dois grupos é “compulsiva”.

“Compulsão” era uma palavra nova para mim, olhei no dicionário Aurélio e li: “tendência a repetição”. Logo percebi que deveria eliminar cada traço daquela “doença”, aquela “tendência a repetir atos falhos”, que podia estar sabotando meus sonhos de ser algum dia um vencedor.

Alexander Elder sugeria que, se eu quisesse parar de perder dinheiro em commodities, deveria aprender como os alcoólatras fazem para parar de beber álcool. Parando de perder, as vitórias são garantidas, mais cedo ou mais tarde acontecem. Meu próximo passo naquela peregrinação mental estava mais do que claro. Deveria participar de pelo menos uma reunião de Alcoólatras Anônimos (AA).

Que passo mais estranho! A Voz Interior, o Anjo, dizia para ir ao AA, mas uma outra parte interior achava que não. Aquele gesto indicaria um reconhecimento de ser eu um bêbado, um vagabundo ou qualquer coisa do gênero. Logicamente acabei resolvendo “me assustar”!

Tomei coragem para seguir a Voz Interior, liguei para o número de telefone que achei facilmente nas primeiras páginas do guia telefônico de Porto Alegre. Mas como tinha que dar um passo “daqueles”, achei que devia ir com tudo mesmo! Embaixo do número do AA estava o número dos Comedores Compulsivos Anônimos (CCA). Liguei para ambos.

No início de 2002 fazia pela segunda vez o programa *Body for Life* e queria obter abdominais bem definidos. Achei que ir ao CCA podia me beneficiar, o que realmente se confirmou a seguir.

Na quinta-feira da segunda semana do programa BFL de 12 semanas participei de uma reunião do AA. No sábado fui a uma do CCA e no domingo frequentei outro dos inúmeros grupos de AA que descobri que existem em Porto Alegre e em todo o mundo.

Decidi então participar de uma reunião de CCA no sábado e outra de AA no domingo durante todas as semanas até o final do programa BFL, as 10 semanas seguintes.

No final, aquela que deveria ser uma solução para parar de perder dinheiro, também se mostrava útil para alcançar o “corpo ideal” que o Clone Rico tinha.

Com o passar das semanas, convivendo com dois grupos de pessoas amigas e companheiras que mostravam lucidez em depoimentos pessoais, fui criando cada vez mais a consciência de que eu, por não me enquadrar bem em nenhuma das duas categorias, deveria pertencer a um grupo mais amplo, generalizado e difícil de perceber na sociedade, o dos PA, Perdedores Anônimos.

“Tudo bem”, dizia a Voz Interior, “reconhecer que se é um perdedor é o primeiro passo para se tornar um vencedor”.

A quanta sabedoria mais o Clone Rico teria tido acesso e que a mim teria sido negada por tantos anos, séculos ou mesmo milênios?

Nem me importava mais com os tempos de ignorância, sentia-me agradecido a Deus por permitir finalmente, com a correção de minhas imperfeições, que eu enxergasse mais longe com os olhos daquele clone duplamente rico.

Minha primeira reunião de AA, domingo 17/02/2002, foi muito reveladora. Na reunião anterior fiz amizade com Alexei, um rapaz que depois escolhi como padrinho naquela noite em que me tornei um Alcoólico Anônimo.

Associei-me a esta irmandade sem fins lucrativos criada nos EUA, em 1935, por dois alcoólatras que descobriram que não bebiam se ficassem juntos conversando. Dr. Bob e Bill são lendas modernas do AA no mundo inteiro, escreveram vários livros que orientam os associados a parar de beber e a organizar cada grupo da irmandade, em mais de cem países do globo.

Nos grupos de AA ninguém é obrigado a nada, o próprio reconhecimento de que se é portador da doença do alcoolismo fica completamente a cargo do próprio portador. Os homens e mulheres que frequentam esta irmandade são extremamente joviais e deixam qualquer novo visitante

completamente à vontade para se associar ou não, para dar um depoimento ou não e assim por diante.

Nunca fui um “bêbado” inveterado, pelo menos não de álcool ou qualquer outra droga, lícita ou ilícita. Nem cigarro fumei. Uma vez provei um cigarro e tossi muito. Charutos tinham começado a me interessar naqueles últimos meses, mas uma vez por mês no máximo. Uma vez provei um baseado de maconha, mas de maneira geral o álcool era a única droga que usava de vez em quando.

Tinha tomado alguns pileques, mas até aquele momento não tinha uma noção muito clara quanto ao fato de ser o álcool uma droga ou não. Em conversas com parentes e amigos sempre era divertido contar e ouvir histórias de porres e bebedeiras que levavam as pessoas a ficarem “fora do ar”.

Mais ou menos aos doze anos de idade papai me disse que se quisesse fumar “ele me ensinaria”, mas que precisaria “esperar até os dezoito anos” para beber álcool. O resultado dessa mensagem confusa é que nunca me interessei muito por cigarro, não tinha a menor intenção de pedir a meu pai, temido por mim, que me “ensinasse” a “fumar”.

Por outro lado, aos dezesseis anos, juntamente com sete amigos do grupo de jovens da igreja católica, fundei o “Clube do Vinho”, uma espécie de “clube do bolinha”, em que meninas não podiam entrar. Reuníamos-nos pelo menos uma vez por mês para beber vinho. É claro que estas bebedeiras eram feitas sem o conhecimento de meus pais, havia aquela “lei” que eu estava “desrespeitando”.

Como todos são deixados completamente à vontade no AA, em todas as reuniões que frequentei ninguém me perguntou se eu era ou não um alcoólatra, mas vários participantes deram depoimentos pessoais sobre suas experiências extremamente negativas com o uso daquela droga, infelizmente tão bem aceita socialmente. Ouvindo aqueles depoimentos pessoais me identifiquei e decidi me associar.

Algo interessante é que o psiquiatra Alexander Elder, de *Trading for a Living*, sugeria que toda a vez que ouvisse a palavra “beber”, durante os depoimentos dos outros, deveria trocá-la mentalmente para “perder”. Mesmo durante aquela primeira reunião não foi nada difícil constatar que eu era um grande perdedor. Quando perdia pela primeira vez (“bebia o primeiro gole”) não conseguia mais parar. Também constatei que já tinha estado várias vezes na “sarjeta mental”. Tinha chegado inúmeras vezes ao “fundo do poço” mental.

Na véspera tinha ido a uma reunião de Comedores Compulsivos Anônimos, em que tinha ouvido falar de outra droga, a comida, muito nociva também. Neste grupo era o único homem e bem mais magro do que a maioria das gordinhas e gordonas que lá encontrei. Lá ao ouvir a palavra “comer” a trocava mentalmente para “perder”. E foi também lá que ouvi uma veterana dizer que era muito bom viver “sem anestesia”.

Quando chegou a segunda-feira, depois de me associar ao AA na véspera, acordei pela manhã e joguei fora todas as garrafas de alcoólicos que tinha em casa, para surpresa de minha esposa. Foram licores, whisky e cervejas que foram entrando pelo ralo da pia da cozinha. Desde lá nunca mais bebi e minha vida só melhorou, como percebi que aconteceria comigo pelos depoimentos de AA que já tinham parado de beber há dez, vinte ou mesmo mais de trinta anos.

No início achei surpreendente que fosse “possível” a um ser humano parar de beber por tanto tempo, mas estas pessoas não só tinham parado como se mostravam bastante sábias em seus depoimentos, saudáveis e felizes por terem se livrado daquele elemento auto-sabotador que é o álcool.

Outra coisa que me chamou atenção nos depoimentos é que a maioria dos AA começou a beber na situação clássica do adolescente que se vê meio constrangido a dizer “não” aos amigos do grupo que insistem que ele beba junto, exatamente como aconteceu comigo quando comecei a beber aos dezesseis anos. Compreendi que a firmeza para dizer o primeiro NÃO é fundamental para nos mantermos livres de todos os vícios que amigos e familiares nos propõem insistente e diariamente.

Ao ouvir aqueles depoimentos, que mais pareciam discursos motivacionais para os que ainda estão deixando o álcool de lado, também lembrei de inúmeras situações em que meu pai se tornou agressivo e violento comigo, minha mãe e minha irmã, após ter bebido cerveja, vinho ou whisky. Uma vez ele até jogou um de seus troféus hípicas pesados em cima de mim.

Levando em consideração a mensagem cada vez mais forte que nós “adultos” temos muito que aprender com as crianças, comecei a observar minha filha, com três anos na época, e lembrei que ela nunca bebeu álcool e é muito alegre e contente como a maioria das crianças que conheço. Bem diferentes em comportamento da maioria dos adultos, que são viciados e compulsivos, mesmo que não reconheçam.

Aos adultos também falta energia e disposição após o almoço e após o jantar. Mesmo que eles não reconheçam, a verdade é que estão dopados, estão sob a ação de sedativos potentes como o álcool e a gordura. As crianças não se sedam, vivem sem anestesia. Por isto é que são tão ativas, tão alegres e bem dispostas o tempo todo. A parte triste da história é que estas crianças em geral precisam conviver com adultos “viciados” que querem lhes impor regras para lhes proteger contra os seus próprios “vícios”.

Aprendi ao longo das semanas de frequência no AA, que não há nenhum motivo para que um ser humano beba álcool. Não existe nenhuma necessidade de álcool em nossos organismos. É tudo uma invenção social incentivada pela indústria do álcool que conduz a maioria dos adultos a tomar uma “cervejinha” e depois partir para outras drogas cada vez mais pesadas, como aconteceu a vários de meus colegas AA.

O mais gozado é quando vejo discussões entre estes mesmos adultos “responsáveis” se perguntando porque os adolescentes “irresponsáveis” começam a beber cada vez mais cedo. Por que será?

Foi muito revelador conhecer um “mundo desalcoolizado” que vive mais feliz e estável emocionalmente do que a maioria das pessoas que conheço. Passei a ver o pessoal do AA como uma “ilha de sobriedade”, em um “mar de embriaguez”.

Sentia-me muito mais à vontade na companhia dos ex-bêbados conversando sobre libertação, do que nos grupos de pessoas “normais”, com seus papos chatos sobre dificuldades financeiras, problemas de saúde, conflitos amorosos, dietas que nunca são feitas até o fim, acidentes de carro e uma infinidade de coisas que não dão certo em suas vidas, enquanto continuam se reunindo para tomar “uma cervejinha”, um “whiskinho”, um “pilequinho”, “um porrezinho”, “uma caipirinha”.

Mesmo sendo considerado pela esposa, amigos e família, uma pessoa “normal” que só bebia álcool “socialmente”, conclui que tinha uma série de zonas em minha mente perturbadas ou mesmo ensombreadas por aquela substância. Minha mente, meu único ativo, era bombardeada com explosões nucleares interiores a cada vez que eu inventava de “beber socialmente”, me deixando levar pelos maus hábitos de familiares e amigos.

Além disto, ao frequentar o AA e o CCA ao mesmo tempo, comecei a perceber que no fundo sou vítima de uma droga muito mais pesada e completamente ignorada pela nossa sociedade ocidental.

Pensamentos e emoções negativas, os “demônios” dos quais Ken falava, eram os meus verdadeiros vícios! Uma vez que “tomasse o primeiro gole” de um pensamento negativo podia passar horas e mais horas, ou até vários dias, alimentando aquela sombra negra interior composta simplesmente por pensamentos e emoções negativas.

Aquele tipo de comportamento interior acabava gerando os mais variados tipos de conflitos com outras pessoas, entre os parentes, amigos, conhecidos, colegas de trabalho, etc..

Aprendi que o Clone Rico sabe dizer NÃO e se manter livre daqueles “demônios”.

Perdoa e Serás Perdoado!

Já na primeira semana de AA e CCA li o livro com os doze passos que conduzem todo o trabalho de libertação de muitos vícios, não só de álcool e comida.

Eles foram criados pelos fundadores do AA, Dr. Bob e Bill, e pelo esforço conjunto de várias lideranças desta irmandade a nível mundial e são adaptados para outras irmandades que promovem a eliminação de vícios relacionados a outras drogas.

Os passos são simples mas de execução muitas vezes dolorosa e sofrida, mas todos os alcoólatras, comedores compulsivos e outros tipos de viciados que os realizaram com disciplina e perseverança alcançaram resultados magníficos na libertação de suas próprias compulsões.

Sentindo-me cada vez mais um Perdedor Anônimo adaptei os doze passos, mudando somente a palavra “alcoólatra” para “perdedor” e “álcool” para “perda”, onde se fez necessário. Pendurei a lista a seguir em um ponto bem visível de meu escritório.

Por algum tempo li os 12 passos pelo menos uma vez por dia. O resultado desta prática é que hoje estou muito mais consciente quando entro em alguma situação de possível perda e saio dela o quanto antes.

Se tomo o primeiro “gole”, a primeira perda, paro imediatamente de “jogar” em qualquer área de minha vida. Depois procuro voltar a escutar a Orientação da Voz Interior que sempre me guia para lugares mais alegres e iluminados onde o “jogo” é muito mais divertido e recompensador.

Perdedores Anônimos

12 Passos

- 1) Admitimos que éramos impotentes perante as perdas – que tínhamos perdido o domínio de nossas vidas.
- 2) Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós poderia devolver-nos à sanidade.
- 3) Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, *na forma como O concebíamos*.
- 4) Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5) Admitimos, perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a exata natureza de nossas falhas.
- 6) Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7) Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
- 8) Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
- 9) Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.
- 10) Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

- 11) Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, *na forma em que O concebíamos*, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.
- 12) Tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem a outros perdedores e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Achei fantástico aprender que para alcançar a cura é necessário reconhecer que se é impotente sozinho e que um Poder Superior, um Deus como “O concebesse”, me ajudaria a sair da escuridão.

Recém chegando do “supermercado de religiões”, achei que é uma idéia muito democrática e universal que cada um possa conceber Deus como quiser. O AA aceita pessoas de qualquer religião.

Entre as gordinhas havia até moças que pensavam em uma Deusa Única e não em um deus masculino. Por outro lado também havia senhoras que ainda se debatiam muito com o Deus opressor que aprenderam na igreja católica. Primeiro elas precisavam remodelar mentalmente “aquele Deus” para torná-lo mais carinhoso e amável, para só depois poderem prosseguir com os 12 passos.

Com as leituras espíritas tinha aprendido a ação implacável da Lei de Ação e Reação, ou carma, e como é importante perdoar para poder prosseguir na Estrada da Evolução Espiritual que, no frígido dos ovos, é solitária e única para cada um de nós.

Lendo e relendo os 12 passos vi claramente como o “perdão” é a base deles também. É preciso perdoar primeiro para só depois ser perdoado por Deus, como Jesus mostrou na oração do Pai Nosso: “perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos nossos devedores” ou “perdoai nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

Além disso adorei a idéia de “despertar espiritualmente”, contida no 12º passo e que descobri ser a base da cura de qualquer compulsão. Esta expressão, “despertar espiritual”, me fazia lembrar de várias “cidades” já visitadas em minha peregrinação.

Também entendi, em conversas com meu padrinho e outros membros de AA, que realizar bem os passos 4) e 8) é muito importante. Eles são justamente aqueles que tratam de reconhecer faltas e pedir perdão ou perdoar.

Além disto o passo 10) sugere que uma vez feita a faxina inicial, é muito importante continuar fazendo faxina sempre, sem acumular mais sujeira mental que leve ao retorno dos velhos companheiros da “bebedeira interior”, os sentimentos negativos como raiva, ressentimento, inveja, etc. e seus pensamentos associados.

Em outras palavras é importante “continuar perdando” e “pedindo perdão” por toda a vida.

Tinha que perdoar, estava claro e também tinha de buscar o perdão. A tarefa seria bem grande, poderia ter tido conflitos mal resolvidos não somente nesta encarnação, mas em inúmeras outras. Por outro lado, achei que se pegasse tudo o que me lembrasse desta encarnação já seria uma boa faxina.

Também acreditei que poderia pedir perdão à minha mãe e avós que já tinham passado para outra dimensão. Tinha certeza que se pedisse perdão com fé e sinceridade, eles me ouviriam e teriam compaixão de mim. Aliás, achei que poderia pedir perdão a todos os seres do Universo com quem tive algum conflito mal resolvido, nesta ou em qualquer outra forma de vida.

Na primeira semana de AA me vi interiormente com muitos conflitos. Uma parte de mim tentava me bloquear dizendo que pedir perdão seria “me rebaixar”, eu não deveria “baixar a guarda”. Mas também percebi que aquela mente, meu único ativo, estava impregnada com ressentimentos por meu pai, tio, avó, irmã, mãe, esposa e a lista não parava mais.

Por outro lado, a Voz Interior, meu Anjo, dizia que era importante prosseguir procurando “fritar” aqueles “demônios”, os pensamentos negativos, que já tinha carregado por tempo demais, mesmo nos períodos que vivi longe dos parentes.

Três dias depois de me associar ao AA escrevi uma carta pedindo perdão a papai por tudo o que achava que tinha feito de errado para ele e fiz o mesmo com meu tio. Também tive uma

conversa mais ou menos longa em que pedi perdão à minha esposa pelos maus tratos por tanto tempo. Em meditação pedi perdão à mamãe, aos dois vovôs que já tinham falecido e a todos os seres que poderiam estar me cobrando alguma dívida. Pedi perdão a Deus e até a mim mesmo.

Depois comecei o inventário pessoal do passo 4) que uma vez iniciado parecia não ter fim. Liste 130 pessoas com as quais lembrava de ter tido conflitos nesta vida, precisava do perdão delas e/ou perdoá-las. Lembrei de atitudes e ações negativas minhas desde os cinco anos de idade.

Reconhecer todas estas faltas me deixou envergonhado, humilhado por dentro, mas a Voz Interior me incentivava a prosseguir quebrando mais este “muro”.

Papai e tio Chico ligaram para mim uma ou duas semanas depois para dizerem que me perdoavam. Minha esposa já tinha me perdoado, o que demonstrava em suas atitudes comigo.

As outras pessoas que não tive condições de contatar pessoalmente acho que me perdoaram também, já que o que vivi a seguir foi uma limpeza mental ainda maior. Comecei a notar em meu mundo interior a ausência de inúmeros intrusos e invasores que me levavam a repetir mentalmente conflitos exteriores ocorridos até mesmo mais de 20 anos antes. Ficou mais fácil ainda viver o Momento Presente.

Fiquei maravilhado ao constatar que maravilhoso era perdoar e ser perdoado, algo que tinha relutado tanto em fazer. Por tempo demais tinha alimentado interiormente raiva, rancores, ressentimentos, inveja, e uma série de outros sentimentos negativos que na verdade estavam me “usando”, como Ken diz. Perdoei a “todos os que tinham me ofendido”, como diz a Oração de Jesus, e aqueles sentimentos negativos me deixaram.

Outra coisa que percebi é que aquela parte interior obscura estava completamente enganada ao dizer que “me rebaixaria ao pedir perdão”. Papai e tio Chico tinham sido muito legais comigo, ninguém estava achando que eu era “frouxo”, “mole” ou tantos outros adjetivos negativos que aquele demônio interior insistia em usar ao me definir.

Tive certeza que o Clone Rico é um cara que perdoa e tem humildade para pedir perdão, uma mensagem que a *Bíblia* reforça em muitas de suas passagens.

O Clone Rico tem sua mente livre de pensamentos e emoções negativas.

Napoleon Hill, em *Pense e Enriqueça*, foi categórico ao afirmar que “as emoções positivas de pensamento formam a torrente que leva o indivíduo à fortuna. As negativas formam o lado que o leva para a pobreza”.

Apesar de saber que a estrada ainda poderia ser longa, a boa notícia é que eu já estava agindo e mudando atitudes para eliminar mais e mais daqueles vilões negativos que me infernizavam mentalmente.

Ah, como o Clone Rico é feliz e eu não sabia!

Corpo Perfeito

Com frequência semanal a reuniões de AA e CCA, dois grupos de pessoas que procuravam se libertar da compulsão por substâncias diferentes, percebi que o problema não está nas substâncias ingeridas, mas sim no que é a verdadeira causa do exagero em qualquer atividade humana.

Meu instinto de pesquisador me dizia que “o problema” não eram as substâncias e sim “eu”.

Comecei a pesquisar ferrenhamente procurando entender ao máximo aquela doença da “compulsão”, que achava que tinha muito a ver com a “embriaguez de pensamentos e emoções negativas” que percebi em mim.

A tal “compulsão” que afeta muitos grupos diferentes de pessoas, não é somente uma questão de comida ou álcool. É também relacionada a drogas mais pesadas, cigarro, compras, e até dinheiro, como bem sabia, desde o começo.

Em meu inventário pessoal consegui perceber que tinha sido compulsivo até com chicletes. Enchia a boca com eles e mascava até que os músculos da mandíbula ficassem doloridos. Também reconheci que tinha sido compulsivo com biscoitos, comendo até o final da caixa recém-aberta. Mas também fui compulsivo com pessoas que me deviam serviços ou coisas, cobrando delas, insistentemente, por qualquer atraso até chegar ao fatal conflito.

Até na área esportiva fui compulsivo, quando treinei para minha primeira maratona, cultivava a idéia de correr outras 99. Dirigindo carros sempre fui eu que ocasionei os vários pequenos acidentes em que me envolvi. Quando começava com alguma atividade, tinha dificuldades em parar; pensamentos e emoções negativas me dominavam como um gato faria com uma caixa de sapatos.

Para me compreender melhor, cheguei até a assistir um seminário sobre compulsão no centro espírita que estava freqüentando naqueles tempos. Assisti várias palestras entre as quais a de um Juiz que julgava casos que envolviam adolescentes drogados. Era o Dr. Leoberto Brancher, Juiz da 3ª Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre. Em sua palestra, “A Dependência e Seus Reflexos Sociais”, ele usou sua experiência como Juiz e também muito do que estava aprendendo em um curso de especialização em marketing.

O interessante é que, com sua experiência julgando casos de adolescentes drogados e conhecimentos de aprendiz de marketeiro, para seduzir clientes e induzi-los à compra de produtos, ele acabou concluindo que o que leva tantas pessoas a serem compulsivas é o “vazio interior” que a maioria tem. Concordei em gênero, grau e número em minha própria mente, que estava cada vez mais “clara” e “cristalina”. Graças a Deus!

Com todo aquele conhecimento sobre “compulsão” consegui ser muito disciplinado no programa *Body for Life* e antes da 12ª semana já estava com o abdômen bem definido, meu objetivo inicial. Além de deixar completamente de tomar álcool, também parei de me exceder ao comer no domingo, único dia livre na dieta semanal do programa.

Também consegui perceber que minha mente mais clara possibilitava uma maior disciplina.

Com um abdômen bem definido e um corpo “sarado” digno de foto, lá fui eu procurar um fotógrafo profissional que pudesse me fotografar no final do programa, para poder enviar as fotos de antes e depois para os organizadores do concurso que poderia me levar a ganhar 50 mil dólares, caso ganhasse em minha categoria.

As fotos foram tiradas, enviadas e colocadas no site brasileiro (www.easbrasil.com.br) da EAS, empresa que promove o concurso a nível mundial. Foi uma conquista muito motivadora poder olhar meu corpo no espelho e vê-lo todo musculoso e definido.

Durante as doze semanas, além de deixar o álcool e os excessos dos domingos também tinha começado a mudar a dieta, procurando me libertar daqueles suplementos alimentares caros que a EAS vendia.

Já tinha me tornado um “especialista” em como funcionavam os processos nutritivos ideais para obter e manter um corpo perfeito e também sabia a composição que os alimentos deveriam ter e as doses que deveria consumir de cada um deles.

Com toda aquela bagagem de conhecimentos adquirida através de várias leituras, comecei a me dar ao luxo de procurar alternativas mais baratas para os suplementos à base de proteína, os únicos considerados essenciais para fazer os shakes no liquidificador, preparando-se pelo menos três refeições líquidas por dia.

O programa BFL recomendava que se fizessem seis refeições por dia para acelerar o metabolismo, ao invés das clássicas três que a maior parte do mundo ocidental parece fazer. As demais refeições eram sólidas, com comida “normal”, arroz, hambúrguer, batata, brócolis, etc..

Para substituir aqueles suplementos de proteína caros, encontrei a proteína isolada de soja, umas dez vezes mais barata, disponível em embalagens de plástico transparente liso, sem qualquer requinte, na Banca 12 do mercado municipal de Porto Alegre.

Com proteína texturizada de soja, “a carne de soja”, disponível em qualquer grande supermercado, minha esposa se deleitou ao inventar uma receita para fazer “hambúrguer de carne de soja”, que era muito mais econômico do que aqueles hambúrgueres de peru light que costumávamos comprar.

Acho que foi este questionamento do tipo de alimentação “ideal” que fazia sob a orientação do programa BFL, que despertou finalmente meu interesse por algo que me soava “superficialmente estranho”, mas “profundamente familiar” e que tinha ouvido falar uns dois anos antes.

Alguns alunos do curso de Marketing na Internet, que também faziam Amway, comentaram sobre uma mulher nos Estados Unidos que tinha “parado de comer”. Ela e seu marido não comiam nada há mais de um ano e estavam muito bem. Viajavam, davam palestras, nadavam, se divertiam, mas “não comiam”!

Levado pela curiosidade, entrei mais uma vez no site Amazon.com e li a sinopse e comentários do livro *Living On Light* (Viver de Luz), de Jasmuheen, uma australiana loira e bonita que parou de comer desde 1994 e divulga um método espiritual para quem quer passar a se nutrir exclusivamente de prana, Luz, como ela. Fiquei encantado, “enfeitiçado” com tudo que li. Depois, na Submarino.com.br, descobri que este livro já estava disponível em português. Finalmente, por telefone, soube que podia encontrá-lo facilmente na maioria das livrarias de Porto Alegre.

Como já estava embalado durante o segundo programa BFL, com exercícios e alimentação bem definidos, deixei para comprar o livro, que parecia fantástico, somente depois de acabar as doze semanas.

Pedi à minha esposa que me desse o livro de presente de aniversário, mas ela ficou extremamente irritada, mesmo com aquele simples pedido. Assim sendo, esperei pacientemente o momento certo para comprar eu mesmo aquele livro que, pelas críticas que já tinha recebido em casa, me “assustaria” bastante. Achei emocionante e empolgante aquela perspectiva de derrubar mais “muros de tijolos ilusórios” de medo.

Lembro-me de ter ido a uma livraria e folheado o livro algumas semanas antes de comprá-lo e de me sentir em paz, superalegre com tudo o que lia. Uma sensação maravilhosa de Vida e Verdade inundaram o meu Ser, com a simples leitura de alguns trechos daquele que veio a se tornar mais um livro revolucionário no sistema de crenças daquela mente, meu único ativo.

Assim que as doze semanas do BFL terminaram, depois de acumular uma grande bagagem do que significava compulsão, decidi deixar de ir às reuniões do AA e CCA e continuar freqüentando, por mais algum tempo, as palestras da Sociedade Espírita Bezerra de Menezes, um dos mais bem organizados centros espíritas de Porto Alegre.

Mas até isto mudaria com a leitura que estava por fazer, pois viria a descobrir que o Clone Rico ainda tinha muitas pérolas de Sabedoria a me revelar, muito mais Riquezas que eu também queria ter.

Luz, Quanta Luz!

Ler e reler várias vezes *Viver de Luz* foi como começar um mestrado em espiritualidade.

O livro aborda temas para os quais meus conhecimentos anteriores foram necessários para uma boa compreensão. Alguém tinha falado que o centro espírita que eu freqüentava era “organizado como um faculdade”. Agora, com os conhecimentos obtidos em *Viver de Luz*, sentia como se estivesse começando o mestrado.

Algo que me fez pensar assim é que o livro fala de “crenças mortistas” que devem ser eliminadas para que uma pessoa se torne “fisicamente imortal”. Comecei a me incomodar ao ouvir todos os palestrantes do centro espírita falarem de morte o tempo todo, como se aquilo fosse essencial.

No meu íntimo nunca tinha acreditado em morte desde adolescente e aceitava muito bem o fato, que agora aprendia, de que ela não é necessária, como o final de *A Profecia Celestina* também mostra.

Além da idéia de viver de luz me fascinar, também adorei saber que posso utilizar melhor meu cérebro e aprender que a autocura e a imortalidade física também são possíveis. Também achei fantástico saber que é possível aprender a ter experiências sexuais de altíssimo nível que possibilitam a um homem ser multiorgásmico.

Imaginei que o Clone Rico com certeza não precisaria comer para viver, seria fisicamente imortal, teria experiências sexuais muito mais prazerosas do que as que eu jamais tinha tido e, ainda por cima, se divertiria muito mais do que eu, sem ter que parar toda hora para “fazer xixi e cocô”.

Vi naquele livro uma mensagem clara de que o ser humano não precisa nada para ser feliz.

A Felicidade é algo interior, não é preciso nem sequer comer para viver.

Também fiquei ainda mais convicto que a origem de toda aquela tal de “compulsão” é realmente o vazio interior de que o Juiz falou em sua palestra.

Como tinha começado meu terceiro programa BFL de 12 semanas, já tinha estruturado como seriam os exercícios e refeições daquela semana mas, com a leitura de *Viver de Luz*, comecei a me ver tentado a adaptar as refeições como a Voz Interior sugeria: “uma mudança semanal gradual de alimentação sólida para líquida, seguida pela eliminação total do consumo de alimentos por volta da 12ª semana”.

Mesmo fazendo musculação três vezes por semana e exercícios aeróbicos outras três vezes, com a filosofia de superação diária de limites do BFL, comecei a fazer jejuns líquidos no domingo. No primeiro domingo só tomei sucos e me senti muito bem, ainda mais forte do que quando comia “normalmente”.

Tenho de confessar que, até aquele momento, jejuar era algo estranho e até assustador. Achava que podia morrer se parasse de comer. Que ledor engano! Quanta ignorância!

Com o passar das semanas passei a tomar só água aos domingos e a me dar conta que toda aquela dieta complicada com variedade que comia era uma verdadeira bobagem. Achei que não precisava comprar vários tipos de frutas para os shakes. Com a simplificação cada vez maior, acabei tomando somente refeições líquidas todos os dias. Eram seis shakes de banana com proteína isolada de soja por dia. Minha lista de itens para comprar no supermercado ficou muito simples. Só tinha um item comprado em quantidade: bananas. Era legal entrar e sair do supermercado super rápido!

O interessante é que estava cada vez com mais energia, menos sono, e levantando anilhas mais pesadas nas sessões de musculação. Em um dos domingos de jejum, uma vez até brinquei com minha filha, segurando-a pelos pés, de cabeça para baixo.

Bom, mais incrível ainda foi quando eu fui chamado para doar plaquetas de meu sangue para uma mulher que estava precisando. Tinha me proposto como voluntário para doar sangue para ela, depois de saber de sua necessidade por um papel alfinetado no mural do centro espírita.

No mesmo dia em que me candidatei a doador de plaquetas, que é o que os portadores de leucemia precisam, o marido daquela mulher me levou ao Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Lá fui submetido a um exame para saber se estava em condições de doar. Depois fiquei esperando até que ela realmente precisasse de mim como doador.

O marido tinha conseguido uns 16 doadores e estava procurando mais, pois a situação era grave. Mas, apesar de meu sangue estar Ok, eu teria de esperar para fazer aquele tipo de doação pela primeira vez. Nas vezes anteriores tinha doado o sangue propriamente dito.

Desta vez teria de ficar com a agulha espetada em minha veia por umas duas horas, já que o sangue teria de sair de mim e depois retornar, passando antes por uma máquina que retiraria dele as plaquetas que a paciente precisava.

Como as plaquetas teriam de ser coletadas no mesmo dia em que seriam injetadas em minha amiga, ficaram de me chamar quando fosse necessário.

Umás cinco semanas depois, quando já estava fazendo somente dieta líquida, mas ainda sem muita confiança em minha opção dietética, fui chamado finalmente para aquela doação que deveria ocupar pelo menos duas horas de meu tempo.

Ao chegar ao hospital e ser colocado sobre uma daquelas “camas de hospital”, a primeira coisa que fizeram comigo foi coletar uma pequena amostra de sangue para fazer novamente aquele exame que tinham feito cinco semanas antes. Temia não ser aceito como doador, por algum motivo relacionado à minha opção dietética, talvez estivesse fraco ou algo do gênero.

Fiquei pacientemente esperando o resultado do exame, sentindo alguma tensão interior com mais “muros de tijolos ilusórios” de medo que estavam por ser explodidos.

Quando o enfermeiro chegou com o resultado, senti uma grande sensação de vitória, pois ele me disse que o número de glóbulos vermelhos por mililitro de meu sangue tinha aumentado naquele período entre o primeiro e o segundo exames.

Relaxeí completamente depois de ouvir aquela notícia maravilhosa. Confirmei com aquela informação médica que minha saúde tinha melhorado depois que tinha abandonado completamente qualquer alimentação sólida.

Depois de um longo período naquela saleta de hospital, fui liberado e voltei para casa superfeliz por ter estado em condições de ajudar alguém necessitado e também por comprovar mais uma vez que a direção tomada, sob a orientação da Voz Interior, estava certa.

Por outro lado, apesar do sucesso das mudanças que fiz na dieta, senti que estava sendo duro demais comigo mesmo e que seria mesmo necessário fazer o Processo de 21 dias, proposto em *Viver de Luz*, deixando de lado aquela idéia de deixar de comer enquanto continuava com minhas atividades de rotina.

Achei que se fizesse o processo em casa não teria o ambiente adequado, minha esposa já tinha dito mais de uma vez que era “contra” e que tinha medo que eu falasse certas coisas para nossa filha, levando-a a deixar de comer também.

Jasmuheen sugere que se marque uma data para iniciar o Processo de 21 dias. Assim fiz, escolhendo primeiro o lugar que achei que seria o ideal. Durante o inverno a maior parte das pessoas do Rio Grande do Sul vai para a serra e deixa de lado o litoral, com suas praias. Achei que seria interessante e barato um lugar no litoral vazio. Lembrei de um hotel fazenda, cujo proprietário era conhecido de uma prima.

Liguei para o dono do hotel-fazenda Pontal, negocieí um bom preço de baixa estação e paguei adiantado e à vista por um período de três semanas em julho de 2002. Queria me comprometer a ir até o fim com aquela que veio a ser uma das experiências mais maravilhosas em toda esta vida.

Com um novo sistema de crenças ilimitado me desmotiveí completamente com o programa BFL, acabei decidindo encerrá-lo na oitava semana.

Durante as três semanas sucessivas, antes de iniciar o Processo de 21 dias, organizei o material que deveria levar comigo, poucas coisas além de uma quantidade enorme de caixas de suco, para os últimos 14 dias, nos quais poderia beber somente sucos de fruta. Nos primeiros sete dias não poderia comer e beber absolutamente nada.

Naquelas semanas que antecederam o Processo, dei-me a liberdade de comer “o que quisesse”. E “o que queria” em geral era massa, muita massa! Comia como um desesperado, sentindo-me como uma de minhas colegas gordinhas do CCA, em algum momento de compulsão. Tinha emagrecido bastante com as dietas líquidas e jejuns anteriores, mas recuperei tudo e até fui além em meu peso, sabendo que ia perder todos aqueles quilos excessivos logo a seguir.

Pouco antes da meia-noite do sábado que antecedeu o início do Processo comi meu último prato de massa e tomei um copo grande de água. Assim que a zero hora de domingo começou, parei completamente de beber ou comer qualquer coisa.

Por volta de nove horas depois, minha esposa e filha me levaram para o hotel-fazenda e fiquei isolado lá pelos próximos 21 dias. A não ser pelos caseiros, não tive mais contato com encarnados por todo aquele período, com exceção de um telefonema semanal para a casa e para Márcia, uma amiga, especialista em Reiki, que já tinha feito o Processo e me orientou transmitindo confiança e serenidade durante o desmoraamento de mais aquele “muro de tijolos ilusórios” de medo.

Conheci Márcia através de contatos encontrados no site www.projetooprana.com, que coloca em contato as pessoas interessadas em viver de luz e organiza as viagens de Jasmuheen para seus cursos em várias cidades do Brasil.

Ela tinha me alertado que era bom ter muitos livros à disposição para leituras que ocupariam o tempo “bastante longo” quando não se tem “nada para fazer”, sem poder comer ou beber durante sete dias corridos.

Seguindo seu conselho, tinha comprado uns 10 livros que levei comigo. Foram todos livros que a Voz Interior indicou como “os próximos passos” para mim.

Durante os primeiros setes dias não comi, não bebi e nem mesmo assisti televisão. Só li e escutei música relaxante tipo New Age, parava só para botar mais lenha na lareira da sala, onde mantinha o fogo permanentemente aceso de dia.

Parava também para dormir até o amanhecer do dia seguinte, quando recomeçava a ler novamente. Quando acabava um livro começava o próximo e durante todas aquelas leituras minha primeira intenção era me manter mentalmente no Momento Presente, livre do passado e do futuro, completamente ancorado nas sensações do meu corpo e arredores.

Nos primeiros cinco dias, estranhamente não senti nem fome, nem sede, mas quando o sétimo dia começou a se aproximar a sede foi crescendo enormemente. Por outro lado, não tinha nenhuma queda de energia, sentia-me mais vivo do que nunca. Mesmo com a baixa temperatura de inverno, sentia muito calor à noite, saía só de cueca para a área externa da cabana onde estava.

Posicionava a cadeira de forma que pudesse enxergar bem as estrelas do céu que estavam sempre muito brilhantes na escuridão da fazenda. Ficava imaginando o que seres mais evoluídos estariam fazendo em outros planetas ou em outras dimensões. Rezava para que um dia chegasse a minha vez de estar entre eles.

Como Jasmuheen afirma, apesar de estar fisicamente só, me senti muito bem acompanhado durante todos aqueles dias. Senti a presença de meu Anjo e de vários outros Anjos que tinham vindo para me ajudar naquele processo maravilhoso de desintoxicação.

Aliás, para minha surpresa passei muito bem, tranquilamente, sem nenhum grande desconforto, que sei que os “viciados” costumam ter quando deixam as drogas e se desintoxicam. Também passei melhor do que ouvi dizer que algumas pessoas passam quando param de comer, como eu estava fazendo.

Minha leveza espiritual estava cada vez maior, ainda mais com as leituras que tinha escolhido a dedo, de livros como *O Caminho do Mago* e *Como Conhecer Deus*, de Deepak Chopra.

Quando chegou o sétimo dia já tinha lido todos os livros que tinha levado. Planejei reler e aprofundar alguns deles durante as duas semanas seguintes. Aquele que mais me tocou foi *O Caminho do Mago* que depois reli procurando assimilar mais seus conceitos revolucionários para as crenças que minha mente ainda utilizava.

Durante as duas semanas sucessivas também passei muito bem, com um nível de energia tão alto que me levava a querer dar cambalhotas na grama. Não fiz isto na segunda semana, pois o *Viver de Luz* alertava que era importante um período de repouso após a “operação espiritual” que os Anjos tinham feito em mim na semana anterior.

Mas na terceira semana comecei a caminhar cada vez mais longe e a fazer exercícios de yoga na grama, sentindo um sol magnífico, no céu azul, me encher de Luz. Um dia até andei a cavalo! Sentia-me muito bem disposto e extremamente contente ao constatar que realmente era possível viver sem comer, como estava começando a fazer.

Relutei um pouco, mas quando a Voz Interior insistiu que não haveria problema, acabei ligando a televisão durante o oitavo dia e ela se tornou uma grande companheira até o 20º dia, quando minha esposa e filha vieram me buscar para voltarmos para casa no 21º.

Assistindo televisão isolado da rotina normal e das pessoas com quem convivia usualmente, comecei a me identificar com as pessoas que estavam participando dos reality shows (shows de realidade) *Big Brother Brasil 2* e *FAMA*, da Rede Globo.

Como estava sozinho 99% do tempo e procurava viver ao máximo no Momento Presente, comecei a me identificar com os participantes daqueles programas de TV que também estavam afastados de suas famílias e rotinas.

Passei a brincar comigo mesmo com a idéia de auto-observação através de inúmeras câmeras ocultas que “carregava” aonde quer que estivesse. Esta é uma brincadeira que mantenho até hoje e acho muito interessante para fortalecer a atividade de auto-observação. Sou o “voyeur” de mim mesmo.

Outra coisa que também fiz naquelas duas últimas semanas foi uma lista de pensamentos e emoções negativas que ainda me rondavam. A cada vez que uma delas aparecia interiormente eu a escrevia em uma folha de papel separada especialmente para esta finalidade.

Quando chegasse o 21º dia queimaria aquela folha na lareira, uma cerimônia simbólica de libertação daquela negatividade que ainda fazia parte de mim.

Naqueles dias também mudei completamente a concepção de como minha mente e corpo são estruturados. Aprendi em *Mãos de Luz*, de Barbara Ann Brennan, *Viver de Luz*, de Jasmuheen, e nos livros de Deepak Chopra que meu corpo não é somente “físico”, “material”, de “carne e osso”. O corpo físico é somente a ponta de um gigantesco iceberg que sou Eu.

Destes dois livros e de minhas próprias experiências conclui que sou composto de pelo menos quatro corpos: o físico, aquele visível; o emocional, conjunto composto por todas as minhas emoções; o mental, conjunto composto por todos os meus pensamentos; e o espiritual, composto por todas as minhas crenças espirituais.

Aprendi que para mudar algo no corpo físico é importante trabalhar na sua origem, as crenças contidas no corpo espiritual. Assimilei a Verdade de que precisava modificar minhas crenças, se quisesse modificar meus pensamentos, se quisesse modificar minhas emoções, se quisesse finalmente modificar minhas ações físicas.

Por isso a oração é tão necessária. Por isso os AA pedem ao Poder Superior, Deus, que lhes retire suas imperfeições. Só com a ajuda de Deus podemos mudar muitas de nossas crenças limitadoras.

As crenças compõem uma verdadeira rede lógica que determina os limites daquilo que chamo de “minha vida”. Comecei a compreender o que mestres espirituais do passado tentaram transmitir à humanidade com “aquilo que temes, te acontecerá” e “seja feito conforme a tua fé”.

Em poucas palavras: se acreditar em alguma coisa, ela é verdadeira para mim, tornando-se material e sólida em muitos casos. Por isto as crenças mortistas levam à morte, como afirma

Leonard Orr em *Physical Immortality* (Imortalidade Física) e *Breaking the Death Habit* (Quebrando o Hábito de Morrer), e as crenças no envelhecimento levam a ele, como afirma Deepak Chopra, em *Corpo Sem Idade, Mente Sem Fronteiras*.

Claro que estas e outras “crenças” também podem envenenar ou purificar outras áreas de “minha vida”, como a peregrinação mental que estava fazendo indicava. Desde as crenças limitadoras com relação a dinheiro até aquelas com relação à nutrição interferiam em todos os mais minúsculos sucessos e insucessos de cada dia.

“Sua crença é sua sentença!”, gritou a Voz Interior.

Consegui ver a grande confusão que existe no setor de dietas, com os mais variados “especialistas” indicando as mais variadas formas de se alcançar aquele “corpo perfeito”. Já sabia que não podia acreditar muito em nenhum deles, ainda mais agora que via uma forma de nutrição muito mais universal e extremamente social, gratuita, que é prana, Luz, minha principal fonte de energia até hoje.

Passei a crer que não só uma pessoa não morre por “não comer”, como pode se beneficiar enormemente pelo simples hábito de comer menos. Também conclui por outras leituras que o segredo de uma vida longa e saudável é comer pouco ou nada.

Diante de tantas opções de dieta diferentes, que se diferem entre si nas quantidades, tipos e proporções de alimentos acredito que só existe um denominador comum para todas elas, que é prana, Luz, que na verdade é a energia que nos mantém vivos, como diz o Mestre Ascensionado Hilarion, em *Seasons of the Spirit* (As Estações Do Espírito).

Esta idéia é reforçada pelos livros espíritas como *Violetas na Janela*, de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho e *Nosso Lar*, de Chico Xavier, que mostram que os espíritos mais evoluídos não comem nada e nem dormem.

Bom, além de ler a respeito, novas crenças se consolidavam em mim pelas experiências práticas que estava passando.

Mudando tantas outras crenças com a releitura de *O Caminho do Mago*, listando pensamentos e emoções negativas para queima na lareira, e vendo bastante televisão, comecei a ser orientado pela Voz Interior, um grupo de Anjos que falavam comigo dizendo que o próximo passo de minha peregrinação seria uma viagem aos Estados Unidos.

Sempre tive algo que me bloqueava e fazia com que colocasse aquela viagem para mais adiante, mas sabia agora que era importante “assustar-me”. Finalmente conclui que “aquilo” que me bloqueava era simplesmente “medo de viajar sozinho”. No fundo tinha medo das minhas próprias reações sem ter alguém ao lado para incomodar com minhas neuras. Mesmo tendo morado por três vezes na Europa só viajei prá valer quando Marisa foi morar comigo.

Agora me dava conta que precisava enfrentar mais aquele medo que me bloqueava e impedia um maior crescimento profissional e espiritual. Como não estava ganhando dinheiro em commodities recebi orientação para ir aos EUA para conhecer a escola de investimentos de Ken Roberts, com sede em Grants Pass, no Oregon.

Também sabia que é perto dali que fica a Life of Learning Foundation (Fundação Vida de Aprendizado), liderada por Guy Finley, autor de *Os Segredos da Autolibertação*, também lido durante aqueles dias de retiro espiritual no hotel-fazenda. A idéia de conhecer Guy pessoalmente também me inspirava.

Ouvi em alto e bom som da Voz Interior: NÃO ENSINE, FAÇA!

Aquela idéia de fazer ao invés de ficar tentando ensinar os outros era nova para mim. Reconheci que tinha passado toda a minha vida adulta querendo ensinar os outros, logo após ter lido algum conceito novo em algum livro. O hábito de querer “dar uma de professor” com as pessoas ao meu redor foi muito nocivo para os relacionamentos que sempre acabavam com algum conflito.

Apreendi com os Anjos que “não ensinando, mas fazendo” estaria na verdade ensinando da melhor forma possível, pelo exemplo, pela ação e não por palavras vazias.

Recebi um plano para ir aos EUA conhecer pessoalmente Ken e Guy e aprender mais sobre commodities para poder finalmente ganhar dinheiro naquele que ainda acreditava ser o negócio principal do Clone Rico.

O 20º dia do Processo chegou junto com Marisa e Naomi, pela manhã. Foi muito bom revê-las e entregar um poema à minha esposa feito em um dos momentos de inspiração que tive durante aqueles dias sem comer, mas cheios de energia.

Adorei rever minha filha também. Foi muito legal observar seus olhos brilharem ao ver os pavões abrirem seus rabos coloridos e levá-la até as margens da lagoa. Também estava fascinado por que conseguia levantá-la com a maior facilidade e colocá-la “na cacunda”, sobre meus ombros, para carregá-la por caminhadas bem legais.

Fizemos um passeio de charete e também tive energia e clareza de mente para conduzir com habilidade o cavalo teimoso de queixo duro que nem sempre queria ir para onde nós queríamos.

Na manhã do 21º dia vi se transformarem em cinzas no fogo da lareira cada uma das cinco folhas de papel A4, repletas de pensamentos e emoções negativas escritos em vermelho. Senti um grande alívio e maior limpeza mental ainda depois daquela cerimônia.

Mais tarde, em um momento a sós com minha esposa, disse a ela que meu próximo passo seria a viagem aos EUA. Ela ficou furiosa comigo, dizendo que mais uma vez a deixaria “com tudo por fazer sozinha”, sem me envolver nos negócios da empresa.

Nas duas semanas sucessivas foi difícil ouvi-la repetir que eu não dava atenção para ela, não me interessava por nossa filha e que, ainda por cima, estava fazendo algo que ela era “contra”.

O interessante é perceber que cada vez mais eu estava ancorado no Momento Presente, com sensações de leveza espiritual maiores e menos preocupado com o que os outros fossem falar ou pensar a meu respeito.

Tinha superado o medo da crítica há muito tempo, ainda mais depois da experiência do cabelo longo que já tinha sido cortado curto novamente. Não estava mais buscando a “aprovação dos outros” como Guy Finley sugere em *Os Segredos da Autolibertação*.

Mesmo sabendo da grande negatividade que os programas de televisão contém, tinha voltado a me interessar por eles e agora mantinha o novo hábito. Comecei a me interessar por programas de notícias e até política, algo completamente novo para mim.

Assisti o primeiro debate do Lula e outros três candidatos a Presidente. Tive a nítida visão de que ele ganharia por estar se comportando como um vencedor e também me vi votando nele, algo completamente inconcebível com meu sistema de crenças antigas.

Outra coisa que vi, diante da instabilidade do período pré-eleitoral, foi a oscilação muito forte do dólar que levava uma parte inferior de mim a questionar a validade da viagem aos EUA. O dinheiro que tinha estava todo em reais e precisava comprar dólares.

Sentia medo de continuar com aquele plano que me foi revelado pelos Anjos. Procurando me fortalecer procurei o conselho de Jair, grande amigo que é guarda em nosso condomínio de casas e frequenta a igreja universal do reino de Deus. Costumo ter altos papos espirituais com ele. Na ocasião Jair me lembrou de homens corajosos da *Bíblia* e disse que eu deveria prosseguir, enfrentando mais aquele “muro de tijolos ilusórios” de medo. “Quem está com Deus não precisa temer nada!”, disse ele.

Mas com a experiência em commodities achei que se o dólar tinha subido tão rápido ele também desceria rapidamente, pelo menos a metade do que tinha subido antes. A Voz Interior me orientou para comprar no momento exato da queda prevista. Assim fiz, comprando sete mil dólares.

Marquei a data da viagem para 12 de agosto de 2002. Neste dia embarquei para os EUA para um período de extremo aprendizado sobre o Clone Rico que viria a ter um tremendo impacto em mim.

Vivendo Um Filme

Embarquei para os EUA com a idéia de estudar commodities e permanecer lá por um mês, mas algo em mim queria que eu ficasse lá pelo menos seis meses e voltasse ao Brasil como milionário.

Além disso a Voz Interior queria que eu aprendesse mais sobre assuntos espirituais. O impasse estava na curta largura dos sete mil dólares que carregava comigo.

Mas a Voz Interior também insistia constantemente que “é dando o primeiro passo” e “me assustando cada vez mais” que “os próximos passos são revelados”.

Era algo maravilhoso viajar sozinho para os EUA, país que sempre tinha sido alvo da minha curiosidade pelos filmes que assistia. Mas ao mesmo tempo sentia o barulho e a consistência muito dura de todos os tijolos que eram finalmente quebrados e derrubados em mais este “muro de tijolos ilusórios” de medo que existia em minha mente.

Sempre procurando me manter mentalmente no Momento Presente, continuei sem dar bola para os tremores interiores do terremoto emocional que estava provocando dentro de mim. Seguiu a orientação da Voz Interior e mantinha a convicção de que depois dos muros derrubados, como nas vezes anteriores, viriam sempre mais e mais descobertas muito favoráveis ao meu crescimento pessoal e profissional.

Também tinha de enfrentar outro “muro”, o do relacionamento conjugal que estava abalado com minha firmeza de propósito quanto à ida sozinho para os EUA e pela leveza de espírito que me levava a não querer controlar mais ninguém.

Durante muito tempo tinha procurado controlar a tudo e a todos ao meu redor, mas agora esta necessidade de controle estava caindo por terra, principalmente depois da leitura de *O Caminho do Mago*.

Marisa não conseguia compreender minha mudança e o modo como conseguia vê-la esbravejar comigo sem revidar e gritar com ela de volta. Mantinha-me tranqüilo e relaxado, cada vez com a mente mais límpida, sem querer acumular novos débitos cármicos que exigissem novos perdões.

Acho que ela sentia que estava “perdendo alguma coisa” e por isto brigava comigo. Mantive a calma e não me conectei a emoções negativas por vários dias, mas a um certo ponto comecei a considerar a idéia de me divorciar dela. Chegamos até a conversar sobre o assunto e foi neste clima de separação, não só física mas também legal, que nos despedimos no aeroporto de Porto Alegre.

Durante os vôos de Porto Alegre para São Paulo, São Paulo para Miami e Miami para São Francisco e depois mais de sete horas dirigindo um Ford Focus novinho, alugado para poder ir até Grants Pass, uns 700 km ao norte de SF, só procurava me manter o mais possível no Momento Presente, sem pensar em nada.

Mas uma parte menos elevada de mim me indicava que o caminho do divórcio era claro e que poderia buscar um relacionamento amoroso com alguma americana que me possibilitasse um ponto de referência nos EUA. Assim poderia permanecer lá por mais tempo com os meus poucos dólares, a fim de realizar meu sonho de riqueza de me tornar um milionário. Que plano mais óbvio, não é mesmo?

Cheguei a Grants Pass por volta de 10 da noite, após ter passado umas oito horas dentro do carro e apreciado paisagens maravilhosas na estrada 101 da costa pacífica dos EUA. Estava maravilhado com o fato de realmente não estar comendo nada. Só tomava água e eventualmente sucos. Achava aquilo o maior barato, ainda mais sabendo que não teria de gastar nada em comida, que geralmente é um custo alto neste tipo de viagem.

Achei um motel, dormi e no outro dia acordei cedo para “estudar” a cidade. Comprei um mapa e procurei conhecer as ruas principais, passeando de carro. Conheci a Biblioteca Pública, onde alguém na rua me falou que o acesso à internet era gratuito. Depois fui à Ken Roberts Company e conversei por algum tempo com um dos Course Counselors, profissionais pagos para orientar estudantes dos cursos de Ken. Era uma quarta-feira.

Depois do bate-papo instrutivo com Anthony, fui passear novamente pela cidade e no final da tarde me dirigi a Merlin, cidadezinha a uns 10 km de Grants Pass, para visitar a Life of Learning Foundation.

Fui muito bem recebido lá e aproveitei para ficar e participar da aula espiritual de Guy Finley, que havia todas as quartas-feiras e domingos. Na metade da aula houve uma pausa e as pessoas da platéia que quisessem podiam subir no palco e, com microfone, dar testemunhos.

Aproveitei a primeira brecha e lá fui eu enfrentar a primeira platéia de americanos em minha vida. Falei um pouco sobre toda a experiência mental, espiritual e física que estava tendo, a partir do momento em que tinha decidido seguir com carinho os ensinamentos de Ken e Guy. Mas não contei que não estava comendo nada há mais de um mês. Não queria “assustar” a platéia e achei que o assunto não era pertinente.

Quando fiz o curso *Amazing Technique for Success* (Técnica Espantosa para o Sucesso), tinha aprendido que para “me assustar” prá valer é importante enfrentar o medo número 1 da maioria dos seres humanos: falar em público.

Depois tive a oportunidade de enfrentar platéias pequenas nas reuniões de AA e CCA. Estas platéias eram em geral compostas de pessoas que tinham sido “estragadas” pelos efeitos das drogas lícitas e ilícitas. Os lugares eram simples, sem qualquer luxo, com aluguéis baixíssimos, muitas vezes salas de aula em igrejas.

Agora em Grants Pass estava em frente a uma platéia de pessoas “supostamente normais” em uma cidade do país mais rico do mundo, em um salão bem amplo, com pé direito bem alto, e com o mais alto luxo em termos de tecnologia. Havia até microfone e cadeiras confortáveis, além de um pequeno palco.

A língua falada era o inglês, o que desde Miami me dava a impressão de estar “vivendo um filme”. Tanto na TV a cabo, como no cinema sempre tinha visto filmes e seriados americanos em inglês original. Mas, apesar de todas as aparências, tive a sensação de estar novamente à frente de pessoas “estragadas”, neste caso pela “droga” mais pesada que existe, pensamentos e emoções negativas.

Após o final da aula, cumprimentei com muito entusiasmo Guy e Ken, que também estava lá. Depois conversei um pouco com algumas pessoas e finalmente voltei a Grants Pass para procurar um hotel para passar a noite.

No dia seguinte passei horas à procura de uma solução econômica para passar um mês inteiro naquela cidade. Peguei preços e olhei hotéis, motéis, apartamentos, casas, trailers, qualquer coisa, até mesmo uma barraca para poder acampar em algum camping.

Aquela procura foi frustrante, muitos dos hotéis em que estive não eram de boa qualidade, estavam cheios ou seus preços eram muito caros, devido à alta temporada de verão. A cidade estava lotada. O preço para acampar não compensaria dadas as inconveniências do tipo de acomodação. Alugar um apartamento deveria ser por, no mínimo, seis meses e precisaria apresentar documentos que comprovassem meu histórico de bom crédito nos EUA, algo que não tinha.

No final da tarde, depois de ter conhecido a maioria dos hotéis de Grants Pass e estar em um estado mental confuso, a Voz Interior começou a gritar cada vez mais forte que eu deveria parar tudo e ir comer um donut.

Apesar de não estar comendo nada e achar o maior barato poder viver assim, também queria apreciar coisas americanas difíceis de encontrar no Brasil. Tinha decidido na véspera que um donut, bolinho com um furo no meio, por dia estaria bem como minha “diversão com alimentos” naqueles dias.

Enquanto comia o donut e tomava uma diet coke (coca light), a Voz Interior começou a conversar comigo novamente. Lembrou-me que Deus está cuidando de mim e que não devo ficar me resignando com lugares que não tenham o mínimo de conforto indispensável para que eu possa “cumprir minha peça no Plano Divino”, como li em *Em Sintonia*, de Jasmuheen.

Procurando voltar ao Momento Presente e sem me preocupar mais com o “longo” mês que pretendia passar naquela cidade, fui para o Motel 6, que tinha bom preço se ficasse lá só alguns dias e acomodações ideais para o que pretendia: televisão, chuveiro quente e frio, cama e ar condicionado, que naqueles dias era fundamental, com o calor muito forte que estava fazendo.

Na manhã seguinte, sexta-feira, acordei e fui para a Ken Roberts Company levando comigo um presente para Ken, uma escultura. Cheguei à recepção, entreguei o presente à recepcionista para que ela o entregasse a Ken e fui conversar novamente com outro Course Counselor, para tirar mais dúvidas sobre commodities.

Enquanto estou conversando com Paul, chega um senhor bem alto com cabelos brancos, de óculos, terno e gravata, muito elegante e com uma postura muito ereta. Aparentava no máximo uns 68 anos.

Ele também queria aprender mais sobre commodities. Tinha vindo a Grants Pass pelo mesmo motivo que eu, só que de Los Angeles, onde morava. Seu nome era Harry.

Tinha uma mente muito esperta e atenta para um homem de 68 anos, o que dava para perceber a cada explicação que Paul nos deu durante as próximas horas.

Só que, no meio das conversas mais técnicas, Harry provocou conversas amistosas e pessoais em que nos apresentamos melhor para saber mais uns sobre os outros.

No meio destas conversas Paul e eu ficamos impressionados ao descobrir que Harry tinha 92 anos e não os 68 que pensávamos originalmente. Foi realmente fantástico ter contato com aquele exemplo vivo de que era possível envelhecer melhor do que tinha observado em meus avós e bisavós nas famílias de papai e mamãe.

Imediatamente compreendi que ali havia algo, alguma Mensagem Divina, para mim. Nas semanas e meses anteriores tinha lido muito sobre envelhecer bem, deixar de envelhecer completamente ou mesmo rejuvenescer em livros como *A Fonte de Juventude I e II*, de Peter Kelder e *Corpo Sem Idade, Mente Sem Fronteiras*, de Deepak Chopra.

Como meus novos amigos também quiseram saber mais a meu respeito, acabei lhes contando que pretendia ficar um mês naquela cidade para poder voltar ao Brasil sabendo o máximo que pudesse sobre commodities.

Disse também que até seria melhor ficar nos EUA por mais tempo para poder praticar e voltar com sucesso. Acho que Harry ficou impressionado comigo também porque a um certo ponto, para minha surpresa, me convidou para ir a Los Angeles e ficar em sua casa “quanto tempo quisesse”.

Quando ouvi aquela expressão “mágica” achei incrível o modo como Deus trabalha “escrevendo certo por linhas tortas” como a sabedoria popular diz no Brasil.

Naqueles dias a parte interior mais obscura me levava a acalantar a idéia de procurar uma mulher para ter um caso e poder ficar com ela nos EUA, eventualmente até obtendo um Green Card. Mas agora aparecia diante de mim não uma mulher, que no final seria também uma fonte de muitos problemas, mas um velhinho de 92 anos super lúcido, com quem a Voz Interior me dizia que poderia aprender muito, na prática, sobre a arte de viver bem.

Procurei não dar a impressão de estar muito alegre, mas por dentro meu coração pulsou mais forte. Fiz um pouco de onda, mas acabei aceitando o convite de Harry, motivado principalmente pela idéia de que ele também queria fazer fortuna com commodities e queria alguém com quem pudesse aprender junto e acelerar aquele processo de enriquecimento. Nós dois éramos fãs de Ken.

Ele tinha dito que sua esposa tinha falecido em 1996 e que, desde então, vivia sozinho em sua casa de 10 cômodos. As duas filhas estavam há muito tempo crescidas e vivendo em cidades distantes de LA. Uma morava em La Vernia, no Texas e a outra, em Santa Maria, também na Califórnia, ao norte de LA.

Harry e eu combinamos de nos encontrar no dia seguinte, sábado, para ir ao parque de diversões. Ele que teve a idéia e me convidou. Achei estranho, mas aceitei, era uma oportunidade para conhecer melhor o meu futuro anfitrião.

Sábado pela manhã participei de um trabalho de caridade na Life of Learning Foundation com outros estudantes de Guy. Na ocasião também vi fotos da construção daquele prédio tão bonito, que foi feito, desde seus fundamentos, completamente com a ajuda desinteressada de pessoas como aquelas com quem estava convivendo.

No início da tarde de sábado encontrei Harry em sua pousada. Deixamos o meu carro e pegamos o dele, também alugado. Ele dirigia quando fomos até o parque. Decidimos andar de roda gigante, algo que nem ele nem eu fazíamos há muitos anos. Ele muito mais anos do que eu! Ele tirou várias fotos da paisagem montanhosa ao redor, durante as paradas da roda no alto.

Foi uma companhia muito agradável. Achei muito divertido passear com este homem que, pela idade, poderia ter sido meu bisavô. Também fomos ao cinema e depois nos despedimos, novamente em frente à sua pousada, onde peguei de volta o Ford Focus dourado alugado.

No domingo de manhã, bem cedo, ele voltaria para Los Angeles. Combinamos que eu enviaria um email confirmando o dia de minha chegada lá, para que ele pudesse me apanhar no aeroporto com seu carro. Ele dirigia sem a menor dificuldade.

Com o encontro imprevisto com Harry acabei mudando meus planos de ficar um mês em Grants Pass e decidi ir para Los Angeles na quinta-feira seguinte, 9 dias após ter chegado aquela cidadezinha encantadora, no meio das montanhas do Oregon. Dirigiria todos os quilômetros de volta de Grants Pass a San Francisco e pegaria um avião de lá para LA.

Durante os dias em que ainda fiquei em Grants Pass fiz várias amizades com o pessoal muito legal da Life of Learning Foundation. Um jovem casal acabou convidando a mim e a um rapaz espanhol para passar uns dias em sua casa, em Ashland, uns 30 km ao sul de GP.

Foi ótimo! Gostei muito de poder sair do hotel e conviver com pessoas locais para aprender mais sobre a cultura americana, mesmo antes de ir morar com Harry.

Luís tinha vindo da Espanha especialmente para passar uns dois meses em contato direto com Guy. Depois descobri, conversando com Ralph e Mindy, que a exemplo deles mesmos, muitas outras pessoas que freqüentavam a fundação, como o próprio Ken, tinham se mudado para a área de Grants Pass, especialmente para ficar próximas a Guy Finley e seus ensinamentos espirituais.

Com mais aquela peça que se encaixou perfeitamente em meu “quebra-cabeça mental”, montado ao longo da peregrinação que estava fazendo, percebi nitidamente que a origem de todo o sucesso material do investidor e “guru” em commodities Ken, provinha de uma base espiritual muito sólida. Algo que ele mesmo confirmava, através de seus trabalhos no setor do Despertar Espiritual. Trabalhos que tinham sido inspirados por conversas com Guy Finley.

Guy é um “mestre espiritual moderno”, que consegue adaptar conceitos eternos de Sabedoria ao cotidiano do mundo ocidental. É mais fácil entender Guy do que Lao-Tzu, por exemplo.

Todas aquelas novas informações me chamaram a atenção, reforçando ainda mais a convicção de que a “Estrada Espiritual” teria sido percorrida pelo Clone Rico há muito tempo e com muito sucesso. Acho que ele visitou o site www.guyfinley.com muitas vezes antes de mim.

Com o convívio mais intenso, meus novos amigos ficaram impressionados porque eu não estava comendo nada e ao mesmo tempo tinha um monte de energia. Acordava mais cedo do que eles, fazia exercícios físicos, estava sempre bem humorado e bem disposto. Na Life of Learning Foundation uma senhora chegou a me chamar de Mr. Energy, por me ver sempre rápido de lá para cá, com muita energia.

Também estava impressionado, ainda mais com a aceitação, mesmo que espantada, que estava recebendo. Durante as refeições eles me faziam dezenas de perguntas para entender melhor como funcionava. Estavam interessados, até anotaram o nome do livro da Jasmuheen e demonstraram vontade de fazer o Processo de 21 dias também.

Luís foi quem mais quis saber e aprofundar o assunto. Até me disse que antes de ir para os EUA estava pensando em jejuar por um tempo, mas não tinha conseguido dada a convivência na cultura americana altamente baseada em comida. Ironicamente, ao procurar socializar e fazer amizades, em geral era ele que cozinhava nos encontros com o pessoal da fundação.

Quando chegou a quinta-feira, por volta de 5 horas da manhã, peguei o carro alugado e, deixando um bilhete de despedidas para Ralph e Mindy, fui em direção a San Francisco, desta vez por uma auto-estrada que não costeava o Pacífico, mas que também era bem bonita.

Mesmo com a certeza do carinho com que continuaria a ser tratado em Grants Pass, mais uma vez mergulhei no desconhecido.

Grande era a expectativa quanto ao que mais o Clone Rico teria aprendido em experiências como as que me esperavam em Los Angeles, com a convivência com Harry.

“Bruxo” Harry e Seu Feitiço

Passear com Harry em Grants Pass já tinha sido muito surpreendente, não era só eu que me impressionava com sua juventude.

A cada encontro casual com alguém, o próprio Harry se refestelava com a surpresa das pessoas ao saberem sua verdadeira idade. Era muito difícil acreditar que um homem de 92 anos andasse por aí bem disposto e sem dar qualquer sinal de problemas de saúde.

Quando tinha 21 anos de idade, calculei a média da longevidade de minha família e estabeleci que morrer aos 85 anos estaria bom para mim, suficiente para concluir o que vim realizar nesta vida, achava.

Naquela época assisti a forma triste com que meu avô paterno se enfraqueceu e depois morreu com apenas 73 anos. Mais recentemente acompanhei a forma também triste e enfraquecida como morreu meu avô materno.

Por ter acompanhado de perto o declínio destes dois homens que admirava, era levado a acreditar que meu destino seria semelhante. Mas todas estas crenças quanto a envelhecimento e longevidade mudaram desde as leituras de *Viver de Luz*, *Corpo Sem Idade*, *Mente Sem Fronteiras* e *A Fonte da Juventude I e II*.

Encontrar Harry foi como ver e poder tocar a personificação, na prática, de alguém que estava vivendo muito melhor do que todos os meus avós e bisavós tinham vivido, depois de “velhos”. Harry veio para mim como a confirmação de muito da teoria que tinha recém-aprendido.

Fui para a sua casa em Los Angeles, com a certeza que o convívio com ele mudaria minha própria concepção de vida e de como viver bem.

Realmente fui muito recompensado com a observação diária dos bons hábitos deste homem que começou a jogar golf aos 80 anos e tem uma turma de companheiros neste esporte com média de sessenta e poucos anos de idade. Vendo Harry acompanhado destes parceiros poucas pessoas acreditavam que ele era quase trinta anos mais velho do que eles.

Algo havia lá para descobrir e reforçar em meus conhecimentos sobre como permanecer jovem. Meu instinto de pesquisador foi muito aguçado, colocando-me plenamente no Momento Presente para observar não somente a mim, mas também aquele que se tornou um grande amigo que, de forma simples, foi compartilhando seus segredos comigo.

Quando cheguei à sua casa, Harry me colocou em um dos quartos que as filhas utilizavam quando ainda moravam lá. Um quarto muito confortável, com cama de casal, cômoda e criado mudo.

No princípio, como não precisava comer, minha única ocupação era ler. Comprei muitos livros que há muito esperava para ler e que eram mais baratos nos EUA. Então lia, tomava sucos e água, tomava banho de sol no jardim, estudava commodities com ou sem Harry, respondia suas inúmeras perguntas sobre como utilizar melhor o computador, a impressora e o fax de seu escritório e também era apresentado a alguns vizinhos, de vez em quando.

Logo no primeiro dia Harry me ensinou a arrumar minha cama, da mesma maneira minuciosa que tinha aprendido com a esposa. Também me ensinou a usar as máquinas de lavar e secar roupa, para que as usasse pelo menos uma vez por semana, “higiene é uma das coisas que mantém a saúde”, dizia ele.

Então eu acordava todos os dias cedo, arrumava a cama e lavava todas as roupas de cama e de uso pessoal, pelo menos uma vez por semana.

Todos os dias pela manhã, enquanto estava envolvido em meus afazeres, ouvia Harry dizer um alegre “good morning!”, bom dia em inglês, o que era muito empolgante para mim. Procurava responder com o mesmo entusiasmo para lhe retribuir a energia que me transmitia.

Depois ele me disse que, há dezenas de anos todos os dias depois que se levanta, toma um banho de chuveiro bem quente, finalizado com uma chuvarada gelada. O choque térmico lhe dá uma ótima disposição, que dura até a noite.

Em geral, por volta de 23:00 horas, ele ia dormir. Eu lhe desejava uma boa noite com bom sono: “Have a nice sleep!”. Ele respondia que sempre tinha bom sono: “I will, I always do it!”.

De vez em quando íamos ao supermercado juntos. Às vezes Bud, seu vizinho da casa da frente, ia conosco.

Não foi raro alugarmos alguma fita de vídeo no Block Buster para assistir em sua TV de 50 polegadas, quando não assistíamos uma das fitas que Harry tinha em casa, com shows de vários comediantes como Bob Hope, Bill Cosby, Jerry Lewis e Lawrence Welk.

Certa vez assistimos por algumas noites seguidas uma coleção de fitas muito instrutiva que contava a conquista do oeste americano. Também assistimos juntos as fitas dos cursos sobre commodities de Ken Roberts.

Uma vez à tarde, enquanto lia deitado em minha cama, vi Harry levar o aspirador de pó para a cozinha. Perguntei se queria ajuda e ele respondeu “no”. Limpou sozinho a cozinha. A faxineira contratada só vinha uma vez por mês. Para o jardim, que ele cuidava diariamente, havia um jardineiro que vinha cortar a grama uma vez por semana.

Meu novo amigo estava sempre alegre, bem disposto e procurando aprender mais sobre como utilizar melhor seu computador e a internet. Trocava emails regularmente com uma lista bem grande de amigos, tanto de Los Angeles como de outras partes do país.

Fiquei impressionado quando comprei o programa *eyeQ* para acelerar minha velocidade de leitura. Este software utiliza técnicas visuais para fortalecimento dos músculos dos olhos, com objetos que se movem na tela do computador (www.eyeQ.com). Harry se mostrou extremamente interessado, querendo acelerar sua velocidade de leitura também!

No quarto em que eu dormia um dia encontrei um curso de memorização acelerada com dezesseis fitas cassete, o *Kevin Trudeau's MEGA MEMORY* (www.megamemoryforless.com). Pedi a ele, que me deixou usá-lo. Depois também me emprestou o livro *The Trachtenberg Speed System of Basic Mathematics* (O Sistema de Velocidade Trachtenberg para Matemática Básica), de Ann Cutler, sobre um método muito eficiente para fazer cálculos mentais com números grandes, adição, subtração, multiplicação e divisão aceleradas, sem uso de calculadora. Passei vários dias aprendendo e praticando aquele método matemático. O cubo mágico que achei ao lado da poltrona de Harry também foi minha diversão por alguns dias.

Compreendi que aquele homem com mente tão sagaz já vinha investindo há dezenas de anos na superação de seus próprios limites mentais. Este era mais um de seus segredos.

Vários móveis de sua casa tinham sido feitos por ele. Aprendeu com seu pai que, além de ter outra profissão, também foi hábil como marceneiro e fazia violinos, algo que é uma verdadeira arte para se obter um instrumento realmente perfeito.

A estante de livros da sala de estar, onde assistíamos televisão, foi feita por ele e estava recheada de livros que fui lendo cada vez mais rápido com o método que estava aprendendo e praticando no computador.

Conversávamos muito e mais de uma vez ouvi Harry contar que viveu 51 anos com a esposa sem nunca ter brigado com ela. A primeira vez que me contou isto foi em Grants Pass. Naquela ocasião disse a ele, talvez de propósito, que tinha intenções de me divorciar, logo depois de lhe mostrar a foto com Marisa e Naomi abraçadas, que carrego em minha carteira. Acho que o objetivo foi ver qual seria a sua reação.

Ele foi terminantemente contra e desde então insistia comigo que se ele tinha conseguido viver 51 anos com a esposa sem brigar, então eu também poderia conseguir. Desde o começo achei

aquela uma façanha digna de um verdadeiro “bruxo”. Vi meus próprios pais brigarem durante os vinte e cinco anos que viveram juntos. Eu mesmo já tinha brigado uma infinidade de vezes com minha esposa e sabia de muitos outros casais que tinham conflitos com frequência.

Assim sendo desde o início fiquei muito interessado em saber como se realizava aquele “feitiço” que evitava conflitos, berros, gritos, algum safanão ocasional, ameaças de separação, muita carga negativa, longas discussões chatérrimas para evitar o próximo conflito e também pedidos de desculpas igualmente chatos.

O mais interessante é que o feitiço é espantoso não só pela magia aplicada a um único conflito, mas também por evitar sua repetição durante um longo período como 51 anos. Este feitiço elimina a “compulsão por conflitos”, tão comum entre os seres humanos. Acho que ele se aplica até para o casal Bush e Saddam.

Meus ouvidos estavam atentos para captar aquela mensagem por que, mesmo pensando em divórcio, meu coração ainda tinha esperanças de voltar a me relacionar bem com Marisa. Ainda mais porque tínhamos uma filha. Harry insistiu dezenas de vezes que eu “devia à minha filha” a permanência em minha casa e família.

Com esta dívida contraída e reconhecida e a vontade de acompanhar de perto o crescimento daquela criança que tanto amava, cada vez mais queria acreditar na eficácia do “feitiço” do Harry. Assim, logo após aquele aprendizado de “bruxo”, vim a melhorar muito meu relacionamento conjugal, inicialmente por email mesmo, seguindo dicas que Harry me soprava, quando ficava ao meu lado enquanto eu elaborava as mensagens para Marisa.

Aquele “feitiço” me dava esperanças de um relacionamento melhor com aquela mulher com quem um dia quis me relacionar mais intimamente por ter “um belo par de coxas” e uma forma maravilhosa de escutar meus papos, difíceis de serem seguidos pela maior parte das namoradas que tive.

Antes de Marisa não tinha namorado ninguém por mais de um mês; mais cedo ou mais tarde sempre achava algum defeito em cada uma delas. Hoje acredito que o principal defeito que achava é que não conseguia “conversar” com elas. Não era uma questão de corpo físico, mas de corpo mental. Realmente seria uma perda muito grande acabar com aquele relacionamento no qual ambos havíamos investido tanto tempo. Além disso havia um vínculo ainda mais forte, nossa filha.

Harry conta abertamente seu “segredo” para quem quer que queira ouvir. Ele ainda ama muito sua esposa e gosta de relembrar os anos felizes que passou com ela e suas duas filhas.

Disse a mim e a outras pessoas que o conhecem que todas as noites quando ia dormir ele e sua esposa dormiam esquecendo completamente qualquer eventual desafeto do dia passado juntos. No outro dia acordavam e viviam o novo dia sem fazer qualquer menção ao dia anterior. Também não passavam muito tempo conversando sobre o futuro ou como ele “deveria” ser.

Viviam o Momento Presente, pensei eu, livres do passado e do futuro!

Por acaso, se os dois tivessem algum início de conflito, Harry disse que, quando sentia que ela estava irritada, ele simplesmente não respondia, deixando-a “esfriar” sem agredi-la, para só depois terem uma conversa “como adultos”.

Caso fosse ele a sentir alguma irritação crescente, parava completamente tudo o que estivesse fazendo, saía de casa e dava uma volta na quadra. Esta caminhada invariavelmente resultava no completo esquecimento da irritação e na recordação do amor que sentia por ela. Quando voltava para casa estava completamente tranquilo e relaxado, alcançando plenamente o objetivo de evitar o conflito.

Ao ouvir suas palavras lembrei do que aprendi no Alcoólicos Anônimos quando eles dizem uns aos outros “mais 24!” desejando que todos alcancem o único objetivo que tem: permanecer as próximas 24 horas sem beber.

Esta é a única meta que uma pessoa precisa ter para se livrar do hábito de beber álcool. Se sua mente estiver focalizada no propósito de não beber o primeiro gole durante o período das 24 horas seguintes, ela poderá se manter sem beber durante muitos anos e décadas.

Aprendi a colocar o método em prática para deixar não só de beber álcool, mas também para eliminar as emoções negativas que me dominavam, depois do “primeiro gole” de uma delas. E funcionava!

Harry agora comprovava a eficácia do método do AA, e também confirmava o que aprendi em *Corpo Sem Idade, Mente Sem Fronteiras*:

“Somente o momento presente existe; passado e futuro são projeções mentais. Se você puder se libertar dessas projeções, tentando nem reviver o passado nem controlar o futuro, abre-se o espaço para uma experiência completamente nova – a experiência do Corpo Sem Idade e da Mente sem Fronteiras.”

O bacana é que Harry confirmou muito do que eu tinha aprendido sobre a ciência do rejuvenescimento, do manter-se jovem e também daquela forma maravilhosa de viver de forma mágica, como Ken Roberts dá uma idéia em *A Richman's Secret* (O Segredo de Um Homem Rico).

O “feitiço” que Harry ensinava para quem quisesse ouvir e que o estava mantendo jovem, plenamente apto e saudável, com um tempo de cicatrização de feridas extremamente rápido, sem precisar usar qualquer remédio e mesmo consultar médicos, é simplesmente manter-se no Momento Presente!

Convivendo com Harry, confirmei o que tinha lido sobre rejuvenescimento e imortalidade física.

Minhas crenças com relação a mim mesmo foram mudando completamente até que desmantelei completamente a maneira antiga de programar minha vida. Antes disso “já estava chegando à metade desta vida”. Ainda aceitava pensamentos que diziam que viveria só até os 85 anos.

Também percebi a verdade que há na idéia não-convencional de “viver sem envelhecer”, o envelhecimento é o resultado da crença de que ele é necessário, somado ao mal uso do veículo, o corpo físico.

Para viver sem envelhecer é preciso eliminar qualquer energia negativa e viver plenamente o Momento Presente, um lugar onde, de qualquer forma, não se acumulam aquelas emoções limitadoras.

Esta nova percepção foi reforçada ainda mais com as leituras dos livros sobre imortalidade física de Leonard Orr, *Physical Immortality* (Imortalidade Física) e *Breaking the Death Habit* (Quebrando o Hábito de Morrer) e da *Fonte da Juventude II*, de Peter Kelder. Soube de pessoas que viveram mais de 600 anos, mantendo o aspecto de 25 anos.

Fui começando a crer que posso ser imortal fisicamente, além de já sê-lo como espírito. Acredito que posso manter o aspecto físico atual, mantendo o corpo que tinha quando adolescente. Algo que constatei muitas vezes, pela surpresa das pessoas quando dizia minha idade real.

Sempre me cobravam meia entrada nos cinemas que freqüentei em Los Angeles. E uma vez achei o maior barato ser obrigado a apresentar minha carteira de motorista para comprovar minha idade maior, a fim de poder comprar uma garrafa de vinho no supermercado, para o Harry. Nos EUA a lei proíbe que menores de 18 anos comprem bebidas alcoólicas.

Não me imponho mais aquele pensamento ultrapassado de estar alcançando a metade de minha vida e que daqui a pouco vou precisar me aposentar por não ter mais condições de trabalhar. Esta idéia disseminada em nossa cultura me deixava deprimido às vezes, principalmente ao julgar os meus feitos, até então, como pequenos. Sentia a “pressão do tempo que está por se acabar”, antes eu possa realizar mais coisas nesta vida.

Agora penso completamente diferente, acredito que estou só começando esta vida, principalmente depois do que aprendi em *Pense e Enriqueça*, de Napoleon Hill.

Também creio que posso viver pelo menos 150 anos, o que me coloca realmente apenas no princípio desta vida, como se tivesse apenas concluído minha infância.

Por falar em infância também percebi que é extremamente rejuvenescedor poder brincar com alguma criança. Elas sim sabem o que significa “viver o Momento Presente”. Aproveito ao máximo

todas as oportunidades que tenho para brincar com minha filha, procurando alcançar meu objetivo principal: ter um relacionamento harmônico com ela, evitando dificuldades que tive com meus pais.

Finalmente também acredito que possa fazer desta a minha última encarnação na Terra, crença que compartilho com Jasmuheen, como ela explica muito bem em *Viver de Luz*.

Na verdade esta crença é compartilhada hoje por milhões de pessoas que já sabem do método que o Dr. Joshua D. Stone explica detalhadamente em *The Complete Ascension Manual, How To Achieve Ascension in this Lifetime* (O Manual de Ascensão Completa, Como Alcançar a Ascensão neste Período de Vida).

Bom, mas voltando ao papo do divórcio em potencial, acabei descartando esta idéia depois que percebi que Marisa estava evoluindo espiritualmente. Além disso, com a insistência contínua de Harry, ele conseguiu me convencer que poderia e deveria me transformar em um “marido melhor”.

Acho que melhorei bastante, espero que esta transformação continue acontecendo. Interiormente sempre tive certeza que o Clone Rico é um ótimo marido e pai também.

22 Horas, Deserto, Água e Donuts

Na primeira semana em Torrance, cidade satélite de Los Angeles, minha atenção foi direcionada a estudar mapas e compreender como é organizada aquela cidade tão famosa, principalmente pelos estúdios e celebridades cinematográficas que moram lá.

Olhando mapas de Los Angeles e da Califórnia descobri que estava muito próximo do Deserto de Mojave, lugar onde Paulo Coelho encontrou seu Anjo e as Valkírias também.

As Valkírias eram mulheres que vagavam pelo deserto vestidas como cowboys (caubóis). Paravam em algumas cidades para fazer uma espécie de show de rua para despertar as pessoas para a espiritualidade e liberdade que esqueceram que tem. Diziam que “as portas do paraíso estão abertas novamente”, mensagem em que acredito plenamente, mas sei que muitas pessoas tem dificuldade para captar.

Bastante influenciado pelo que tinha lido em *As Valkírias*, resolvi alugar um carro por uma semana e dar uma volta pelo deserto. Quem sabe? Numa dessas, podia dar de cara com aquelas cowgirls exóticas e malucas que o Paulo descreveu em seu livro.

Fiz uma pesquisa pela internet e reservei o carro mais barato que achei, que era excelente, um Chrysler super bem equipado com todos os acessórios e ótimo de guiar. Naquele calorção do deserto o ar condicionado foi de grandíssima utilidade!

Harry me levou à locadora, depois voltamos para sua casa em dois carros. Por volta de 14:00h comecei minha jornada quase sem paradas. Fui em direção ao deserto e só parei para comprar água, único líquido que tomei durante todo o percurso.

Por volta de 17:00h parei o carro para apreciar melhor a paisagem, onde havia um camping. Deixei o carro em um pequeno estacionamento na base de um pequeno monte e comecei a percorrer a trilha que começava ali.

Caminhei bastante, sempre procurando “expandir minha alma”, olhava o horizonte bem longe. Procurei apreciar a beleza bucólica da paisagem inóspita onde um vento fraco soprava constantemente.

Subi e desci pequenas elevações, vi alguns animais pequenos se moverem de vez em quando, mas não tive a menor visão de qualquer mulher a cavalo. Nem vestida como cowboy, nem nua, uma idéia que me excitava.

Não é preciso ir a um deserto para falar com Anjos. Já me comunicava com o meu há um bom tempo. A Voz Interior em mim era a comprovação de que não precisava investir muito tempo naquele deserto.

Depois que já estava um pouco cansado de caminhar naquela paisagem linda, mas um pouco entediante, decidi voltar ao carro. Desci um monte, peguei o carro e voltei para a auto-estrada.

Estava indeciso entre achar um hotel e me atracar na televisão, algo que seria muito sem graça, voltar a Los Angeles ou ir adiante.

Prosseguir pela estrada podia significar “ir para Las Vegas”. Pelo que me lembrava do mapa da Califórnia que tinha olhado antes, o estado de Nevada ficava logo ao lado leste, perto de onde eu já estava.

Não sabia muito bem como chegar a Las Vegas, mas a Voz Interior disse que podia prosseguir na mesma direção pela qual tinha chegado até onde me encontrava.

Seguindo pela estrada fui, fui, fui e fui mais um pouco sem a menor noção de como chegar a Las Vegas, mas com a audição muito clara da Voz Interior que dizia para continuar guiando, tomando água de vez em quando e ancorando minha mente firmemente no Momento Presente.

Para mim este “Momento” nunca significou um dia, mas um segundo ou menos de um segundo. Com a experiência na área de microeletrônica em que trabalhei por vários anos projetando chips eletrônicos em que o “nanosegundo” é a unidade mínima de tempo, estava acostumado a pensar em tempo naquela escala. Um nanossegundo é 0,000000001 segundo, só para você ter uma idéia do que quero dizer.

Então lá fora escurecia, enquanto guiava o carro e me auto-observava, procurando estar mentalmente no “Nanosegundo Presente”, ouvindo sempre a Voz Interior. Imagens de filmes com travessias pelo deserto, como *Hair*, cruzavam o meu campo visual interior, de vez em quando.

A um certo ponto recebi a orientação de parar em um posto de gasolina. Parei o carro, dei uma olhada na loja de conveniências, comprei um mapa dos EUA de papel plastificado semi-rígido, abasteci o tanque e perguntei como fazia para ir para Las Vegas.

Que surpresa maravilhosa tive ao ouvir da atendente que deveria simplesmente voltar uns 20 metros e dobrar à esquerda! Mais uma vez a Voz Interior tinha razão!

Peguei o carro e guiei por várias horas em direção a Las Vegas. Parei mais duas vezes para me certificar com relação à direção a ser tomada. O mapa que tinha era muito impreciso para aquela finalidade. A um certo ponto da estrada avistei uma infinidade de luzes acesas, depois de passar entre duas colinas.

Eram umas 23:30h e estava chegando àquela cidade conhecida em todo o planeta pela suntuosidade de seus cassinos e grandes fortunas ganhas e perdidas por jogadores mais ou menos compulsivos, como sabia muito bem pelo que aprendi em *Trading for a Living*, de Alexander Elder.

Rodei um pouco pela cidade procurando um lugar que me interessasse, fiquei abismado com a pequenez das pessoas caminhando pelas ruas. As pessoas que caminhavam tranquilamente naquele horário tardio pareciam minúsculas por causa da enormidade dos monumentos modernos, construções gigantescas em forma de Torre Eiffel, Pirâmide e outras imitações de pontos turísticos do globo inteiro.

Acabei decidindo entrar no estacionamento do cassino em forma de Torre Eiffel, com a convicção de que, se conhecesse apenas um deles, já seria suficiente para ter uma idéia do luxo dentro deles.

Dei várias voltas para chegar a um andar onde estacionei. Ao abrir a porta tive uma sensação de extremo calor, uma lufada de ar quente invadiu o ambiente refrigerado do carro, algo inédito para mim. Era meia-noite, horário em que costumava ser mais fresco em todas as cidades onde passei ou vivi antes.

Fechei o carro, peguei um elevador e desci para o andar do cassino propriamente dito. A maioria dos andares é ocupada por quartos do hotel que funciona no mesmo prédio. Depois circulei por cerca de 45 minutos pelas enormes salas onde havia jogadores, apreciei também as lojas que vi em corredores imensos.

Quando digo “enormes” e “imensos” acredito que seja importante dar uma referência, monumentos como o Palácio do Planalto em Brasília ficam bem pequenos diante dos prédios que vi em Las Vegas. As portas externas eram gigantescas, acho que tem no mínimo uns 7 metros de altura.

Não joguei e nem sequer me senti tentado, estava completamente “vacinado” contra a compulsão, não só por tê-la domado no setor da nutrição, mas por ter estudado os bingos em Porto Alegre antes de sair do Brasil.

Naquela onda de querer parar de perder dinheiro, quis seguir o conselho de Alexander Elder e ir a cassinos para aprender mais sobre compulsão, mas em Porto Alegre só há bingos.

Além de frequentar reuniões de AA e CCA eu também fui duas vezes a bingos para olhar, sem jogar. Queria aprender mais sobre como as pessoas se comportam diante dos ambientes glamourosos e sedutores onde são colocadas a fim de perder dinheiro, gerando lucros enormes para as empresas gestoras dos estabelecimentos.

Nos bingos vi salas enormes, cheias de gente, mais ou menos 300 pessoas, à tarde, em um dia de semana normal. Os jogos eram realizados a cada 5 minutos no máximo, havia sempre um vencedor, mas nunca consegui ver onde ele estava sentado. Então só podia estar olhando para um “batalhão” de perdedores.

Conclui que Alexander tem razão ao afirmar que a grande maioria perde, se acostuma e, de certa forma, até gosta de perder. Perdendo, as pessoas sentem uma emoção, tem uma “sensação de vida”.

Ganhar ou perder não importa muito para o jogador, o importante é jogar. Quando ganha é estimulado a jogar mais e acaba, mais cedo ou mais tarde, perdendo tudo o que tinha. Alguns até se endividam e arruinam suas vidas familiares e profissionais. É muito parecido com o que acontece com os alcoólatras.

Depois que os jogadores “bebem” a primeira perda, tem dificuldades para parar, ainda mais quando tomam álcool e fumam ao mesmo tempo em que jogam. O mais irônico é que, quando ganham, muitos costumam comemorar com mais álcool, charutos, drogas mais pesadas, comida, sexo com profissionais desta arte e diversas outras coisas que estimulam a compulsão.

Em todas estas opções que transformam o jogador em um perfeito “perdedor de carteirinha”, quem sempre fica contente são os donos dos cassinos ou dos bingos, que ganham sempre.

Claro que há muito tinha aprendido que o problema não está no jogo em si, mas no vazio interior que esses jogadores carregam. Este vazio interior leva as pessoas a jogarem desenfreadamente com as mais variadas coisas, cigarros, comida, bebida alcoólica, commodities, jogos de azar, compras em shopping centers, qualquer coisa externa a elas mesmas.

O vazio interior abre espaço para a compulsão por pensamentos negativos, embriaguez de pensamentos e obsessão, que os espíritas descrevem tão bem em livros como *Ninguém é de Ninguém*, *Quando a Vida Escolhe* e *Sem Medo de Viver*, de Zíbia Gasparetto.

Mantendo-me no Momento Presente com um diálogo interior extremamente silencioso, agora em Las Vegas via as pessoas jogando, circulando pelos corredores, entrando e saindo dos elevadores e procurava entender o que as levava a se manterem “perdendo e gostando de perder”, como sabia ser fatalmente o caso da maioria delas.

A um certo ponto achei que minha experiência em Las Vegas já estava completa, não havia necessidade nem de ficar ali para ver como seria a cidade de dia. Certamente não seria tão bela sem aquela infinidade de luzes brilhantes no meio da noite.

Acabei decidindo que seria interessante voltar para Los Angeles e apreciar o nascer do sol no Deserto Mojave, por onde tinha passado uma grande parte na vinda, quando já tinha escurecido.

Peguei o carro e rumei em direção à saída da cidade. Só parei para comprar uns donuts em um posto e conhecer outros dois cassinos na periferia, muito menos suntuosos do que os que tinha visto na parte central de Las Vegas.

Dirigi sem parar até às 6:00 h da manhã de segunda-feira. Parei o carro, dei uma cochilada por uns 30 minutos, depois voltei à estrada.

Cheguei a Los Angeles por volta de 9:00h e a Voz Interior me sussurrou que seria bom aproveitar o carro e o horário matutino de segunda-feira para ir diretamente conhecer a corretora de commodities onde ainda tinha pouco mais de 150 dólares, depois das perdas sofridas antes daquele percurso em minha peregrinação mental percorrido após a leitura de *Trading for a Living*, de Alexander Elder.

Depois de me perder e pedir direção várias vezes, entrando e saindo de algumas das inúmeras auto-estradas que circundam o coração de LA, cheguei à corretora, onde confirmei que as pessoas lá não são nem um pouco superiores a mim.

Tinha me sentido intimidado várias vezes ao falar por telefone em inglês com algum corretor, ligando do Brasil. Agora esta sensação negativa de inferioridade deixava meu corpo emocional para sempre.

Depois de requisitar meus 150 dólares de volta e fechar minha conta, pois tinha decidido mudar de corretora, voltei a Torrance e à casa de Harry. Cheguei lá por volta de meio-dia.

Meu amigo ficou muito surpreso ao me ver de volta tão rápido. Ele achava que eu ficaria pelo menos uns três dias no deserto.

Também estava surpreso comigo mesmo, tinha passado quase 22 horas em claro dirigindo sem o menor cansaço, tomando só água e comendo donuts. Percebi que a energia prânica é realmente inesgotável.

Fiquei contente com minha sobriedade e clareza mental também. Estava me virando muito bem, mesmo viajando completamente só e em situações extremas. Era como se estivesse entrando em um *No Limits World* (mundo sem limites), título de uma revista italiana que eu adorava ler quando morei em Milão, Itália.

Após observar a grandeza dos edifícios em Las Vegas compreendi um pouco mais do porquê estava ali nos EUA e precisava permanecer lá mais do que aquele mês planejado inicialmente.

O Clone Rico tinha uma visão muito maior de Abundância do que eu jamais tinha tido.

Aquela permanência estendida servia para aprender o que são números grandes com vários zeros antes da vírgula, monumentos gigantescos, carros e casas enormes, com muito espaço interno e assim por diante.

A Voz Interior me soprava que aquela nova visão do que é “grande”, “enorme”, “suntuoso”, etc. era importante para mim para que pudesse realmente dar vazão aos projetos que estavam há muito estocados em minha mente, meu único ativo.

Compreendi que o Clone Rico já está muito habituado com aquelas manifestações de Abundância material, mas também sabe que “ter abundância” não é o mesmo que “ser abundante”, “ter riquezas” não é o mesmo que “ser rico”. Ele já viu muita gente que “tem” muito dinheiro, mas “é” muito pobre.

Será Que Vieram Me Pegar?

As primeiras semanas com Harry foram preenchidas com leituras de inúmeros livros comprados pela internet que chegavam pouco a pouco à sua casa.

Comprei pela internet pela facilidade de não precisar sair de casa e ir à livraria, sentia-me constrangido em pedir ao meu amigo que me levasse de carro, não tinha muita noção do espaço ao redor da sua casa, o bairro, a cidade, etc.. Vários dos livros que comprei eram usados, mais baratos, mas em excelente estado de conservação. Mesmo assim o que me interessava eram os seus conteúdos.

Tinha uma noção rudimentar obtida com a contemplação dos mapas de Harry e as voltas com o carro alugado na primeira semana. Depois que devolvi o carro, que levaria meus dólares embora mais rapidamente, e com a facilidade do negócio de commodities que pode ser feito sem sair de casa, resolvi me acomodar à idéia de não sair muito e me dedicar ao objetivo principal de minha permanência nos EUA, aprender o máximo sobre commodities e assuntos espirituais.

Um certo dia, à tarde, enquanto tinha uns dez livros esparramados sobre a cama de casal e lia um deles, ouvi a campainha da porta de entrada da casa tocar. Harry foi abri-la. Depois ouvi um homem dizer que era investigador.

Foi incrível! Automaticamente, ao ouvir a palavra “investigator”, várias imagens negativas cruzaram pela minha mente. Eram imagens de inúmeros filmes que vi desde criança em que dois agentes de polícia andam juntos e batem à porta de alguém para obter informações sobre algum crime já cometido.

Só que naquele caso quem seria o criminoso?

Como estava na parte da casa mais abaixo da porta, senti-me um pouco como Harrison Ford em *O Fugitivo*, quando ele está escondido em um quarto de uma casa de periferia e a polícia chega para prender não ele, mas o filho da dona da casa. No filme Harrison demonstrou um grande pânico naquele momento; ele achou que a polícia tinha vindo para pegá-lo.

A sensação que tive é de que tinham vindo me prender. Achei impossível que a polícia pudesse se ocupar com um velhinho tão simpático como Harry.

Tinha ouvido muitas histórias de um maior controle e fiscalização nos EUA, depois do atentado à Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001. Havia rumores de uma intensificação nesta fiscalização às vésperas do 11 de setembro de 2002, um ano após o atentado, justamente a época em que estava lá.

Dizia-se que a polícia estava atrás de “estrangeiros suspeitos”.

Olhei para meus livros. Em um relance tive a sensação de que, de alguma forma, a polícia tinha descoberto meu plano para me libertar de mim mesmo, das amarras da sociedade e principalmente dos meus próprios pensamentos “usando” livros.

Os livros eram a “minha droga”, isto era verdade, mas será que tinham vindo para me pegar?

Fechei a porta devagarinho, voltei a ler, mas fiquei atento. A um certo ponto ouvi “Outeivio!” Era a voz de Harry na sala de estar me chamando com a pronúncia engraçada do meu nome (Otavio). Prontamente levantei e com passos cautelosos fui em direção a Harry, procurando demonstrar cooperação com o tal “investigator”, para o que desse e viesse. Sentia os tijolos se pulverizarem em mais muros de medo que eram derrubados em minha mente, meu único ativo.

Quando cheguei à sala vi dois homens entre 30 e 40 anos vestidos de calça jeans e camisas polo, sem uniforme. Um era mais alto, mais gordo e usava óculos. O outro, mais baixo, mais forte,

mais sério e com “cara de mal”, tinha raspado completamente a cabeça, parcialmente careca de qualquer forma.

O que se passou a seguir foi bastante surreal.

Os dois investigadores se identificaram como agentes do FBI. Tinham vindo investigar sobre uma carta que Harry tinha enviado para algum lugar. Nesta carta o “velhinho bonzinho” dizia que o prédio das Nações Unidas em Nova Iorque devia ser explodido, não queria mais que a ONU interviesse em assuntos internos de seu país.

Foi muito engraçado me dar conta que todo aquele medo dos “investigadores” que estariam atrás de mim para “me pegar” não era nada mais do que um daqueles famosos “muros de tijolos ilusórios” que uma parte obscura em mim criava de vez em quando.

Os dois agentes foram muito gentis. Ouviram com paciência, em silêncio, com um sorriso nos lábios, as explicações em que Harry, que nada tem de violento ou agressivo, procurava mostrar porque em um momento impensado escreveu aquela carta que acabou sendo interceptada pelo “Federal Bureau of Investigation” e parando finalmente nas mãos daqueles dois policiais.

Depois os dois homens “que teriam vindo para me pegar” tentaram “me deixar tranquilo” quanto às suspeitas de ligações com o terrorismo internacional que Harry poderia ter.

Ri muito internamente, mas não estive sozinho nesta risada.

Harry, ciente da confusão que tinha involuntariamente armado e confiante que passaria uma boa imagem de cidadão exemplar, contou um pouco de toda a sua vida. Contou histórias que tinham ocorrido há pelo menos 50 anos e amoleceu bem a carne dos agentes do FBI, que acabaram simpatizando com aquele personagem estranho que aparentava menos de 70 mas já tinha mais de 90 anos de idade biológica.

No final daquele longo papo em que quase só Harry falou, os agentes se sentiram satisfeitos com as explicações e começaram a se despedir. Foi aí que Harry, que tinha falado até de seu hobby de fotografia, perguntou se eles queriam tirar uma foto dele.

Os dois responderam que não, então Harry perguntou se ele poderia tirar uma foto deles. Com a resposta positiva, em um clima mais tranquilo e sereno, Harry acomodou os dois homens sobre seu sofá na sala de estar e colocou entre eles “Nothin”, seu cachorrão enorme de pelúcia branco e cinza, da raça sheepdog, com umas felpas longas, que uma das filhas tinha lhe dado, já que ele não queria se incomodar com um cachorro de verdade.

O cachorrão se chama “Nothin” por uma brincadeira de Harry que tirou o “g” final da palavra nada em inglês. Harry dizia de vez em quando “ele não faz ‘nada’ (nothing), não late, não come, não faz cocô, etc.”.

Depois do acender e apagar do flash acompanhamos os agentes até a porta de saída, com uma passada pelo jardim e sala de jantar, onde Harry mostrou um móvel lindo que tinha feito para a esposa dezenas de anos antes.

Durante este percurso, como estávamos mais informais, aproveitei para perguntar ao agente com a cabeça raspada como ele a mantinha daquele jeito. Com uma cara menos “mal”, ele foi muito legal indicando o site que eu deveria olhar para poder encomendar um “barbeador especial para raspar a cabeça”, que ele usava sozinho na frente do espelho, uma vez por semana. O site é www.headshave.com

Harry também descobriu que estes agentes do FBI estavam sem ternos pretos para não serem confundidos com as testemunhas de Jeová, que batem muitas portas, como todos os clientes em potencial do “supermercado de religiões” sabem.

Tive que me conter para não rir antes dos agentes irem embora, mas depois ri à vontade com Harry e seus vizinhos quando relembávamos o que tinha acontecido. Foi muito divertido, especialmente para mim, saber que não era eu o “terrorista em potencial”, mas meu amigo nonagenário.

O Clone Rico não teme policiais de nenhum país, pensei eu.

Tinha que aprender esta lição. Sempre tive um grande temor de pessoas fardadas ou policiais, mesmo aqueles que só multam carros parados.

Apesar de sempre ter me comportado de maneira decente e respeitado regras e leis, talvez por ser filho de militar e ter estudado vários anos em um colégio militar, ainda sentia um tremor interior quando via um policial militar ou civil.

Estes “tremores” também são muito reforçados pelos filmes no cinema e na televisão.

Como meus livros não foram queimados durante aquela visita inesperada, como nos tempos da inquisição católica, aprendi que os agentes do FBI ou de qualquer outro órgão fiscalizador, militar ou civil, são pessoas como eu e justamente por isto não devem ser temidos.

O Clone Rico sempre soube que só deve temer a Deus.

Você Gosta de Abacate?

Desde nossa primeira refeição juntos, Harry ficou impressionado comigo que só comia no máximo uma sopa, sem a menor preocupação com sabor e evitava as carnes de qualquer tipo.

Tinha adotado uma dieta líquida sem a menor preocupação com proteínas, vitaminas, etc. bem como suas proporções e quantidades mínimas ou máximas.

Minha nova consciência de que não preciso comer para viver também me diz que meu corpo sintetiza automaticamente, a partir de prana, qualquer substância necessária à sua manutenção. Aprendi isto em *Viver de Luz*, de Jasmuheen.

De vez em quando comia alguns donuts ou cookies e era só. Sentia-me esplendidamente bem, o que levou Harry a ficar ainda mais espantado comigo. Comentava sobre meus hábitos “estranhos” com os vizinhos ou com quem nós encontrássemos em nossas voltas pela cidade.

O espanto de Harry tinha raízes em suas crenças e hábitos diferentes que diziam que podia comer tudo o que quisesse. Ele não tinha qualquer restrição quanto a qualquer tipo de alimento e tomava alguns goles de vermouth ou qualquer outra bebida alcoólica quase que diariamente, pegando estas bebidas em um armário-bar em sua sala de estar.

Quando cheguei à sua casa estava muito disciplinado e minhas crenças quanto à nutrição tinham mudado radicalmente. Minha única forma de nutrição era prana, algo invisível que Harry tinha dificuldades para compreender a existência.

Quando me perguntava como me alimentava, eu respondia que era Deus que me nutria, já cansado de tentar outras explicações mais científicas. Acho que esta explicação simplificada só complicava...

Tomei muito suco, dando preferência àqueles sem adição de açúcar, e recusei vários convites para tomar um “breakfast” em algum restaurante pela manhã, como Harry e seu vizinho Bud faziam com frequência.

Aquele ou qualquer outro tipo de refeição tinha se tornado uma loucura em meu novo sistema de crenças. Não conseguia compreender como as pessoas se iludiam com toda aquela comida que para mim era, nada mais, nada menos do que mais uma droga, como qualquer outra. Acabava comparando qualquer tipo de comida ao álcool, cigarro e outras drogas mais pesadas.

Harry, o “viciado”, não se deixava convencer por mim, ainda mais nas discussões freqüentes em que repetia que, do alto dos seus 92 anos, estava muito bem de saúde e podia comer de tudo, desde que “moderately” (moderadamente). Dizia isto em um tom alegre e descontraído, como se ele fosse o “jovem livre” e eu o “velho preso”.

Eu o olhava e ficava imaginando que não queria chegar à sua idade com a barriga que ele tinha. Uma vez fiz um comentário a este respeito. Ele respondeu que tinha aquela barriga porque não fazia exercícios há muitos anos. Sua resposta me fez entender que meu caminho devia ser diferente do dele neste ponto. O Clone Rico não pararia jamais de fazer exercícios físicos.

Uma vez me ofereceu um picolé e recusei. Ele disse que eu era maluco.

Pensei que “crazy” era ele, mas depois aquela cena ficou voltando ao meu campo visual interior.

Mesmo assim acho que foram as várias vezes em que me perguntou se eu gostava de abacate, que me levaram a mudar novamente minha dieta.

Não sei porque aquela pergunta me marcou tanto, mas ainda hoje lembro do Harry dizendo “do you like avocado?” Acho gozado, pois nunca fui muito fanático por abacate.

Toda aquela jovialidade, saúde e disposição em uma pessoa que demonstrava, pelo exemplo da própria vida, que é possível um modo melhor de viver, acabaram me abrindo os olhos para que enxergasse algo novo a ser aprendido, a ser acrescentado ao que já sabia.

Conclui, conduzido pela Voz Interior, que se Harry podia comer o que bem entendesse então eu também poderia. Um pouco contrariado e resistente no início, acabei cedendo e voltando a comer de tudo.

Só que este “de tudo” só inclui aquilo que “quero” e simplesmente deixei de ter vontade de comer qualquer tipo de carne, além de ter abolido qualquer ilusão de “precisar” de álcool para me divertir ou aliviar a “dor de viver”, como já ouvi falar.

No último ano tomei um cálice de vinho com Harry e não gostei. Prefiro me manter livre de qualquer substância que mude meu estado mental, inclusive café por exemplo. Uma exceção é chocolate, pois me sinto “alegre” quando o como.

Leite já parei de tomar desde o início de 2000, quando me curei de um sinusite crônica eliminando o seu consumo e bebendo bastante água. Dois médicos otorrinos queriam me operar cirurgicamente depois de terem me feito gastar mais de 100 reais por mês em antibióticos por mais de seis meses.

Os dois diziam que a probabilidade de cura após a cirurgia “traumática” não era 100%. Desisti deles e dos seus remédios, comecei a afirmar para mim mesmo “Eu sou saudável!” milhares de vezes por dia.

Com as repetições daquela afirmação e a eliminação completa do consumo de leite me curei completamente, sem nenhuma operação cirúrgica. Afinal de contas se nem as vacas tomam leite depois de serem desmamadas com uns seis meses de idade, porque nós seres humanos “devemos”, “precisamos” tomar tanto leite?

Voltei a comer doces, curto um sorvete de vez em quando e gosto de arroz. Perdi o prazer de comer pães e massas que tinha antes. Embora não me considere vegetariano não me iludo mais com a noção falsa de que nós humanos precisamos de carne ou outras fontes de proteína.

Se isto fosse verdade, como viveriam tantos animais vegetarianos? Como fariam o porco e a vaca, que só comem grama, com a incumbência de produzir massas musculares cheias de proteína para os humanos “comedores de carne” poderem comer depois? Como o cavalo e o elefante fariam para repor suas fibras musculares enormes sem comer outros animais?

Em Los Angeles, comecei a comer novamente por causa do tédio da falta de sabores que sentia. Ele era realçado pelo convívio e conversas com Harry.

Também voltei a comer para passar o tempo e me “divertir com a comida”, mesma razão para comer da maior parte das pessoas que não passam fome. Nos EUA mais de 50% de população é obesa, come demais, começam a brincar com a comida e não querem parar, exatamente como muitas crianças costumam fazer com brinquedos de plástico ou pelúcia.

Por falar em crianças, prefiro que minha filha continue brincando mais com seus brinquedos de plástico do que com comida. Brincar com comida tem o inconveniente de causar dependência. Toda vez que um pai obriga o filho a “comer direito”, “comer de tudo” ou “não deixar nada no prato”, ele está na verdade criando um futuro adulto inseguro sobre o que quer, como eu era.

Além disso esta criança se autoclonará em um adulto que provavelmente já será um dependente, um viciado em comida, bem diferente das crianças que em geral insistem em não comer isto ou aquilo, para poder continuar brincando com outras coisas muito mais saudáveis do que comida.

Hoje como muito menos do que comia antes do Processo de 21 dias do *Viver de Luz* e não me sinto mais dopado após refeições pesadas que nem faço mais. Meu peso se mantém estável e me deixa satisfeito comigo mesmo. Sinto-me sempre leve, bem disposto e tenho começado a praticar novos esportes. Estou me interessando por surfe, skate e capoeira, além de ter deixado de ser fundista para ser velocista na corrida. Também comecei a praticar frescobol, esporte de cooperação e não de competição, que em geral se joga na beira da praia. Que legal!

Existe uma Evolução Espiritual crescente na humanidade, esta moda de dietas e perda de gordura faz parte dela.

Espero que as pessoas deixem de se preocupar tanto em fazer dietas por razões puramente estéticas e materialistas e passem a encarar a redução da ingestão de alimentos como jejuns com fim espiritual, o que na verdade estão fazendo, mesmo sem saber.

Observe bem o único elemento comum em todas as dietas propostas por nutricionistas e dietólogos: a redução das quantidades daquilo que você come. Isto é exatamente o que seu filho quer fazer quando insiste em não querer comer isto ou aquilo.

É pela nossa autodescoberta como seres espirituais que poderemos ajudar melhor aqueles de nós que ainda passam fome de comida. No momento, a humanidade enfrenta dois problemas aparentemente relacionados à comida: o excesso, que causa obesidade, e a falta, que causa desnutrição.

Hoje sei que a causa destes “problemas” é uma só: o vazio interior que resulta em “embriaguez por pensamentos negativos”.

Por baixo das aparências, tanto aqueles que comem demais como os que comem de menos são “espiritualmente subnutridos”.

Só acabando com a fome espiritual, extremamente disseminada pelo globo, poderemos acabar com todos os problemas que nos incomodam, enquanto membros da raça humana.

Harry fazia guacamole, um molho mexicano, com os abacates que comprava.

Foi no convívio com ele que me dei conta que o Clone Rico é livre para comer o que quer ou para parar de comer completamente, se quiser.

Muros derrubados, liberdade aumentada!

“Meu Universo” Aumenta

Sentindo-me “pequeno” para enfrentar as longas distâncias em Torrance e Los Angeles, desde a chegada lá tinha me resignado a uma rotina bem caseira.

Sem um carro à disposição, achava que era “longe” para ir a qualquer lugar interessante, a não ser um pequeno parque a uma quadra de distância, onde havia uma escola infantil e muitas árvores, por onde esquilos circulavam.

Depois de tantos anos só andando de carro para cima e para baixo, era difícil me imaginar em outro tipo de veículo. Tive uma moto aos 21 anos e várias bicicletas até os 18, mas já fazia muito tempo, nem lembrava direito como era legal.

Um certo sábado a Voz Interior gritou que havia necessidade de mudar algo, estava sentindo insatisfação. Era preciso expandir “meu Universo”, que estava muito restrito à casa do Harry e seu jardim. Então decidi ir a pé até Redondo Beach, a praia mais próxima.

Fui e voltei a pé, caminhando uns 20 quilômetros. Achei muito legal caminhar tanto, mas senti que era necessário um meio de transporte mais rápido e divertido do que “meus próprios pés”.

Na segunda-feira seguinte Bud me convidou e fizemos juntos um passeio de bicicleta pela orla marítima que começa em Redondo Beach, em direção ao norte.

Foi muito legal! Mais legal do que minha caminhada tinha sido no sábado anterior! Usei a bicicleta da esposa de Bud que, segundo ele me disse, era muito pouco usada.

Mesmo relutante em gastar dinheiro, achava que tinha que “segurá-lo ao máximo” para estender minha estadia em solo americano, na quarta-feira seguinte fiz pesquisas de preços e comprei uma bela bicicleta mountain-bike com amortecedor dianteiro, que se tornou minha grande companheira e possibilitou um aumento significativo em “meu Universo”.

Senti uma liberdade enorme passeando com aquela bicicleta, algo que não sentia desde a adolescência e que me dava muito prazer. Percebi que sobre aquele veículo, pouco valorizado hoje em dia como meio de transporte para adultos no Ocidente, tinha uma visão de mundo muito mais ampla do que de dentro de um carro. Além disso tinha muito menos restrições e regras a respeitar.

Universo que aumenta, consciência que se expande, alma que cresce, tudo à procura de mais e mais graus de liberdade que o Clone Rico sempre teve.

Dentro de mim a Voz Interior gritava cada vez mais forte: “Free your mind! Enjoy yourself!” (Liberte sua mente! Curta a si mesmo!)

Comecei aos poucos a compreender melhor o verdadeiro significado da palavra “enjoy”, que os americanos usam tanto, mas que não temos um equivalente em português. Enjoy é muito mais do que “gostar de” ou “desfrutar de”, como o dicionário inglês-português pode nos dizer. Joy é alegria e enjoy é algo muito mais como “aproveitar”, “curtir”, “apreciar” “algo que nos dá alegria”.

O bacana é perceber que nós podemos enjoy uma viagem, um lugar, uma casa, um carro ou até a nós mesmos. Adoro quando ouço ou digo “enjoy yourself!”, o significado desta expressão é enjoy a si mesmo.

Acho fantástica a idéia de que eu possa “aproveitar”, “curtir”, “apreciar” a mim mesmo, como “algo que possa me dar alegria”.

Enjoy yourself é uma expressão muito forte que reforça em mim a noção de que só posso apreciar outras coisas na vida, depois que apreciar a mim mesmo, com muita alegria.

Com certeza, o Clone Rico é um cara que “enjoy himself” prá caramba!

Ele sente muita alegria ao apreciar a si mesmo.

Cinema de Prosperidade

Numa quinta-feira à tarde saí perambulando por Torrance à procura de um cinema na Hawthorne Boulevard.

Com a bicicleta este tipo de busca era mais fácil e interessante, ainda mais quando meu hobby era assistir filmes no enorme cinema AMC, com 20 salas, na Crenshaw Boulevard. Queria ter mais uma opção de teatro para ver os filmes inéditos lançados semanalmente, toda sexta-feira, pertíssimo de Hollywood, onde me encontrava.

Saí pela Hawthorne Boulevard e pedalei bastante sem ver nenhum prédio que se assemelhasse ao tipo que teria salas de cinema. A um certo ponto, meio que desistindo daquela procura, decidi virar à direita em outra avenida, a Pacific Coast Highway, seguindo a orientação da Voz Interior.

Pedalei mais uma quadra e meia quando o “foco da minha Atenção” foi “chamado” para a esquerda para focalizar o letreiro gigante com o nome sugestivo de uma livraria, Psychic Eye (Olho Psíquico).

Fiquei curioso e entrei na livraria cheia de “coisas” orientais, estatuetas, velas, livros e com um forte cheiro de incenso. Aquele cheiro me despertou a vontade de comprar uma caixinha com palitinhos de incenso para acender em meu quarto, mas tinha receio da reação de Harry, que já achava bastante estranho eu meditar pelo menos uma vez por dia.

Quando fui pagar no caixa, dei de cara com um prospecto que a vendedora me entregou. Ele me pareceu o tipo de Sinal Perfeito que chegava no Momento Presente Perfeito, de forma personalizada para mim.

A folha de papel verde continha informações sobre um “Curso de Consciência da Prosperidade” que começaria exatamente no domingo seguinte e que utilizaria os princípios contidos no *The Abundance Book* (O Livro da Abundância) de John Randolph Price.

O prospecto sugeria que este livro fosse comprado para facilitar o acompanhamento das aulas semanais pelas próximas 6 semanas. Automaticamente, seguindo o fluxo, dei uma olhada em um dos exemplares daquele livro que havia ali por perto e o comprei junto com a caixinha de incenso.

Depois voltei para casa e comecei a aprender mais sobre Abundância, completamente maravilhado com a forma como as coisas tinham acontecido. Tinha saído para procurar um cinema e encontrado algo muito mais valioso, um verdadeiro “cinema de prosperidade”.

No domingo às 13:00 horas estava de volta à livraria para começar mais uma etapa de minha peregrinação mental, procurando agora mudar minha consciência, com a eliminação completa e definitiva de qualquer crença em escassez, pobreza e limitação, que há muito tempo sabia que precisava.

Durante 7 semanas fui todos os domingos àquela livraria para, em uma pequena sala de aula, acompanhar os ensinamentos de Mariah, minha professora nipo-americana, com cabelos pretos e brancos longuíssimos, que utilizava *The Abundance Book* como livro-texto. Durante as aulas, Mariah dava exemplos pessoais práticos de milagres pequenos e grandes que tinham acontecido com ela.

Ao lado desta sala havia 4 pequenas saletas onde cartomantes de todos os tipos atendiam suas clientes utilizando I-Ching, Tarô, Runas e outros métodos para “prever” o futuro.

Além de fortalecer minhas novas crenças espirituais, obtidas ao longo da peregrinação feita anteriormente, com Mariah e John R. Price finalmente soube qual é o furo de todas as técnicas de auto-ajuda que tinha utilizado até então para manifestar algo em minha vida, como controle mental e programação neurolingüística, por exemplo.

The Abundance Book, uma “cidade” de minha peregrinação à qual retorno diariamente até hoje, é muito esclarecedor ao eliminar todos os mitos quanto à verdadeira Fonte que nos mantém vivos neste plano de existência material.

Com um programa de 40 dias, que envolve a repetição diária de 10 afirmações, uma por dia, são quebradas as ilusões de que dinheiro, qualquer outra coisa material ou mesmo outras pessoas e instituições, sejam a Fonte do que acontece e se materializa em nossas vidas.

Ficou claro que Deus é a única Fonte de tudo que vivencio e quando fortaleço em mim a “Consciência de que Deus é minha Fonte”, esta mesma consciência “se torna minha Fonte”. Uma Fonte Abundante e Ilimitada, como só Deus pode ser.

O resultado deste treinamento diário com as afirmações de John Randolph Price foi esplêndido! Minhas colegas de curso e eu começamos a vivenciar pequenos milagres que depois dividíamos a cada domingo, aumentando ainda mais nossa FÉ em DEUS, NOSSA ÚNICA FONTE.

Com toda aquela FÉ fortalecida passei a me sentir cada vez mais pleno e cheio de energia tendo Deus como “sócio” ou “patrão” em todas as decisões de cada dia.

Quando ia comprar alguma coisa, a Voz Interior até me dizia que o dinheiro nem era meu, mas sim de Deus, pois é Ele que me dá tudo o que tenho.

É como ser funcionário de uma grande (A Maior!) multinacional do mundo (do Universo!) e ter como “chefe” o Ser Mais Rico e Generoso, Meu Verdadeiro Pai e Mãe, Meu Criador. Era maravilhoso ouvir a Voz Interior dizendo que não me preocupasse com dinheiro, que devia libertar minha mente e me divertir, apreciando a mim mesmo e a tudo na vida.

Money is not an issue! Enjoy yourself!

Em uma das aulas do curso, foi legal quando ao procurar compreender melhor o significado da palavra “manifest”, usada com frequência por Mariah, eu a pronunciei meio errado e uma de minhas colegas compreendeu “money fast” (dinheiro rápido). Foi muito divertido!

Dali por diante passei a ser chamado por todas elas como “Mr. Money Fast”, algo que me agradou muito. Com “dinheiro rápido” eu posso “manifestar” coisas mais rapidamente. Com “dinheiro rápido” dado por Deus eu posso “materializar” meus desejos “rápido”, como um Mago faz.

Também em *The Abundance Book*, mais uma vez descobri que a igreja católica tinha omitido mais informações da *Bíblia*, a fim de destruir a crença libertadora dos gnósticos de que cada um de nós e Deus somos Um, infinitamente abundantes como o próprio Universo.

Felizmente esta mensagem hoje é mais aceita e veiculada, mesmo que de forma disfarçada, em filmes para crianças como o *Rei Leão II*, por exemplo. Observe o diálogo entre leões no final do filme, quando acontece a reconciliação de dois grupos rivais. “Não existe nós e eles, somos Um!”, diz uma leoa.

Além de me sentir mais forte com meu novo aprendizado, comecei a praticar diariamente a Conexão Divina, através da repetição de modo “completamente emocional” de um estado mental formado pelas sensações inspiradas pelas características que Deus tem para mim.

Para mim Deus é amoroso, carinhoso, rápido, abundante, sábio, sadio, rico, etc.. Para me conectar a Ele, procuro sentir amor, carinho, rapidez, abundância, sabedoria, riqueza, etc..

Mariah tinha explicado que quando queria “se conectar” simplesmente imaginava-se sentada no colo de Deus, como uma criança no colo de seu pai, amada e abraçada com muito carinho.

Meditando, descobri que lembrar de mim mesmo quando bebê, mamando no seio de mamãe, me Conectava mais facilmente do que qualquer imagem ou lembrança associada a papai. Que sensação maravilhosa de completo abandono senti ao Saber que sou amado e cuidado pelo próprio Deus, meu Criador. Sentia como se tivesse tomado um banho quente por dentro, exatamente como Wayne Dyer descreve em *Your Sacred Self* (Sua Self Sagrada).

Com aquele Pai / Sócio / Patrão tão Grande senti que podia seguir quebrando cada vez mais “muros de tijolos ilusórios” de medo que o Clone Rico certamente já quebrou também.

Como Escalar o Universo

Desde a mudança para os EUA tinha deixado minhas práticas espirituais semanais de lado.

Antes elas tinham variado somente na forma, mas tinham se mantido constantes. Somente com meditações e leituras acabei me enfraquecendo e quando voltei a comer acabava comendo compulsivamente quantidades exageradas de comida. Só depois me dava conta do que tinha feito, com uma sensação desconfortável de estômago excessivamente cheio.

A convivência com Harry não me ajudava a me elevar espiritualmente, mesmo sendo ele um maçõ do 32º grau, membro do alto escalão de mais um produto do famoso supermercado, a maçonaria.

Quando encontrei o Curso de Consciência da Prosperidade de Mariah foi ótimo, voltei a fazer a “faxina mental e espiritual”, que certamente é mais necessária do que uma faxina em uma casa sólida e real. Logo na primeira semana senti uma paz e leveza que há algum tempo não sentia, ainda mais vivendo no mundo materialista americano.

Quando senti a mente mais clara e límpida, silenciosa, a compulsão por comida sumiu e voltei a comer pouco, um burrito vegetariano com diet coke no Taco Bell’s, uma ou duas vezes por dia. Fiquei mais confiante na Presença de Deus em mim e senti mais força e coragem para dar mais passos na direção de um maior bem estar nos dias de permanência em Los Angeles.

Com as duas rodas que me transportavam com muito prazer por distâncias mais longas, acabei suprimindo a necessidade de mais livros que sentia. A biblioteca de Harry não era mais suficiente para mim. Localizei e me associei à Biblioteca Pública de Torrance, enorme para os padrões brasileiros.

Além da enorme quantidade de livros de todos os tipos, também oferecia acesso à internet gratuito, por até uma hora por dia, o que me libertou da necessidade de usar o computador de Harry. Aquela grande biblioteca passou a ser o “meu grande escritório”! Havia até jornais e revistas renovados diária e semanalmente, tudo à minha disposição.

Depois achei que seria interessante voltar a praticar esportes, além da prática diária dos 5 ritos de *A Fonte de Juventude*, de Peter Kelder, que sem dúvida estavam tendo um ótimo impacto em minha saúde geral e tônus muscular.

Lembrando que Marisa tinha se associado à YMCA (Associação Cristã de Moços) quando ficou nos EUA por um mês para um curso de inglês, fui à filial desta associação mais próxima da casa de Harry. Uma moça me mostrou as instalações novas e completas, que proporcionavam vários tipos de atividades físicas por um preço bem razoável.

Ouvindo a Voz Interior que gritava “não considere dinheiro um problema”, mais uma vez superei os “muros ilusórios” que me alertavam quanto ao perigo de ficar sem dinheiro e coisas do gênero. Acabei me associando à YMCA no mesmo dia.

Com a descoberta da Biblioteca Pública e da YMCA, minha rotina diária mudou completamente, passei a carregar mais de dez livros para cima e para baixo, dentro da mochila que tinha recém-comprado.

A Biblioteca permite a retirada de até 50 livros por três semanas, então retirava o limite de carga da mochila, que devolvia no máximo no dia seguinte. Tinha acelerado muito minha velocidade de leitura com a prática dos exercícios do software *eyeQ*.

Todos os dias ia à YMCA, praticava yoga, basquete ou natação e passava pelo menos meia hora na banheira de hidromassagem jacuzzi. Adorava o jato forte de água borbulhante em minhas costas e observar dezenas de pessoas orientais circulando pelas 2 piscinas semi-olímpicas cobertas

ou na jacuzzi comigo. Meditava sobre a perspectiva de uma “orientalização” genética da raça humana cada vez maior.

Também lembrava como o significado da palavra “americano” ou “norte-americano” tinha mudado muito para mim. Todos aqueles que hoje tem passaporte “americano” são imigrantes ou descendentes de imigrantes das mais variadas partes do globo terrestre. Aquele “americano” clássico, o tal do “WASP”, White Anglo Saxon Protestant (branco anglo-saxão protestante) é um bicho em extinção hoje.

Depois destas reflexões borbulhantes ia à Biblioteca Pública para leituras e seleção de livros.

Sentia necessidade de me manter longe da casa de Harry, sentia-me cada vez mais aprisionado e pouco inspirado naquele ambiente.

Passei a ir todas as noites a um café Starbuck’s que abria 24 horas por dia, em um shopping center ao ar livre na Crenshaw Blvd.. Lá se encontravam dezenas de estudantes para estudar em pequenos grupos. A maioria era de origem oriental e estudava na UCLA, University of California Los Angeles.

Achei aquele ambiente estimulante para poder estudar vários assuntos que me interessavam mas que há muito estavam engavetados em minha mente. Agora eles tinham se tornado de fácil, rápida e barata pesquisa.

Certo dia acordei com a Voz Interior gritando que eu devia falar em público. Devia continuar exorcizando este “medo” como tinha aprendido no curso *Amazing Technique for Success* (Técnica Espantosa para o Sucesso), de Ken Roberts.

Pesquisei pela internet e descobri uma associação internacional que promove a melhoria das habilidades de comunicação e liderança dos seus próprios membros. A Toastmasters International, (www.toastmasters.org) presente em dezenas de países, tinha o Club 280 ali por perto. Seus membros se encontravam todas as quartas-feiras à noite na International House of Pancakes (IHOP), na Hawthorne Blvd.

Fui muito bem recebido lá, me associei e comecei a participar deste grupo superautomotivado e alegre. Dei meu primeiro discurso, o “Ice Breaker” (Quebrador de Gelo), duas semanas depois, e ganhei uma flâmula de “Best Speaker”, melhor palestrante daquela noite. Nada mal para quem era chamado de “pilha fraca” no Colégio Militar de Porto Alegre, nos tempos em que fui capitão-aluno.

Por algumas semanas meus pontos de referência foram a YMCA, a Biblioteca, o Starbucks, o Toastmaster’s, o cinema AMC, a livraria Psychic Eye e os supermercados VONS e Ralf’s, que abriam 24 horas por dia. Toda a locomoção era feita de bicicleta e voltava cada vez mais tarde para a casa de Harry, onde praticamente só dormia.

Já no primeiro dia na YMCA o “foco da minha Atenção” foi chamado para o paredão artificial para “rock climbing” no saguão de entrada do estabelecimento, onde várias pessoas, adultos e crianças, esperavam para escalar aquela “montanha”.

Havia cinco trilhas com graus diferentes de dificuldade. Na primeira tentativa consegui subir com facilidade as três trilhas mais fáceis, depois me concentrei na 4ª por umas duas semanas até escalá-la até o topo com facilidade. Finalmente passei para a 5ª trilha onde investi mais uma semana para superá-la.

Além das leituras de vários assuntos diferentes dentro do tema de maior compreensão sobre o Universo e Deus, também li muito sobre Teoria do Caos, Teoria do Big Bang, Teoria do Plasma e Investimentos em Commodities e Ações, com enfoques diferentes.

Com todas aquelas informações modernas na cabeça, percebi que as escaladas no paredão tinham tudo a ver com um enfoque mais eficiente para viver na Era da Informação.

Percebi que rock climbing envolve uma lógica que exige mais áreas do cérebro do que as necessárias em outros esportes mais clássicos, como a corrida de fundo, por exemplo. Compreendi que estas novas áreas cerebrais estão sendo requisitadas hoje em nosso mundo em constante transformação.

Via outros e a mim mesmo ficar apoiado somente na pontinha do pé direito para poder dar um salto de um ponto de apoio para o próximo mais alto, baseando cada decisão somente na Fé de que conseguiria me agarrar com as pontas dos dedos das mãos mais acima no paredão.

Lembrei do momento de *Matrix* em que Morpheus diz a Neo: “Let it all go Neo! Fear, Doubt and Desbelief!” (Deixe tudo ir embora Neo! Medo, Dúvida e Descrença!) Aquelas palavras são pronunciadas pouco antes de Morpheus dar um salto enorme entre dois edifícios de mais de 20 andares.

Então procurei aprender a dar pequenos saltos entre os pontos de apoio de cada trilha do paredão da YMCA, enquanto me mantinha plenamente no Momento Presente, deixando de lado, para trás, qualquer sensação de medo, dúvida ou descrença.

Aos poucos aquela nova forma de “pensar a vida”, somada ao que aprendia com *The Abundance Book*, foi enchendo minha consciência e me senti estimulado a dar mais e mais saltos rompendo cada vez mais “muros de tijolos ilusórios”.

Em paralelo à revolução mental que estava passando, tinha assistido com Harry um vídeo sobre o Universo em que alguns cientistas apontam um telescópio para as estrelas mais distantes que podem ser vistas e explicam noções como “buracos negros” e “super novas”.

Esta visão de Universo que estava adormecida em mim também ajudou a compreender melhor a dimensão Real da minha própria existência.

Meus passeios de bicicleta se tornaram bem mais interessantes. Como a maioria das construções em Torrance não é muito alta e suas avenidas são bem largas, acima de mim só via céu e podia ver e sentir que ele é enorme.

Concebi mentalmente que a Terra é um pequenino planeta rodando pelo espaço. A Terra é uma espécie de nave espacial e nós somos astronautas. Tinha a nítida percepção de estar andando de bicicleta enquanto a Terra girava, o Sistema Solar se movia na Via Láctea, e esta passeava em um contexto muito maior, aquele Universo Infinito que os cientistas não conseguem saber onde ou “se” acaba.

É maravilhoso trazer à minha consciência aquela percepção do Todo Infinito do qual faço parte. Sinto uma leveza enorme toda vez que volto aquele estado mental. É maravilhoso!

Em *O Caminho do Mago*, aprendi que sou o Centro do Universo já que, de qualquer lugar de onde olhe, sempre estarei no centro daquilo que olhar. O Universo é infinito, então tanto faz onde estiver, é como uma esfera com raio infinito, qualquer ponto interno é sempre o seu centro.

Aprendi este conceito e o coloquei em prática. Enchia a alma com as melhores sensações de paz e leveza, ainda mais quando reforçava diariamente a Certeza de que sou parte de Deus, que é o Todo e o Criador de Tudo.

Acho que chamar aquilo que vivi de “êxtase espiritual” é pouco. Só sei que é muito bom utilizar este novo sistema de crenças fortalecendo e elevando minha própria consciência, como fizeram Buda, Jesus Cristo, Maomé, Walt Whitman, William Shakespeare e tantos outros homens iluminados, como Richard Maurice Bucke mostra em *Cosmic Consciousness* (Consciência Cósmica), livro publicado no início do século 20 que fala do próximo estágio da evolução do ser humano, que muita gente já alcançou ou está alcançando agora de forma independente, como verdadeiros líderes de uma nova espécie que começa a surgir.

Um dia tive a nítida percepção que o que leva a humanidade a criar para si própria todos os “problemas” que acredita existirem é nada mais, nada menos do que a própria ignorância de que cada um de nós é o Centro do Universo.

Reconhecer que se é o Centro de Universo nada mais é do que tomar consciência de que “Deus está em mim”. Esta percepção, esta consciência dá uma sensação tão fantástica que é melhor do que qualquer droga, mas também causa dependência. Só que é um dependência positiva, você sente que você é a sua própria fonte de prazer inesgotável. “Better than drugs!”, sussurrou a Voz Interior.

Se todos tomassem consciência desta Realidade tudo seria mais fácil. Seria muito mais simples respeitar as duas leis de Jesus Cristo, “amar Deus acima de todas as coisas” e “amar o próximo como a si mesmo”.

Mas como é possível amar o próximo quando não amo nem a mim mesmo?

Desde os tempos de Alcoólicos Anônimos e do inventário pessoal que fiz, tinha percebido que não amava a mim mesmo, era difícil fazê-lo. Agora tudo é diferente, descobri que Deus está em mim, por isto mesmo posso amar a mim mesmo com muita paixão e ternura.

Senti-me inebriado por aquela sensação de plenitude, ainda mais fortalecida por um momento de iluminação que tive no parque Hickory, a uma quadra da casa de Harry, onde ia de vez em quando.

Enquanto pedalava, estava como sempre me auto-observando, mantendo a mente no Momento Presente. A Voz Interior conversava comigo sobre o Fato de ser eu o Centro do Universo.

Foi aí que tive um estalo, percebi que se “eu” sou o Centro do Universo, então “todos os outros seres humanos” também são. Em alguns segundos senti um filme de toda esta vida passar muito rápido em minha mente.

Dei-me conta que se Deus está em todas as pessoas então “briguei com Deus” em cada conflito que tive com cada uma das pessoas com quem convivi.

Tive a nítida percepção que não foi com ninguém mais do que com o próprio Deus que tive tantos conflitos.

Senti-me como Paulo de Tarso na estrada de Damasco. Até ouvi Deus falar comigo e chorei por uns longos dez minutos. Foi algo muito emocionante.

Ouvi uma Voz, muito mais forte que a de meu Anjo, dizer: “Vá em frente e aja cada vez mais rápido, Eu estarei sempre com você abrindo seus caminhos. Quanto mais rápido for, mais milagres vivenciará.”

Como já tinha aprendido que o tempo é uma ilusão, compreendi que a idéia de “rapidez” só pode ser associada à eliminação de bloqueios em minha mente, para simplesmente deixar que Deus faça as coisas acontecerem.

Compreendi que a Voz queria que eu simplesmente “permitisse”, “deixasse” que mais e mais milagres acontecessem através de mim.

Que maravilha! Como o Clone Rico é feliz!

Newton e Freud só Complicam!

Quanto mais a consciência se expandia, mais tempo queria ficar fora de casa.

Voltava cada vez mais tarde à casa de Harry que não gostou quando percebeu este novo hábito. Dizia que queria que eu fosse embora. Estava bravo comigo.

Tinha observado que eu não estava ganhando dinheiro em commodities. Além disto ele não tinha tido coragem de sequer abrir uma conta em seu nome em alguma corretora, para começar a brincar e aprender mais com dinheiro de verdade, “real money”.

Acho que ele se deu conta que eu não era mais necessário, ainda mais quando estava cada vez mais distante dele, sempre querendo ficar mais tempo fora daquela casa, saindo bem cedo e voltando bem tarde.

Meu coração me dizia que ficar naquela casa e seguir as regras que Harry me impunha “me escravizava”. A Voz Interior, com minhas crenças novas, exigia novas ações e atitudes, ainda mais quando não precisava mais dos livros, do computador, da cozinha e nem mesmo da geladeira de Harry.

Fazia todas as “refeições” fora, em geral no Taco Bell’s, ou comprava uma banana ou donut ocasional e algo para tomar no VONS ou no Ralf’s, durante os dias ou madrugadas passadas em claro.

Observando estudantes, com idades uns 15 anos a menos, estudarem durante as noites no Starbuck’s passei a me identificar mais com aquela geração “X” (*The Great Boom Ahead* – O Grande Boom Adiante, de Harry Dent) do que com a de Harry.

Estava fascinado com descobertas quanto à maneira como o cérebro funciona e me senti atraído pela prática de basquete na YMCA. Nunca tinha feito isto antes. Brincava sozinho com a bola e observava partidas de basquete, que aconteciam todas as noites. Procurava manter a visão periférica que se ampliou muito com os exercícios do programa de software para acelerar a leitura, em que objetos que se movem na tela do computador.

Como não podia utilizar o computador por mais de uma hora, nem na biblioteca nem na casa de Harry, que tinha se tornado um pouco rabugento comigo, comecei a praticar os exercícios para fortalecer os músculos de meus olhos com objetos reais em situações reais.

Ficava horas olhando o fluxo de carros em uma avenida na frente do Taco Bell’s onde costumava ir. Fazia de conta que a tela de computador era todo o meu campo visual. Mantendo a cabeça fixa, procurava seguir só com os olhos um carro que ia da esquerda para a direita e depois “saltava” para outro carro que ia na direção oposta.

Foi muito legal treinar meu cérebro para perceber mais coisas, mais informações, ao mesmo tempo.

Outro exercício legal era ir a um Shopping Center, sentar em algum lugar e fixar meu olhar em um determinado ponto o mais distante possível. Enquanto olhava procurava perceber tudo o que acontecia ao meu redor. Esta prática aumentou muito minha percepção periférica, principalmente quando procurava tomar consciência do fluxo de pessoas que acabavam desaparecendo nos limites do meu campo de visão, que deve ser de quase 240 graus hoje em dia.

Finalmente também achei interessante fortalecer a conexão olhos-cérebro acompanhando os jogos de basquete, muito dinâmicos com a bola que se move rapidamente. Mantinha meus olhos acompanhando a bola ou algum jogador, mas às vezes mudava “o foco da minha Atenção” para o chão, única coisa estática na partida, além das cestas é claro.

Durante estes jogos procurava me lembrar que o Centro do Universo SOU EU e nenhum daqueles elementos externos em movimento ao meu redor. A sensação era muito boa, fortalecedora. Minhas sinapses estabeleciam novas conexões entre os neurônios em meu cérebro, senti que algumas áreas dele estavam ressuscitando após um longo descanso.

Estas brincadeiras mentais foram regadas por novas descobertas no campo da Ciência.

Percebi nitidamente que apesar da Teoria da Relatividade ter sido criada por Einstein há quase 100 anos e revolucionado vários campos da ciência, eu ainda vivia meu dia-a-dia com padrões mentais baseados no que a humanidade aprendeu com Newton, muitos séculos antes. Também me dei conta que não era eu o único com esta noção ultrapassada ao interpretar a Realidade.

Newton acreditava em um mundo linear em que todo o Universo se move de uma forma pré-determinada e mecânica. Einstein enxergou o Universo de forma “relativa” colocando por terra toda a aparência de solidez e estabilidade que os conceitos de tempo e espaço, criados pelo ser humano, podiam ter.

Einstein mostrou que o mundo linear e mecânico que Newton “via” é uma exceção e não uma regra em todo o Universo. Depois outros cientistas confirmaram e expandiram mais e mais idéias “relativas” que derrubaram conceitos que, infelizmente, ainda estão se difundindo por todas as camadas sociais há muitos séculos, com a aceitação das teorias de Newton.

Acho que Einstein está para Newton, assim como Carl Rogers está para Freud, no campo da compreensão do ser humano. Freud, como Newton, infelizmente ainda é muito famoso. O rei do divã, com sua visão newtoniana da vida, tinha uma visão muito negativa da essência que nós seres humanos carregamos. Já Carl Rogers, com sua Teoria da Personalidade, diz que “the core of man's nature is essentially positive” (o núcleo da natureza do homem é essencialmente positivo). Use os óculos de Freud e você só verá coisas ruins sendo feitas pelas crianças.

Use os óculos de Rogers e você acabará querendo entrar na brincadeira, junto com elas. “Ao descrever o comportamento humano, Rogers, em contraste com Freud, é um otimista”, *Cresça e Fasça Crescer – Lições de Carl Rogers*, de Henrique Justo.

Acho hoje que Freud e Newton só complicaram a nossa maneira de viver no Ocidente.

Há uma passagem muito bonita no desenho animado *Pocahontas* em que há um diálogo entre a bela índia e seu pai, o cacique, em que ele dá conselhos a ela utilizando a “estabilidade” de um rio como analogia para o curso seguro que a vida dela deveria seguir. Depois ela canta uma linda canção falando que ela vê o rio de forma completamente diferente.

O que ela gosta no rio é que ele está sempre em estado de transformação. “Lá na curva o que é que vem? Lá na curva o que é que vem?” pergunta ela empolgada com a natureza dinâmica e imprevisível do “seu” Universo.

Aquele diálogo e canção simbolizam muito bem o conflito de gerações do qual participamos hoje em dia com os mais velhos com mentes “newtonianas” tentando defender idéias impossíveis de serem aceitas pelas cabeças “relativas” ou “quânticas” que estão crescendo agora.

Procurando me modernizar mentalmente, comecei a aplicar ao meu cotidiano a idéia de tempo e espaço relativos, ainda mais quando me aprofundei um pouco na Teoria Quântica, mais moderna ainda do que a da Relatividade. (*Quantum Field Theory in a Nutshell*, de Anthony Zee) (Teoria do Campo Quântico em uma Casca de Noz)

Descobri que não é por acaso que o fundo de investimentos de George Soros, um dos maiores investidores de todos os tempos, se chama “Quantum Fund”. O sucesso de Soros se deve a sua visão brilhante da Realidade, com certeza melhor do que a que eu tinha.

Soros, que quando criança acreditava ser Deus (*Soros: The Life and Times of a Messianic Billionaire*, de Michael T. Kaufman), também é o criador da Teoria da Reflexividade, que diz que todos os participantes nos mercados tem visões distorcidas da Realidade. O resultado disto é que os preços de ações e commodities são sempre resultantes do conjunto de todas as distorções iniciais (*The Alchemy of Finance : Reading the Mind of the Market*, de George Soros).

Percebi que o tempo simplesmente não existe, só existe movimento, como Einstein afirmava.

O movimento é a única coisa que nos faz crer que existe tempo. Quando um objeto se move de um ponto para outro em “nosso espaço”, então cremos que o tempo existe. O que houve de fato foi somente movimento, o único tempo que continua existindo é o Momento Presente.

Qualquer interpretação do que aconteceu no passado ou que pode ocorrer no futuro, não é tempo e sim criações de nossas próprias mentes. Este raciocínio pode ser aplicado a qualquer área de nossas vidas, inclusive ao acompanharmos o crescimento de uma criança. Experimente!

Uma noite, voltando para a casa de Harry, por volta de 4:00 h da manhã, enquanto pedalava tive a nítida impressão de que até o movimento é ilusório e relativo, meu corpo físico não estava se movendo em relação à bicicleta.

Se o corpo mental aceitar que sou o centro do Universo e que o centro de referência de meu espaço-tempo é o corpo físico, então não me movo nunca. O corpo mental está parado em relação ao corpo físico.

Que paz, que sensação de plenitude senti naquele momento!

Mais uma vez, tive a nítida impressão que a origem dos “problemas” gerados pelo ser humano em todos os seus conflitos com o ambiente e seus semelhantes está exatamente na crença errada que coloca fora de si mesmo o Centro do Universo e a origem dos eixos cartesianos de sua própria Realidade.

Se não utilizasse os edifícios e casas ao redor como referência, não estaria me movendo e sim parado, assim como a bicicleta não saía debaixo de mim, enquanto nós dois íamos em direção à casa de Harry. Dormi aquela noite com muita gratidão a Deus por me permitir mais aquela revelação.

Além de procurar entender melhor Einstein, procurei aprender mais sobre a Teoria do Caos, residente em minha mente como um ponto de interrogação desde que assisti o filme *Jurassic Park* (Parque dos Dinossauros), em que há um personagem “caologista”.

Em *Pai Rico, Pai Pobre*, Robert Kiyosaki também afirma que se beneficiou em seus negócios que o deixaram milionário por ter frequentado um curso sobre Caos. Na Biblioteca de Torrance também acessei muitos livros sobre commodities e mais de um autor trata este assunto com enfoque baseado em Caos e Fractais, algo que também estimulava minha curiosidade.

Basicamente a Teoria do Caos, que evoluiu de técnicas para prever mudanças climáticas, diz que um pequeno fator pode causar mudanças enormes em um sistema. Nestas mudanças desordenadas é possível encontrar-se uma espécie de ordem que se repete, os Fractais.

O exemplo clássico é que “uma borboleta batendo asas na Amazônia pode provocar um tornado sobre os poços petrolíferos do Texas”. (*Previsibilidade: o bater de asas de uma borboleta no Brasil desencadeia um tornado no Texas?*, artigo apresentado em Washington em 1972, por Eduard Norton Lorenz, cientista do MIT - www.geocities.com/inthechaos/histo.htm)

Quanto mais li sobre Caos mais me delicieei ainda mais sabendo, a partir de *O Caminho do Mago*, que a vida comporta ordem e caos (desordem) misturados. O Mago aceita os dois com apreço.

Tive vontade de “ser a borboleta”, como vi sugerido no livro com o título sugestivo *Living Among Meat Eaters: The Vegetarian's Survival Handbook* (Vivendo Entre os Comedores de Carne: O Manual de Sobrevivência do Vegetariano), de Carol J. Adams.

Comecei a assimilar profundamente a Verdade que Masaharu Tanigushi quis transmitir quando escreveu “Se oro, o mundo me responde e se move quando eu me movo” na Sutra Sagrada CHUVA DE NÉCTAR DA VERDADE, da Seicho-No-Ie.

Pela primeira vez percebi que, a cada vez que me movo ou “bato minhas asas”, como a pequena borboleta da Amazônia, posso estar provocando um furacão mais ali adiante. Foi uma verdadeira sensação de poder, mesmo com a consciência de um Universo físico cada vez maior em que eu, borboletinha, seria cada vez menor.

Queria “ser a borboleta”, principalmente porque sabia e SEI que Deus está em mim e que EU SOU o Centro do Universo.

Não é de se espantar que a casa de Harry tivesse ficado pequena para mim ainda mais quando olhava suas carrancas demonstrando que não estava contente com nosso acordo em que estabelecemos que eu ficaria lá até 12 de dezembro, data até a qual já tinha pago o aluguel do quarto.

Mas além de expandir minha consciência, também tinha aprendido, com o próprio Deus, que não devia brigar com as pessoas. Elas são a própria Expressão Divina em minha Realidade. Com esta nova crença foi impossível negar que as carrancas de Harry eram como a Palavra de Deus dizendo que deveria deixar o fluxo da vida me levar, sem medo. Afinal, Deus está sempre comigo e em mim.

Com este raciocínio não foi difícil derrubar mais “muros de tijolos ilusórios” de medo que me alertavam sobre o perigo de ficar sem dinheiro e de não achar outro lugar para ficar.

Em 8 de novembro decidi ir embora naquele mesmo dia, mesmo não sabendo para onde ir. Tinha aprendido que o importante era “Ter a Visão e Agir, durante a Ação os Planos são Apresentados”. O que não é muito diferente do que aprendi com Ken no “dê o primeiro passo, que o próximo será revelado”.

Lembrando que “precisava aliviar minha carga se quisesse chegar ao topo da montanha”, voltei para casa e separei o mínimo indispensável, coisas que não devia jogar fora ou doar.

Coloquei coisas que podia doar para o Exército da Salvação em um saco plástico na varanda na frente da casa de Harry, telefonando antes para pedir a coleta no dia seguinte.

Enchi minha mochila maior com livros para doar à Biblioteca Pública. Eram livros que achei que não iria ler novamente; já tinha assimilado bem a mensagem que eles continham.

Com a mochila cheia pedalei em direção à Biblioteca. Estava parado em um sinal vermelho, procurando manter a mente elevada acima do turbilhão interior de emoções e pensamentos sobre o que aconteceria depois daquela atitude dramática que eu estava por tomar, quando um homem negro e com cavanhaque puxou papo comigo.

Ele falou sobre uma igreja para solteiros e perguntou se eu também era “single”. Falou algumas coisas que não compreendi bem, seu inglês era enrolado, mas entendi que estava me convidando para ir a uma festa que a sua igreja realizaria no próximo sábado. Pensei que mais uma vez o supermercado de religiões me oferecia um produto para ser retirado da prateleira.

Mesmo com aquele pensamento preconceituoso que cruzou minha mente, percebi aquele encontro incomum como um sinal. Raramente alguém desconhecido puxa papo comigo, ainda mais no meio da rua. Fiquei mais impressionado ainda quando o sujeito me entregou um papel cor de rosa que continha os dados sobre a festa e endereço.

Quando abriu o papel amassado por ter estado no bolso de sua calça jeans, vi como Deus mais uma vez estava se comunicando comigo através de uma pessoa. O nome da festa, escrito em letras grandes, era “The Holiness of God” (A Sacralidade de Deus).

Naquele exato momento em que me perguntava se Deus queria que eu sáisse da casa de Harry, aquele Sinal Divino caiu em minhas mãos. Não tinha a menor intenção de ir à tal festa, mas aquela mensagem contribuiu para que continuasse com meu plano de ir em direção ao desconhecido e deixar a casa de Harry, mesmo sem saber para onde ir e observando as nuvens se acinzentando no céu que, mais do que nunca, passou a ser o teto da “minha casa”.

Depois de fazer duas viagens à Biblioteca para descarregar a mochila grande em um cesto de doações, voltei e anunciei minha decisão a Harry.

Foi muito interessante perceber como ele mudou radicalmente de atitude comigo, tentou me dissuadir de ir embora naquele dia. Pedia que eu ficasse mais alguns dias para poder achar um lugar para morar antes. Mas eu estava decidido a ir em frente, até lhe mostrei o papel cor de rosa que o homem negro da sinaleira me deu.

Foi gozado ouvir Harry dizer que eu poderia voltar à sua casa quando quisesse e que eu tinha sido um verdadeiro “bud”, amigo, para ele. Gostei muito de ouvir aquelas palavras, mas percebi a

crueledade que existe na maneira mecânica como os pensamentos negativos dominam as pessoas adormecidas psiquicamente e fazem com que elas façam coisas que não estão de acordo.

Tive a sensação que Harry gostava que eu estivesse lá, que lhe fizesse companhia, mas sentia-se ferido por eu não passar mais muito tempo com ele. Por isto tinha começado a manifestar a vontade de que eu fosse embora, mesmo que esta não fosse a sua verdadeira vontade.

Com a consciência expandida, não era mais interessante permanecer na casa de Harry e nem mesmo conviver com ele, o que me levava a ter de justificar novas atitudes para uma mente que tinha sido mecanizada por noções newtonianas de vida até aquele momento.

Minha mente aceitava Caos, Relatividade e Desconhecido, como passagens para um mundo Ilimitado e Maravilhoso, o Reino de Deus em mim, um Reino de Abundância e Prosperidade e não de limitação e mecanicidade, como aquele em que a mente de Harry vivia imersa.

O temporal se armava no céu quando amarrei minha mochila menor no suporte traseiro da bicicleta e coloquei a maior em meus ombros. Abracei e me despedi de Harry agradecendo por toda a paciência e generosidade que teve comigo. Ele tinha me oferecido uma oportunidade que mudou radicalmente o curso da minha vida, desde o momento em que nos encontramos pela primeira vez em Grants Pass.

Comecei a pedalar, com as duas mochilas pesando nas costas e na bicicleta, enquanto ainda não sabia onde dormiria naquela noite. Era cerca de 17:00h e uma solução era necessária, logo escureceria naquele princípio de outono.

Foi aí que a Voz Interior “soprou” o “plano” dizendo que eu “não precisava dormir”. Era só ir à YMCA e mais tarde para o Starbuck’s, que ficava aberto 24 horas. Ficando lá até a manhã do dia seguinte voltaria à YMCA assim que ela abrisse. Poderia repetir este ciclo diariamente e durante os dias poderia ir à Biblioteca Pública, meu grande escritório. O plano tinha sido fornecido, agora devia executá-lo.

Este plano só se tornou possível porque creio ser possível viver sem dormir, como aprendi em *Viver de Luz*, de Jasmuheen, onde ela declara que dorme pouquíssimo e que, como não come, só pára de trabalhar para nadar na piscina de sua casa.

Interiormente achei aquele plano “o máximo!”. Conseguiria testar e superar meus limites!

Dias depois de repetir o tal “ciclo” várias vezes, contei para Mariah, a professora de Prosperidade e Abundância, o que estava acontecendo comigo. Ela disse que aquele era um passo muito interessante, eu seria recompensado por Deus.

Disse a ela que estava cochilando no máximo uma hora por dia, entre às 06:00h e 07:00h, em alguma sala de ginástica que encontrasse ainda vazia na YMCA e que me sentia pleno e cheio de energia, apesar de praticamente não dormir.

Ela me comparou a um sujeito que dormia somente uns dez minutos a cada quatro horas, não sabia dizer se era Einstein ou alguém mais. Comparou aquele tipo de aprendizado com o que Cristo e outros mestres espirituais tiveram em condições muito mais desconfortáveis.

Lembrei de Michael Gerber no final do livro *The E-Myth Revisited*, quando diz a Sarah, uma empresária fictícia, que “o conforto faz de nós todos covardes”. Se isto é verdade estava grato a Deus por me dar mais esta oportunidade para superar minhas próprias limitações e deixar de ser um covarde superando mais “muros de tijolos ilusórios” de medo.

O Clone Rico com certeza não se deixaria envolver pelas amarras tiranas do conforto, que aparentemente libertam, enquanto na Verdade estão escravizando em profundidade.

EU SOU Selvagem?

O que mais me chamou atenção neste período de expansão mental foi que me sentia muito mais rico do que Harry, com toda a sua casa de dez cômodos. Percebi que o teto da minha casa é o céu e sou filho de Deus, tendo todo o Universo como herança. Estas palavras não eram simples retórica, mas a Percepção de uma Realidade que sempre foi e é A Verdade, a despeito de qualquer noção errônea que tenham procurado me ensinar no princípio desta vida.

Com os dias que se passavam rapidamente, criei uma nova rotina em que não dormia, enchia minhas horas com mais e mais livros para ler ou esportes para aprender. Comecei a nadar e me maravilhava que pudesse fazê-lo mesmo sem dormir. Além de nadar, jogava basquete e também consegui finalmente escalar rapidamente a 5ª trilha mais difícil no rock climbing, a escalada do paredão de rochas artificiais na YMCA.

Na Biblioteca, um dia “tive um insight” (traduzindo: ouvi um grito da Voz Interior!!!) de que aquelas prateleiras cheias de livros eram semelhantes às prateleiras cheias de armas que Neo recebe de Tank no filme *Matrix*, quando quer salvar Morpheus.

Brincava dizendo a mim mesmo, ao estar entre duas prateleiras cheias de livros: “Guns, lots of guns!” (Armas, um monte de armas!) Esta é a expressão usada por Neo para pedir as armas a Tank. Logo depois Neo e Trinity são circundados por inúmeras prateleiras cheias de armas, das quais nossos heróis selecionam algumas para o salvamento de Morpheus.

Também acho legal a cena em que Trinity quer pilotar um helicóptero e pede a Tank para carregar em sua mente o programa que ensina como fazê-lo. Segundos depois da “carga” ela pega o helicóptero em suas mãos e o pilota com a maior destreza.

Com estas imagens mentais de SuperAbundância ia à Biblioteca e retirava das estantes mais de cem livros para seleção. Depois os folheava rapidamente; em cerca de duas horas saía com uns doze livros, ou “armas”, para ler no café Starbuck’s durante a noite.

Uma vez fui repreendido por um funcionário por estar sobrecarregando as funcionárias de trabalho por terem de recolocar tantos livros nas prateleiras. Ele não conseguiu compreender que eu lia tão rápido e que estivesse lá trabalhando ou estudando como as outras pessoas, só que a uma velocidade muito maior. Achou que eu fazia aquilo só de safadeza.

Nas noites passadas no Starbuck’s em meio a livros lidos com muita rapidez às vezes puxava papo com algum estudante. Era interessante saber como pensavam e o que estavam estudando na Universidade, lugar que deve ser considerado com muita cautela se você quiser aprender sobre a vida e negócios. Os livros de Robert Kiyosaki demonstram que não é estudando e tendo boas notas que a gente enriquece e é feliz. Algo que eu experimentei em minha própria carne. Sempre tive boas notas e passei no vestibular entre os primeiros, mas riqueza e felicidade sempre estiveram longe de mim.

Aliás, o título do primeiro livro de Robert, que ainda não li, é justamente “If You Want To Be Rich and Happy, Don’t Go to School!” (Se Você Quer Ser Rico e Feliz, Não Vá à Escola). Se você quiser ser rico e feliz seja um autodidata!

Como você acha que os meninos e meninas gênios estão fazendo para poder cantar diante de grandes públicos, criar empresas com milhões de clientes e desenhar coleções de roupas somente aos 12 anos de idade?

Não delegue completamente a educação de seus filhos às escolas ou irá jogar muito dinheiro fora e se arrepender.

Numa das conversas no Starbuck's conheci Jose, estudante de Ciências Sociais, americano de origem mexicana, preocupado com a qualidade de vida das populações carentes de Los Angeles. Fiquei impressionado ao conhecer alguém que se preocupasse com carência e pobreza naquele país tão rico materialmente.

Com encontros repetidos fui pegando confiança em Jose que foi muito legal comigo, me emprestava seu laptop e me perguntou se eu acreditava em Deus, procurando introduzir um papo sobre sua religião “para latinos”, mais uma do famoso supermercado, é claro.

Jose dormia muitas vezes em seu carro no estacionamento do Shopping Center ao ar livre. Não queria voltar para casa no meio da noite, achava desrespeitoso acordar seus pais chegando tão tarde. Enquanto dormia eu usava seu laptop com conexão “wireless” (sem fio) à internet dentro do próprio Starbuck's. A conexão era super rápida!

Ajudei meu novo amigo a elaborar currículos e cartas para a troca de emprego que ele queria e em dois de seus trabalhos para a faculdade, em que conversamos sobre “sistemas abertos e fechados”. Ele queria se expressar mais claramente e o assunto me interessava.

Só um sistema aberto aceita e se adapta ao caos, que no fundo nada mais é do que toda e qualquer nova informação que chega ao sistema. Se trocarmos a palavra “sistema” por “mente” podemos utilizar o mesmo raciocínio. Por exemplo, George Soros aplicou esta idéia a sociedades, criando o conceito de “sociedade aberta” e destinando bilhões de dólares a suas fundações de caridade para “abrir” as “sociedades fechadas” do leste europeu ex-comunista.

Jose achava divertido me ouvir falar tantas vezes de caos, interpretando todo o ambiente em que estávamos como “caótico”. No meio do caos eu começava a ver muita ordem. Imagino que ele compreendeu isto também.

Além do caos, com a leitura de *Time Wars, The Primary Conflict in Human History* (Guerras de Tempo, o Conflito Primário na História Humana), que trata da natureza irreal e pessoal, personalizada, do conceito de “tempo”, compreendi melhor o que os antigos Taoístas e Heraclitus, um filósofo grego, queriam dizer quando afirmavam que só existe “fluxo”, “mudança”, “movimento”. Durante estas leituras, em uma noite chuvosa passada no Starbuck's, compreendi finalmente que o próprio Momento Presente não existe, só existe Fluxo.

Aquilo que chamava de “momento presente” é algo que já está no passado, não existe mais.

Minha mente nunca conseguiu pegar nenhum Momento Presente. Com a idéia de “ter de permanecer nele”, constantemente tirava “fotografias mentais” de “momentos passados”. É uma tarefa impossível que me deixava um pouco apreensivo, apesar de mais calmo e tranquilo do que quando vivia mentalmente no passado e/ou futuro.

Com esta nova percepção, a Voz Interior passou a repetir com constância “keep flowing!” (mantenha-se fluindo). Antes Ela dizia “stay in the now!” (fique no agora).

Compreendi o que é a tal “sopa quântica” que os cientistas da Teoria Quântica criaram como conceito para interpretar melhor o que é a Realidade, que não é visível a olho nu. Aliás, o Real é o Invisível, somos todos cegos passeando em um oceano quântico.

Tomar consciência do Fluxo foi um dos meus momentos mais fantásticos; dei-me conta que meu corpo na verdade não acabava em sua pele; ele se misturava com a mesa e todos os outros objetos e pessoas naquele Café.

Claro que a sala continuava e se estendia por todo o Universo Infinito. Senti o fluxo de elétrons, átomos e quanta passando por meu corpo e me interligando a Todo o Todo. Esta foi uma das primeiras vezes que senti a Consciência da Unidade, descrita brilhantemente por Deepak Chopra em *O Caminho do Mago* e *Como Conhecer Deus*.

Com um aroma gostoso de café em minhas narinas e em meio a tantas revoluções em meu sistema de crenças, parava de vez em quando para conversas com Jose, nos dias que ele ia ao Starbuck's. Revelei a ele meu estilo de vida naquele período.

Disse que não dormia e que estava estudando para poder viver e compreender melhor o mundo, podendo servir melhor a humanidade. Também disse que queria fazer dinheiro com

commodities para poder “mudar o mapa do mundo” como George Soros está fazendo nos países da Europa Oriental.

De vez em quando Jose me dizia: “You are Wild, Otavio!” (Você é Selvagem, Otavio!) Adorava ouvir estas palavras, ainda mais quando percebi que não era “selvagem” no sentido literário, mas estava finalmente me libertando de amarras, deixando de ser “domesticado” como a maior parte das pessoas que conheço, inclusive o próprio Jose, que ficava surpreso ao me ver acordado noites a fio sem tomar uma gota de café, que ele tanto precisava para continuar estudando naquelas madrugadas.

Com a idéia de que era “selvagem” lembrei do que li em *The Sovereign Individual* (O Indivíduo Soberano), de James Dale Davidson and Lord William Rees-Mogg. O Homem só se acomodou e deixou de ser caçador e nômade, depois de inventar a agricultura.

Com a “domesticação de si mesmo”, que houve após aquela invenção, o ser humano também se afastou de si mesmo, da natureza e de Deus. Agora chegaram os tempos de voltarmos a ser novamente caçadores e nômades, “selvagens”.

É assim que me sentia, um “selvagem e nômade caçador de informações que adorava o caos”. Também associei a idéia de “ser ilimitado” a “ser selvagem”.

Não me sentia nada “domesticado” como Harry e tantas outras pessoas que conheço são. Sentia-me ilimitado e agradecia a Deus por me dar mais esta chance de transformar minha vida para ela ser mais alegre, feliz e cheia de energia ilimitada.

Abundância e Prosperidade passaram a ser palavras que enchem meu Ser com sensações maravilhosas em que a Conexão Divina se intensifica, exatamente como o Clone Rico sempre experimentou.

Aprendendo a Esquiar a Vida

Desde quando tinha passado pela “cidade” de *A Richman's Secret* (O Segredo de Um Homem Rico) achava fantástico poder viver sem pensar e seguir completamente, em cada Momento Presente, toda Orientação Divina que recebesse.

Aquilo me soava como o modo perfeito de viver, sem todas as dúvidas, medos e descrenças com que vivi o princípio desta vida.

Durante vários meses focalizei minha mente no Momento Presente, eliminando qualquer crença em passados e futuros preestabelecidos. Utilizei a idéia de Deepak Chopra, em *O Caminho do Mago*, que define tempo como uma teia de aranha, em que a cada decisão que tomamos várias linhas de futuros potenciais se delineiam. Todos são possíveis; a escolha do cenário que se formará a seguir depende de cada decisão tomada Agora.

Estes conceitos abriram minha consciência para uma vida mais plena e cheia de energia, alegria e disposição, mas faltava algo para que eu pudesse realmente viver as 24 horas de cada dia, fluindo no Momento Presente.

Quando encontrei *The Abundance Book* e o Curso de Consciência da Prosperidade de Mariah compreendi o que estava faltando, descobri que ao me manter “conectado” a Deus, elevava mais meu nível de energia e me sentia ainda mais pleno, capaz de jogar o jogo da vida com mais prazer ainda.

Mas não conseguia manter a Conexão Divina o tempo todo. Algumas vezes ela “caía” e me deixava iludir por pensamentos e sentimentos negativos de escassez e pobreza. Era como se tivesse uma “conexão discada por linha telefônica com ruído” e não uma “conexão 24 horas banda larga em alta velocidade” com a internet.

Com frequência minha “conexão discada” com Deus caía, mas não aceitava mais que isto fosse “normal”. Tinha a necessidade de aprofundar mais meus conhecimentos para ficar mais imune ainda a qualquer ilusão que me enfraquecesse.

Lendo alguns livros que tratavam de como ser um melhor trader (negociador) em commodities, como *Trading in the Zone* (Negociando na Zona), de Mark Douglas, percebi que há uma tendência crescente de se utilizar “nos mercados” técnicas mentais oriundas dos fenômenos que acontecem com atletas de alta performance “nos esportes”. Durante algumas partidas estes atletas entram em um estado mental tão pleno que simplesmente acertam todas as bolas na cesta em um jogo de basquete, por exemplo.

Existem muitos outros exemplos de atletas que entram no estado mental chamado “zone”, zona, em que não fazem nada além de acertar cada lance, driblando com perfeição todos os adversários que lhes aparecem pela frente.

Acho até que a seleção brasileira de futebol esteve na zone durante toda a copa de 2002, por isto venceu todas as sete partidas que jogou. Quando se entra na zone é como estar em uma espécie de túnel para uma outra dimensão da Realidade em que nos tornamos superpessoas, super-homens, supermulheres.

Minha nova consciência dizia que tudo na vida é fluxo constante, ou ação constante e para “jogar” melhor no mundo dos negócios precisava entender como os atletas jogam na zone.

Entendi que a ação e agitação, com tantas mudanças em todas as áreas de nossas vidas neste início de século 21, nada mais é do que a ação, antes confinada aos campos de esportes, saindo e invadindo outros “campos” dos inúmeros “jogos” que jogamos, fazendo com que nós seres humanos tenhamos que agir mais rápido em tudo aquilo que fazemos.

Achei que podia me beneficiar com a leitura de algum livro que tratasse especificamente de “entrar na zone” dentro do contexto de um esporte. Não sabia direito qual esporte devia pesquisar, mas fui imediatamente para a sessão de livros esportivos da Biblioteca Pública de Torrance, onde estava quando a Voz Interior me soprou toda aquela linha de raciocínio.

Olhando as prateleiras recheadas de livros sobre esportes, encontrei um que me mostrou em detalhe como o Clone Rico se mantinha a cada Momento Presente jogando e acertando tantas coisas em todas as áreas de sua vida.

Inner Skiing (Esquiar Interior), de W. Timothy Gallowey, explicava um método natural e espontâneo para aprender a esquiar, baseado na capacidade de aprender intrínseca que o próprio estudante tem. Esta capacidade não reside em seu intelecto, mas em seu corpo. Finalmente compreendi que minha inteligência não reside somente em minha cabeça; ela está espalhada por todas as células do meu corpo.

Tinha aprendido que existe uma Voz Interior em mim e também uma parte mais elevada, chamada de Divindade Interior, por Jasmuheen, God-Self, por John Randolph Price, Porta, por Ken Roberts, Mago, por Deepak Chopra, ou Mente Livre, por Guy Finley.

Mas a idéia de uma parte de mim menos elevada era ainda confusa, apesar de ter aprendido que não devia confiar naqueles pensamentos, aqueles “demônios”, que cruzavam minha mente.

Com *Inner Skiing*, entendi melhor que havia duas partes em mim que não operavam em completa harmonia. O autor as chamou de Self 1 e Self 2. Elas são como o diabinho e o anjinho em cima dos ombros de personagens de desenho animado.

Para aprender a esquiar de forma mais alegre, descontraída e divertida é importante silenciar a Self 1, que é a crítica, aquela que está sempre pronta a ficar “pensando” e querendo “controlar” os movimentos do estudante, a fim de que ele possa esquiar “direito”.

A Self 1 segue padrões estabelecidos de fora para dentro, sem considerar a capacidade inerente e natural que existe na pessoa para esquiar. Ela ignora que o corpo inteiro tem Sabedoria, “já sabe esquiar”, só precisa se lembrar disto, mesmo antes de colocar um par de esquis pela primeira vez.

Aquela descrição soou como quando o Messias de *Ilusões*, de Richard Bach, pega um violão e simplesmente sai tocando a mais linda melodia sem a menor dificuldade, sem antes jamais ter tocado em um instrumento como aquele.

De um lado a Self 1, do outro a Self 2 que, quando deixada livre procura sentir e mergulhar na Realidade, vivendo plenamente cada Momento Presente que, no esqui, é sempre diferente. A neve derrete ou fica mais dura a cada segundo que passa, “a mesma pista nunca é esquiada duas vezes”.

Uma única pista, apesar de parecer igual no trajeto e bandeirinhas, está sempre mudando. É impossível achar orientação intelectualizada de boa qualidade no que a Self 1 crítica sugere para se esquiar “bem”, ainda mais na alta velocidade em que se desliza sobre a neve.

Além da mudança constante do cenário em que o esquiador esquia, também existe uma outra razão para a Self 1 não ajudar nada na prática deste esporte. O esqui é completamente contra-instintivo, não existe experiência semelhante nos movimentos do dia a dia, em que caminhamos ou corremos, o que exige nosso esforço. Para esquiar não é preciso se esforçar. O esforço atrapalha.

Quando colocamos o par de esquis em nossos pés sobre a neve, eles começam a deslizar e a primeira “idéia brilhante” da Self 1 é aquela de nos jogarmos para trás para “poder parar”. O que acontece é justamente o contrário, jogando-se para trás os esquis deslizam mais rápido ou então a queda fatal é ainda mais rápida.

Quando caímos a Self 1 vem novamente com críticas e mais críticas e dizendo que é importante contrair as pernas, os ombros e se “concentrar” para parar de “errar”. O resultado deste método é uma grande tensão no corpo e mais quedas seguidas de mais críticas e tensões.

Vivenciei muito profundamente este diálogo interior com a Self 1 quando esquiei na Itália várias vezes enquanto morei lá. As quedas eram freqüentes e as críticas da Self 1 podiam durar horas. A Self 1 também me mantinha muito contraído sobre os esquis, sem deixar que me

entregasse plenamente à Self 2, aquela Parte Divina em mim, que queria me levar pela neve descontráida e deliciosamente, como o livro descrevia.

Foi muito interessante saber que existia uma parte em mim que deveria ser silenciada. Aprendi com isto que os “demônios” que Ken Roberts descrevia provinham de mim mesmo. Este conjunto de pensamentos e emoções negativas tinha uma origem agora, a Self 1, parte mais obscura de minha mente, meu único ativo.

Naqueles dias estava jogando basquete e comecei a brincar com a bola com um ambiente mental completamente renovado. Desde criança tinha sido difícil jogar qualquer esporte com bola, agora entendia o porquê daquelas “dificuldades”.

Procurei identificar, ao bater a bola no chão e jogá-la na cesta, as duas partes de minha mente, a Self 1 crítica e a Self 2 que tinha prazer em jogar e queria aprender sem sofrer, sem críticas.

A Self 2 aprende com os erros e não precisa de ninguém interior dizendo como fazer para acertar. Foi maravilhoso perceber que acertava mais cestas quando seguia a instrução da Voz Interior. “Just let Self 2 play! Just let God-Self play! Just let God play!” (Só deixe a Self 2 jogar!)

Compreendi a extensão do dano que a Self 1 tinha causado em todas as áreas de minha vida, sendo uma crítica de cada passo que eu dava, implacável mesmo nos momentos em que ninguém mais, fora de mim, me cobrava resultados melhores naquilo que fazia.

A Self 1 tornou minha vida um inferno e bloqueou minha energia muitas vezes fazendo que eu deixasse de acompanhar o fluxo da vida em várias ocasiões, por vários dias ou mesmo meses. Dando ouvidos à Self 1 muitas vezes tinha ficado deprimido por longos períodos.

A partir de Agora tudo seria diferente, aprendi finalmente que a Self 2 poderia jogar e se autmelhorar de maneira livre, leve e solta, levando-me a experienciar o estado mental “zone”, como eu tanto ansiava. Tinha lido em *O Caminho do Mago* que “o problema dos mortais não são os desejos que tem, mas o esforço que fazem para realizá-los.” Quando me “esforço” na verdade estou “indo contra a maré” e impeço que meu próprio desejo seja atendido. É parecido com querer surfar indo contra a direção das ondas.

Conhecendo melhor a Self 2, e delimitando mais a ação da Self 1, compreendi que não devia me esforçar para acertar a bola de basquete na cesta, esquiar, fazer algum negócio ou escrever um livro. O esforço é “o problema”, “a dificuldade”, e é oriundo da necessidade que a Self 1 tem de controlar o ambiente, as pessoas ao redor e meu corpo físico.

Aqueles conceitos que levam as pessoas a esquiar de maneira mais leve, solta e eficiente, eram reforçados pelo que tinha aprendido sobre Abundância e Prosperidade também. Ficou claro que não sou eu que faço nada para manifestar alguma coisa em minha vida, mas sou eu que deixo que os eventos aconteçam trazendo para mim aquilo que desejo. É como “ter confiança plena no Deus em mim” ou “ter confiança na confiança, ter fé na fé”, como diz Deepak Chopra em *O Caminho do Mago*.

Compreendi melhor nestes dias de peregrinação o que Deepak quer transmitir no mesmo livro quando afirma que o Mago não planeja ou se preocupa com qualquer coisa, ele não se esforça para realizar nenhum de seus desejos.

Ele deixa que o lado autônomo de seu cérebro controle também estas partes de sua vida, assim como já controla os batimentos cardíacos, a digestão, o crescimento das unhas e cabelos, a regeneração de células e tantas outras operações completamente inconscientes e autônomas, que ocorrem sem qualquer interferência da Self 1 crítica e pensativa.

Procurando dar mais embasamento à crença crescente que posso confiar plenamente em Deus e em sua Presença Divina em mim, também denominada de outras formas como Self 2, assisti um vídeo que trata sobre intuição e ouvi a autora dizer que as intuições vem do lado direito de nossos cérebros, que funciona de forma completamente diferente do lado esquerdo, tão nosso familiar com todos aqueles pensamentos e medos que gera.

As intuições simplesmente “pipocam” em nossas mentes. Quando menos esperamos elas aparecem sem que tenhamos qualquer controle sobre elas. Aliás, quando tentamos controlá-las elas

desaparecem, exatamente como acontece com o esquiador dominado pela Self 1 controladora, acaba caindo, não consegue deslizar sobre a neve suave e velozmente.

Achei maravilhoso conceber uma forma de viver que é como esquiari na zone, fluir em perfeita harmonia com o Momento Presente e o Fluxo, sem o menor apego ao passado ou ao futuro projetados por minha própria mente.

Aprendi que aquela mente só seria um bom ativo no momento em que parasse completamente de criar “passados” e “futuros”. “Don’t make plans, don’t make projections!”, sussurrava a Voz Interior. (Não faça planos, não faça projeções!) Aqueles passados, futuros, planos e projeções eram concebidos pela Self 1 a fim de controlar os resultados do Jogo da Vida.

O esquiador que deixa a Self 2 coordenar seus movimentos, esquiando sem qualquer interferência da Self 1 alcança um estado mental chamado “peripheral awareness” (consciência periférica) que possibilita a percepção do todo e de tudo ao mesmo tempo, sem pensar.

Ao mesmo tempo, no mesmo Momento Presente, ele simplesmente “vê” com seu “olho interior” a si mesmo, a neve por onde desliza com os esquis, as árvores, as balizas e a platéia ao seu redor. É como se ele pudesse simplesmente “ver” tudo ao mesmo tempo, como diz Deepak em *O Caminho do Mago*, quando afirma que “O Mago não pensa, ele vê!”. No caso do esquiador, ele “vê” até a solidez da neve e a velocidade do vento, por exemplo.

Lembrei do filme *Matrix* novamente quando Morpheus diz a Neo “don’t think you are, know you are!” (não pense que você é, saiba que você é!). “Pensar” é muito diferente de “fazer”.

O autor de *Inner Skiing* (Esquiar Interior) me fez entender plenamente esta diferença, ainda mais quando afirma que quanto mais pensamos mais nos distanciamos do estado de “awareness” (consciência) necessário para deixar a Self 2 esquiar livremente, como uma criança costuma fazer.

Com aquela descoberta e reconhecendo que todo o “mundo conhecido” foi “inventado”, “interpretado” por alguém mais, todas as idéias de realidade nada mais são do que meras interpretações criadas muitas vezes pela Self 1 de outras pessoas.

Lembrei de uma conversa que tive com Harry. Ele desconfiava até das histórias contidas na *Bíblia*. Tudo o que aprendemos foi criado por outros seres humanos que podem estar errados. Quanto mais pensamos, nos apegando a idéias criadas por outros ou por nós mesmos, mais nos distanciamos da Realidade, que é Suprema e completamente indiferente a qualquer de nossas interpretações.

A um certo ponto quando lia um livro sobre a Teoria do Plasma que afirma que o Big Bang, aquela explosão inicial que teria dado início a tudo o que existe em movimento hoje, nunca aconteceu e que o Universo nunca teve início e jamais terá fim, me deparei com a incerteza total de tudo aquilo que aprendi. (*Plasma Universe: Beyond the Big Bang*, de Anthony L. Peratt) (Universo de Plasma: Além do Big Bang).

No momento em que obtive uma melhor compreensão sobre reencarnações, tinha admitido que o “meu princípio”, a “minha primeira encarnação” ou algo do gênero, se confundia com o princípio do Universo, aquela explosão em estado de expansão até agora.

Imaginar que o Big Bang nunca aconteceu foi mais um choque para mim. Mais um conceito aprendido caía por terra. Só me restava realmente parar de pensar e viver ainda mais plenamente o Fluxo do Momento Presente.

Num ato de completa rendição, hasteei a bandeira branca e admiti a minha total ignorância, mesmo depois de ler tanto.

Aceitei, mesmo de maneira sofrida, que tudo aquilo em que acredito pode estar errado, posso estar me iludindo com alguma “interpretação da Realidade”.

Admiti que tudo o que chamo de realidade nada tem a ver com a Realidade, algo completamente indefinível com palavras que só pode ser percebido no tal estado mental de “awareness”, consciência.

Compreendi que só poderia aprender a “esquiar a vida” se abandonasse qualquer noção, idéia ou rótulo criado por nós seres humanos para definir e classificar o que percebemos com os cinco

sentidos. Os cinco sentidos não são suficientes para “sentir”, “perceber”, “captar” a Realidade. Às vezes nem o sexto sentido é suficiente.

Com toda a incerteza por aceitar minha completa ignorância quanto à verdadeira natureza da Realidade, me dei de cara com a única Certeza que posso ter nesta e em outras vidas, aquela de que EU SOU.

Conclui então que, se EU SOU, então DEUS É! Ou será o contrário? Não importa!

Comecei a peregrinação com a idéia de que “O Problema SOU EU!”, agora concluía que “EU SOU a Solução!”.

Entrei em um Universo Maravilhoso, Abundante, Próspero, Amplo, Alegre, Divertido e Livre que jamais tinha conhecido, mas que o Clone Rico sempre tinha amado.

São Lições de São Francisco

Queria “esquiar” a vida, então depois de uns 15 dias achei que aquela rotina em Torrance, sempre acordado, tinha perdido o brilho, precisava dar lugar a algo novo, alguma mudança se fazia necessária.

Ao sair da casa de Harry a sensação de liberdade e poder sobre mim mesmo era tão grande que, mesmo de bicicleta e mochila nas costas, sentia vontade de continuar a viagem que tinha me levado até aquela cidade.

Havia várias cidades que me inspiravam, desde Chicago, para conhecer mais o mundo das commodities, onde estaria muito mais frio que em Los Angeles, até Miami, do outro lado dos EUA, na costa atlântica e mais ao sul, onde certamente estaria mais quente.

Miami me despertava atenção por um festival hípico de inverno, em fevereiro, onde poderíamos vender as esculturas de mamãe, na maioria cabeças de cavalos estilizadas em bronze (www.bronzehorses.com). Também podia levar Naomi à Disneylandia em Orlando, ali por perto.

Atravessar os EUA costa a costa de bicicleta foi uma idéia que me cruzou a mente, mas não me “fazia muito a cabeça”. O esforço físico seria muito grande e me afastaria da peregrinação mental que estava fazendo.

De qualquer forma depois que completei mais de duas semanas acordado, lendo livros a uma velocidade enorme e praticando esportes na YMCA, algo em mim exigia mudanças. A Voz Interior me disse para ficar atento aos sinais que apareceriam em breve.

Ficou ainda mais claro que seria necessária uma mudança quando, em uma certa noite, tinha combinado de me encontrar com Jose no Starbuck’s. Ele não veio, me deixei levar por pensamentos irritados e machuquei o joelho direito ao esbarrar em um lata de lixo. Este foi um sinal “bem dolorido”.

De qualquer forma, foi bem menos dolorido que o coice na boca que levei em janeiro de 1987.

Naquela época estava treinando hipismo com papai, quase todos os dias. Num daqueles dias, depois de meu treino de salto, algo que me dava muito prazer, um dos cavalos PSI (Puro Sangue Inglês) de papai, teve a bela idéia de me dar um coice.

Estava em pé a uns dois metros e meio da garupa do cavalo, enquanto papai colocava as joelheiras nas patas dianteiras de Gringo Nestor. Girei meu corpo na direção deles e depois só me lembro de meu sorriso desdentado olhando de volta para mim no espelho do vestiário da Sociedade Hípica de Porto Alegre. Não me lembro de sentir dor, nem de ficar muito abalado. Tive de consolar papai que chorava quando me levou ao Hospital de Pronto Socorro.

O cavalo, com sua pata muito maior do que meus lábios, foi mais preciso e rápido do que muitos dentistas. Só perdi cinco dentes, não quebrei o maxilar, nem o nariz, nem fiquei cego. Não morri e me recuperei muito bem daquele acidente, tornando aquele ano que começava um “ano mágico”, cheio de conquistas.

Quando mais me aproximo de Deus mais acho que Sua Mão usou a pata do cavalo como uma espécie de bisturi odontológico para, removendo meus dentes, me fazer despertar e mudar o rumo que estava tomando, algo que realmente aconteceu depois.

Aquele coice também foi um sinal para mim.

Sempre que me machuco ou tenho mesmo uma pequena gripe algo precisa mudar, estas anormalidades são sinais de que mudanças são necessárias. Há algo a ser aprendido, uma lição a ser assimilada, minha vida precisa desabrochar em uma nova fase.

Se me machuco, Acordo para o fato de que este “desabrochar” está sendo bloqueado por mim mesmo. O mesmo raciocínio utilizo caso tenha uma gripe. Meu corpo foi feito para funcionar em estado de perfeita saúde sempre, livre de remédios e quaisquer outras drogas. Claro que a mesma idéia se aplica a doenças mais sérias também, como é o caso de Jasmuheen, que se autocurou de um câncer, como conta em *Viver de Luz*.

Com o joelho machucado tive a certeza de que precisava mudar e a vontade de ir embora de Los Angeles ficou mais forte, mas não sabia para onde ir, precisava de uma indicação, algum sinal que me orientasse na direção da próxima cidade para onde ir.

Darleen, uma colega muito simpática e comunicativa do Club 280 do Toastmasters, tinha me falado de um colega de trabalho brasileiro que gostaria que eu conhecesse. Ela me deu o seu telefone, mas até aquele momento Roberto e eu não tínhamos conseguido nos encontrar.

Naquela semana do machucado no joelho isto mudou, o encontro foi marcado na Barne's and Noble, uma livraria enorme na Hawthorne Blvd., que ficava aberta até às 23:00h, onde costumava ir depois que a Biblioteca Pública fechava às 19:00h.

Roberto disse ao telefone que não era preciso nos descrevermos um ao outro. Disse que conseguiríamos nos reconhecer facilmente; os brasileiros tem um “jeito típico” de ser e conseguem identificar uns aos outros sem dificuldades.

Achei aquela idéia nova difícil de engolir. Desde que vivi na Europa sei que, com meu cabelo e olhos castanhos e altura mediana, posso passar por inúmeras nacionalidades. Uma vez contei mais de 10 países de onde pessoas diferentes tinham achado que eu provinha.

Mas tudo bem, fui ao encontro marcado e a identificação mútua foi realmente instantânea. No meio de dezenas de pessoas no Café da livraria, às 19:00h, quando cruzamos nossos olhares, imediatamente reconhecemos um ao outro. Aprendi que Realmente existe uma maneira tipicamente brasileira de ser, acho que é o brilho nos olhos, a alegria de viver, que existe por baixo da casca de comportamento superficial, “joie de vivre”, como os estilistas internacionais falam se referindo às modelos brasileiras.

Foi ótimo jantar com Roberto naquela noite e aprender sobre experiências de mudança para os EUA. Ele tinha se mudado para lá uns 14 anos antes e trabalhava na Epson, fabricante de impressoras. Contou seus dias difíceis no início e como tinha batalhado para achar o primeiro emprego. Depois de três meses enviando currículos e indo a entrevistas, conseguiu uma colocação exatamente no momento em que já estava desistindo, depois de já ter até comprado a passagem de volta ao Brasil.

Também me contou sobre um amigo que foi para os EUA com vinte mil dólares escondidos na meia. De alguma forma o dinheiro caiu; ele ficou completamente desprovido e fez sacrifícios enormes para se estabelecer como pequeno empresário do setor de computação gráfica em Nova Iorque.

As histórias que me contava eram interessantes, me inspiravam. Depois de grandes dificuldades, sempre vinha a vitória e o sucesso. Lembrei-me de um amigo brasileiro de minha instrutora de rock climbing, que também tinha me falado por telefone de uma fase inicial difícil antes de se estabelecer com uma pequena empresa.

Eram brasileiros realizando o “sonho americano” em pleno território dos EUA, se “mudando” para lá só com visto de turista, “como eu”.

Mas com os conhecimentos obtidos nos livros de Robert Kiyosaki, especialmente o *Cashflow Quadrant* (Independência Financeira), olhava aqueles brasileiros e percebia que eles tinham trocado de país, mas não tinham trocado de lado do quadrante.

Suas mentes ainda eram de empregados ou auto-empregados. Naquele livro, Robert mostra que existem quatro tipos de mentes nos negócios: “empregados”, que são peças de sistemas e querem ter segurança; “auto-empregados”, que são perfeccionistas e personificam sistemas, como dentistas e advogados, por exemplo; “donos de empresas” que possuem sistemas, mas não

trabalham neles, como os donos de franquias; e “investidores”, que investem dinheiro em sistemas, empresas, de outras pessoas.

No quadrante *Cashflow* de Robert, empregados e auto-empregados ficam do lado esquerdo, enquanto donos de empresas e investidores ocupam o lado direito.

Há muito tempo tinha estabelecido que não queria fazer uma mudança somente geográfica em minha vida. Li os livros do Robert quando já tinha vivido duas vezes na Europa e sabia que um empregado no Brasil vive em condições muito semelhantes às de um empregado na Itália ou Alemanha.

A mente de todos estes empregados é muito semelhante, em geral costumam ser pessoas bastante negativas quanto a “seguir os próprios sonhos” e “arriscar”, mas adoram “segurança”, “benefícios”, “salário no final do mês” e a perspectiva de uma “aposentadoria longa” e “sem fazer nada”. No final é fácil de entender porque os empresários ganham muito mais dinheiro e satisfação pessoal, já que agem com muito mais Fé em Deus.

Acho que a maioria daquelas pessoas só continua “aturando seus chefes” porque são “viciados em dinheiro”. Sei disso por experiência própria, pois foi muito difícil para mim a desintoxicação pela qual passei depois que sai da Siemens em 1996. Nos primeiros meses quase tinha calafrios por não saber como conseguiria “a próxima dose” de dinheiro para aliviar a minha carência desta droga.

O mais gozado é que, apesar de nossas inúmeras “tempestades emocionais interiores”, as soluções honestas para ganhar “grana” sempre apareceram. Até hoje Marisa e eu nos lembramos com prazer como sempre tivemos condições para viver muito bem, mesmo quando estávamos sozinhos e longe de amigos e família, lá no norte da Itália.

Deus sabe o que faz e nossa Fé Nele só aumentou com todas as vezes que nossa “vaca foi pro brejo” e depois saiu dele rapidinho.

Conversando agora com Roberto e vendo como ele pensava com relação a dinheiro e organizava sua própria vida pessoal, sempre à mercê do que seu chefe decidia, percebi estar certo quando decidi que a mudança que queria não era geográfica, mas de lado do *Cashflow Quadrant*.

Queria deixar de ser empregado ou auto-empregado e passar a ser dono de empresa e investidor. Por isto eu estava ali nos EUA, por isto tinha investido tanto tempo e dinheiro para aprofundar meus conhecimentos em commodities.

Roberto, com sua mente de empregado, ficou preocupado comigo, ainda mais depois que lhe disse que não estava dormindo. Olhou para mim por outro prisma, achou que eu tinha ido para me estabelecer e ficar lá nos EUA como ele e tantos outros brasileiros fizeram e fazem.

Mas eu não queria aquele destino de fazer currículo e voltar a ter chefe novamente, algo que não tenho desde os tempos de Itália. O único chefe que queria, quero e aceito é Deus, a Inteligência Infinita, meu Criador.

Contei as várias coincidências que tinham acontecido comigo e ele lembrou de quando morou em San Francisco, afirmando que lá as coincidências acontecem muito mais rápido. Disse que lá as pessoas são mais abertas.

Não é à toa que perto de San Francisco há o Vale do Silício, de onde saíram tantas grandes empresas de alta tecnologia desde a década de 1950. San Francisco é, dizia ele, uma espécie de caldeirão de influências de todos os países do mundo; fervilha muito mais do que Nova Iorque.

O centro de San Francisco é menor, mais fácil de se locomover de bicicleta; as distâncias são menores do que em Los Angeles.

Tratei carinhosamente a idéia de me mudar para San Francisco. Recebi as palavras de Roberto como um sinal para a mudança que estava esperando. Não queria me deixar levar pelas preocupações excessivas e hipocondríacas dele e que a maioria das pessoas “domesticadas” tem, mas achei que podia aprender algo novo e seguir alguns de seus conselhos. Ele ficou entusiasmado com minha decisão.

Comecei a organizar minha mudança para aquela cidade mais ao norte e, pela internet, verifiquei onde ficava a Biblioteca Pública de lá. Achei que devia ficar ali por perto, aquele era um

ponto de referência para a peregrinação mental ainda não terminada, e para acessar a internet, respondendo emails diariamente, através do Yahoo.com

Também queria uma YMCA como a de Torrance para fazer exercícios, tomar banho e me sentir repousado após longos banhos de banheira de hidromassagem jacuzzi, como vinha fazendo há mais de um mês. Anotei o endereço da YMCA próxima à Biblioteca Pública de SF.

Sempre navegando na internet, procurei soluções de transporte de LA a SF e decidi viajar de ônibus. Seria mais fácil para carregar a bicicleta, além de mais barato. Também achei que seria legal aprender a me mover em um meio de transporte que ainda não tinha usado nos EUA.

Tinha de pegar um ônibus urbano em Torrance, colocando a bicicleta no suporte externo na frente do motorista, e ir até o terminal da Greyhound, no centro de Los Angeles. De lá pegaria o ônibus para SF, onde chegaria umas seis horas depois em outro terminal da mesma Greyhound, empresa de ônibus americana que, pelo que entendi, tem o monopólio de várias linhas de ônibus interurbanas.

Era uma sexta-feira e decidi que viajaria na segunda-feira seguinte, queria participar mais um domingo do Curso de Consciência da Prosperidade.

A noite de sexta-feira para sábado passei na casa de Roberto e me despedi dele e de sua namorada Renata. As duas noites seguintes passei no Starbuck's e me despedi de Jose e dos funcionários daquele Café que faziam o turno da noite.

Ica e Rich tinham se acostumado comigo e meus pedidos de “one rice crispy bar” (uma barra de arroz torrado), que eu adorava pelo sabor e consistência ao se dissolver com a saliva em minha boca.

No domingo à tarde fui à livraria Psychic Eye para a última lição de Abundância e Prosperidade e me despedir de Mariah e de minhas colegas que também estavam tendo revelações e conquistas cada vez mais interessantes.

Nesta despedida contei o modo como tinha vivido as semanas anteriores e como recebi o sinal para ir a San Francisco. As colegas ficaram impressionadas, mas Mariah me viu sereno e satisfeito e disse que aquela decisão provinha da minha Divindade Interior (Self 2, God-Self, etc.).

Foi com muito carinho que ela me abraçou depois. Sinto-me muito grato a ela e àquele ambiente, com os ensinamentos de John Randolph Price, que me Despertou para facetas adormecidas da minha existência. Estava muito fortalecido e confiante de que Deus está em mim e que por isto não há absolutamente nada a temer em todo o Universo.

Na segunda-feira à noite embarquei em um ônibus que me deixou na madrugada do dia seguinte em San Francisco. Desempacotei a bicicleta e pedalei até a YMCA na esperança de que ela fosse no mesmo bom nível da de Torrance, ilusão que logo caiu por terra.

Ficava perto da Biblioteca Pública, mas exatamente por isto, seus frequentadores, funcionários atendentes e todo o ambiente interior nada ajudava a elevar meu espírito. Mesmo assim, decidi passar uma noite em seu hotel; precisava de tempo para achar outro lugar e não tinha onde deixar minhas mochilas, que não queria ficar carregando pela cidade.

Aquela parte central de San Francisco foi muito desagradável, estava cheia de “homeless” (sem casa) pessoas que vagam pelas ruas com mochilas nas costas e em geral estão muito sujas e barbudas. Vi algumas de quem, quando as olhava, recebia de volta um olhar muito agressivo.

Às vezes davam gritos no meio da rua, sem que eu compreendesse bem o motivo. Até na Biblioteca Pública havia homeless que vagavam por lá, dentro e fora, na praça que fica em frente. A Voz Interior dizia “don't make eye-contact!” (não faça contato com seus olhos!) Tinha que me mexer, achar o “próximo passo” naquela cidade.

Em um daqueles dias, comprei algo para comer e sentei em um banco da praça em frente à Biblioteca. Aí tive uma lição que ficará impressa em minha mente para sempre. Estava comendo e observei a grande quantidade de pessoas maltrapilhas por todos os lados.

Aquela parte de mim crítica e controladora, a Self 1, começou a fazer críticas mentais a eles. Dizia que eram vagabundos, que não mereciam viver ali e outras coisas assim. Como era possível

uma cidade tão famosa do país mais rico do mundo aceitar tantos vagabundos e ainda por cima mantê-los? Tinha sabido que cada um deles recebia mais de trezentos dólares mensais da Prefeitura, como ajuda de custo.

Após esta saraivada de pensamentos críticos, foi muito bacana o que me aconteceu interiormente. A Voz Interior me lembrou que estava julgando aquelas pessoas, mas pior do que isto não tinha condições de julgá-las, não as conhecia, não sabia nada sobre elas e de suas histórias individuais.

Aí então caiu a ficha e compreendi todo o mecanismo que estava acontecendo em minha mente. Ao julgar os outros pelas aparências, na verdade estava julgando a mim mesmo. Ao rotular outras pessoas, na verdade estava rotulando a mim mesmo. Ao procurar restringir a liberdade dos outros, na verdade acabava restringindo a minha própria liberdade.

Reconheci que ao chamar mentalmente os outros de “vagabundos” acabava por chamar a mim mesmo daquele jeito, ou de outra forma que também era escravizante, mais um rótulo a ser carregado e sustentado pela minha “auto-estima”.

A lição era clara, ia além do bíblico “não julgueis para não serdes julgados”. A lição dizia em alto e bom som: “não julgueis para não ‘vos’ julgardes” ou “não julgue para não julgar a si mesmo”.

Aprendi daquela forma ali, sentado na praça, naquele Momento Presente que, se julgar qualquer pessoa, estarei julgando e condenando a mim mesmo, ainda mais quando sei que jamais poderei “conhecer” alguém a fundo, como só Deus pode.

O mais gozado neste início de “julgamento mental” dos homeless de San Francisco é que exatamente aquele estilo de vida livre e desimpedido, sem compromissos, tinha me agradado muito durante vários dias em Torrance.

Lá eu tinha olhado para o céu e agradecido a Deus por ter me dado as estrelas e a lua como teto da minha casa, que nada mais era do que a rua. Agora que tinha que dividir a “minha casa” com outras pessoas que dividiam idéias de liberdade comigo, deixava de gostar daquela maneira de viver, ainda mais em um período do ano em que começava a esfriar bastante.

Deixei de julgar os homeless para não julgar a mim mesmo, mas sentia uma insatisfação crescente com o ambiente meio doentio que estava freqüentando. A ausência de um contato maior com a natureza me deixava meio vazio por dentro. Em uma cidade cheia de prédios é difícil ver o céu. Sentia falta de me encher de energia observando a beleza não só das árvores, mas de todo o Universo. Queria ver melhor o sol, as estrelas e os planetas.

A frieza que senti naqueles dias só foi amainada por uma amizade que começou em mais um encontro altamente improvável. Como sempre era o toque da Mão Divina em meus negócios.

No dia que cheguei a SF decidi dormir no hotel da YMCA, mas no dia seguinte me transferi para um Albergue da Juventude, também próximo à Biblioteca. Os quartos, separados em dois tipos, para homens e para mulheres, tinham dois beliches. Foi designada para mim uma cama no alto de um beliche, por volta de 15:00h, quando cheguei com minhas mochilas e bicicleta.

Depois sai e voltei mais tarde para aproveitar a primeira cama que tinha nas últimas três semanas. A Self 1 não cansava de dizer que eu deveria pedir na recepção a troca da cama do alto por uma de baixo, mais próxima das minhas coisas. Seria mais fácil me movimentar sem ter de escalar o beliche cada vez que quisesse sair da cama. Mas a Voz Interior insistia que aceitasse aquela cama do alto e “continuasse fluindo”, sem tentar controlar os acontecimentos.

Decidi aceitar a sugestão da Voz Interior e por volta de 21:00h, escalei o beliche para me deitar, após um longo banho, bem quente e forte. Meditei por uns 45 minutos e não estava dormindo ainda quando vi que alguém entrou no quarto.

Era um homem forte, alto e negro que foi ao banheiro e depois também se deitou na cama do alto, no outro beliche. Trocamos cumprimentos e depois conversamos por pelo menos duas horas. A conversa era facilitada porque ambos estávamos nas camas de cima dos dois beliches. Que Voz Interior fantástica!

Seu nome era Richard. Ele é jamaicano e se transferiu para os EUA há mais de 14 anos. Conversamos tanto porque ele tinha lido muitos dos livros que encontrei ao longo de minha peregrinação. Compartilhava muitas das mesmas crenças que eu vinha adquirindo. Sabia até do jogo *Cashflow* e dos livros de Robert Kiyosaki.

Ele me convidou para ir à sua igreja metafísica no domingo seguinte. Achei que deveria investigar esta igreja, mais uma do supermercado, podia ser parte de minha próxima atividade espiritual, já que não podia mais frequentar o Curso de Consciência da Prosperidade de Mariah aos domingos.

Foi muito legal conhecer Richard, que tinha se transferido de Orlando para San Francisco para melhorar de vida e se propiciar um aprendizado acelerado em negócios e assuntos espirituais. Apesar de querer progredir financeiramente, ainda era empregado em uma rede de comércio de computadores, jogos eletrônicos e acessórios, a Compusa, que ficava na Market St. Sua namorada, uma loira australiana, estava no Nepal percorrendo sua jornada de autodescoberta espiritual.

Naquele ambiente, com troca constante de pessoas provenientes das mais variadas partes do globo, que passavam diante de mim principalmente no Albergue, foi muito bom conhecer os amigos de Richard também.

Jack, um novaiorquino que é atendente em um hotel tipo 3 estrelas, que fez faculdade e é poeta. E Blessed, filho do ex-Presidente do Congo que foi assassinado, radicado nos EUA há uns dois anos. Jack estava sempre lendo livros para suas pesquisas sobre o ser humano e Blessed, que falava e cantava em várias línguas, tinha gravado um CD com músicas de sua autoria e estava por lançá-lo.

Foi interessante sentir uma identificação imediata com aquele tipo de pessoa, “artistas”, que não frequentava há muitíssimos anos, desde quando em 1987, tinha feito amizade com uma bailarina brasileira e seus colegas, na Alemanha.

Senti muita paz e calor no coração ao ouvir Blessed cantar em conguês, espanhol, francês e inglês músicas obviamente românticas em homenagem à única mulher em nossa companhia naquela noite, uma cliente do hotel de Jack.

Percebi que meu coração, a Self 2, clamava que eu desse vazão à influência artística que tive de mamãe. A Voz Interior me dizia para curtir intensamente aqueles poucos momentos calorosos em um ambiente frio, como foi para mim aquele do centro de San Francisco.

Em um domingo de manhã fui com Richard à sua igreja metafísica, a Unity, que tinha uma “pastora” que dissertou poeticamente sobre a consciência da unidade e conduziu a platéia, de umas cinquenta pessoas, a cantarem as músicas de um pequeno folheto e a doarem aquilo que pudessem.

Doei dez dólares, sei que tudo aquilo que vai volta multiplicado, é dando que se recebe, mas não me encantei com mais aquele ambiente ritualístico criado dentro de um teatro, com palco e tudo mais, somente para aquele evento de mais um produto do famoso supermercado.

Ao final do encontro vi o equipamento de som desarmado e me lembrei dos tempos de Marketing Multi-Nível em que aprendi como fazer eventos para tocar as emoções das pessoas e induzi-las a se unirem àquele tipo de negócio. “Não tinha comprado nenhum produto do supermercado de religiões e não seria agora que isto aconteceria”, a Voz Interior me sussurrou.

Naquele evento também me chamou atenção um amigo de Richard que, procurando animá-lo a seguir a sua “estrada da fortuna”, disse que ele era um “stallion” (ganhão) e que deveria olhar mais alto, ter uma postura mais altiva, coisas do gênero.

Robert se apresentou como “estilista de imagem” e disse que ajudava pessoas a se apresentarem bem para negócios e coisas do gênero. Ele me deu umas dicas, mas todas elas eu já sabia dos livros que tinha lido sobre “como me apresentar bem”.

Depois Richard e eu concluimos que Robert era gay. Podia ser um milionário que tinha viajado o mundo todo e escrito dois livros como alegava ser, mas era um “milionário gay”, definitivamente.

Claro que em San Francisco, cidade extremamente eclética, dizer que alguém é gay, não significa algo pejorativo. Como pude constatar nas ruas, com mulheres e homens com comportamento claramente homossexual, e nos jornaizinhos que li, cheios de sessões para lésbicas e gays, San Francisco não aceita bem somente os homeless, mas também qualquer opção sexual que se possa ter.

Sempre fui a favor da liberdade; desde adolescente gosto da idéia de que cada ser humano possa fazer aquilo que quer. Sinto-me bem com a idéia de que sou heterossexual porque quero e não porque fui obrigado.

Meu pai insistia em me dizer que, por ele, só havia duas coisas que eu não poderia ser: gay e ladrão. Sinto-me bem em saber que não sou nem gay, nem ladrão não porque meu pai me obrigou, mas porque optei por isto.

Por outro lado, quanto mais aprofundo meus conhecimentos espirituais, mais compreendo que nós, seres humanos, por baixo das aparências, somos espíritos assexuados ou andróginos, como Jasmuheen afirma em *Em Sintonia*.

Reconheço que já usei um corpo físico de mulher, como veículo em outras encarnações e talvez o use novamente. Mesmo assim, estou contente com minha opção sexual. Se alguém quiser ser homossexual terá a minha aceitação, contanto que não queira ter a mim como parceiro.

Acredito que o melhor que posso fazer para que minha filha, ainda criança, tome uma decisão consciente quando adulta, é estabelecer um bom relacionamento com ela agora.

Pelo que andei lendo, muitas lésbicas optam por relacionamentos com mulheres porque não tiveram bons relacionamentos com seus pais. Esta interpretação não leva em consideração a herança de outras vidas passadas, mas só tenho o Momento Presente para transformar qualquer futuro possível. Procuro fazer com que Naomi tenha uma boa imagem dos homens heterossexuais, para que possa tomar uma decisão consciente no futuro.

De qualquer forma, depois de ter passado por San Francisco, jamais chegarei para minha filha e direi que ela não pode ser “nem lésbica, nem ladra”. Prefiro dar condições para que ela decida o que é melhor, inclusive quanto a roubar ou não.

Confio em seu bom senso, ainda mais quando sei que ela traz consigo a sabedoria adquirida em tantas outras vidas passadas, como aprendi em *Crianças e Suas Vidas Passadas*, de Carol Bowman.

Apesar da amizade com Richard, sentia-me oprimido em San Francisco; não era ali que tinha de permanecer, muito embora Marisa e eu planejássemos nos encontrar um mês depois em Orlando para ficarmos alguns meses nos EUA.

Desde que Harry tinha começado a me bombardear com idéias de que não deveria me divorciar e sim me tornar um marido melhor, começamos a sentir vontade de nos reunir de novo. Mas será que eu precisava esperá-la em San Francisco?

Tinha observado que ela estava se modificando, evoluindo espiritualmente, sentindo mais leveza, mais confiança em Deus. Percebia esta mudança a cada telefonema eventual e vários emails trocados com regularidade.

Ela ainda acalentava a idéia da transferência para os EUA que eu mesmo tinha lhe incutido, então para mim era difícil mudar de curso, mesmo quando já tinha me desiludido bastante com o estilo de vida que “o país mais rico do mundo” propicia.

Achava que a maioria das pessoas eram mais vazias espiritualmente em San Francisco ou Los Angeles, comprando compulsivamente seus cafés no Starbuck’s a cada manhã, do que no Brasil, onde precisamos ter mais Fé no início de cada dia.

Desde que tinha conhecido Roberto, empregado de multinacional, tinha uma leve gripe e sinusite. Aquela anormalidade em minha saúde era o sinal de que precisava mudar novamente, mas o que deveria fazer? Para onde ir? Deveria ir para a Flórida esperar Marisa e Naomi? Ou deveria voltar para o Brasil? O que fazer?

O dinheiro que tinha no Bank of America estava acabando; nas commodities tinha comprado um contrato de arroz e não via o preço subir; pelo contrário, tinha caído um pouco, me levando a perder uns cem dólares.

Depois de uma semana, tinha saído do Albergue da Juventude e me transferido para um hotel que, após a empolgação inicial, comecei a achar horrível. O quarto tinha cheiro de cigarro e o atendente era impaciente, meio mal-educado e estressado. A única vantagem de estar naquele hotel era que, pelo mesmo preço do Albergue, o quarto e a televisão eram só para mim.

Logo me dei conta do que estava acontecendo, reverti o processo depressivo que estava se iniciando. Diversamente de muitas vezes anteriores, não estava mais disposto a aceitá-lo. Com a prática diária dos ritos de *A Fonte da Juventude* e escrevendo todas as manhãs, em meu Diário Espiritual, as afirmações do Programa de 40 Dias do *The Abundance Book*, minha consciência de Abundância e Prosperidade estava muito firme.

Não aceitava mais me distanciar da Conexão Divina, da Consciência do Deus em mim que cuida de cada aspecto do meu bem estar em todos os sentidos possíveis.

Estava orando e pedindo a Deus uma Luz, que Ele me dissesse “o próximo passo” de minha peregrinação mental, quando fui a um clube de Toastmaster’s para “business people” (pessoas de negócios).

Fui a este clube logo depois de ir a outro para empregados da empresa financeira Schwabb, com um prédio enorme em uma rua que cruzava a Market St.. Percebi nitidamente a diferença entre os dois ambientes.

O clube dos empregados não tinha brilho e era bem mecânico, já o dos empresários era divertido e alegre, apesar de ser composto somente de auto-empregados e não de donos de empresas e investidores, tipo de pessoa com quem queria conviver para aprender mais sobre negócios, desde as leituras de Robert Kiyosaki.

Participando da reunião do Rhino’s Club, ouvi discursos interessantes como o do Cônsul da Coreia do Sul, que contou a história daquele país, e o de uma Especialista em Comunicação que falou sobre o nascimento de uma nova língua, o “inglês mundial”.

Fiquei muito contente em saber que não é mais importante aprender o inglês americano, ou britânico, ou australiano, para ter sucesso. O novo inglês é uma espécie de mistura padronizada de todos, o tal inglês mundial, world english.

Após a reunião fui com vários membros do clube ao bar de um hotel de luxo ali por perto. Tão luxuoso que tem até guia para quem quer conhecê-lo, como me contaram. Tomamos algumas bebidas e depois alguns deles foram embora.

A Presidente do clube, Shoomi, uma coreana muito simpática e amável, e alguns outros membros ficaram para um bate-papo de final de noite. Foi aí que a líder insistiu que um indiano, que tinha palestrado sobre as crises financeiras mundiais e suas razões, e eu, nos reuníssemos para conversar sobre meus objetivos e como o grupo poderia me ajudar a me estabelecer em San Francisco, eventualmente com um emprego, como ela falou em seu papo amistoso comigo.

Fui conversar com o indiano, mesmo consciente de que um emprego não fazia parte do meu caminho. Ele perguntou o que eu queria. Deixei escapar a resposta mecânica “ter muito dinheiro”. Interiormente já sabia que, se quisesse prosperar de fato, deveria abandonar qualquer foco no dinheiro em si, mas manter meu foco em Deus. Ele sim é a Causa Primária de tudo que acontece em minha vida.

O indiano pareceu ler meus pensamentos quando disse que “dinheiro é uma distração”. Depois me mostrou como o dinheiro muda de significado conforme uma pessoa tem mais ou menos acesso a ele. Comprovado que dinheiro é uma distração, meu novo amigo insistiu querendo saber o que eu queria de fato.

Falei “conseguir um emprego ou começar algum negócio”. Ele foi mais incisivo ainda ao desenhar uma linha na folha da agenda utilizada como caderno de notas para facilitar suas explicações. De um lado da linha escreveu a palavra job (emprego), do outro a palavra business

(negócio) e disse que as duas coisas são completamente diferentes, reforçando o que aprendi em *Pai Rico, Pai Pobre* e a diferença entre os ambientes que vi naquele mesmo dia entre um grupo de funcionários e outro de empresários.

Também lembrei da forma chateada com que Roberto, o brasileiro que me sugeriu ir para San Francisco, tinha falado que abandonou seu sonho de criar uma empresa, influenciado negativamente por seus amigos e parentes mais próximos, também empregados.

Claramente dinheiro não deveria ser a minha principal preocupação e mais claro estava que um emprego não era o que desejava, mesmo que fosse em uma cidade como San Francisco. Então o indiano insistiu e lhe falei de minha “certeza” de ter sucesso em commodities. Neste ponto ele falou algo que me levou a uma mudança completa de rumo.

Ele já tinha investido em ações e commodities e disse que, com pouco capital, qualquer pequena perda mais cedo ou mais tarde poderia me levar para fora do negócio. Finalmente entendia porque me sentia ansioso toda vez que via só mil e poucos dólares investidos que deveriam se transformar rapidamente em milhões. Ele desenhou uns gráficos para me transmitir aquela noção, que fazia desmoronar em minha mente, meu único ativo, a razão da minha permanência nos EUA.

Falei que procurando ganhar dinheiro em commodities tinha mudado minhas crenças e evoluído espiritualmente e que achava isto bom. Ele respondeu que com novas crenças eu deveria então achar uma nova ocupação para utilizar melhor a energia e o tempo limitados que devem ser bem usados para viver como desejo. Fiquei imaginando que tipo de negócio poderia iniciar naquela cidade, que pudesse dar lucro imediatamente. Os sete mil dólares que tinha levado para os EUA estavam acabando.

Enquanto conversávamos, os outros membros do Rhino’s Club foram embora. Quando terminamos nossa entrevista saímos do hotel a sós. Ele me deu carona até o hotelzinho onde eu estava hospedado e nos despedimos. Ele faria uma viagem por um mês à Ásia. Combinamos de nos reencontrar em um mês, depois do Natal e virada de ano novo.

Aquela conversa com argumentos fortes do indiano fortaleceram em mim a idéia de que precisava mudar. Era o sinal que estava esperando, a Voz Interior me sussurrou.

Precisava sair de San Francisco, não queria voltar a ser empregado e nem começar uma nova carreira como auto-empregado lá. Teria de comprar laptop, ternos, sapatos e achar um lugar decente para morar, mas tinha tudo isto em Porto Alegre.

Mas estava tranquilo porque sabia exatamente como criar uma carreira nova, sabia das dificuldades e técnicas para superá-las, ainda mais desde que tinha aprendido a magia que existe em viver plenamente o Momento Presente, fluindo em perfeita harmonia com o Fluxo da Vida.

Orando muito para Deus permitir que eu permanecesse sóbrio, livre dos pensamentos e emoções negativas que aquela cidade parecia fazer florescer em minha mente, procurava me manter mentalmente no Momento Presente e esperava alguma Luz que me reconduzisse à Paz e Leveza Interiores que tinha vivenciado antes de chegar lá.

Com este pedido de Iluminação, a idéia de voltar ao Brasil foi crescendo em mim. A Voz Interior me orientava fornecendo o plano para retornar a Porto Alegre. Teria de desaplicar o dinheiro investido em commodities.

Abandonar provisoriamente a idéia de enriquecer com commodities, depois de tanta energia investida, era algo difícil. Em todos os quatro meses nos EUA, tinha permanecido fiel ao sonho de me tornar um homem rico como Ken Roberts.

As commodities pareciam, até então, ser a única estrada que possibilitaria o estilo de vida livre que queria. Ainda confundia mentalmente o significado das palavras “rico” e “riqueza” com “ter dinheiro”. Depois descobri que o Clone Rico não faz esta confusão.

Também achei que podia ser mal recebido em Porto Alegre. Tinha deixado nossa casa meio brigado com Marisa.

Embora tivéssemos feito as pazes por email, tinha dúvidas de como seria a recepção se voltasse de repente ao Brasil, para nossa casa e nossa cama. Precisava saber a sua opinião quanto a

esta mudança de direção. Tínhamos planejado que a esperaria nos EUA e nos encontraríamos em Orlando, no início de fevereiro de 2003.

Guiado pela Voz Interior, comprei um cartão telefônico de cinco dólares que permitia falar por mais de uma hora com o Brasil. Conversei com Marisa durante cada minuto que pude. Foi muito bacana sentir seu apoio naquele momento. Com sua maneira leve de falar, ela demonstrou que tinha alcançado um belíssimo despertar espiritual.

Não me cobrou resultados nas commodities e disse que eu tinha investido no meu aprendizado durante aquela viagem, da mesma forma que ela quando fez seus dois cursos de inglês nos EUA. Também falou muito em sua Fé em Deus e em como Ele estava sendo bom conosco.

Afinal estávamos falando a mesma língua, queríamos descobrir mais a respeito de nós mesmos e do Deus em nós. Ela tinha seguido uma estrada diferente, mas nos reencontrávamos agora em um cruzamento entre nossos caminhos de autodescoberta espiritual.

Marisa achou que o “próximo passo” estava claro, eu deveria voltar ao Brasil. Concordei aliviado e agradecido a Deus por ter me dado uma mulher como companheira que também tinha decidido descobrir mais sobre sua Origem e Herança Divina.

Como por passe de mágico todos os sintomas da sinusite foram sumindo depois deste telefonema, enquanto caminhava voltando a pé para o hotel.

No dia seguinte desapliquei o dinheiro das commodities e pedi que ele fosse enviado para minha conta bancária. Procurei uma agência de viagens com passagens internacionais econômicas e com desconto, algo que foi fácil de encontrar nos classificados de um jornal grátis que peguei na saída da Biblioteca. Com o pouco dinheiro que me restava também queria comprar presentes para papai, Marisa e Naomi, além de lembranças para outras pessoas da família e amigos.

Comprei a passagem em uma agência de uma família de nepaleses, com dinheiro retirado em um banco com o cartão de crédito. O dinheiro do banco tinha acabado completamente e o que vinha da corretora de commodities não chegou a tempo. Passei os dois dias seguintes apreciando, mais do que nunca, San Francisco que, sem a pressão de “ter de” permanecer lá por dois meses, se tornou muito mais bela. Fui com Richard visitar uma igreja perto de China Town, no alto da cidade, e ele também me mostrou outros lugares bem bonitos.

A bicicleta não era mais um problema para carregar. No terceiro dia de San Francisco alguém a roubou, cortando o cabo de aço que a amarrava a um poste ao lado da Biblioteca Pública.

Encarei aquela perda numa boa; tinha consciência de que aquele veículo já tinha desempenhado seu papel em minha vida, com todas as andanças em Torrance e a subida, bem na noite anterior ao roubo, de uma das lombas cinematográficas enormes por onde os bondinhos passam em San Francisco.

No domingo, 8 de dezembro, pela manhã, peguei uma camionete Shuttle que me levou ao aeroporto.

Voltava ao Brasil com uma parte da música de Blessed (abençoado) em mente. O refrão diz “I give the best of me to the world”, eu dou o melhor de mim para o mundo.

Apesar de interiormente ter sentido dores fortes por deixar de lado os sonhos de riqueza com commodities, compreendi que durante tempo demais tinha me focalizado somente em “receber” e não em “dar”.

Precisava aprender algo mais, mas o que? O que o Clone Rico ainda me escondia?

Lembrei-me de um programa que assisti “por acaso” na televisão do hotelzinho em que um autor espiritual afirmou que a vida sempre se torna abundante quando você se pergunta “how can I serve?” (como eu posso servir?) ao invés de se perguntar “how can I get?” (como eu posso pegar?).

Aquele ensinamento tinha muito a ver com o que aprendi em toda a peregrinação espiritual que estava fazendo. Mesmo assim ainda estava acalentando a idéia de “pegar”, sem qualquer intenção de “servir”.

Finalmente descobri que o maior segredo do sucesso do Clone Rico é sua atitude de “querer servir”, ele sabe que “é dando que se recebe” como São Francisco falou há muitos séculos.

Nova Mente, Novo Brasil, Novamente

No aeroporto de SF esperei para embarcar durante algumas horas que aproveitei para comprar algumas lembranças para a família. Comprei até uma vaca holandesa voadora movida a pilha para a Naomi, que estava saudosa de mim, pelo que Marisa tinha dito.

Como tinha lido dezenas de livros em menos de 4 meses, não estava inclinado a comprar mais um na livraria do aeroporto, mas um dos que vi chamou para si “o foco da minha Atenção” tão insistentemente que cedi à tentação.

Era *Your Sacred Self* (Sua Self Sagrada), de Wayne Dyer, mesmo autor que tinha visto “casualmente” em uma de suas palestras, ao ligar a televisão tarde da noite naquele hotelzinho em SF. Ele disse que para se ter Abundância é importante concentrar o “foco de nossa Atenção” em “servir” e não em “pegar”. Disse também que é muito mais importante “ser abundante” do que “ter abundância”.

Sempre alerta para encontros casuais com qualquer pessoa, durante os vôos de San Francisco para São Paulo e de São Paulo para Porto Alegre, encontrei uma pessoa desconhecida sentada ao meu lado em cada vôo que tinha uma mensagem para mim.

A moça do primeiro vôo, uma advogada de São Paulo, me disse que tinha morado por um ano em San Diego, na fronteira com o México, e que lá comia no Taco Bell’s todos os dias. Com aquela dieta tinha engordado uns 13 kg. Lembrei de Torrance e de seu Taco Bell’s que eu adorava e percebi que teria engordado muito se tivesse ficado lá mais tempo.

Com o rapaz do segundo vôo, Lúcio, de Brasília, tive a oportunidade de conversar sobre assuntos espirituais que também interessavam a ele. Agradeço a ele a oportunidade que me deu, sendo um bom ouvinte. Falando, pude organizar melhor as idéias que se passavam pela minha mente, meu único ativo, antes da chegada a Porto Alegre.

Senti-me muito feliz em ter finalmente aprendido que realmente nada acontece por acaso e que nenhum encontro é “casual”. Na Realidade todos somos mensageiros de Deus uns para os outros.

Durante os dois vôos lembrei que era a quinta vez que voltava ao Brasil e ao convívio com minha família, depois de uma temporada no exterior. Em todas as outras vezes este retorno foi sofrido. Tinha me apegado às “facilidades” do chamado “primeiro mundo” e demorava para me acostumar às “dificuldades” do “terceiro”. Desta vez seria diferente, com uma mente renovada que sabia que as pessoas e coisas no Brasil também tinham se modificado na minha ausência.

O Lula tinha sido eleito, como eu tinha previsto antes de viajar. Pena que não pude votar nele. Nunca fui do PT ou Lulista, mas no primeiro debate entre os 4 candidatos a Presidente, na Rede Band de televisão, percebi como Lula tinha mudado para melhor e como falava como vencedor, sem se deixar levar pelo próprio ego em sua postura diante dos outros candidatos e do público em geral. Para mim aquela mudança era um sinal de uma maior espiritualização da parte dele.

Na semana anterior ao meu retorno ao Brasil foi muito interessante ter me voluntariado a participante de um debate sobre a guerra do Iraque, que seria realizado em um clube Toastmaster’s na Universidade de Stanford. Eu seria um membro do grupo de 3 pessoas contrárias à guerra.

Acabei não participando do debate, porque me perdi e cheguei atrasado, mas o exercício de preparar o que falaria sobre esta guerra foi muito bom, ainda mais na véspera da volta ao Brasil. Comecei o discurso de abertura de três minutos escrevendo exatamente aquilo: que voltaria ao Brasil no dia seguinte.

Enquanto escrevia o discurso, percebi que estava por escrever que voltaria no dia seguinte ao “terceiro mundo”, mas logo depois me corrigi. Lembrei que na verdade estava voltando para o “mundo”, aquele ambiente em que vivi nos EUA é representativo somente de uns 10% do que temos no globo terrestre.

Mesmo que muitos norte-americanos possam discordar, com sua noção limitada de que “world” significa “north america”, estava voltando para um país que, mesmo com todos os seus “problemas”, é muito mais representativo do que acontece no “mundo” do que os EUA.

Quanto mais aprendo e compreendo sobre o “mundo”, mais aumenta minha crença de que o Brasil foi projetado espiritualmente para ser “o coração do mundo”, como está escrito em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, livro psicografado por Chico Xavier.

Não tinha mais vontade de morar nos EUA. Não sabia como dizer isto a Marisa, que demonstrava tanta vontade de ir para lá, mas logo fiquei mais tranquilo. Com seu despertar espiritual intenso e maravilhoso, ela também mudou de opinião sem grandes apegos e sofrimento.

Ela me contou que seguindo a orientação da Irmã Justina tinha aprendido a orar, meditar e se manter espiritualmente purificada. Curioso, acabei investigando mais a fundo para conhecer melhor esta pessoa que tinha sido tão generosa em nos ajudar.

Justina é uma serva de Deus, dedica suas 24 horas de cada dia para ajudar outras pessoas a se encontrarem com Deus. Não cobra nada, só aceita doações, mas já fez muitos milagres, inclusive curas de câncer de pulmão e recuperação de movimentos em alguns paraplégicos.

Além disso, ela também já ajudou centenas de pessoas a se autoclonarem de Clone Pobre em Clone Rico. Essas pessoas chegam com problemas financeiros ou filhos drogados e 13 semanas depois já estão com seus caminhos livres e desimpedidos. O dinheiro vem em abundância, os filhos deixam as drogas, a felicidade volta a seus lares.

Ela criou a Casa de Oração Sagrado Coração de Jesus, em Porto Alegre, rua Ernesto Alves, 228. Sua porta está sempre aberta a quem quiser ser ajudado. Através dela e de sua filha Tatiane é possível falar com espíritos extremamente sábios. Fiquei maravilhado ao encontrar esta pessoa tão Iluminada que, usando palavras simples, mostra um conhecimento profundo sobre temas espirituais.

Nos primeiros dias em Porto Alegre, Marisa disse que ia passar o Natal e o Ano Novo com sua família em Londrina e que “seria um prazer se eu fosse junto”. “Obviamente” Naomi iria junto com ela.

O convite com tom de “interesse desinteressado” criou uma sensação de perda em mim. A princípio relutei interiormente, a Self 1 dizia que não seria bom ir com elas, mas percebi que deveria continuar fluindo como a Voz Interior insistia.

Derrubando mais um baita “muro de tijolos ilusórios” de medo, passei 15 dias maravilhosos em Londrina. Durante aqueles dias conheci melhor a família de Marisa que é japonesa e com costumes culturais diferentes daqueles com que fui criado. Senti dificuldades no início para me habituar a um modo de comportamento diferente, mas *Your Sacred Self* (Sua Self Sagrada) me ajudou muito.

Com este livro, última “cidade” da peregrinação espiritual iniciada mais de dois anos antes, compreendi em detalhes o que é a tal Self 1, que o autor chama simplesmente de Ego. Esclareci uma série de conceitos quanto ao Ego e a outra parte mental mais elevada, sagrada ou divina, a Self Sagrada, God-Self, Divindade Interior, Mago, Mente Livre, Divindade Interior, Self 2 ou como quiser chamar.

Acho que um bom nome para quem vive completamente de acordo com esta Parte Divina, deixando o Ego de lado, pode ser simplesmente “Clone Rico”.

Usando técnicas de Wayne Dyer, como a de “cultivar a Testemunha”, consegui finalmente me libertar mais ainda dos ataques dos “demônios” citados por Ken Roberts em *A Richman's Secret* (O Segredo de Um Homem Rico).

Estou começando a “esquiar” a vida mantendo a mente na Conexão Divina, sempre fluindo no Momento Presente. Vejo que minha mudança influencia os ambientes que freqüento e meus relacionamentos se tornaram deliciosos, sem conflitos e livres de tensões desnecessárias.

Muita gente confunde “viver no Momento Presente” com “ser irresponsável”, mas vejo que sou muito mais responsável hoje do que quando vivia com a mente no passado ou no futuro e me “pré-ocupando” em ser “responsável”.

Fico contente ao perceber que o Brasil, que nada mais é do que o conjunto de todos nós brasileiros, também apresenta mudanças positivas, onde a eleição de Lula é um grande sintoma.

Acho que existe uma mudança de paradigmas maravilhosa acontecendo no mundo inteiro, exatamente como diz o Mestre Ascenso Kuthumi em *Viver de Luz*, de Jasmuheen, e sinto que realmente este já está sendo um século fantástico para a humanidade.

É o século do Despertar Espiritual!

Creio que é maravilhoso para todos nós reconhecermos que somos ilimitados, que podemos expandir “nossos Universos” ajudando uns aos outros a encontrarmos nossos papéis no Plano Divino.

Vejo sinais, por todos os lados, de um Despertar Espiritual em massa prestes a ocorrer.

Pessoas mais bem informadas espiritualmente, como Jasmuheen, afirmam que 2012 é o ano da virada. Da mesma forma pessoas mais bem informadas financeiramente, como Robert Kiyosaki, mostram que a Previdência americana entrará em falência completa com toda a grande população de “baby boomers”, que nasceram nas décadas de 1950 e 1960, que querera se aposentar por volta daquele mesmo ano.

Eu acho que os “baby boomers” já estão se vingando com a mudança completa de seus valores e prerrogativas, algo que ilude completamente aqueles que ainda estão no poder sem merecimento “espiritual”. Esta mudança quebrará os ciclos de consumo que se repetiam geração após geração como mostrado em *The Great Boom Ahead* (O Grande Boom Adiante), de Harry Dent.

Hoje ouvimos muitas músicas com fundo espiritual nas vozes de Sandy & Júnior, do grupo Rouge, do U2, do Billy Joel, entre tantos outros grupos de música popular. Astros como Alexandre Pires, Paulo Ricardo, Zezé de Camargo e Xororó cantam com um brilho nos olhos tão intenso que parecem vivenciar um verdadeiro êxtase espiritual.

Harry Potter, *O Senhor dos Anéis* e até *Xuxa e os Duendes* são só três dos filmes espirituais em cartaz ultimamente. O uso cada vez maior do dinheiro eletrônico e a consciência social e ecológica crescente também são sintomas do Despertar Espiritual de que estamos falando.

Os espaços televisivos tem sido cada vez mais invadidos por programas religiosos e até mesmo o Michael Jackson mostra claros sintomas de que está Despertando quando brinca com crianças carentes em sua Neverland e tem o projeto de adotar um casal de filhos de cada continente. Assista a entrevista que ele deu ao jornalista Bashir em oito meses de convivência e depois me diga se não é este tal Bashir, que ninguém sabe de onde veio, que precisa se tratar e se liberar da sua Self 1 crítica.

Se a Era da Informação começou com a queda do muro de Berlim em 1989, então acho que ela já deu lugar à “Era do Despertar Espiritual”, que começou com a queda da estátua de Saddam Hussein em Bagdá, em 9 de abril de 2003.

Não é por acaso que aquela estátua caiu três dias antes do lançamento nacional do filme *Carandiru* de Hector Babenco, baseado em *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella. Este filme mostra de maneira compacta e brilhante o que acontece entre nós seres humanos, quando usamos a “lógica da violência”.

Uma cueca estendida para secar no varal errado pode levar à destruição de todos nós. Onde será que Bush e Saddam andaram estendendo suas cuecas ultimamente? Porque será que não temos mais coragem e começamos logo a usar a “lógica do fluxo”, a “lógica do Amor”, “a lógica da Paz”, que Jesus ainda insiste em nos mostrar.

No século 19 os Farrapos e meu tio tataravô Silva Jardim lutaram pela abolição da escravidão “física” dos negros. Neste início de século 21 sinto-me tentado a lutar pela “Abolição Espiritual” de toda a humanidade, independente de nacionalidade, sexo, raça, idade, time de futebol, credo religioso ou político.

Enquanto ainda formos vítimas de nossos próprios Egos não seremos verdadeiramente livres e qualquer “liberdade” conquistada será ilusória.

Os tempos não são mais de inflação, mas de deflação, os preços abaixam a cada ano e se mantêm baixos. Dê uma olhada nos gráficos dos preços de commodities em geral no site www.gptc.com. Você poderá visualizar como os preços da prata ou do arroz têm se mantido baixíssimos nos últimos dez anos. Não é por acaso!

Aquelas oscilações violentas que houve na década de 1980 já não estão mais acontecendo. Quando olhar para estes gráficos você estará vendo uma fotografia da história “emocional” e por que não dizer “espiritual” da humanidade.

Em um mundo globalizado a mão-de-obra asiática e brasileira mais barata compete de igual para igual com aquela americana, européia e japonesa, muito mais cara. Estes trabalhadores produzem brinquedos que só são vendidos em massa se tiverem alguma marca estampada no plástico associada a alguém “famoso”, uma celebridade.

Celebridades são criadas do nada em apenas algumas semanas, só para alimentar uma das maiores indústrias de hoje, a “da celebridade”. Precisamos de heróis, pessoas que nos dêem alguma sensação de estabilidade, em um mundo em que os conceitos de riqueza, pobreza e do que é bom ou mal estão sendo questionados e revisados pela maioria das pessoas. (*Marketing de Alta Visibilidade*, de Inving Rein, Philip Kotler e Martin Steller)

Não está longe o dia em que milhões de americanos, europeus e japoneses escaparão da escravidão de regras e consumismo de seu “primeiro mundo”, fugindo para aproveitar a liberdade de países como o Brasil, que ainda são considerados “terceiro mundo”, mas que na verdade são muito mais Ricos de Vida. Esta fuga já começou, dê uma olhada no site www.expatexchange.com para se atualizar.

Olhando a foto de Lula apertando a mão de Bill Gates em Davos, em uma edição do jornal Zero Hora, com a promessa deste último de fazer doações para escolas e universidades no Brasil, percebi como as pessoas estão realmente deixando seus egos de lado.

Lula, Presidente do Brasil, um país onde convivem favelados e milionários, só se elegeu porque venceu seu próprio ego e Bill Gates, o chamado “homem mais rico do mundo”, deve estar fazendo o mesmo quando já doou mais de 26 bilhões de dólares para obras de caridade.

Na foto, os dois estão vestidos de terno e gravata, mas quando iniciaram suas carreiras, o torneiro mecânico e o menino gênio de 14 anos não davam a menor bola para o macacão engraxado e o blusão com cotovelo furado que usavam.

Por baixo de todas as aparências os dois ainda são meninos e estão se tornando “ricos” justamente por deixarem seus egos de lado e não pelo dinheiro ou poder que um ou outro possa “ter”. Todos os dois são servidores da humanidade, como Lula disse em seu discurso de posse, ao afirmar que é o “servidor número 1” do Brasil.

Acompanhei o programa Big Brother Brasil 3 e ri muito com todas as estrepulias de Dhomini, um participante altamente espiritualizado e preparado para aquele jogo, como seu adversário Jean Massumi notou muito bem.

Dhomini medita e reza diariamente, não bebe álcool, não fuma e não come carne de qualquer tipo. “Apesar” disto é espontâneo, brincalhão, caipira e superdivertido, SuperAbundante e Próspero. Namorou Sabrina, a garota mais bonita daquela edição do programa da Rede Globo, e brincou divertidamente com várias outras mulheres que estavam na casa mais vigiada do Brasil.

Ele vive plenamente o Momento Presente e ajudou muito no clima alegre e descontraído que os BB's compartilharam conosco, seus “voyeurs”, nas últimas semanas do programa. Se você quiser conferir, dê uma olhada em www.globo.com/bbb e clique na opção relativa ao Big Brother Brasil 3.

Dhomini ainda não foi completamente “adulterado” pelas crenças enfraquecedoras dos “adultos”. Parece um menino, uma criança. Parece o Clone Rico de si mesmo. Teve até coragem de jogar pelo ralo da pia o conteúdo de uma garrafa de tequila que já tinha feito mal a seus concorrentes durante uma das festas da casa mais vigiada do Brasil. Sua atitude foi parecida com a de Diego, um menino de 11 anos que me contou que escondia as carteiras de cigarro do pai até que ele parou completamente de fumar.

Fico contente que Dhomini tenha vencido aquele jogo que promove uma verdadeira iniciação espiritual em seus participantes. Também gosto quando me lembro que seu nome provém da palavra “domini” em latim que significa “do Senhor”, “de Deus”.

A vitória de Dhomini com o apoio de milhões de pessoas que votaram nele para que permanecesse naquela casa nos vários paredões que enfrentou, indica que existe uma sintonia espiritual muito grande ocorrendo em todo o Brasil neste iniciar de novo milênio.

Que maravilha! A Verdade é que aos poucos estamos entrando naqueles mil anos maravilhosos que o final do Apocalipse da *Bíblia* promete.

Assistindo o programa Fantástico, da Rede Globo, soube que Dhomini faz parte de um movimento filosófico chamado Esfera, liderado por um homem que se chama Isto.

Só uma pessoa com um nível espiritual elevado pode chamar a si mesmo de “isto”, abandonando qualquer rótulo que lhe impuseram no convívio com os “humanos”. Provavelmente ele também se perguntou “o que sou?” ao invés de “quem sou?”.

Aliás, é interessante o filme *Homem Bicentenário*, com Robbin Willians, que mostra um robô que se denomina “isto” no início do filme e tem características espiritualmente avançadas, apesar de não ser “humano”.

Ao longo do filme aquele robô vai se transformando em um homem “comum” e deixa para trás todas aquelas características maravilhosas como criatividade, energia ilimitada, imortalidade física, juventude eternas, compreensão, amor e carinho pelos humanos.

Ele muda suas crenças de robô e adota aquelas dos “humanos”. No final do filme o ex-robô morre “de velhice” com duzentos anos e sendo considerado um “ser humano” pelo “Tribunal da Terra”.

O que isto prova além de que “Sua Crença é Sua Sentença!” ?

Que ser “humano” é ser fraco e limitado?

Até os 10 anos de idade eu dizia seguido que “frio é psicológico”. Minha mãe ria de mim e acabei me deixando levar por ela. Comecei a sentir muito mais frio do que sentia antes, só para, quase 30 anos depois, concluir que eu estava certo, mesmo quando ainda era uma criança.

Não só o frio, mas tudo na vida é psicológico, é Espiritual!

É incrível como existe uma inversão de valores tão grande em nossa sociedade que considera sempre fraquezas e crenças enfraquecedoras com características “humanas”. Só alguém que não se deu conta ainda que somos “espíritos”, “coisas”, “isto”, “aquilo”, pode acreditar nestas idéias.

O Clone Rico também refere a si mesmo como “isto”. Ele sabe que somos seres espirituais tendo uma experiência humana e não o contrário.

Já pensou como o mundo será melhor, a partir de 2012, quando muitos de nós já tivermos Despertado e nos autoclonado em Clones Ricos?

Aqui e Agora, Amo, Acordo, Ajo e Aprendo!

Com o retorno ao Brasil e a interrupção das atividades em commodities, confrontei uma espécie de vácuo sem saber o que fazer, como poder “servir”.

Meus amigos me perguntaram o que faria a seguir, mas eu não sabia dizer, fiquei sem resposta. Às vezes sentia como se tivesse aprendido tantas coisas em vão.

Mas durante mais de um mês, inclusive na viagem que fizemos a Londrina, procurei curtir cada Momento Presente, sem me deixar levar pelas críticas do Ego. Consegui delimitar com precisão mensagens interiores provenientes do Ego ou não.

Aos poucos, com muita perseverança e técnicas de *Your Sacred Self*, alcancei a “Conexão Divina 24 horas de Alta Velocidade”, que tanto queria. Procuo mantê-la sem quedas o máximo que posso. Se há uma queda, levanto rapidamente e restauro a conexão novamente.

Minha mente tem estado silenciosa e, procurando me manter sempre no fluxo, milagres grandes e pequenos tem acontecido. Guy Finley diz que “a mente silenciosa atrai tudo de bom para si”, em *The Keys of Kings*. É um fato! Está acontecendo comigo. Sinto-me como se realmente estivesse deixando meu corpo “esquiar” livre e naturalmente pela vida.

Confiante de que, mais cedo ou mais tarde, a Voz Interior me levaria ao encontro de minha nova atividade, continuei fluindo no Momento Presente, sem oferecer resistência, livre, leve e solto.

Fazendo assim, conclui que a peregrinação mental tinha acabado, mas o aprendizado, longe de estar encerrado, agora desabrochava em uma nova fase.

Comecei a escrever tudo que me vinha em mente, muitas idéias foram escritas até que me deparei com a revisão de cada etapa do processo de autotransformação (ou autoclonagem!) que passei desde outubro de 2000.

Lembrei com mais detalhes da viagem a Boulder, no Colorado, EUA, para participar do Seminário de Marketing na Internet. Logo depois da viagem fiquei sem dinheiro e me sentindo em “crise financeira”, foi quando me dei conta que “o problema” era eu!

Comprei o livro *Pai Rico, Pai Pobre*, cuja leitura mudou completamente meu rumo. Por outro lado, houve outro elemento que contribuiu para a guinada que dei a seguir, paralisando totalmente as atividades de Consultor de Marketing na Internet, com a empresa kidicas! que fornecia uma dica diária grátis a mais de 3000 leitores internautas.

Antes da viagem comprei um laptop com DVD e nos EUA comprei o disco do filme *Matrix*. Com a facilidade de poder assistir o filme quantas vezes quisesse, inclusive durante o voo de retorno ao Brasil, o conteúdo do filme foi cada vez mais “fazendo a minha cabeça”.

Na época não sabia bem porque aquela história de ação em um mundo supostamente virtual mexia tanto comigo, mas inicialmente vi naquele filme uma espécie de “futuro da internet”.

Desde adolescente li muitos livros que mostravam como seria o futuro. Naquele filme achei interessante a idéia de que possamos um dia conectar diretamente nossos cérebros à internet, ou à “Matrix”, ao invés de utilizar um computador para estabelecer esta conexão, como fazemos até hoje.

Naqueles dias escrevia diariamente, de 2^a a 6^a feira, uma dica para os leitores das kidicas! e respondia uns 100 emails diários de leitores. Com toda aquela troca de informações escritas em mensagens eletrônicas, percebi que estava enviando “meus pensamentos” pela rede.

Quando trocava mensagens instantâneas com minha assessora de imprensa, o que acontecia com frequência por quase uma hora, comecei a achar que estávamos nos comunicando quase de

forma telepática. O que demonstrava que não se tratava de comunicação telepática, era a necessidade de usar as mãos sobre o teclado e olhar a tela do monitor de vídeo.

Achei que se no futuro eliminarmos esta parafernália eletrônica, poderemos nos comunicar telepaticamente, talvez passando antes por algo semelhante àquela conexão de um cabo diretamente a nossos cérebros, que *Matrix* apresenta tão brilhantemente. O interessante é que é exatamente um cabo, um “cordão de prata”, em nossas nuca que conecta nossos corpos físicos aos nossos corpos energéticos, como se pode ver bem nas ilustrações de *Viagem Espiritual II*, de Wagner Borges e Glória Costa.

Com aquelas idéias na cabeça e a vontade de mudar o tipo de dicas que dava aos leitores, com textos menos técnicos e mais motivacionais, mudei completamente o conteúdo do curso que costumava dar. Inserir naquele curso sobre “Marketing na Internet”, uma série de idéias inspiradas no filme *Matrix*. O curso deixou de ser técnico para ser quase “filosófico”. Mas logo depois, após a leitura de *Pai Rico, Pai Pobre*, encerrei completamente as atividades da kidicas!

Mas *Matrix* continuou me perseguindo como atividade de entretenimento em meu laptop. Vi este filme dezenas de vezes e decifrei cada detalhe de seu conteúdo, a fim de entender plenamente porque ele me chamava tanta Atenção. O que havia nele que mexia tanto comigo?

Descobri que, por trás de todo o aparato tecnológico e efeitos de computação gráfica caríssimos, a mensagem do filme é altamente espiritual e que Neo, seu protagonista, passa por um despertar espiritual de altíssimo nível, deixando de ser empregado de grande empresa enfraquecido pelas amarras da sociedade e passando a ser um indivíduo soberano, livre, desimpedido e com condições de ajudar outras pessoas a se libertarem da *Matrix* também.

Mensagens como “being The One” (ser O Escolhido), “know thyself” (conheça a si mesmo) e “don’t think you are, know you are!” (não ‘pense’ que você é, ‘saiba’ que você é!) mexem muito comigo.

Acho este filme uma verdadeira obra prima. Seus realizadores, os Irmãos Wachowski, foram verdadeiros gênios ao conseguir colocar em um pacote único com pouco mais de duas horas de duração, ensinamentos espirituais milenares ocidentais e orientais, tudo isto em um ambiente altamente tecnológico e moderno que, aparentemente, nada teria de “espiritual”.

Cada vez me identifico mais com Morpheus quando ele se dá conta que encontrou “O Escolhido”, pois sinto que também O achei, só que “em mim mesmo”.

Identifico-me também com Neo e senti em cada vez que revi o filme que eu era “O Escolhido”, como uma espécie de Jesus Cristo moderno que teria vindo para salvar a humanidade. Várias fantasias antigas voltaram a aflorar em minha mente, como aquelas de vir a ser “o presidente do mundo”, ou de que a *Bíblia* em Apocalipse 19:11 falasse de mim. Mas não há muito sentido nelas, existe grande divergência entre o modo que gosto de viver e o que estas fantasias projetavam para mim.

Só no início de 2003 me dei conta que aquelas ilusões eram mais armações do meu próprio Ego, parte de minha mente, para me aprisionar a padrões de comportamento que não me interessam mais e talvez nunca tenham interessado ao meu Verdadeiro Eu, o Clone Rico em mim.

Não sei o que está projetado para minha participação no Plano Divino, “o próximo passo só é revelado depois que tenho coragem de dar o primeiro”, mas conclui que “sou O Escolhido”!

Existem duas matrizes, uma material e outra espiritual. Cabe a mim escolher aquela que me dá mais tesão, mais Felicidade. Não vim salvar a humanidade, o que é impossível, mas a mim mesmo. Quando escolhi a matriz espiritual, me achei, descobri que sou “The One”!

Compreendendo melhor o funcionamento do Ego e como é possível domá-lo, também conheci melhor minha Self Sagrada, a Divindade Interior. Compreendi finalmente que não existe nenhum, absolutamente nenhum ser humano mais especial ou bonito que os demais. Estas classificações, tão disseminadas em nossa cultura decadente, são meras ilusões. O Fato, a Verdade é que Deus olha a todos nós com o mesmo Carinho Eterno que um Pai pode ter por um filho, esperando que ele acerte mesmo depois de errar milhares de vezes.

Livre da ilusão de que eu ou qualquer outro ser humano possa ser “especial”, me deparei com a Verdade que não sou só eu que sou “O Escolhido”. Cada um de nós é “O Escolhido”, cada um tem como finalidade em sua vida libertar a sua Self Sagrada, aquela parte interior mais elevada, das amarras do Ego, como acontece com Neo em *Matrix*. Aliás, é um bom exercício comparar o Neo do início do filme com aquele do final para se ter uma idéia da diferença entre o Clone Pobre e o Clone Rico, respectivamente.

Reconhecer que se é “O Escolhido” é tudo o que Deus quer de cada um de nós. Deus quer que reconheçamos que Ele nos escolheu para transformarmos o mundo a partir da transformação interior. Cada um tem uma missão diferente, um papel diferente neste Teatro Cósmico que é a Terra. Cada um pode transformar o mundo de forma diversa na aparência, mas todos estamos aqui para participar da construção de um palco melhor para nós e nossos filhos.

Exatamente como Jesus Cristo, “O Escolhido” da *Bíblia*, que foi esperado por tanto tempo e depois deixou tantas sementes de transformação que até hoje precisam ser melhor assimiladas. Sua mensagem ainda precisa ser assimilada por nós, para que possamos realmente descobrir o “Cristo” dentro de nós. Com esta descoberta você também saberá que é “O Escolhido”. Você passará a ser “Você Cristo”. Deixará de ser Clone Pobre e passará a ser Clone Rico.

Na época em que li *Pai Rico, Pai Pobre*, as idéias de *Matrix* já impregnavam minha mente, meu único ativo, e durante os dois anos seguintes, durante a peregrinação espiritual que fiz, lembrei várias vezes de trechos deste filme que pipocavam como sinais interiores de que devia prosseguir em Momentos que tive de avançar contra “muros de tijolos ilusórios” de medo.

Procurando saber o “próximo passo” que seria uma nova atividade profissional para mim, continuei lembrando tudo que tinha passado durante aquela peregrinação mental em busca de saber como pensava o Clone Rico.

Em um primeiro momento constatei que devia apontar para mim mesmo como fonte de meus próprios problemas, reconheci que em todas as cidades e posições que estive, com as mais diferentes pessoas ao redor, sempre reproduzia novamente os mesmos conflitos e dificuldades de relacionamento. Era como se carregasse uma nuvem cinzenta acima da cabeça. Estava sempre temendo o próximo temporal.

Então vi que minha mente não era muito minha amiga, mas ela sempre seria o único ativo com o qual poderia contar. Tive um momento de depressão ao lembrar de muitas ocasiões em que aquela mente tinha se mostrado um passivo, retirando dinheiro de meu bolso, ao invés de colocar.

Aprendi uma técnica maravilhosa e simples para transformar aquela mente em um ativo, simplesmente “dar o primeiro passo, enquanto o próximo é revelado”. Passei a focalizar aquela mente o mais possível na crista da onda do que chamamos de “tempo”, o Momento Presente. Milhares de “problemas” e “compulsões” desapareceram, como por passe da mágica.

Logo depois aprendi que uma mente não funciona sem um corpo e que também precisaria cuidar deste. Com cuidados crescentes dedicados ao corpo também concluí que o que chamava de “corpo” e “mente” como coisas separadas são na Verdade uma única coisa, parte daquilo que EU SOU.

Além disto o que chamava anteriormente de “corpo” passou a ser “corpo físico” e a “mente” se dividiu em três outros corpos, “emocional”, “mental” e “espiritual”. Mas estes quatro corpos são parte de uma coisa única que SOU EU.

Com esta nova compreensão consegui captar a importância das crenças e como elas estabelecem uma base lógica para tudo aquilo que se passa em “minha mente”, meu único ativo. “Sua crença é sua sentença!”, grita novamente a Voz Interior.

Mesmo com esta nova percepção de mim mesmo, procurando sempre conhecer melhor aquele que chamava de “eu”, ainda continuei na maior ignorância, tendo que lidar interiormente somente com pensamentos em forma de palavras ou simplesmente emoções que passavam por mim.

Aqueles pensamentos e emoções foram aos poucos sendo classificados por terem duas fontes, o Ego e a Divindade Interior. Esta nova percepção só foi possível pela perseverança que tive em me

manter mentalmente no Momento Presente. A princípio esta prática foi quase sobrehumana, mas depois passou a ser cada vez mais fácil, como um músculo que pode carregar mais peso, depois de estar mais fortalecido.

Além das duas fontes de pensamentos e emoções, consegui ouvir uma Voz Interior que me guiou e guia em cada Momento Presente. No princípio aquela voz era quase inaudível, no meio de toda a confusão que era o meu interior, mas depois aquela vozinha foi se transformando cada vez mais em uma Vozerona.

Com mais confiança para silenciar pensamentos e emoções que, em geral, provém do Ego, consegui ouvir melhor o Silêncio dentro de mim. Quanto mais silêncio meus corpos mental e emocional, mais eles se alinham aos corpos físico e espiritual, como se os quatro corpos estivessem em fase, em harmonia não só entre si, mas também com o Plano Divino. O Momento Presente é o lugar de encontro, em que todo este sincronismo e harmonia acontecem. “Aqui e Agora, Amo, Acordo, Ajo e Aprendo!”, gritou a Voz Interior.

Esta paz e harmonia interior me leva a ter mais coragem para enfrentar os vários medos que me detiveram desde a infância, fazendo que seja muito mais fácil hoje “entrar no Fluxo”, sem ficar tentando contrariar a correnteza do Rio da Vida, como um “tronco em enchente” costuma fazer, esbarrando em tudo o que encontra pela frente.

Mudei hábitos dietéticos e de exercícios e tenho hoje um grande respeito pelo corpo físico, a única “casa de Deus” que reconheço.

Além disto acho que a Terra é um planeta maravilhoso, cheia de enormes monumentos naturais muito mais belos do que quaisquer construções que o ser humano possa construir para incentivar comportamentos compulsivos no meio do deserto, em Las Vegas, ou prédios pequenos, médios e grandes nas cidades, com as mais variadas formas arquitetônicas, que as religiões criam para serem idolatradas.

O Duomo de Milão ou qualquer outra catedral católica ou de outras religiões jamais chegará aos pés da beleza da Serra do Mar no Brasil, dos Alpes na Europa, das Rocky Mountains nos EUA, ou mesmo do nascer do sol sobre o oceano Atlântico, visto de Xangri-Lá, praia do litoral gaúcho. Talvez Donald Trump discorde de mim, mas acho que estes lugares criados por Deus são muito mais bonitos e espirituais do que qualquer edifício construído por nós, seres humanos.

Deus está em toda parte e é à procura Dele que sempre estive, mesmo quando queria uma bicicleta, um carro, uma casa, sexo, dinheiro ou fama, exatamente como Deepak Chopra afirma em *O Caminho do Mago* e *Como Conhecer Deus*.

Sempre procurei Deus fora de mim porque o Ego, uma verdadeira construção mental “demoníaca” de minha “auto-imagem”, afirmava que Ele estava lá fora. Passei mais de trinta anos procurando no lugar errado, não conseguindo nem mesmo chegar perto daquele sonho de ficar “rico e famoso” que tinha.

Quando conheci melhor, mais intimamente, o Clone Rico, percebi que ele nunca acalentou este sonho tão comum na nossa cultura. Para ele “riqueza” significa “maior capacidade para servir ao próximo” e “fama” significa que “o serviço está sendo prestado com qualidade”, “o próximo está contente!”, “os clientes chegam em quantidade!”.

EU SOU a Solução!

Segundo Wayne Dyer, em *Your Sacred Self*, “o ego é uma idéia mental, invisível, sem forma, sem fronteira. É nada mais do que a idéia que você tem de si mesmo – seu corpo / mente / alma / self”. Não é você, o ego é só aquilo que você pensa de si mesmo. De tudo que aprendi com a leitura de mais de 200 livros em 2 anos, conclui que pura e simplesmente o Clone Rico é o Clone Pobre sem o Ego.

Clone Rico = Clone Pobre – Ego.

Quando o Clone Pobre deixa de seguir as idéias falsas criadas pelo Ego, aquela idéia primária ainda mais falsa de si mesmo, ele passa a ser o Clone Rico.

Esta idéia é confirmada por Deepak Chopra, em *O Caminho do Mago*, quando afirma que “com o nascimento do Observador”, na sexta etapa da alquimia de si mesmo, o futuro Mago vivencia “a extinção do ego, a extinção de toda identificação externa”.

O Clone Pobre está sempre “estressado”. O Clone Rico está sempre “NO stress”.

O Clone Pobre acredita em “azar”. O Clone Rico sabe que é ele que faz a própria “sorte”.

O Clone Pobre está sempre com pressa. O Clone Rico vive no Eterno Agora, lugar onde a palavra “pressa” simplesmente não existe.

Uma vez uma cartomante profetizou que eu ficaria tão rico que até me esqueceria completamente de quem era. Acho que isto já aconteceu. Hoje falo daquele que era no passado como se fosse de outra pessoa.

Embora meu nome legal, família biológica e curriculum vitae não tenham mudado, não me sinto mais a mesma pessoa de dois anos atrás. Sou diferente, vivo de forma mais Abundante e Próspera. E estou em constante transformação Agora. Aquele que eu era ontem, é diferente daquele que sou hoje, que é diferente daquele que serei amanhã.

Acho até que foi o próprio Deus que me protegeu de mim mesmo e impediu que realizasse aquele sonho falso criado pelo Ego, a fim de que primeiro redirecionasse o sentido de minha busca, que resultou finalmente na descoberta da Divindade Interior.

Quando afinal reconheci que Deus não está fora, mas sim dentro de mim, consegui progressos espantosos e extremamente rápidos. Em pouco mais de dois anos descobri o que é e como manter a Felicidade que, no fundo era o que procurava, sem saber.

Hoje vejo que não existe a menor chance de encontrar Felicidade fora de mim. Também aprendi que Ela não é uma sucessão de momentos felizes como já ouvi muitas pessoas dizerem.

A Felicidade não pode ser encontrada fora e em nenhuma ilusão que se possa criar. Nem o dinheiro, nem o álcool ou outras drogas, nem os remédios, nem as posses materiais, podem me dar aquilo que eu, na Verdade, sempre tive e sempre terei.

Enquanto não me dei conta que o que eu procurava “já era meu” por direito, não havia a menor chance de encontrar. Agora tudo está mais claro, a compreensão das palavras de Jesus Cristo melhorou. Hoje compreendo com cada célula do meu corpo o que ele quis dizer quando afirmou “buscai primeiro o Reino de Deus, e o resto lhes será acrescentado” e disse “não vos preocupeis”.

De mais de uma forma testei e confirmei que “algo maior do que eu”, Deus, me criou. Não era eu que me alimentava quando parei de comer.

Mas também não fui eu que criei os alimentos que como agora. Como será que eles brotam da terra? Que energia é esta que realiza este milagre? Pode ter certeza que é a mesma energia que mantém você vivo e lendo estas páginas Agora.

Tudo o resto que acho que sei é na Verdade um conjunto de “projeções da mente”, como está escrito na *Sutra Sagrada CHUVA DE NÉCTAR DA VERDADE* de Masaharu Tanigushi, Ph.D., que criou em 1931 a Seicho-no-ie no Japão. Este pequenino livro, presente de Gertrudes, grande amiga que também passou pelo Processo de 21 dias do *Viver de Luz*, colocou mais Luz ainda na descoberta do Espírito em mim.

Hoje sei que era “louco” em não compreender que tudo foi criado pelo mesmo Deus, “inclusive eu”. Porque permaneci tanto tempo acreditando nas idéias de separação inventadas pelo Ego?

Só sei que compreendendo melhor a mim mesmo, compreendo melhor também outros seres humanos. Aliás, faço aqui uma ligeira pausa para perdoar e pedir perdão a você também, caso tenhamos algum débito cármico entre nós desta ou de outras vidas. Perdão!

Por baixo das aparências, que são pura e simplesmente “aquilo que consigo perceber com meus cinco sentidos”, hoje consigo olhar para as pessoas como são do ponto de vista espiritual. Existem infinitos níveis de espiritualidade, desde o mais baixo até Deus, passando pelos Anjos e outras escalas hierárquicas, como *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, explica muito bem.

A estrada da Evolução é independente e individual para cada um de nós. Qualquer ilusão de que alguém possa estar bloqueando a minha evolução, nada mais é do que isto, uma mera “ilusão”. No conflito existe um retrocesso, no fluxo existe a ascensão. Em qualquer conflito todas as partes estão erradas. No fluxo, na harmonia, todas estão certas. E a harmonia é inevitável quando todas as partes deixam seus egos de lado.

Cabe a mim e somente a mim subir degrau por degrau a escadaria da minha própria evolução, independente do que outros seres humanos no planeta possam estar fazendo, mesmo que sejam parentes próximos.

A velocidade da Evolução é diretamente proporcional ao tamanho da Fé em Deus. Esta Fé aumenta a cada dia, mas no início foi estimulada por livros que mostram como ficar rico materialmente, com pouquíssimas menções ao mundo espiritual.

Acontece que para mim é cada vez mais irônico ver pessoas correndo por aí em busca de um monte de coisas para se “satisfazerem”, sem a menor noção de quem são ou “do que” são. Como podem satisfazer aquele que deseja se não o conhecem?

Acho que a melhor pergunta que posso me fazer não é “quem sou?”, mas sim “o que sou?”. Quando me perguntei “o que” e não “quem” dei-me de cara com a eternidade e grandeza do meu verdadeiro Eu. Consegui, com esta mudança na forma de pensar a mim mesmo, dar de cara com a Realidade que “Deus e Eu somos Um”, como estava escrito no “PS.!” de um email que recebi de Mariah, depois de ir embora de Los Angeles.

Procurando saber “o que sou?” não me vinculo a qualquer rótulo ou definição que possa ter sido dada a mim na estrutura social vigente nesta ou em qualquer outra encarnação.

Da mesma forma hoje acredito que Deus não é Ele ou Ela, mas sim “It”, pronome que serve para designar coisas, animais, vegetais e objetos em geral. It representa as coisas do reino mineral e vegetal que são muito mais vastos do que o reino animal e do que o “reino humano”.

A linguagem falada e escrita é muito ineficiente para expressar nossa verdadeira Essência, às vezes só em outra língua podemos encontrar uma palavra que expresse melhor o que queremos dizer. Em português não existe um pronome para indicar coisas, tudo é “ele” ou “ela”, por isto tudo precisa ser masculino ou feminino, inclusive Deus. Na Verdade nem Deus nem nossas Essências Divinas, nossos Espíritos, são “ele” ou “ela”.

Também acho que assim como nós somos espíritos imortais que trocamos de corpo físico, como atores e atrizes trocam de roupa, também não podemos ser definidos como “ele” ou “ela”, somos “It”.

O mais legal de dar de cara com esta Realidade é que percebi que não sou diferente de um cavalo, uma gaivota, uma árvore, uma montanha ou mesmo dos ventos e vulcões. Se Deus e eu somos Um, então minha Consciência não reside só em meu corpo físico, ela abrange todo o Universo. Meu corpo é um endereço provisório onde podem me encontrar por enquanto, como Deepak Chopra fala em *O Caminho do Mago*.

Acho que estou me curando, pouco a pouco, da verdadeira praga que ameaça, mais do que qualquer outra, a existência da humanidade neste planeta, a Egotite. Acredito que este termo seja novo, mas por experiência própria sei que a Egotite que tive durante quase 40 anos foi mais danosa para a minha saúde e vida do que qualquer catapora, cachumba ou gripe que eu possa ter tido.

A Egotite me levou muito próximo à morte pelo menos quatro vezes. Deus e os Anjos foram bons comigo dando-me novas chances que me conduziram ao Aqui Agora em que finalmente posso me comunicar com você através destas páginas.

Só com uma campanha de erradicação da Egotite, a inflamação do Ego, poderemos evoluir como raça e disseminar a idéia que somos um único povo, que guerras entre nações e brigas de casais são um verdadeiro atraso em nossa Evolução, que é o que viemos fazer neste planeta.

Somos um único povo, uma única família, os átomos que compõem o seu corpo agora, podem já ter passado pelas minhas veias também. Somos todos primos, somos todos irmãos e nossa única obrigação nesta e em quaisquer outras vidas é aprender, brincando de viver, brincando de conviver, exatamente como fazem os participantes do programa Big Brother em 22 países do globo neste momento (www.bigbrotherworld.tv).

Seria muito triste acreditar que estamos aqui simplesmente para sofrer enquanto trabalhamos, parimos filhos, os criamos, envelhecemos e morremos doentes, deixando aquilo que construímos para os outros usufruírem. Quem ainda acredita nesta ilusão deve realmente se sentir muito infeliz. Estamos aqui para Evoluir, para aprender, para servir, para compartilhar nossos melhores dons com nossos parentes universais.

A origem e o fim das guerras em casa, nas ruas, no mar, no ar, de avião, de helicóptero ou de navio, está naquilo que carregamos dentro de nós mesmos. Enquanto acreditarmos que existe morte e que ao matar alguém o “problema” ou “jogo” acaba, continuaremos procurando derrubar adversários externos sem saber que o maior adversário que poderemos jamais ter está dentro de nós mesmos, como afirma o próprio título do livro de Guy Finley com a psicóloga Dra. Ellen Dickstein, *The Intimate Enemy, Winning the War Within Yourself* (O Inimigo Íntimo, Vencendo a Guerra Dentro de Si Mesmo.)

Esta é uma lição que George Bush e Saddam Hussein, Presidentes dos EUA e do Iraque, ainda precisam aprender. Falar de “ações de violência” em nome de Deus é algo medieval, só pode ser um sinal de demência, algo que a igreja católica apoiou durante vários séculos, mas agora desaprova.

Não é Bush que está errado e Saddam certo, ou vice-versa. Na Verdade os dois estão errados! Na Verdade a guerra de ambos é contra Você, contra mim. Guerras não resolvem nada, só pioram uma situação que já era ruim. Revisando sua experiência pessoal qualquer criança de 4 anos entende muito bem do que estamos falando.

Os japoneses tocam as pontas dos próprios narizes com o dedo indicador quando querem indicar a si mesmos, diversamente de nós ocidentais que apontamos nossos peitos. Acho que está na hora de cada um de nós tocar o próprio nariz indicando o “Problema” a ser resolvido.

Estaremos apontando também a cabeça, por onde passam todos aqueles pensamentos e emoções negativas, medos, dúvidas, descrenças, que nos impedem de Evoluir e nos mantém aprisionados ao vício da compulsão por pensamentos, como bêbados que não conseguem deixar de tomar “uma cervejinha”.

Se quisermos apontar a Solução, aí então deveremos tocar nossos peitos, pois lá no coração é que reside, sempre em nós mesmos, a solução para tudo o que queremos nesta e em outras vidas que venhamos a ter.

Por falar no verbo “ter”, lembro-me claramente das visões que tive quando voltei de avião de San Francisco para Miami, atravessando de costa a costa os EUA em algumas horas, de dia. Antes de embarcar no avião achei que seria interessante observar a superfície da Terra do alto, depois da estadia meio tumultuosa naquela cidade onde me senti oprimido e com vontade de voltar ao Brasil.

Passei horas olhando para baixo pela janela do avião. A altura era em torno de 11 mil metros. Vi montanhas com mata nativa, cidades, rios e tentei visualizar meu tamanho em relação àqueles monumentos naturais que estava apreciando.

Pela primeira vez percebi como o meu corpo físico é pequeno em relação à Terra e ao Universo. Senti humilhação diante de tanta grandeza e gratidão por ter sido criado por Alguém tão grande, que criou Tudo o Que Existe. Nossos “corpinhos” mais parecem um vírus sobre a “pele da Terra”, como sugere o agente líder em *Matrix*, do alto de um prédio de mais de 20 andares, olhando a multidão de “minúsculos seres humanos” que caminhava pelas ruas.

Conseguí me dar conta que, durante a maior parte dos anos em que estive aqui desta vez, estive muito ensimesmado, achando que as proporções eram completamente diferentes. Quando fechava os olhos sempre me via grande, com um corpo imenso, um Gulliver na terra de pequeninos homenzinhos.

Meu Ego me levava a crer que tudo ao meu redor era pequeno em relação a mim. Meus “problemas” eram muito “grandes”, “importantes” e “urgentes”. Naquela viagem de volta ao Brasil dei o braço a torcer. Compreendi que, neste corpo físico, eu é que sou o homenzinho minúsculo.

Certo dia perto da margem de uma lagoa no litoral gaúcho, com uma cadeia de montanhas ao fundo, olhava um cavalo à distância, quando a Voz Interior me sussurrou: “O cavalo parece pequenino agora; se você se aproximar não terá sido ele que terá crescido, mas sim você que se aproximou. O cavalo continua tão pequeno quanto antes.”

Com esta percepção concluí que meus “problemas” também são minúsculos, ainda mais quando sei que Deus, que criou o Universo em que passeio, está em mim. É Verdade, estou aqui para passear, me divertir e aprender, afinal existe alguma outra razão para nós todos estarmos aqui?

Graças a Deus minha consciência se ampliou e acredito que poderei servir melhor a humanidade daqui por diante, mesmo que esta “humanidade” seja simplesmente “minha” esposa, filha, avó, amigos, clientes.

Coloquei aspas no “minha” porque na verdade ninguém é de ninguém, nem nunca será. É o apego que estraga as relações dos seres humanos entre si e com o ambiente. Aliás, será ótimo quando nos dermos conta que assim como “ninguém é de ninguém” também é Verdade que “nada é de ninguém”!

Acredito que Esta Busca Acabou!

Cada um serve a humanidade e a Deus a partir de seu próprio ponto de referência.

Não pode ser diferente. Não poderei jamais realizar a missão que foi destinada a você. Você também não poderá realizar a minha missão. É uma verdadeira folia querer copiar o vizinho em suas conquistas, como fiz durante tanto tempo, quando ainda participava da corrida dos ratos.

Sim, estava na corrida dos ratos e por um tempo acreditei que para sair dela e entrar na “fast track” (trilha rápida) era necessário ter uma renda passiva maior do que as minhas despesas como Robert Kiyosaki ensina. Agora discordo um pouco desta afirmação, aprendi com a doma cada vez mais acirrada de meu próprio Ego, que a entrada ou saída da corrida dos ratos é algo muito mais interior do que exterior.

Nenhum balanço financeiro positivo ou negativo poderá jamais definir meu estado espiritual. Minhas finanças podem estar em frangalhos, mas posso estar me elevando cada vez mais espiritualmente e aprendendo a lição que tenho que aprender naquela situação.

Também posso ter as finanças em ordem e levar uma vida sem grandes luxos, sem ser considerado “rico” pelos padrões vigentes no momento, mas estar em paz e harmonia comigo mesmo e com as pessoas que me rodeiam. De qualquer forma o que define realmente se estou na corrida dos ratos é meu estado interior.

Acredito hoje que o único modo de sair da corrida dos ratos e entrar na trilha rápida é a doma do Ego, é parar de se comparar com outras pessoas e consigo mesmo.

Olhei no dicionário inglês-inglês Longman e li a definição de “rat race”, corrida dos ratos em inglês: “the endless competition for success, esp. in business”, a competição sem fim por sucesso, especialmente nos negócios.

Confirmei então que só existe um meio de sair da corrida dos ratos, que é parar de competir, parar de se comparar, parar de julgar. Sim, é isto mesmo, é preciso parar de me comparar com qualquer pessoa, inclusive “eu mesmo”. Compreendi que toda comparação é fruto de um julgamento. Se não julgo também não comparo, mas se julgar acabo comparando e, pior ainda, criticando e “condenando” a mim mesmo.

Interessante perceber que no final todo este processo condena somente a mim, toda a raiva, ódio ou inveja que eu possa nutrir por qualquer pessoa é, no fundo, uma verdadeira autopunição. Aqueles sentimentos negativos reforçados por pensamentos, que se autoperpetuavam com a crença de assim punir alguém mais, estiveram punindo a mim mesmo por muitos anos.

Graças a Deus me Acordei!

Prefiro deixar de jogar qualquer jogo de competição e passar a jogar One! (Um em inglês)

Você já conhece este jogo?

Claro que não! Acabei de inventá-lo! É um jogo de cooperação e não de competição, como frescobol.

Neste jogo não há adversários, nem limites para o número máximo de jogadores que devem cooperar entre si para poderem ganhar em conjunto. Neste jogo ninguém ganha sozinho!

One só tem cinco regras:

1. Lembrar que cada jogador é The One, O Escolhido por Deus.
2. Lembrar que todos os jogadores e Deus são One (Um).
3. Para jogar é suficiente seguir as duas primeiras regras.
4. Para perder é suficiente não jogar.
5. Todos os jogadores que jogam ganham.

Convido você a participar comigo desta brincadeira Agora, este Momento Presente que estamos compartilhando com todos os outros seres do Universo.

Depois desta retrospectiva dos últimos dois anos e organização do que aprendi me deixando guiar completamente pela Voz Interior, compreendi melhor como é o Clone Rico. Agora o conheço muito bem, por dentro e por fora. Com esta Compreensão me transformei, não sou mais quem era.

Era o Clone Pobre e não sabia, mas ao admitir que poderia existir alguém mais, igualzinho a mim, com mesmo DNA, só que muito mais Abundante e Próspero, acabei chamando a Luz necessária para conhecer melhor o Clone Rico de mim mesmo.

Depois do que aprendi posso afirmar que não existe qualquer razão para que jamais me sinta insatisfeito com qualquer aspecto de minha vida. Aprendi que todo e qualquer sofrimento é fruto única e exclusivamente do confronto entre “ilusão” e “realidade”.

Se crio qualquer ilusão acabarei, mais cedo ou mais tarde sofrendo, aquela idéia que criei entrará em conflito com a Realidade. Quem cria ilusões é o Ego, não sou eu, não é a Divindade Interior, não é a Self Sagrada, não é o Mago em mim.

O Clone Rico vive completamente imerso na Realidade, livre de ilusões, por isto ele não sofre e vivencia milagres diariamente. Sua vida é extremamente empolgante! Ele sorri com muita frequência, sabe que não existe nada mais saudável do que uma boa risada.

Por isto afirmo que se você está sério e insatisfeito com qualquer aspecto de sua vida, pode ter certeza que você ainda é o Clone Pobre de si mesmo! Ainda está se deixando levar pelas fantasias do seu próprio Ego. Precisa trocar aquele “E” maiúsculo por outro pequenino “e”.

Se você chegou à conclusão de que é o Clone Pobre de si mesmo, precisa se reciclar mentalmente; não adianta andar por aí com o que aprendeu na faculdade há 20 ou 30 anos atrás ou com idéias de filósofos da Revolução Francesa em sua mente.

O mundo mudou, sua mente também precisa mudar. Se você sente alguma dificuldade em acompanhar o ritmo das coisas é porque você não atualizou a sua mente, seu único ativo. Não adianta comprar imóveis e acumular mais “patrimônio”, enquanto o seu maior patrimônio está sendo comido pelos cupins.

Olhe o mundo de outros pontos de vista: do último andar de um prédio alto, de dentro de um porta-malas escuro, de cima de um par de sapatos com salto alto ou até usando uma peruca loira. Ponha em operação milhões de sinapses que ainda estão aposentadas curtindo a vida mansa da colônia de férias e asilo para idosos que ainda existem atrás do seu nariz. Ah, você também pode conversar com as plantas ou dar algo que você gosta muito para alguém que você “não liga a mínima”. São mais maneiras para você confrontar o seu Ego e se autoclonar em Você!

Ler livros, revistas e jornais em geral ou assistir filmes e noticiários de TV não adianta nada, só piora a situação. O que você precisa é de livros que lhe tragam Sabedoria e Compreensão, como os Provérbios de Salomão já afirmam há milhares de anos. O bom de obter Sabedoria e Compreensão é que elas são Eternas. O Clone Rico em você sabe disto.

Robert Kiyosaki e Ken Roberts dizem que é importante identificar a fonte da informação que você coloca em sua mente. Para investimentos é bom que você não siga conselhos de jornalistas e repórteres mal pagos, somente para escrever, sem qualquer experiência prática na arte de fazer dinheiro de verdade.

Para alcançar Paz Interior você também deve procurar informações que provém de milionários ou mesmo bilionários em Felicidade. Avalie bem suas fontes, sua mente é seu único ativo, aprenda a usá-la bem! Faça ela trabalhar para e não contra você, como acontecia comigo.

O bacana nesta brincadeira de autoclonagem é que na verdade estamos constantemente nos autoclonando a nível atômico. Como aprendi no livro de Deepak Chopra, *Corpo Sem Idade, Mente Sem Fronteiras*, 98% dos átomos que compõem nossos corpos são totalmente renovados, substituídos por outros, durante o período de um ano.

É como se a cada ano eu gerasse um novo clone de mim mesmo. No aspecto exterior posso até achar que sou o mesmo, mas no fundo meu corpo foi quase totalmente renovado, sempre baseado no mesmo DNA, é claro.

Também é Verdade que você já se autoclonou inúmeras vezes desde que o espermatozóide de seu pai entrou no óvulo da sua mãe. Quantos corpos físicos você já usou? Se você contar vai acabar se dando conta que já trocou de corpo físico muito mais vezes do que trocou de carro ou mesmo de roupa. O DNA era o mesmo, mas os corpos físicos eram diferentes, certos?

Queira você ou não, seu corpo físico está em constante transformação, a cada vez que você respira. Para que esta transformação seja agradável e estimulante, cabe somente a Você fazer com que seus corpos emocional, mental e espiritual, acompanhem aquela transformação inevitável e autônoma.

De certa forma a cada respiração você está se autoclonando, seu corpo físico está se tornando diferente do que era “uma respiração atrás”. A mente do Clone Rico possibilita que ele não envelheça, gerando clones idênticos melhorados de si mesmo, uma vez alcançada uma certa idade.

É parecido com passar a ser o robô do filme *Homem Bicentenário*, com Robbin Willians; você se livra de todas as crenças enfraquecedoras “humanas” e passa a ser um imortal sempre jovem e bem disposto. Não existe mais aquela história de “dia ruim” ou “azar” ou “hoje acordei de mal humor” ou “com o pé esquerdo”.

O mais legal é que não precisa nem morrer, pode ir com corpo e tudo para outra dimensão, caso ele não esteja danificado por maus tratos e más crenças ao longo do seu caminho nesta vida.

Já a mente do Clone Pobre impossibilita a regeneração e rejuvenescimento celulares e o destino do envelhecimento e morte é reforçado diariamente por suas crenças enfraquecedoras e limitantes, “humanas”. Para ele a decadência e degeneração chega mais cedo ou mais tarde.

Se a cada ano crio um clone de mim mesmo a nível celular, então por que não posso me transformar de Clone Pobre em Clone Rico? O “muro” a ser destruído está naquela “mente” que é o único ponto de apoio para a mudança.

Assim como no rock climbing, para mudar você precisará deixar para trás pontos de apoio na rocha saltando para outros pontos de apoio em que inicialmente se segurará somente com as pontinhas de seus dedos. Só fazendo estes saltos “no escuro” é que você poderá deixar para trás aquela mente limitada do Clone Pobre e alcançar o estado mental sem fronteiras do Clone Rico.

Mas como é a mente do Clone Rico? Silenciosa!

O Clone Rico não tem todo aquele rio de pensamentos passando constantemente por sua cabeça. Ele deixou seu Ego para trás e vive cada Momento Presente com um prazer enorme, cheio de energia e Felicidade. O Clone Rico consegue assim atrair para si tudo o que há de bom, sem o menor esforço. Ele sabe que o próprio esforço era “o problema” em todas as vezes que se frustrou quando era Clone Pobre.

O Clone Rico também não se ilude mais com as idéias de escassez, pobreza, doença, morte, pecado, que o Clone Pobre adorava cultivar. O Clone Rico vive um paraíso aqui na Terra.

O Clone Rico não gosta de viver uma vida média seguindo padrões preestabelecidos, ele gosta de não-linearidades, gosta de milagres, mudanças rápidas para melhor, pois sabe que Deus está com ele, dentro dele.

É difícil perceber a diferença entre o Clone Rico e o Clone Pobre, mas pode ter certeza que se você tem “dúvidas” se é o Clone Rico, então você só pode ser o Clone Pobre. Você precisa Despertar!

Alugue o vídeo *Endiabrado*, com Brendan Fraser, e compare o modo carente e atrapalhado de se comportar de seu protagonista no início do filme, com a forma livre e desimpedida como age no final. Além de se divertir bastante com a realização dos desejos dele depois que vende sua alma ao diabo, você terá uma boa noção do que a autoclonagem poderá fazer por você.

Se traçarmos uma linha num papel e escrevermos a palavra “matéria” do lado esquerdo e “espírito” no direito, você também poderá escrever Clone Pobre do lado esquerdo e Clone Rico do lado direito da linha. Ah, também pode escrever Ego e Divindade Interior na mesma ordem.

A diferença fundamental entre ambos os clones não está fora, mas sim dentro. Ambos podem buscar os mesmos objetivos exteriores, mas é dentro que reside a verdadeira diferença.

E esta é a maior diferença que você poderá jamais encontrar, pois ela fará “toda a diferença!” O comportamento do Clone Rico será mais aberto, mais livre. Você se sentirá mais à vontade ao falar com o Clone Rico de algum amigo, pois ele Ouvirá você.

O Clone Rico valoriza muito a energia seja lá de quem for, não gosta de gastar mais do que o necessário, mesmo que seja num encontro casual com um amigo.

O Clone Rico sempre pensa que “lá fora pode estar trovejando, mas aqui dentro faz Sol!”, como ouvi da boca de um homem-saci, que pulava com uma perna só e sorria enquanto servia em um restaurante de frutos do mar na BR 101, em Santa Catarina.

O Clone Rico vive como a cigarra da fábula, sem um objetivo, como James Ogilvy sugere em *Living Without a Goal: Finding the Freedom to Live a Creative, Innovative and Fulfilled Life* (Vivendo Sem um Objetivo: Achando a Liberdade de Viver uma Vida Criativa, Inovativa e Satisfatória). Nem precisa dizer que o Clone Pobre é a formiga que está sempre preocupada em como vai passar e se vai chegar ao fim do inverno.

Só mais um detalhe, o Clone Rico nunca pára de se autoclonar, sua mente silenciosa está em constante transformação, se adaptando a cada Momento Presente.

Bom, acho que posso escrever outro livro sobre as diferenças entre os dois clones, mas o importante para mim é que, ao procurar compreender melhor como pensava o Clone Rico, acabei transformando minha própria forma de pensar e com isto fui me transformando também. Acabei me autoclonando.

Tenho a noção clara de que aquela pessoa que começou a peregrinação mental mais de dois anos atrás não sou eu. Não me identifico mais com nada daquele sujeito que estava tão perdido que não sabia nem onde enfiar a chave para dar a partida na própria mente.

Só consigo concluir que, como não sou mais aquele que era dois anos atrás, então ele só pode ser o Clone Pobre, enquanto eu, que começo uma nova vida em harmonia comigo mesmo e com as pessoas que me rodeiam, sou o Clone Rico.

Como Morpheus diz a Neo em *Matrix*, quando afirma que a sua procura pelo Escolhido acabou, também aceito quando a Voz Interior repete de vez em quando: “I believe this search is over!” (Acredito que esta busca acabou!).

Iniciei uma peregrinação há dois anos atrás seguindo o “caminho dos livros” e sinto que *Your Sacred Self*, de Wayne Dyer, foi realmente a última cidade a ser visitada. Já assimilei pelo menos uma mudança de crença que Wayne sugere: PAZ-É-MELHOR ao invés de MAIS-É-MELHOR, como a maioria das pessoas ainda acredita. Sinto-me ótimo com esta mudança. Acredite! Como você já sabe, muitas teias e pó tiveram de ser removidos de minha mente, para que esta simples mudança interior ocorresse.

O caminho da “doma” do Ego pode levar vários anos, mas pelo menos agora sei como fazê-lo. Diversamente de todas as terapias que tentei no passado, agora parece que tenho o “manual de operações” de mim mesmo.

Não é irônico que tenhamos de ler manuais gigantescos para poder operar nossos computadores, enquanto não sabemos operar a nós mesmos? Eu acho que sim. Sempre fui bom estudante e acho que segui muito daquilo que aprendi com meus pais e avós, mas custei muito a entender que ninguém, nem os pais nem os mestres, tinha um “manual de operações” para si mesmo.

Demorei muito para entender que todos aqueles que queriam me dar direção, estavam perdidos também. “Cegos que guiam cegos”, é assim que caminha a humanidade, perpetuando erros

e ilusões de comportamento, que só geram mais conflitos, como cegos trombando em tudo o que encontram pela frente na escuridão.

O mundo exterior hoje não é muito diferente em termos de confusão e violência daquele que Jesus Cristo encontrou há dois mil anos atrás, como aprendi em *O Grande Amigo de Deus*, de Taylor Caldwell.

Mas se você mudar interiormente, já será uma grande mudança.

É verdade o que Vernon Howard diz em *The Power of Psycho-Pictography*: “to overcome yourself is the very same thing as overcoming the world”. (dominar a si mesmo é a mesma coisa que dominar o mundo)

Mudar a si mesmo é o mesmo que mudar o mundo.

Aliás, mudar a si mesmo é a única forma de mudar o mundo.

Mas só existe uma maneira de “mudar a si mesmo”: mudar a maneira como você vê aquilo que vê. Mesmo sem perceber, tudo aquilo que você coloca em sua mente, seu único ativo, acaba criando uma espécie de lente pela qual você distorce a Realidade. Aquilo que você chama de realidade não tem nada a ver com a Realidade.

O Clone Rico só aceita aquilo que a Realidade lhe apresenta, sem interpretações, sem distorções, sem usar lentes de aumento ou diminuição.

Se você percebeu que é o Clone Pobre não gaste mais energia tentando tapar o sol com a peneira, peça ajuda ao Universo para lhe ajudar em sua auto-clonagem para se transformar no Clone Rico. Como Vernon também afirmou: “what you want, also wants you!” (o que você quer também quer você!).

Quanto à minha sondagem do que fazer profissionalmente nesta nova fase, acabei me rendendo à idéia de que realmente fui eu que escolhi meus pais. Adoro quando me lembro deles, meu coração finalmente está livre de qualquer mágoa ou rancor que me machucavam e faziam com que minha mente, meu único ativo, estivesse sempre focalizada no passado.

Sinto uma enorme Paz interior, hoje, quando me vejo tendo carinho por papai, uma pessoa por quem durante tantos anos nutri ressentimento. Agradeço muito a ele por ter me perdoado depois de toda a energia negativa que lhe dirigi durante algo que foi, pelo menos para mim, uma verdadeira eternidade.

Papai era oficial do exército, como Ego, mas na Essência sempre foi atleta. E mamãe era dona de casa, como Ego, mas na Essência sempre foi artista. Com seus egos inflamados, os dois tiveram muitos conflitos durante o período em que estiveram juntos.

Mamãe passou para outra dimensão insatisfeita procurando um amor externo que não foi encontrado. Seu objetivo era impossível de ser alcançado. Quem não ama plenamente a si mesmo, não consegue achar “seu verdadeiro amor”. Sinto que ela já aprendeu esta lição, onde quer que esteja.

Alcançando a Paz Interior no relacionamento mental e espiritual com meus pais, acabei concluindo que devia deixar de lado o engenheiro que o meu Ego me obrigava a representar e passar a ser uma mistura de atleta e artista, como papai e mamãe.

Mamãe sempre me lembrava que eu deveria ser bem sucedido em todas as áreas da vida. Então, também acho que será uma vitória para a minha geração conseguir manter um bom relacionamento com minha esposa e filha.

Minha avó materna até hoje lembra que na puberdade eu dizia que queria ser um “médico famoso”. Meu avô materno insistia muito comigo que eu era engenheiro porque tinha feito faculdade de engenharia. Retrucava com ele afirmando que era marketeiro durante um certo período.

Depois comecei a me ver como empresário e investidor. Agora estou falando em ser artista e atleta, mas no fundo não sou nada dessas coisas, nenhum rótulo consegue definir aquilo que SOU. Ah, por favor não pense que sou escritor também.

Assim como um militar não é o seu uniforme, o que compreendi muito bem ao ver meu pai se transformar depois que se aposentou, me satisfaço em saber que simplesmente EU SOU, sem me identificar com qualquer uniforme que meu Ego ou outras pessoas queiram me colocar. Posso “estar” engenheiro, “estar” artista e “estar” atleta, posso até “estar” marketeiro ou investidor, mas não sou nada disso, porque simplesmente EU SOU.

Provavelmente esta idéia tem a ver com o bíblico “Eu sou Aquele que Sou!”, dito pelo próprio Deus. Não é de estranhar que Ele tenha dito isto, afinal Ele está em mim, em Você, em todos nós.

Procurando achar algum talento para dar vazão à minha veia artística, herança materna, achei que poderia ajudar outras pessoas escrevendo este livro.

A Voz Interior me disse que este seria o meu “primeiro passo” como Clone Rico.

Em muitos momentos desta retrospectiva destes últimos dois anos, compreendi que fui uma espécie de “atleta espiritual” em muitas das coisas que fiz. Herança de papai.

Sinto-me em paz e harmonia comigo mesmo e com todos ao meu redor, pronto a dar “os próximos passos” da “peça que me cabe no Plano Divino”.

Se você, que agora está acabando de ler este livro, tiver começado a mudar a direção do seu dedo indicador, quando aponta falhas no mundo, passando a indicar o seu próprio nariz, já estarei mais do que satisfeito.

Não existe nenhuma falha no mundo além daquilo que você mesmo criou para poder ver. As falhas residem única e exclusivamente atrás do seu nariz. Depois que reconhecer esta Verdade Eterna, conseguirá perceber que assim como “o problema É VOCÊ!”, também é um fato que “VOCÊ É a solução!”

Com a assimilação desta Verdade Eterna você poderá iniciar sua própria peregrinação espiritual à procura do Clone Rico de si mesmo. Esta é a única viagem que realmente vale a pena; ela leva você a descobrir a si próprio, a descobrir quem na verdade Você É. O Clone Pobre, cheio de insatisfações, dúvidas, medos e incertezas é, nada mais, nada menos, que uma projeção mental que o seu próprio Ego venera.

Quando descobrir que o próprio criador da ilusão do Clone Pobre não existe, você começará a alquimia de si mesmo que o levará a se autoclonar no Rico Clone Rico, que é rico duas vezes, nas duas extremidades da linha que traçamos acima.

Você saberá que sempre existiu uma parte interior dentro de si mesmo que é extremamente Rica Espiritualmente e também alcançará Riquezas Materiais que até agora nem sonhava ter.

A Verdade é que nesta peregrinação você mudou finalmente o seu SER para poder FAZER aquilo que é necessário para TER o que realmente lhe dá satisfação e tranquilidade neste plano de sua existência.

Concordo que é um verdadeiro desafio interior manter a Paz e o Silêncio Interiores convivendo na sociedade ocidental, confusa e caótica, sem ir para um mosteiro no Nepal, mas eu gosto de desafios. E você?

Existe uma pressão social enorme por todos os lados que quer nos conduzir no caminho do conflito e do divórcio. Fortaleça seu mundo interior, conheça melhor a si mesmo, dome o seu Ego e simplesmente deixe, permita, que a autoclonagem de Clone Pobre em Clone Rico, aconteça.

Seja um contrário, não se deixe levar pelo caminho da maioria que perde, tanto em commodities como em outras áreas da vida, inclusive a espiritual. Logo, logo você perceberá que também é uma ilusão falar de “áreas da vida”.

Sua vida não pode ser dividida em setores, em compartimentos. Se você estiver perdendo em qualquer uma daquelas “áreas”, reconheça que você é um perdedor. Peça ajuda a Deus e pare com o vício de perder.

Também é uma bobagem enorme acreditar que existe “minha vida” e “sua vida”. Só existe Vida, só existe Deus e todos nós somos parte dele. Todos nós e Deus somos Um com a Vida.

“Namaste”, palavra sânscrita, define bem o que devemos nos lembrar sempre: “você está em mim e eu estou em você”. E Deus está em todos nós.

Todos nós carregamos o Centro do Universo em nossos peitos, em nossos corações.

Dê o primeiro passo e o próximo lhe será revelado. Eleve-se agora acima do rio de pensamentos que conservam você em um sono psíquico. Acorde-se!

Faça um favor a si mesmo, lembre-se sempre que Roberto Shinyashiki tem toda razão quando afirma no título de seu livro que *O Sucesso é Ser Feliz*. Se você ainda mede o seu sucesso em termos da quantia de dinheiro que ganha ou que tem no banco, então não há dúvidas que você é o Clone Pobre, ainda está sob a influência de seu próprio Ego.

E o pior é que você ainda não tem a menor noção do que é Felicidade.

Pare de se comparar com os outros ou com o projeto de si mesmo, confie em Deus para guiar cada um de seus passos. Ouça a sua Voz Interior!

Viva cada Momento Presente com a certeza de que você está sempre vivendo o primeiro e o último momento de sua vida.

Nunca houve outro!

O Clone Rico o espera no final da sua peregrinação!

Você Quer Brincar Comigo?

Brincando com minha filha e seus brinquedos que são miniaturas de coisas que os adultos usam, reconheço que não quero mais ser “adulto”.

Cá entre nós, os adultos são chatos mesmo. Eles deformam as crianças e as clonam em aborrecentes. Depois é fácil de entender porque temos tantos Clones Pobres perambulando por aí.

Aprendi em *Mil Dicas Para Entender Seus Filhos de 0 a 7 Anos*, de Harry Ifergan e Rica Etienne, que não há melhor presente para uma criança do que poder brincar com seus pais.

Naomi me pergunta seguido: “pai, quer brincar comigo?” Adoro dizer que “sim” e voltar a ser criança junto com ela. Acho que não existe atividade mais espiritual para uma criança grande do que brincar com uma criança pequena. Jesus mesmo disse que “é preciso voltar a ser como uma criança (pequena) para poder entrar no reino de Deus”.

Naquele momento em geral fico imaginando que foi mais ou menos assim que Mauricio de Sousa acabou criando a “Mônica”, personagem de histórias em quadrinhos, baseado no que observava na “Mônica”, sua filha. Assim como em cada um de nós existe um Tesouro a ser descoberto, também é Verdade que existe um Tesouro ainda maior a ser descoberto no relacionamento com nossos filhos, como aconteceu com Mauricio.

Quando fui adulto era muito infeliz, tudo era complicado, agora tudo está se simplificando cada vez mais. Durante os últimos dois anos tive que passar por um processo enorme de mudança de crenças e paradigmas, somente para no final da estrada perceber que complicava demais as coisas.

Olhei no dicionário de português online o significado da palavra “adulto”: “que atingiu o seu pleno desenvolvimento; crescido; que alcançou a maturidade intelectual”.

Realmente não pretendo nunca mais me considerar “adulto”, não pretendo jamais considerar que estou “plenamente desenvolvido”, ou que alcancei a “maturidade intelectual”. Prefiro me considerar como um processo em constante transformação, como uma criança em fase de Eterno Crescimento, Evolução, como o Clone Rico faz. Nem é preciso ir ao dicionário para saber que “criança”, “criação” e “Criador” tem uma origem e significado semelhante.

Além do mais “adulto” e “adulterar” tem a mesma origem no latim. Olhe o que o dicionário dizia de adulterar: “alterar a descendência legítima; falsificar; corromper”.

Então, concluí que os “adultos” são crianças “falsificadas e corrompidas” pelas certezas que tem com suas “maturidades intelectuais”. Com tantas “certezas” em mente, eles realmente precisam se drogar compulsivamente com as mais variadas coisas. Olhe para as crianças. Como elas se divertem felizes e contentes sem tomar uma gota de álcool?

Se você Acordar e ficar Atento perceberá que só existem “adultos pobres”. As crianças nem sabem o que é “rico” ou “pobre”. Mesmo quando vivem no interior do Piauí elas brincam e se divertem com o que tiverem disponível, mesmo que isto significar só areia e uns pedaços de pau.

As crianças são Ricas!

Elas são os Clones Ricos deste planeta, quando ainda não foram “adulteradas” pelos adultos.

Um lembrete: quanto estiver conversando ou brincando com as crianças mais jovens que você, jamais use o “argumento da idade” como forma de provar que você sabe mais do que elas. Este é o argumento mais fajuto que existe. Só alguém que não está muito seguro de si mesmo pode usar este argumento.

As crianças que estiverem brincando com você saberão que você não está muito certo daquilo que está impondo com sua falsa idéia de que “porque é mais velho, sabe mais” e por isto “eu sei o que é bom para você!”.

Por outro lado também é verdade que o “argumento do choro” é igualmente fraco. Se uma criança for esperta vai parar de chorar toda vez que um “adulto” lhe nega alguma coisa. Uma criança esperta também vai procurar achar argumentos mais fortes que possam ser ditos enquanto sorri para seus pais para conseguir aquilo que acredita “precisar”.

Na verdade toda vez que algum “adulto”, criança grande ou pequena chora ela está se colocando “de castigo”. O turbilhão de emoções negativas proveniente daquela atitude mental passa através do corpo dela e de ninguém mais.

Toda vez que Naomi começa a chorar para poder me convencer de alguma coisa lhe digo que “ela mesma se colocou de castigo” e que sairá do castigo “assim que parar de chorar”. Do modo como temos convivido aqui em casa a única maneira dela ficar de castigo é “chorar”.

Não há nenhuma certeza de nada, isto é o que os cientistas estão cada vez mais reconhecendo. A única certeza é a da incerteza. Por outro lado, os religiosos vêm com palavras estranhas sem muito significado científico, mas que são capazes de levar multidões a estádios de futebol para se comprometerem com “Deus”.

“Deus” é um conceito que tem pelo menos 7 significados diferentes, como explanado em *Como Conhecer Deus*, de Deepak Chopra. Aquilo que chamo de “Deus” não é necessariamente o que você entende por esta palavra, mas o importante é que nós dois e aquelas multidões dos estádios compreendamos que só existe “um Deus” e que Ele ama todos nós de forma igual.

É uma piada alguém que acredita que o “seu Deus” o ama mais do que a você, como fazem e fizeram tantos líderes “mundiais”. Também é uma piada alguém que acredita que faz parte “do povo escolhido”, só porque frequenta o templo de alguma religião, em suas “missas” ritualísticas.

Bush com todos os seus 300.000 soldados e tecnologia satelitar fica muito parecido com o vilão de *Final Fantasy – The Spirits Within* (Fantasia Final – Os Espíritos Dentro), filme espiritual totalmente feito com computação gráfica que une conceitos milenares de espiritualidade à alta tecnologia que dispomos hoje. O vilão deste filme tenta sugar os espíritos dos seres vivos e até da própria Terra, que também é um ser vivo e espiritual.

Com toda a incerteza, esta é a única certeza que tenho: Deus é um só e ama todos nós e outros seres do Universo igualmente. Ou devo dizer “com toda a certeza esta é a única incerteza que tenho”?

Não importa, escolha o que sente que é a Verdade. Faça esta Aposto. Ficar brincando com as palavras é a única coisa que conseguimos fazer com nossas cabeças pensantes “tão inteligentes”.

Eu me cansei desta brincadeira, transferi a energia do pensamento da cabeça para o meu umbigo, como Mantak Chia sugere em *The Multi-Orgasmic Couple* (O Casal Multiorgásmico). Agora quero brincar de verdade. Quero me divertir, ao invés de ficar só “pensando”.

Afinal, é uma perda de tempo ficar pensando demais em Deus.

Cá entre nós, todos sabemos que *Deus é Brasileiro* e que a *Cidade de Deus* fica no Brasil, certo?

Se Ele é nosso conterrâneo e mora aqui conosco então é muito melhor conversar logo com Ele e pedir o que se quiser, ao invés de ficar só se masturbando mentalmente pensando se Ele existe, como é, etc..

Acho que a Compreensão de mim mesmo melhorou. Acho que me conheço melhor hoje, mas sei que este processo de autoconhecimento só está começando.

Não tenho mais a ilusão de que sou algo estático, imutável. Tenho consciência que iniciei um processo de perpétua autotransformação, autoclonagem. Aquilo que penso hoje com certeza não será igual ao que pensarei amanhã e assim por diante. Só estabeleci algumas bases que me permitem avançar na Estrada da Autodescoberta.

Elas são como pontos de apoio nas rochas já escaladas, que me permitem escalar novamente, com maior facilidade, algumas trilhas que antes nem existiam para mim. Mas também devo continuar avançando em direção a rochas, montanhas, picos, que nunca escalei.

No meio de tantas transformações, permaneço com a única certeza que é aquela da minha própria existência. Apesar de estar sempre mudando, existe algo em mim, silencioso, que permanece estável e imóvel. “Aquele que me observa” é Eternamente Imutável e Sábio e também é parte de mim.

EU SOU, Alguém me criou, Alguém se deu ao trabalho de me colocar Aqui e Agora.

Dou o nome de Deus ao meu Criador, mas poderia chamá-lo de inúmeros outros nomes. Não importa o nome, o importante é o significado que ele tem para mim.

Do ponto de vista material a vida é um jogo sem fim em que os jogadores e regras mudam constantemente.

Espiritualmente o Jogo tem regras imutáveis e Eternas. Os novos jogadores aparecem sempre no momento certo para uma partida em que TODOS GANHAM.

De qualquer forma no Jogo Espiritual você chegará um dia à conclusão que só as suas jogadas contam. Você nunca ganha de ninguém. Você só pode ganhar de seu próprio Ego. Por isso dizem que o nosso maior adversário está em nós mesmos.

O bacana é poder perceber que Deus está do lado de todos nós e quer que aprendamos jogando uns com os outros.

O que vale no final do Jogo não é quem ganhou ou perdeu, mas quem Evoluiu, quem Aprendeu, quem se Divertiu, quem apreciou cada Momento Presente deste Eterno Jogo que é a Vida.

Acho que estamos em um período mágico da história da humanidade em que cada vez mais seres humanos despertarão espiritualmente reconhecendo suas Origens Divinas, reconhecendo que cada um e todos nós ao mesmo tempo somos o Centro do Universo.

Cada um de nós tem Deus dentro de si. Todos nós já estamos conectados, uma internet de proporções Universais interliga todos aqui na Terra e os povos de outros planetas e dimensões. Pratique um pouco de telepatia e você compreenderá o que quis dizer. Pesquise no Yahoo.com por “akashic records” ou “registros akásicos”. Seja curioso! A sua curiosidade é uma expressão do seu Espírito dentro de você.

Neste momento, precisamos mudar em nossas mentes o significado de palavras como “riqueza” e “fama”. “Ganhar dinheiro” não é sinônimo de “riqueza”, até os caras de Marketing de Harvard já se deram conta disto. E “ser mais famoso” deve ser encarado como “agradeço a Deus pelo privilégio de poder servir mais pessoas”.

Precisamos mudar também o significado das palavras “propriedade” e “dono”. Se você conseguir elevar a sua consciência por um momento verá que na Realidade você não tem e nunca teve nada, você é um usuário, é um arrendatário daquilo que “tem”. Alguém muito maior do que você lhe concedeu poderes para que você “olhasse”, “gerenciasse” aquilo que “pensa que tem”.

E ao “ter” qualquer coisa não se iluda achando que você é mais “dono” dela do que ela é “dona” de você, como diz Ken Roberts.

É maravilhoso perceber que existe uma tendência muito grande de espiritualização em todos os setores de atividades humanas: Economia, Finanças, Esportes, Cultura, Marketing, etc..

De onde você acha que saiu a máxima do Marketing “o cliente está em primeiro lugar”? Na menor empresa composta por uma só pessoa, todas as demais pessoas são “clientes”. Dizer que “o cliente está em primeiro lugar” é o mesmo que dizer “amai ao próximo...”.

As notícias de corrupção, crimes e até mesmo os desvios sexuais na hierarquia católica no Brasil, nos EUA e em todo o globo, que vemos diariamente nos jornais e na TV, nada mais são do que uma espécie de Raio X da nossa raça “humana”.

Após a constatação da existência da Doença precisamos procurar a Cura, um Processo de Purificação Espiritual de todos nós como um Todo.

Não se preocupe demais com as aparentes desgraças e catástrofes que parecem estar acontecendo.

Como Michael Moore, vencedor do Oscar de melhor documentário de 2003, disse ao receber seu prêmio: “vivemos em um mundo fictício, temos um presidente fictício (Bush), e a guerra tem motivos fictícios”. Já assisti este documentário “oscarizado”. *Tiros em Columbine* aborda o fascínio dos norte-americanos por armas.

Este diretor de cinema corajoso, que luta pela paz, defende a idéia de que os norte americanos deveriam desarmar a si mesmos para viver em uma sociedade mais pacífica em que estudantes adolescentes não metralhem seus colegas com tanta freqüência. Ou que ex-combatentes de guerras do Vietnã, da Coreia e do Iraque não se tornem “serial killers” como o famoso “sniper”, atirador de elite, que matou 11 pessoas, em setembro de 2003, de dentro de um carro em uma cidadezinha próxima a Washington, capital dos EUA.

Caia na Real!

Se você quer acabar com as guerras no mundo, comece acabando com aquelas que você vivencia interiormente em seu dia a dia.

Ninguém morre e ninguém se machuca de verdade. Leia o livro *Ilusões*, de Richard Bach, perceba que vivemos num mundo ilusório, conceba a idéia de que tudo aquilo que você tem como “certo” na verdade não tem nada de “sólido” ou “real”.

Você é um criador e sempre será, você cria o mundo ao seu redor. Você dá significado a tudo e a todos que o rodeiam. Como foi você que criou este “mundo”, então você também pode mudá-lo.

Somos mais de 6 bilhões de pessoas encarnadas na Terra. Dizem que mais 30 bilhões de espíritos desencarnados vivem aqui também.

Cada um de nós, como atores e atrizes da Vida, tem visões diferentes do mesmo Palco que compartilhamos. Não se deixe levar pela ilusão que o seu Ego tenta lhe impor de que você vê o mundo da mesma forma que eu, sua filha, seu pai, seu chefe, ou que uma menina iraquiana em Bagdá.

Todos temos visões complementares do Palco. Todos temos papéis diferentes para desempenhar.

Assim como a Peça Divina é uma só, o seu Papel também é só seu!

Se você está vendo algo errado no mundo, como uma simples garrafa plástica caída na rua, não perca tempo, pegue a garrafa e a coloque na lata de lixo. Faça a sua parte, o seu Papel!

Abra bem os olhos e ouvidos e você acabará compreendendo que as visões de mundo dos outros são complementares às suas. Não existem dois atores ou atrizes no mesmo palco com o mesmo papel.

Mesmo dois clones idênticos seriam como irmãos gêmeos, iguais só na aparência mas podendo ser completamente diferentes nas crenças e comportamentos.

Mesmo compartilhando o mesmo DNA, suas mentes seriam diferentes: um poderia ser o Clone Pobre de si mesmo, enquanto o outro se deleitaria em ser o seu próprio Clone Rico.

Dê uma olhada no filme *Multiplicity* (Multiplicidade), com Michael Keaton e me diga se eu não tenho razão. Neste filme o personagem interpretado por Michael gera clones de si mesmo que têm personalidades completamente diferentes. É muito divertido ver toda a confusão que acontece no convívio entre eles!

Aquelas idéias da Clonaid (www.clonaid.com) sobre imortalidade através de clonagem parecem mais uma história da carochinha. Pelo que aprendi, até agora, Deus mora na simplicidade e na economia de recursos. Você pagaria 200 mil dólares por um clone de si mesmo? Ainda mais sabendo que você está constantemente se autoclonando? E que, de qualquer forma, ganha um novo corpo a cada encarnação aqui na Terra? Acredito que Rael possa estar sendo ajudado por extraterrestres, mas tenho dúvidas quanto às intenções destes seres que dizem ser o próprio deus.

Em *We, The Arcturians* (Nós, Os Arcturianos), de Norma J. Milanovich, e *Viver de Luz*, de Jasmuheen, dá para perceber como os Arcturianos são extraterrestres pacifistas que fazem menção a Deus como um ser supremo acima deles também. Aliás, vale a pena dar uma olhada nos sites da Jasmuheen também (www.jasmuheen.com e www.selfempowermentacademy.com.au).

O melhor que você pode fazer para si mesmo e para o Universo é procurar compreender qual o Papel que cabe a você neste Teatro em que vivemos.

Pode ter certeza que se você não está satisfeito com alguma coisa em sua vida, é um bom sinal, é a sua Voz Interior, é o seu Coração tentando mostrar a você que existe algo mais, que você deve procurar outro papel.

Vire o dedo que aponta o culpado para o seu próprio nariz!

Acredite que a vida é muito mais do que acordar de manhã cedo, ir trabalhar para botar comida na mesa e pagar a escola de seus filhos, sem nunca ter tempo de brincar com eles prá valer.

Aceite humildemente o fato que você é o Clone Pobre, reconheça que precisa se autoclonar e se transformar no Clone Rico.

Qual é o Próximo Passo?

Assista *Joe Contra o Vulcão* e fique atento aos diálogos de Meg Ryan e Tom Hanks. Como seus personagens no filme você concluirá que existe um modo fabuloso de se viver em “total and constant amazement” (espanto total e constante).

Uma vez li na internet uma mensagem em um “newsgroup” de um pai que dizia ter deixado de lado algum compromisso profissional para ficar com sua filha de 3 anos. Ele dizia que a infância passa, não tem volta e que ele preferia investir em ficar com sua filha. Afinal que maior e melhor investimento pode existir?

Aquela mensagem está impressa a ferro e fogo em meu Coração. Já passei 4 longos meses longe de minha filha de quatro anos para poder me transformar em uma pessoa melhor que possa ser um bom pai. Agradeço ao “Anjo Harry” por ter me ajudado nesta transformação. Agora não quero perder um momento sequer deste período mágico da vida de Naomi, que tanto me ajuda e Enriquece.

Da mesma forma acho que é um grande Investimento passar tempo com as pessoas que me rodeiam. Trocar experiências com elas é também algo extremamente prazeroso. A condição básica para sentir todo este Prazer é deixar o Ego completamente de lado. O segredo está em diminuir aquele Ego, fazendo dele um “eguinho”.

Reconheça em cada célula do seu corpo que a necessidade de participar da corrida dos ratos e sua incessante busca pelo sucesso é uma das maiores mentiras que contamos para nós mesmos.

Nossos Egos dizem que devemos continuar a correr sem parar, continuar apressados, que devemos trocar de carro e celular a cada novo modelo. É tudo uma piada!

Segundo *Mil Dicas Para Entender Seus Filhos de 0 a 7 Anos*, de Harry Ifergan e Rica Etienne, e *O Caminho do Mago*, de Deepak Chopra, o ego começa a se formar por volta dos 3 anos de idade.

Ele tem alguma utilidade no início, mas incomoda muito até que nos libertemos dele.

A libertação do Ego é algo que só ocorre quando realmente quisermos, assim como “a única ajuda que existe é a auto-ajuda”. “Bata à Porta, que ela se abrirá”, continua a repetir Jesus até hoje, aonde quer que esteja. Ouça suas palavras e bata logo naquela Porta. “Dê logo o primeiro passo, que o próximo lhe será revelado!”.

Avance confiante e corajosamente derrubando mais e mais “muros de tijolos ilusórios” de medo que ainda aprisionam e domesticam o “selvagem” que existe em você.

Ganhar na loteria, comprar uma casa ou carro ou mesmo viajar à Ásia e Europa, jamais poderão chegar aos pés da satisfação que sentirá com sua conquista interior que transforma “você em Você”, de Clone Pobre em Clone Rico.

Quando você ouvir repetidamente que “deve seguir seu sonho com persistência, apesar de qualquer obstáculo encontrado no caminho”, lembre-se que a mensagem está certa. Se não tiver ainda realizado seu sonho, saiba que o problema não está na mensagem e sim no significado que você dá à palavra “sonho”.

O problema está em você! O problema é você! Você precisa deixar de ser você e passar a ser Você.

Lembre-se que jamais poderá sonhar algo maior do que Você. Seu maior sonho é Você!

Assista o vídeo infantil *Mulan* em que uma jovem chinesa que estava sendo preparada para ser dona de casa acaba indo para a guerra contra os Hunos em lugar de seu pai, salvando a China e recebendo um agradecimento final da parte do próprio imperador e de todo o povo chinês. É um

momento muito emocionante no filme quando o imperador e milhares de seus súditos abaixam as cabeças como sinal de reverência, em frente ao palácio imperial.

Quando Mulan se dá conta que não pode satisfazer sua família cumprindo aquele papel “domesticado” ela canta:

“Olhe bem, a perfeita esposa jamais vou ser,
Nem perfeita filha.
Eu, talvez, tenha que me transformar.
Vejo que sendo só eu mesma,
Não vou poder ver a paz reinar no meu lar.
Quem é que está aqui, junto a mim, em meu ser?
É a minha imagem, eu não sei dizer.
Como vou Despertar?
Quem sou eu?
Vou tentar!
Quando a imagem de quem sou, vai se revelar?”

É depois desta canção que, embaixo de uma chuvarada, Mulan decide vestir a armadura de seu pai, que tinha sido convocado para a guerra, mas estava doente. Depois ela parte com seu cavalo em direção ao campo de alistamento, fingindo ser homem. Como soldado ela toma decisões “malucas” que acabam salvando a China dos Hunos.

Pense bem, o que o autor daqueles versos queria dizer quando colocou expressões como “a imagem de quem sou” ou “como vou despertar?” na boca de Mulan?

Como uma parábola bíblica, este desenho animado mostra de forma simples que aquela moça tinha que deixar de ser uma “chinezinha”, que seguia os padrões culturais da época, e passar a ser uma “Chinezona”, que quebra quaisquer barreiras culturais que a impeçam de Despertar.

Mulan se transforma, ao longo da história, sob a orientação de um divertido dragãozinho que, cá entre nós, simboliza sua Voz Interior. Com a transformação e conquistas inevitáveis, ela passa a agradar não somente a seu pai e ao futuro marido, mas a todos na China, inclusive o imperador.

Imagine se Mulan tivesse aceitado aquele papel de dona de casa que a casamenteira e sua família queriam lhe ensinar? Provavelmente teria continuado a desagradar todos como afirma na canção.

Durante esta parábola Mulan muda de dentro para fora, se autoclonando de “ela” em “Ela”.

Com a mudança interior, o mundo exterior também muda. Nossa heroína acaba conquistando a si mesma e salvando a China.

Como o mundo exterior de Mulan, o seu também é um reflexo daquilo que você é por dentro. Se você quiser mudar o mundo, comece mudando a si mesmo. Deixe de ser você, passe a ser Você!

Não se deixe levar por ilusões ou você acabará perdendo a infância de seu filho. Relegará a alguma empregada, parente ou irmãzinha a função de brincar com ele, quando na verdade você seria o maior beneficiado naquela brincadeira. Procurando estabelecer os limites para ele, você ampliaria os seus próprios limites.

Com a expansão de seus limites você irá Viver de Verdade, pois “não há nada pior para uma criança do que as ‘vidas não vividas’ por seus pais”, como li em *The Artist's Way: A Spiritual Path to Higher Creativity* (O Caminho do Artista: Uma Trilha Espiritual para A Criatividade Elevada), de Julia Cameron.

Seu filho é uma porta que se abre diariamente para você rejuvenescer. Volte a ser criança. Não fique só cuidando do seu filho, não fique só querendo organizar a “bagunça” que ele faz. Brinque de verdade! Brinque prá valer!

Brincando com aquelas miniaturas de coisas que os “adultos” “têm”, você terá uma percepção melhor de como Deus nos olha. Você acabará percebendo que realmente todos aqueles problemas que você acha que tem, na verdade são bobagens que você mesmo criou. Você é “o problema”!

Deixe-se levar pelo Fluxo, deixe seu filho ou filha conduzir as brincadeiras, “tomar as rédeas” das situações durante as brincadeiras.

O maravilhoso desta prática é que você acabará rejuvenescendo e seu filho aprenderá muito com você. Ele amadurecerá mais rápido se tornando um adulto mais consciente, justamente por ter convivido com você. Lembre-se que você tem tanto a aprender com seu filho quanto ele tem a aprender com você. Não fique “dando uma de pai”, lembre-se que aquela criança é, na verdade, mais um de seus colegas nesta Escola que é a Vida.

Se você não tem filhos, arranje alguma criança para brincar; o que está em jogo é a sua mente, seu único ativo, que precisa ser redimensionada e ajustada para uma nova realidade em constante transformação que é aquela na qual vivemos neste início de século 21.

Acho que aprendi muito mais sobre Marketing procurando seduzir minha filha de 4 anos a tomar banho ou escovar os dentes do que em todos os livros que li sobre aquele assunto e no Curso de Especialização, tipo um antigo MBA, que fiz em 1991.

Ela não queria tomar banho “para ficar limpa” ou escovar os dentes “para não ter cáries”. Ela queria “tomar banho de suco de abacaxi” ou escovar os dentes “para ficar com gostinho de tutti-frutti na boca”.

Continuar tentando fazer as coisas que você quer fazer, utilizando menos de 10% do seu cérebro não é mais suficiente. Você, muitas vezes, se sentiu em dificuldades em suas atividades cotidianas justamente por que sua mente não está preparada para tomar posse de toda a capacidade do seu cérebro.

Reze, peça a Deus que você possa desenvolver mais dons, como a telepatia ou a clarividência. Não se satisfaça somente em ter intuição. Isso é muito pouco!

Procure manter sua Conexão Divina de Alta Velocidade 24 horas por dia, sete dias por semana. Viva intensamente cada Momento Presente e seja Feliz Aqui e Agora! É impossível ser feliz amanhã, pois amanhã nunca chega.

Com relação ao próximo passo em minha própria vida acho que ele é muito motivado pelo fato de eu ter conhecido algo que pouca gente conhece.

Conheço um lugar paradisíaco, com todas as belezas que você possa jamais imaginar! E agora gostaria que mais e mais pessoas viessem compartilhar comigo essas belezas naturais que encontrei.

O lugar maravilhoso que encontrei não fica em uma ilha no Caribe, nem no Nordeste do Brasil, nem nos EUA, nem na Europa ou no Japão. Este lugar está sempre comigo em qualquer Aqui e Agora em que me encontre. Sinto que não existe outra razão para servir, além daquela de me tornar uma espécie de “promotor turístico” deste paraíso aqui na Terra.

Conheço outras pessoas que também estão procurando mostrar que “as portas do paraíso estão abertas”, como as Valkírias e Paulo Coelho afirmam.

Sinto-me grato a Deus por ter me dado a oportunidade de compreender melhor o que mestres como Guy Finley, Ken Roberts, Vernon Howard, Deepak Chopra, Jasmuheen, Masaharu Taniguchi, Jesus Cristo, Tolstoi, Lao-Tzu, Buda, Salomão e tantos outros, estão tentando ou tentaram comunicar a nós, seres humanos “mortais” e “cabeças duras”, que achamos que sabemos tudo e na verdade não sabemos nada.

“De tão grandes que somos não percebemos que somos tão pequenos. De tão pequenos que somos não percebemos que somos tão grandes.” Este é o enigma que Deus quer que cada um de nós desvende.

No mundo inteiro existe uma onda muito grande de Reality Shows como o Big Brother e as “pegadinhas”. Estes programas assim como os cachês doados para caridade pelas estrelas milionárias, as dietas que você já se acostumou a fazer, além dos cabelos raspados dos jogadores de futebol e as tiaras para homens que estão na moda, são sintomas de um Despertar Espiritual Geral.

Aprofunde seus conhecimentos espirituais e você compreenderá o que disse.

A guerra do Iraque, que na verdade deveria ser chamada de “guerra dos EUA”, é algo fantástico como evento que causa polêmica e faz com que os tímidos pacifistas Acordem para se

tornarem verdadeiros Gandhis modernos, defendendo a não-violência em um mundo que já está cansado de guerrear, da mesma forma como você pode já estar cansado de brigar com seus parentes, pessoas que, na verdade, merecem todo o seu amor.

Não foi por acaso que você nasceu dos pais que nasceu. Foi você mesmo que os escolheu! Agora é tarde para ficar se arrependendo desta escolha. Ah, também foi você que escolheu as famílias deles. Existe algo aí para você Aprender, para poder Evoluir.

Acorde “bela adormecida”! Faça de conta que este contato entre nossas consciências é o “beijo” que você precisava para Despertar!

Não se iluda achando que, ao “ficar de mal” com alguém, “o jogo acabou”. Enquanto não “fizer as pazes”, continuará reencontrando aquela pessoa indefinidamente pela Eternidade.

Talvez ela apareça para você disfarçada em outros corpos, em outras vidas, mas será a mesma pessoa com quem você ainda “está de mal”. Precisa aprender algo com ela, precisa amá-la. Só com amor você poderá aprender a mensagem que ela tem especialmente para você.

Mas não se apegue a ela; poderá abafá-la, impedir que ela floresça e desabroche em novas fases de si mesma. Não confunda apego com Amor. Ao reencontrar esta pessoa leve em consideração o fato de que ela já não é mais a mesma que você deixou na noite anterior, ela se autoclonou física e mentalmente durante o sono, como você também deveria estar fazendo.

Se você está sentindo alguma insatisfação com as mudanças ao seu redor, é porque não é o Clone Rico de si mesmo.

Sentir-se insatisfeito e trazer toda a confusão exterior para dentro de si mesmo, não vai resolver nenhum problema que os israelenses possam ter no relacionamento com os palestinos ou a briga que seus pais tiveram ao sair de casa.

Você precisa se curar de dentro prá fora. Você precisa reconhecer que só existe um tipo de paz e satisfação, a Paz e Satisfação Interiores.

Você precisa reconhecer que é um ser ilimitado e que grandes feitos esperam por Você!

O seu Ego relutará em admitir esta Verdade, da mesma forma que resistirá, até a última gota do seu sangue, a admitir que Deus está em você. Mas lembre-se que este mesmo Ego já mentiu para você milhares de vezes. O Verdadeiro Você é muito mais do que o seu Ego poderá jamais imaginar.

Quando você for o Clone Rico, verá que a insatisfação terá deixado completamente os seus corpos físico, emocional, mental e espiritual.

Você estará fazendo aquilo que cabe a você fazer em cada Momento Presente. Se couber a você ser um Gandhi moderno, então é assim que será. Se couber a você ajudar na erradicação da fome no Brasil, então lá estará você.

Se, por outro lado, você não deixar que a sua Divindade Interior o conduza para bem longe do seu Ego, então você poderá continuar domesticado, vivendo uma rotina “segura” em um mundo onde, na verdade, não existe mais nada “seguro”.

A única grande segurança que você poderá jamais ter é a que encontrará no Momento Presente e na Conexão Divina. Qualquer outra “segurança” é falsa e passageira.

Você não deveria depositar sua Fé em nada além de Deus, “como você O concebe”, como dizem os AA. Peça a Ele que livre você de suas próprias imperfeições e transforme você no seu Clone Rico.

Reconheça que a empresa onde você trabalha não merece a sua Fé. Reconheça que as seguradoras que lhe oferecem planos de saúde não “asseguram” nada quanto à sua “saúde”.

Elas só podem assegurar alguma coisa depois que você ficar doente! O nome correto é “plano de doença”. Reconheça que todos os seguros que você puder fazer não vão impedir seu filho de se drogar no futuro com comida ou coisas mais pesadas, caso você não lhe dê muita atenção desde agora, mesmo que ele ainda tenha somente 2 anos de idade.

Reconheça que a Gisele Bündchen, a Jennifer Lopez ou mesmo a Sabrina, do Big Brother Brasil 3, só são bonitas porque você decidiu achá-las bonitas. Outra noite, jantando em um

restaurante japonês num grupo de três casais, iniciamos a clássica e velhíssima conversa sobre mulheres bonitas.

Tanto as mulheres como os homens do grupo davam palpites, falando de quem achavam mais bonita. A um certo ponto falei desafiadoramente: “Mulher bonita é a minha!”.

Foi gozado ouvir um silêncio, todos ficaram mudos, ninguém contestou, mas também não apoiou, afinal havia outras mulheres à mesa. Minha mulher deve ter gostado de ouvir esta Verdade.

O Universo observado só existe porque existe o Observador. É este Observador que dá significado a tudo aquilo que observa.

É você que define o que quer ver, como se selecionasse um canal de TV com o controle remoto.

Para mim e qualquer outro homem não deveria existir mulher mais bonita do que a dele. E as mulheres, cá entre nós, deveriam ocupar suas mentes, seus únicos ativos, com outras coisas.

Fazendo assim elas se achariam muito mais bonitas, reconheceriam que Deus está nelas. Por isto mesmo são realmente “as mais belas do mundo”.

Com este Reconhecimento seus espelhos não viriam mais com aquela história de que a mais bela é a tal da Branca de Neve. Acho que toda mulher carrega em si tanto a Branca de Neve como a madastra, mas porque será que a maioria delas prefere assumir o papel de madastra de si mesma?

Reconheça que os seus dólares na Suíça ou ouro, prata e diamantes que você “tem” não conseguem mais lhe dar nenhuma sensação de paz e serenidade em um mundo em que os valores estão mudando a cada momento que passa.

A Suíça e outros paraísos fiscais já deixaram de ser lugares tão “seguros” e “anônimos” para esconder dinheiro e está chegando o dia em que ouro, prata, diamantes e dólares terão um valor menos inflado pelas emoções de ganância e medo geradas pelo vazio interior que ainda existe na maioria de nós, seres “humanos”.

Olhe o que aconteceu com o preço da prata nos últimos quatorze anos e você perceberá melhor o que quero dizer. Após o atentado a Nova Iorque em 11 de setembro de 2001, dia em que se completavam exatos 6 anos após a morte de minha mãe, aquele preço subiu um pouco por algumas semanas, mas depois despencou novamente para níveis baixíssimos.

Compare o preço da prata no início da década de 1980 com o atual e você estará “tomando o pulso” do “gigante” chamado humanidade que começa a Despertar. Pode fazer isto com outras commodities; é divertido e dá uma boa noção do que está ocorrendo no globo hoje.

Atualmente, ouço pessoas que ganharam muito dinheiro na segunda metade do século 20 reclamarem que “agora está mais difícil”, “não é como antes”, “vai ficar mais difícil ainda”.

São pessoas que não perceberam que elas, mesmo “adormecidas” pela ilusão da riqueza material, só conseguiam ganhar tanto dinheiro “fácil” porque quem lhes “dava” o dinheiro também estava “dormindo” espiritualmente.

“Eu quero comprar o seu produto, mas não tente me enganar!”, é o que as pessoas querem dizer, quando ficam furiosas ao serem vítimas de pegadinhas de muito mal gosto, tão famosas nos programas de TV do início deste ano, 2003.

Vamos Acordar, vamos Despertar,

e todas as dificuldades vão passar!

Rimou. Será que dá samba?

Reconheça que nenhum brinquedo eletrônico criado pelo próprio ser humano poderá jamais chegar aos pés da genialidade com que foi criada a parafernália composta de trilhões de células dos mais variados tipos que é o seu próprio corpo, mas que você não conhece.

No início de 2001 tinha um apartamento e recebi 50 hectares de terras como herança de meu avô materno. Naquele ano vendi os dois e reinvesti uma boa parte deste dinheiro em meu autoconhecimento, descobrindo O QUE SOU.

Acredito muito no Provérbio 4:7, “mesmo que custe tudo o que você tiver, consiga Compreensão”.

Hoje Sei que minha mente é verdadeiramente Meu Único Ativo, muito mais do que aplicações financeiras ou imóveis jamais serão. Que patrimônio pode ser maior do que o do próprio autoconhecimento? Só ele pode mostrar onde esta a chave para dar partida naquela mente, meu único ativo.

Ainda não é óbvio para você que só a sua mente pode colocar dinheiro em seu bolso?

Cada vez mais vejo que Robert Kiyosaki está correto quando afirma que é SENDO que posso FAZER o que precisa ser feito para TER aquilo que quero. Mas também é SENDO que acabo sabendo o que quero.

É SENDO, que acabo me CONHECENDO.

Rimou de novo. Será que dá um pagode? Ou um forró?

Também acredito mais do que nunca, compreendendo até o fundo do meu Coração, no “buscai primeiro o Reino de Deus, que o resto lhes será acrescentado”.

Acho que terminei uma etapa de minha jornada nesta vida, comecei a “buscar primeiro o Reino de Deus”, nas próximas etapas continuarei praticando o que aprendi, mas poderei me deleitar com “o resto que será acrescentado”.

Estou contente por finalmente saber mais sobre o funcionamento do meu Eu do que sobre o funcionamento de meu carro, computador, casa, empresa, etc.. Aprendi que para todas aquelas coisas posso contratar profissionais que saibam mais sobre elas do que eu.

Mas para saber sobre você, quem você pode contratar melhor do que Você mesmo?

Não me diga que você ainda acredita que sua mãe, seu psicólogo ou seu guru podem decifrar este enigma que é só seu, melhor do que Você mesmo.

Todos estamos em contínua transformação. Ou você conhece a si mesmo ou nunca conhecerá de fato nada, nem as outras pessoas, nem seu apartamento, nem sua cidade, nem o Universo.

Ken Roberts repete muito uma frase que acho fantástica: “don’t think people know what you think they know” (não pense que as pessoas sabem o que você pensa que elas sabem).

Decifre este enigma e você verá que “só você” pode achar “em você” a chave para o “seu sucesso”.

“Search for the hero inside yourself” (procure pelo herói dentro de si mesmo) é o título de uma música fantástica do M People, que resume muito bem este conceito milenar.

“Know thyself!”, conheça a si mesmo, diz o Oráculo a Neo em *Matrix*.

Começo a acreditar que só deveriam ser liberadas carteiras de motoristas (de veículos automotores) para quem já tivesse uma “carteira de motorista de si mesmo”, para quem conhecesse a si mesmo.

Milhões de “acidentes” automotivos, doenças e conflitos desnecessários, que acontecem diariamente, seriam evitados.

Ver televisão seria muito mais agradável e inspirador!

A vida é maravilhosa para quem sabe viver!

Se você tem qualquer restrição quanto à primeira parte da frase acima, então saiba que você é o seu Clone Pobre e não sabe viver, ainda não tirou sua “carteira de motorista de si mesmo”.

Comece sua Autoclonagem Hoje, Agora!

Durante a sua Autoclonagem os Clones Pobres ao seu redor ficarão desesperados vendo o sorriso em seu rosto e o brilho em seus olhos. Fique tranquilo! Você não está sozinho!

Nós, pessoas que queremos nos Acordar, já somos a maioria.

Desperte e você encontrará muitos Acordados ao seu redor.

Para reconhecê-los, use o nosso código secreto: um sorriso bem aberto, até quando estamos sozinhos!

Não há tempo a perder, é a sua Liberdade que está em Jogo!

O seu Clone Rico espera por você com muito Amor para lhe dar!

Assim como uma longa caminhada começa e acaba com um pequeno passo, a sua autoclonagem também começa e acaba Aqui e Agora.

A sua companheira fiel e inseparável nesta Caminhada é a sua Voz Interior.
Caminhe Aqui e Agora de modo que não tenha que escrever o seguinte *Epitáfio* em sua lápide:

“Devia ter amado mais, ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos, trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado a vida como ela é
A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier”

(de Sérgio Britto – com versão musicada pelos Titãs)

Cá entre nós, “acaso” também é uma ótima palavra para definir Deus.
Ande distraído! “Dê o primeiro passo, que o próximo será revelado”!

PS1: Sabendo que já não sou mais o mesmo, a Voz Interior me disse para mudar de nome. Fui batizado como Losf, “Light On Self Freedom”.
(Luz para Libertação da Self Sagrada)

Você pode falar agora “Lósfí”.

Se não falar assim, meio caipira, Losf vai soar como Lost.
Bom, você já sabe, eu estava perdido (“Lost”) e fui encontrado (“found”) por Alguém.
O “f” do final de Losf vem de “found”.

PS2: Muitos dos livros citados aqui podem ser pegos por empréstimo através da Portal de Luz. Tel. 0xx-51-32415919 ou 91234025, com Eder Joel ou Ana.

PS3: Se quiser me mandar um email, envie para losf@bronzehorses.com

Contra-capá:

Depoimentos:

“Você tem diversas formas de ir a um lugar e também gastar um tempo mais ou menos longo. *Clone Rico Clone Pobre* nos faz chegar mais rápido e com resultados positivos, pois Losf nos induz, com seu exemplo e clareza filosófica, a cortar caminho, ao encontro de uma existência plena.”

Gertrudes Rücker

“Um livro com ensinamentos surpreendentes em que o autor tenta nos passar através de suas experiências uma imagem nova e emocionante da vida humana. Este livro nos convida a visitar o nosso interior e buscar o que de melhor existe em nós e que todos podemos ser o Clone Rico. Basta para isto acreditarmos e viver o Momento Presente, sem mágoas e medos. Só assim estaremos vivendo em plena Felicidade.”

Clarice Scherer